

O novo best-seller mundial do autor de O CONFESSOR

PRÍNCIPE DE FOGO

DANIEL SILVA

Um atentado a bomba. Uma promessa a cumprir.

SÉRIE GABRIEL ALLON • 5



BERTRAND EDITORA



DANIEL
SILVA

Príncipe
de
fogo

PRINCE OF FIRE
2005

Título: PRÍNCIPE DE FOGO

Autor: DANIEL SILVA

Tradução de MARIA JOÃO FREIRE DE ANDRADE

BERTRAND EDITORA

Chiado 2006

Título original: Prince of Fire

Autor: Daniel Silva

(c) Daniel Silva, 2005

BERTRAND EDITORA

Lisboa

Tel.: 21 030 55 00

Fax: 21 030 55 43

E-mail: quetzal@ip.pt

ISBN 972-25-1465-2

Revisão: André Cardoso

Impressão e acabamento: Tipografia Peres

Depósito legal 245656/06

Acabou de imprimir-se em agosto de 2006

ISBN: 972-25-1465-2

SINOPSE

Terrível explosão em Roma traz uma perturbadora descoberta: a existência de um dossiê que expõe os segredos e a verdadeira história de Gabriel Allon, que estava de volta a Veneza. Este dossiê está em mãos de terroristas. Apressadamente chamado a Israel, Allon vê-se obrigado a reintegrar a organização que tinha escolhido esquecer. Na perseguição a um líder terrorista, percorre então uma paisagem embebida no sangue derramado por várias gerações. Quando por fim se dá o confronto, não é só Gabriel que corre o risco de ser eliminado — pois não é apenas sua história que é posta a nu.

Para Neil Nyren, a mão firme no leme.

*Patrick Matthiesen, que me deu Isherwood, e, como sempre, para
minha mulher, Jamie, e meus filhos, Lily e Nicholas.*

Se vive em busca de vingança, cave uma sepultura para dois.

ANTIGO PROVÉRPIO JUDEU

PARTE UM

O Dossiê

CAPÍTULO 1

ROMA: 4 DE MARÇO

Houve sinais de aviso — o atentado a bomba a um centro da comunidade judaica em Buenos Aires, durante o sabbath, que matou 87 pessoas; o atentado a uma sinagoga em Istambul, exatamente um ano depois, que matou 28 — , mas Roma marcaria o seu reaparecimento, e em Roma deixaria seu cartão de visita.

Depois disso, nos corredores e salas do serviço secreto israelense houve debates consideráveis, e por vezes beligerantes, sobre hora e lugar da gênese da conspiração. Lev Ahroni, o sempre cauteloso diretor do serviço, afirmava que a intriga tinha sido incubada depois de o exército israelense ter destruído o quartel-general de Arafat em Ramallah, e de ter roubado seus arquivos secretos. Ari Shamron, o lendário mestre espião israelense, achava aquilo quase risível, embora frequentemente Shamron discordasse de Lev apenas por questão de princípio. Shamron, que lutou nas fileiras do Palmach durante a Guerra da Independência* e tendia a ver o conflito como um *continuum*, compreendia intuitivamente que o atentado em Roma tinha sido inspirado por atos da força militar israelense da Palestina, criada com o auxílio dos ingleses por Yitzhak Sadeh em 1941 para ajudar a Palestina a se defender de possível invasão da Síria. O Palmach tinha milhares de combatentes e mais tarde se transformaria na Haganah.

**Em 15 de maio de 1948, imediatamente após a declaração de independência do Estado de Israel, exércitos árabes de Egito, Síria, Jordânia, Arábia Saudita e Líbano invadiram o novo Estado. A guerra terminou em janeiro de 1949.*

No fim das contas, as evidências provariam que tanto Lev como Shamron estavam certos. Entretanto, e de modo a conseguirem condições de trabalho tranquilas, concordaram num novo ponto de partida: o dia em que um certo monsieur Jean-Luc chegou às colinas de Lazio e se instalou numa villa elegante do século XVIII nas costas do lago Bracciano.

Quanto à data e hora exata da sua chegada, não havia qualquer dúvida. O proprietário da villa, duvidoso aristocrata belga chamado monsieur Laval, disse que o inquilino apareceu às 14h30 da última sexta-feira de março. O enérgico mas cortês jovem israelense, que apareceu em Bruxelas na casa de monsieur Laval, interrogou-se como seria possível alguém se recordar tão claramente de uma data. O belga abriu luxuosa agenda pessoal, encadernada em couro, e apontou para a data em questão. Ali, escritas a lápis na linha das 14h30, estavam as palavras: *Encontro M. Jean-Luc na villa Bracciano*.

— Por que escreveu villa Bracciano e não apenas villa? — perguntou o visitante israelense, a caneta pairando sobre o bloco de notas aberto.

— Para diferenciá-la da villa de St. Tropez, da nossa villa portuguesa e do chalé que possuímos nos Alpes suíços.

— Entendo — disse o israelense, embora o belga achasse que ao tom de voz do visitante faltaria a humildade dos funcionários civis quando confrontados com homens de grande fortuna. E de que mais se lembrava monsieur Laval do homem que tinha alugado a villa? Que era pontual, inteligente e de muito boas maneiras. Que era espantosamente bonito, que seu perfume era perceptível mas não incomodativo, que o seu vestuário era caro mas conservador. Que dirigia um Mercedes e tinha duas enormes malas com fechos dourados de grife conhecida. Que pagou na totalidade e em adiantado o aluguel de um mês, o que monsieur Laval explicou não ser nada incomum naquela região da Itália. Que era um bom ouvinte, que não precisava que lhe repetissem as coisas. Que falava

francês com o sotaque parisiense de um bairro bem conceituado. Que parecia um homem que podia se sair bem numa briga e que tratava bem as mulheres.

— Era de nascimento nobre — concluiu Laval, com a certeza de alguém que fala do que sabe. — Vem de boa linhagem. Escreva isso no seu livrinho. Lentamente, pormenores adicionais emergiriam sobre o homem chamado Jean-Luc, embora nenhum entrasse em conflito com o retrato lisonjeiro de monsieur Laval. Não tinha contratado faxineira e exigiu que o jardineiro chegasse pontualmente às nove e saísse às dez. Fazia compras nas praças vizinhas e ia à missa na aldeia medieval de Anguillara, junto ao lago. Passeava muito pelas ruínas romanas de Lazio e parecia particularmente intrigado pela antiga necrópole de Cerveteri.

Em meados de março — a data nunca foi confiavelmente estabelecida — desapareceu. Até monsieur Laval estava incerto sobre a data da partida, porque foi posteriormente informado do fato por uma mulher em Paris que afirmava ser assistente pessoal do cavalheiro. Embora ainda restassem duas semanas de aluguel, o atraente inquilino não se envergonhou, nem a monsieur Laval, pedindo reembolso. Mais tarde, nessa mesma primavera, quando monsieur Laval visitou a villa, ficou surpreso ao descobrir, numa taça de cristal no aparador da sala de jantar, uma curta nota de agradecimento escrita à máquina, juntamente com cem euros para pagar copos de vinho quebrados. Contudo, uma busca minuciosa do conjunto de copos de pé alto da villa revelou que não faltava nenhum. Quando monsieur Laval tentou ligar para a mulher em Paris para lhe devolver o dinheiro, descobriu que o telefone desta tinha sido desligado.

Na orla dos jardins Borghese há avenidas elegantes e ruas laterais tranquilas bordejadas por árvores, em nada semelhantes às vias mal cuidadas e cheias de turistas do centro da cidade. São avenidas de diplomacia e dinheiro, onde o trânsito se move a

velocidade quase razoável e o grasnar das buzinas soa como uma rebelião em terras distantes. Numa dessas ruas existe um beco sem saída. Faz uma curva suave e vira para a direita. Todos os dias e durante muitas horas fica à sombra, uma consequência dos altos pinheiros e eucaliptos que se elevam acima das villas. O passeio estreito está rachado pelas raízes das árvores e está perpetuamente coberto por agulhas de pinheiro e folhas mortas. Na extremidade da rua situa-se um complexo diplomático, mais pesadamente fortificado do que a maior parte dos creditados em Roma.

Sobreviventes e testemunhas viriam a lembrar-se bem daquela manhã de fim de inverno: brilhante e límpida, suficientemente fria na sombra para causar arrepios, suficientemente quente ao sol para se desabotoar um casaco de lã e sonhar com um almoço numa esplanada. O fato de também ser uma sexta-feira apenas servia para aumentar a atmosfera prazerosa. Na Roma diplomática, era uma manhã para se espreguiçar sobre um cappuccino e um cornetto, para se pensar na vida e refletir sobre nossa mortalidade. O adiamento era a ordem do dia. Muitas reuniões mundanas foram canceladas. Muita burocracia rotineira foi adiada até segunda-feira.

Na pequena rua sem saída perto dos jardins Borghese não havia sinais exteriores da catástrofe que estava para ocorrer. A Polícia italiana e os agentes de segurança que guardavam as fortificações do perímetro conversavam ociosamente nos retalhos de sol brilhante. Como a maior parte das missões diplomáticas em Roma, esta continha oficialmente duas embaixadas, uma que tratava com o Governo italiano e a outra com o Vaticano. Ambas abriram na hora designada. Os dois embaixadores estavam em suas salas.

Às 10h30, um jesuíta gorducho arrastou-se colina abaixo com uma pasta de couro na mão. Dentro dela estava um documento diplomático do Secretariado de Estado do Vaticano, condenando a recente incursão do exército israelense em Belém. O mensageiro

protocolou o documento com um funcionário da embaixada e, arquejando, voltou a subir a colina. Depois disso, o texto seria divulgado, e a sua linguagem afiada se tornaria um embaraço temporário para os homens do Vaticano. O *timing* do mensageiro, no entanto, demonstraria ser providencial. Tivesse ele chegado cinco minutos mais tarde e seria vaporizado, juntamente com o texto original do documento. Não tão afortunada foi a equipe de televisão italiana que tinha ido entrevistar o embaixador sobre a situação no Oriente Médio. Ou a delegação de judeus locais que tinha ido assegurar a condenação pública por parte do embaixador de uma conferência neonazista marcada para a semana seguinte em Verona. Ou o casal italiano, indignado pelo ressurgimento do antissemitismo europeu, que queria saber da possibilidade de emigrar para Israel. Ao todo 14 pessoas estavam de pé junto à entrada de serviço, esperando para serem revistadas pela segurança da embaixada, quando o caminhão branco de mercadorias fez a curva para a direita entrando na viela sem saída e iniciou sua corrida mortal em direção ao complexo.

A maior parte deles ouviu o caminhão antes de vê-lo. O rugido do motor a diesel era uma intrusão violenta na manhã de outro modo tranquila. Era impossível ignorá-lo. Os homens da segurança italiana detiveram-se em meio à conversa e olharam para cima, assim como o grupo de 14 desconhecidos reunidos no exterior da embaixada. O jesuíta gorducho, que estava à espera do ônibus na extremidade oposta da rua, ergueu a cabeça arredondada de seu exemplar do *L'Osservatore Romano*, e procurou a causa de tal ruído.

A inclinação suave da rua ajudou o caminhão a atingir velocidade vertiginosa. Ao fazer a curva, a carga maciça dentro da carroceria empurrou pesadamente o caminhão sobre duas rodas. Por um instante, parecia que ia capotar. Depois, de algum modo, endireitou-se e iniciou seu mergulho final em linha reta na direção do complexo.

Durante breves instantes, foi possível ver-se o motorista através do para-brisas. Era jovem e sem barba. Tinha olhos grandes e boca aberta. Parecia estar em cima do acelerador, e parecia gritar consigo mesmo. Por algum motivo, os limpadores de para-brisas estavam ligados.

As forças de segurança italianas reagiram de imediato. Diversos agentes refugiaram-se atrás das barreiras de cimento-armado. Outros mergulharam sob a proteção das guaritas de aço e vidro. Dois guardas abriram fogo contra o caminhão. Fagulhas explodiram na grade frontal, e o para-brisas foi estilhaçado, mas o caminhão continuou a acelerar sem obstáculos atingindo cada vez mais velocidade até o ponto de impacto. Depois disso, o Governo de Israel elogiaria o heroísmo da segurança italiana naquela manhã. Seria dito que ninguém tinha abandonado seu posto, embora seu destino tivesse sido exatamente o mesmo se o tivessem.

A explosão foi ouvida da Praça de São Pedro à Praça de Espanha e à colina Janiculum. Quem estava nos pisos superiores dos prédios teve a visão notável de uma bola de fogo vermelho-alaranjada, erguendo-se acima da extremidade norte da Villa Borghese, rapidamente seguida por uma nuvem de fumaça na forma de um cogumelo totalmente negro. As janelas a um quilômetro de distância da explosão arrebentaram devido à onda de choque, incluindo os vitrais de uma igreja próxima. Os plátanos ficaram sem folhas. Pássaros morreram em meio ao voo. Geólogos de uma estação de monitoramento sísmico temeram de início que Roma tivesse sido abalada por um tremor de terra moderado.

Nenhum homem da segurança sobreviveu à explosão inicial. Ou nenhum dos 14 visitantes que esperavam ser admitidos na embaixada, nem o pessoal da embaixada que trabalhava nos escritórios mais próximos do local onde o caminhão explodiu.

No entanto, acabou que o segundo veículo foi o que infligiu a maior perda de vidas. O mensageiro do Vaticano, que tinha sido

jogado ao chão pela força da explosão, viu o carro virar para a rua sem saída em alta velocidade. Como era um Lancia, e como transportava quatro homens e estava em tão elevada velocidade, presumiu que era um veículo da polícia respondendo ao atentado. O padre levantou-se e avançou em direção à cena através de espessa fumaça negra, esperando poder ser de alguma utilidade aos feridos, bem como aos mortos. Em vez disso, deparou-se com um cenário dantesco. As portas do Lancia abriram simultaneamente e os quatro homens, que presumira serem oficiais da polícia, começaram a disparar na direção do complexo. Os sobreviventes que saíam cambaleantes dos destroços em chamas foram impiedosamente abatidos.

Os quatro atiradores deixaram de disparar exatamente ao mesmo tempo e voltaram a entrar no Lancia. Enquanto se afastavam em alta velocidade do complexo em chamas, um dos terroristas apontou a metralhadora para o jesuíta. O padre persignou-se e preparou-se para morrer. O terrorista limitou-se a sorrir e desapareceu atrás de uma cortina de fumaça.

CAPÍTULO 2

TIBERÍADES, ISRAEL

Quinze minutos depois do último tiro ter sido disparado em Roma, o telefone de segurança tocou na enorme villa cor de mel sobranceira ao mar da Galileia. Ari Shamron, o duas vezes antigo diretor-geral do serviço secreto israelenses, agora conselheiro especial do primeiro-ministro em todas as questões que lidavam com segurança e serviços secretos, recebeu a chamada no seu estúdio.

Ouviu em silêncio durante um momento, os olhos firmemente fechados em fúria.

— Vou a caminho — disse, e desligou.

Virando-se, viu Gilah de pé na soleira da porta do estúdio. Ela segurava o blusão de couro de avião na mão, e tinha os olhos marejados de lágrimas. — Acabou de dar na televisão. É muito mau?

— Muito mau. O primeiro-ministro quer que eu o ajude a preparar uma declaração ao país.

— Então não debes deixar o primeiro-ministro à espera. Ajudou Shamron a vestir o blusão e beijou-o na face. Aquele ato era um ritual simples. Quantas vezes tinha-se ele separado da mulher depois de ouvir que judeus tinham sido mortos por uma bomba? Há muito que lhes tinha perdido a conta. Já tarde tinha-se resignado ao fato de que nunca acabaria.

— Não vai fumar demais?

— Claro que não.

— Tente me ligar.

— Telefone assim que puder.

Saiu pela porta da frente. Foi atingido por uma rajada de vento frio e úmido.

Uma tempestade se acumulava sobre as colinas de Golã durante a noite e cercava toda a Alta Galileia. Shamron tinha acordado ao primeiro rebentar dos relâmpagos, tendo-os confundido com tiros, e permanecera acordado durante o resto da noite. Para Shamron, o sono assemelhava-se ao contrabando. Só chegava raramente e, assim que era interrompido, nunca regressava duas vezes na mesma noite. Por norma, vagueava pelas salas de arquivos secretos da sua memória, a reviver casos antigos, a caminhar por antigos campos de batalha e a confrontar inimigos há muito desaparecidos. A última noite tinha sido diferente. Tivera a premonição de um desastre iminente, uma imagem tão clara que

acabara por fazer uma chamada para o turno noturno do seu antigo serviço para saber se tinha acontecido alguma coisa.

— Volte para a cama, chefe — respondeu o jovem oficial de serviço. — Está tudo bem.

O seu Peugeot preto, blindado e à prova de bala, esperava-o no alto do caminho de acesso à casa. Rami, o chefe de cabelo escuro do seu destacamento de segurança, encontrava-se junto à porta aberta de trás. Shamron tinha feito muitos inimigos ao longo da vida, e devido à demografia confusa de Israel, muitos viviam desconfortavelmente perto de Tiberíades. Rami, silencioso como um lobo solitário e de longe mais letal, raramente deixava o amo. Shamron deteve-se por um momento para acender um cigarro, uma marca turca de má qualidade que fumava desde a época do Mandato*, depois saiu da varanda. Era de estatura baixa e, embora de idade avançada, tinha ainda constituição robusta. As mãos eram ásperas e manchadas pelo fígado, e pareciam ter-lhe sido emprestadas por um homem duas vezes maior. O rosto, cheio de rachas e fissuras, parecia-se com uma vista aérea do deserto do Negev. O pouco que lhe restava do cabelo cinza-ago estava cortado tão rente que era quase invisível. Infamemente descuidado com os seus óculos, tinha-se resignado a feias armações de plástico indestrutível. As lentes grossas aumentavam olhos azuis que já não eram límpidos. Caminhava como se antecipando a um ataque vindo pelas costas, com a cabeça baixa e os cotovelos para fora numa atitude defensiva. Nos corredores do Boulevard King Saul, o quartel-general do seu antigo serviço, o seu modo de andar era conhecido como o "arrastar Shamron". Ele conhecia o epíteto e aprovava-o.

* *Referência ao Mandato inglês na Palestina (1922-1948)*

Entrou no banco traseiro do Peugeot. O pesado carro deu um salto para a frente e desceu o traiçoeiramente íngreme caminho até as margens do lago. Virou à direita e acelerou em direção a Tiberíades, depois para oeste, através da Galileia em direção à

planície costeira. O olhar de Shamron, durante grande parte da viagem, manteve-se concentrado no mostrador arranhado do seu relógio de pulso. O tempo era agora seu inimigo. A cada minuto que passava, os perpetradores estavam a afastar-se cada vez mais da cena do crime. Se tivessem tentado um tal ataque em Jerusalém ou Tel Aviv, teriam sido apanhados numa teia de barricadas e de bloqueios de estrada. Mas o atentado tinha ocorrido em Itália, não em Israel, e Shamron estava à mercê da Polícia italiana. Tinha-se passado muito tempo desde que os italianos tinham lidado com um atentado terrorista em grande escala. Além disso, a ligação israelense ao Governo italiano — a sua embaixada — estava em ruínas. Bem como, suspeitava Shamron, a muito importante delegação do serviço secreto israelenses. Roma era o quartel-general regional do Sul da Europa. Era dirigido por um katsa chamado Shimon Pazner, um homem a quem Shamron tinha pessoalmente recrutado e treinado. Era muito possível que o Escritório tivesse perdido um dos seus oficiais mais competentes e experientes.

A viagem pareceu durar uma eternidade. Ouviram as notícias na Rádio Israel, e a cada atualização a situação em Roma parecia agravar-se. Por três vezes, Shamron verificou ansiosamente seu celular de segurança, e três vezes voltou a guardá-lo sem chamar qualquer número. Deixe-os em paz, pensou. Eles sabem o que estão fazendo. Treinou-os bem. Além disso, não era hora para que o conselheiro especial do primeiro-ministro em assuntos de segurança e terrorismo estivesse a ser sobrecarregado com sugestões úteis.

Conselheiro especial... Como ele odiava o título. Fedia a ambiguidade. Ele tinha sido o Memuneh: o no comando. Tinha acompanhado seu adorado serviço, e seu país, no triunfo e na adversidade. Lev e seu bando de jovens tecnocratas tinham-no considerado um fardo e baniram-no para o deserto judaico da aposentadoria. Shamron teria ali permanecido se não fosse o salva-vidas lançada pelo primeiro-ministro. Ari Shamron, mestre

manipulador e senhor de marionetes, tinha aprendido que podia exercer quase tanto poder a partir do gabinete do primeiro-ministro como da suíte executiva no Boulevard King Saul. A experiência o tinha ensinado a ser paciente. No fim o poder acabava em suas mãos. Parecia estar sempre acontecendo.

Começaram a descer em direção a Jerusalém. Shamron não podia fazer aquela notável viagem sem pensar em antigas batalhas. A premonição voltou a surgir. Tinha sido Roma que ele vira na noite anterior ou outra coisa? Algo maior que Roma? Um velho inimigo, tinha certeza disso. Um homem morto que se erguera de seu passado.

O gabinete do primeiro-ministro israelense está localizado na Rua Kaplan 3, na seção Kiryat Ben-Gurion de Jerusalém Ocidental. Shamron entrou no edifício pela garagem subterrânea, depois subiu até sua sala. Era pequena, mas estrategicamente localizada no corredor que conduzia ao gabinete do primeiro-ministro, o que lhe permitia ver quando Lev ou qualquer outro chefe do serviço secreto ou de segurança entrava no santuário interior para uma reunião. Não tinha secretária pessoal, mas partilhava uma moça chamada Tamara com três outros membros da segurança. Esta levou-lhe café e ligou o painel com três televisores.

— O Varash vai se reunir no gabinete às cinco.

Varash era o acrônimo em hebraico do Comitê dos Chefes dos Serviços. Incluía o diretor-geral da Shabak, o serviço de segurança interno; o comandante da Aman, serviço secreto militar; e, claro, o chefe do serviço secreto israelense, referido apenas como "Escritório".

Shamron, por privilégio e reputação, tinha assento permanente na mesa. — Entretanto — disse Tamara —, ele quer uma reunião dentro de minutos.

— Diga que será melhor dentro de meia hora.

— Se quer mais meia hora, diga você.

Shamron sentou-se e, de controle remoto na mão, passou os cinco minutos seguintes assistindo aos canais televisivos mundiais, procurando o maior número de detalhes possível. Depois pegou o telefone e fez três chamadas, uma para um antigo contato na Embaixada italiana chamado Tommaso Naldi; a segunda para o Ministério do Exterior israelense, localizado a uma curta distância na Avenida Yitzhak Rabin; e a terceira para o quartel-general do Escritório no Boulevard King Saul.

— Ele não pode falar agora com você — disse a secretária de Lev. Shamron tinha antecipado a reação. Era mais fácil atravessar uma barricada do exército do que a secretária de Lev.

— Passe-lhe o telefone — disse Shamron —, ou a próxima chamada será do primeiro-ministro.

Lev deixou Shamron à espera por cinco minutos.

— O que sabe? — perguntou Shamron.

— A verdade? Nada.

— Ainda temos uma delegação em Roma?

— Já não podemos lhe dar esse nome — disse Lev —, mas ainda temos o katsa de Roma. Pazner estava em Nápoles a serviço. Acabou de nos contatar. Está agora a caminho de Roma.

— Graças a Deus, pensou Shamron.

— E os outros?

— É difícil dizer. Como pode imaginar, a situação é bem caótica. — Lev tinha paixão avassaladora pela atenuação dos fatos. — Desapareceram dois escrivães e o oficial de comunicações.

— Há alguma coisa nos arquivos que possa ser comprometedor ou embaraçosa?

— Esperemos que tenham virado cinza.

— Estão guardados em cofres construídos para aguentar ataque de mísseis. É melhor chegarmos a eles antes dos italianos.

Tamara enfiou a cabeça pela porta.

— Ele quer vê-lo. Agora.

— Nos vemos às cinco — disse Shamron a Lev, e desligou.

Recolheu suas notas, depois seguiu Tamara ao longo do corredor em direção. Dois homens da escolta de proteção Shabak, enormes, cabelo cortado rente e camisas para fora da calça, observavam a aproximação de Shamron. Um deles deu um passo para o lado e abriu a porta. Shamron passou por ele e entrou. As persianas estavam fechadas, a sala fresca e na penumbra. O primeiro-ministro estava sentado atrás de uma enorme escrivaninha, diminuído por um gigantesco retrato do líder sionista Theodor Herzl, que pendia da parede atrás de suas costas. Shamron tinha estado naquela sala muitas vezes, e no entanto sentia sempre sua pulsação acelerar. Para Shamron, esta sala representava o fim de uma viagem notável, a reconstituição da soberania judaica na Terra de Israel. Nascimento e morte, guerra e Holocausto — Shamron, como o primeiro-ministro, tinha representado papel importante em todo este episódio épico. Privadamente, consideravam-no seu Estado, sua criação, que guardavam ciosamente contra todos — árabes, judeus ou gentios — que procuravam enfraquecê-lo ou destruí-lo.

Sem uma palavra, o primeiro-ministro fez sinal para que Shamron se sentasse. De cabeça pequena e muito largo de cintura, parecia-se bastante com uma formação rochosa. As mãos gorduchas estavam dobradas sobre o tampo da secretária; os maxilares pesados pendiam-lhe sob o colarinho da camisa.

— Muito ruim, Ari?

— No fim do dia teremos uma perspectiva melhor — disse Shamron. — Uma coisa é certa. Vai ser considerado um dos piores atos de terrorismo contra o Estado, se não o pior.

— Quantos mortos?

— Ainda não se sabe.

— Os embaixadores?

— Oficialmente ainda estão desaparecidos.

— E não oficialmente?

— Acredita-se que estejam mortos.

— Ambos?

Shamron anuiu.

— Bem como seus delegados.

— Quantos mortos já confirmados?

— Os italianos reportaram 12 policiais seguranças mortos. De momento, o Ministério do Exterior confirma 22 mortos, bem como 13 familiares do complexo residencial. Dezoito pessoas ainda estão desaparecidas.

— Cinquenta e dois mortos?

— Pelo menos. Aparentemente havia vários visitantes à entrada que esperavam ser admitidos no edifício.

— E quanto ao pessoal do Escritório?

Shamron repetiu o que Lev tinha acabado de lhe dizer. Pazner estava vivo. Temia-se que três funcionários do Escritório estivessem entre os mortos.

— Quem fez isto?

— Lev ainda não chegou a nenhuma...

— Eu não estou perguntando a Lev.

— A lista de potenciais suspeitos, infelizmente, é longa.

Qualquer coisa que eu possa dizer agora seria mera especulação e, neste momento, a especulação não nos serve de nada.

— Por que Roma?

— É difícil dizer — disse Shamron. — Talvez fosse apenas um alvo oportuno. Talvez tivessem encontrado um ponto fraco, uma brecha na muralha, e decidiram explorá-lo.

— Mas não acredita nisso?

— Não, primeiro-ministro.

— Pode ter alguma coisa com o caso do Vaticano há alguns anos... aquela situação com Allon?

— Duvido. Todas as provas encontradas até agora sugerem que foi um ataque suicida executado por terroristas árabes.

— Quero fazer uma declaração depois da reunião com o Varash.

— Acho que isso seria sensato.

— E quero que a escreva por mim.

— Se quiser.

— Você conhece bem a sensação de perda, Ari. Ambos o sabemos. Ponha algum sentimentalismo nisso. Verta esse reservatório de dor polaca que sempre carrega com você. O país vai precisar chorar esta noite. Deixe-os chorar. Mas assegure-lhes que os animais que fizeram isso serão castigados.

— E serão, primeiro-ministro.

Shamron levantou-se.

— Quem fez isso, Ari?

— Saberemos em breve.

— Quero a cabeça dele — disse o primeiro-ministro selvagemmente. — Quero a cabeça dele numa estaca.

— E vai tê-la.

Transcorreriam 48 horas antes da primeira brecha no caso, e esta não viria de Roma, mas da cidade industrial de Milão, ao norte. Unidades da Polícia do Estado e dos Carabineiros, agindo segundo a declaração de um informante imigrante turco, tomaram de assalto uma *pensione* num bairro de trabalhadores ao norte do centro da cidade, onde se acreditava que estariam escondidos dois dos quatro terroristas sobreviventes. Os homens já não estavam ali, e percebeu-se que tinham fugido às pressas. A Polícia descobriu um par de malas cheias de roupas e meia dúzia de celulares, bem como passaportes falsos e cartões de crédito roubados. Contudo, o mais intrigante era um CD costurado no forro de uma das malas. Os investigadores italianos do laboratório nacional criminal em Roma determinaram que o CD continha dados, mas foram incapazes de

penetrar seu sofisticado firewall. Por fim, depois de muitos debates internos, decidiu-se abordar os israelenses em busca de auxílio.

E foi assim que Shimon Pazner recebeu uma convocação para se apresentar no quartel-general do serviço secreto italiano. Chegou alguns minutos depois das dez da noite e foi conduzido de imediato ao Escritório do delegado-chefe, um homem chamado Martino Bellano. Era um par discordante: Bellano, alto e magro, vestido como se tivesse acabado de sair de uma revista italiana de moda; Pazner, baixo e musculoso com cabelo semelhante a palha de aço e casaco esportivo amarrotado. "Um monte de roupa de ontem para lavar", assim que Bellano descreveria Pazner depois do encontro; após a conclusão do caso, quando se tornou óbvio que Pazner tinha sido pouco franco, Bellano referia-se habitualmente ao israelense como "aquele kosher avarento com um blazer emprestado".

No entanto, naquela primeira noite, Bellano não podia ter sido mais solícito com seu visitante. Pazner não era o tipo de homem que causava simpatia entre desconhecidos, mas enquanto era conduzido à sala de Bellano, seus olhos estavam pesados pela exaustão e pela profunda sensação de culpa dos sobreviventes. Bellano passou vários minutos expressando a sua "profunda tristeza" em relação ao atentado, antes de chegar à questão que o levava a convocar Pazner a uma hora tão tardia: o CD. Colocou-o cerimoniosamente sobre a mesa e empurrou-o na direção de Pazner com a ponta de uma unha cuidada. Pazner aceitou-o calmamente, embora mais tarde tivesse confessado a Shamron que seu coração batia o peito em ritmo caótico.

— Fomos incapazes de decodificar — disse Bellano. — Talvez tenham mais sorte.

— Faremos o nosso melhor — replicou modestamente Pazner.

— Claro que partilharão conosco qualquer material que por acaso encontrem.

— Nem é preciso dizer — respondeu Pazner, enquanto o CD desaparecia no bolso do casaco.

Dez minutos depois Bellano achou que era adequado terminar a reunião. Pazner permanecia estoicamente sentado, agarrando os braços da cadeira como um homem à beira de um ataque devido à falta de nicotina. Aqueles que testemunharam sua partida pelo longo corredor central repararam na passada sem pressa.

Apenas quando estava no exterior, descendo a escadaria principal é que houve um indício de urgência nos seus passos.

Poucas horas depois do ataque, uma equipe israelense de especialistas em explosivos, infelizmente muito experiente em seu ofício, tinha chegado a Roma para iniciar a tarefa de remexer os destroços em busca de provas da composição e origem da bomba. Por sorte, o avião militar que os trouxera de Tel Aviv ainda estava na pista de descolagem de Fiumicino. Pazner, com a aprovação de Shamron, ordenou que o avião o levasse a Tel Aviv. Chegou alguns minutos depois do nascer do sol e foi recebido por um grupo do Escritório. Dirigiram-se de imediato para Boulevard King Saul, a grande velocidade mas com cuidado, pois o que transportavam era precioso demais para arriscar num dos elementos mais perigosos da vida israelense: as autoestradas. Às 8h, o CD era alvo de um assalto coordenado por parte das melhores mentes da divisão técnica do serviço, e às 9h as barreiras de segurança tinham sido quebradas. Ari Shamron iria se vangloriar mais tarde de que os gênios informáticos do Escritório tinham decodificado CD num intervalo para o café dos italianos. A deciptação do material levou outra hora, e às 10h uma impressão do conteúdo do CD estava na mesa imaculada de Lev. O material permaneceu ali apenas por alguns segundos, porque Lev jogou-o de imediato dentro de uma pasta e correu para a Rua Kaplan, em Jerusalém, para uma reunião com o primeiro-ministro. Claro que Shamron estava ao lado de seu chefe.

— Alguém precisa mandá-lo voltar — disse Lev.

Falava com o entusiasmo de um homem que se autoelogiava. Talvez, pensou Shamron, fosse precisamente isso que ele sentia, pois via o homem em questão como um rival, e o método favorito de Lev para lidar com os adversários, verdadeiros ou potenciais, era o exílio.

— Pazner volta esta noite para a Itália. Deixem-no levar com ele uma equipe da Extração.

Shamron sacudiu a cabeça. — Ele é meu. Eu o farei voltar. — Interrompeu-se. — Além disso, Pazner tem algo mais importante a fazer no momento.

— E o que é?

— Dizer aos italianos que não conseguimos decifrar o código daquele CD, é claro.

Era hábito de Lev nunca ser o primeiro a sair da sala, e assim foi com grande relutância que se levantou da cadeira e se dirigiu à porta. Shamron olhou para cima e viu que os olhos do primeiro-ministro estavam nele.

— Ele vai ter que ficar aqui até que isso passe — disse o primeiro-ministro.

— Sim, vai — concordou Shamron.

— Talvez possamos encontrar alguma coisa para ele fazer que o ajude a passar o tempo.

Shamron anuiu uma vez, e o caso ficou encerrado.

CAPÍTULO 3

LONDRES

Procurar Gabriel foi quase tão difícil quanto procurar os autores do massacre de Roma. Ele era o tipo de homem que nunca os

informava de seus movimentos e já não seguia instruções do Escritório, por isso ninguém ficou surpreso (e menos do que todos, Shamron) por ele ter deixado Veneza sem se dar ao trabalho de informar aonde ia. Afinal, tinha partido para a Inglaterra para visitar a mulher, Leah, que vivia num hospital psiquiátrico privado num recanto isolado do Surrey. Contudo, sua primeira parada foi na Rua New Bond onde, a pedido de um negociante de arte londrino chamado Julian Isherwood, concordara em assistir a um leilão de Antigos Mestres, na leiloeira Bonhams.

Isherwood foi o primeiro a chegar, segurando uma pasta puída numa das mãos e a gola da capa Burberry com a outra. Alguns negociantes estavam amontoados no hall.

Isherwood murmurou uma saudação fingida e dirigiu-se ao vestiário. Um momento depois, aliviado da capa ensopada, colocou-se de vigia junto à janela. Alto e de aparência frágil, vestia o terno que habitualmente usava nos leilões, um terno cinza de listras, e o seu laço vermelho da sorte. Ajeitou os caracóis grisalhos soprados pelo vento para cobrir o alto da cabeça calva e examinou por breves instantes seu próprio rosto refletido no vidro. Um desconhecido pensaria que estava de ressaca, talvez até um pouco embriagado. Isherwood não estava nem uma coisa nem outra. Estava totalmente sóbrio. Penetrante como uma faca. Estendeu um braço, puxou o punho francês da camisa até o pulso e lançou um olhar ao relógio. Tarde. Aquilo não era nada habitual em Gabriel. Pontual como o noticiário das oito. Nunca deixava um cliente à espera. Nunca se atrasava com um restauro — a não ser, é claro, que fosse devido a circunstâncias para lá do seu controle.

Isherwood endireitou o laço e baixou os ombros estreitos, de modo que a figura refletida tinha a graça e a segurança fáceis que pareciam constituir um direito de nascença dos ingleses de uma certa classe. Ele movia-se nos seus círculos, dispunha das suas coleções, e adquiria novas coleções em seu nome, mas na verdade

nunca poderia ser um deles. E como o poderia? O seu apelido e esgalgado porte inglês escondiam o fato de que não era, pelo menos tecnicamente, inglês. Inglês de nacionalidade e passaporte, sim, mas tinha nascido na Alemanha, crescera na França, e era de religião judaica. Apenas um punhado de amigos íntimos sabiam que Isherwood tinha ido parar a Londres em 1942. Era uma criança refugiada que atravessara os Pirenéus cobertos de neve acompanhada por dois pastores bascos. O seu pai, o famoso negociante de arte de Berlim, Samuel Isakowitz, tinha terminado os seus dias na orla de uma floresta polaca, num local chamado Sobibor.

Havia outra coisa que Julian Isherwood mantinha em segredo dos seus concorrentes do mundo de arte londrino — e de quase toda a gente. Durante anos, tinha feito favores ocasionais a um certo cavaleiro de Tel Aviv chamado Shamron. Isherwood, no calão hebraico e incerto de Shamron, era um *sajan*, auxiliar voluntário não remunerado, embora a maior parte dos encontros com Shamron estivesse mais próxima da chantagem do que do trabalho voluntário.

Nessa altura, Isherwood vislumbrou um relampejo de couro e jeans entre as capas agitadas da Rua New Bond. A figura desapareceu por um momento, depois voltou a aparecer subitamente, como se tivesse atravessado uma cortina e subido a um palco iluminado. Como sempre, Isherwood ficou surpreso pela sua pouco impressionante estatura física — talvez 1,76m, uns 70 quilos completamente vestido. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos de um blusão de couro preto, os ombros ligeiramente curvados para a frente. A sua passada era suave e aparentemente sem esforço, e as pernas pareciam curvar-se ligeiramente para fora, algo que Isherwood associava sempre aos homens que conseguiam correr muito depressa ou eram bons a jogar futebol. Vestia um par de impecáveis sapatos de camurça com sola de borracha, e apesar da chuva contínua, não trazia chapéu-de-chuva. O rosto surgiu no seu

campo de visão — longo, testa alta, estreito no queixo. O nariz parecia ter sido esculpido em madeira, as maçãs do rosto eram altas e proeminentes, e havia um toque das estepes russas nos olhos verdes e irrequietos.

O cabelo negro estava cortado curto e era muito grisalho nas têmporas. Um rosto com muitas nacionalidades possíveis, e Gabriel tinha os dons linguísticos para usá-lo adequadamente. Isherwood nunca sabia muito bem o que esperar quando Gabriel atravessava uma porta. Ele não era ninguém, não vivia em lugar algum. Era o eterno judeu errante.

Subitamente apareceu ao lado de Isherwood. Não o cumprimentou, e as suas mãos permaneceram enfiadas nos bolsos do blusão. Os modos que Gabriel adquirira ao trabalhar para Shamron no mundo do serviço secreto tinham-no deixado mal preparado para funcionar no mundo normal. Apenas quando estava a representar um papel é que parecia animar-se. Nos raros momentos em que um desconhecido via o verdadeiro Gabriel — como agora, pensou Isherwood —, o homem que viam mantinha-se silencioso, sombrio, e aparentemente tímido. Gabriel deixava as pessoas supremamente desconfortáveis. Era um dos seus muitos dons.

Atravessaram o hall em direção à recepção.

— Quem somos hoje? — perguntou Isherwood em voz baixa, mas Gabriel limitou-se a inclinar-se para a frente e rabiscou qualquer coisa ilegível no bloco de apontamentos.

Isherwood tinha-se esquecido de que ele era canhoto. Assinava o nome com a mão esquerda, segurava um pincel com a direita, utilizava a faca e o garfo com qualquer uma. E a Bereífa? Afortunadamente, Isherwood não conhecia a resposta a essa pergunta.

Subiram as escadas, Gabriel junto ao ombro de Isherwood, calado como um guarda-costas. O blusão de couro não emitia

qualquer ruído, a calça jeans não rangiam, os sapatos pareciam pairar acima do carpete. Isherwood teve de se roçar contra o ombro de Gabriel para se recordar que ele estava ali. No alto das escadas, um segurança pediu a Gabriel para abrir a sua sacola de couro. Ele abriu o fecho e mostrou o seu conteúdo: um visor Binomag, uma lâmpada ultravioleta, um infrascópio e uma poderosa lanterna de halogêneo. O segurança, satisfeito, acenou-lhes para que prosseguissem.

Entraram na sala de exposições. Pendendo das paredes e montados em cavaletes cobertos por baeta, encontrava-se uma centena de quadros, cada um banhado numa luz cuidadosamente focada. Espalhados entre as obras encontravam-se bandos deambulantes de negociantes — chacais, pensou Isherwood, palitando os dentes. Alguns tinham os rostos quase colados aos quadros, outros preferiam vê-los de longe. Formavam-se opiniões. Dinheiro estava sobre a mesa. Calculadoras produziam estimativas de lucro potencial. Era o lado indecoroso do mundo da arte, o lado que Isherwood adorava. Gabriel parecia absorto. Movia-se como um homem habituado ao caos do *souk*. Isherwood não tinha que dizer a Gabriel para tentar passar despercebido. Isso era algo que lhe acontecia naturalmente. Jeremy Crabbe, diretor do departamento de Antigos Mestres da Bonhams, esperava-os junto a uma paisagem da escola francesa, um cachimbo apagado enfiado entre os incisivos amarelados. Apertou sem alegria a mão de Isherwood e olhou para o homem mais novo vestido de couro a seu lado.

— Mario Delvecchio — disse Gabriel, e como sempre, Isherwood ficou espantado pelo sotaque veneziano perfeito.

— Ahhh — arquejou Crabbe. — O misterioso Signore Delvecchio. Claro que o conheço de nome, mas nunca nos conhecemos pessoalmente. — Crabbe lançou um olhar conspiratório a Isherwood. — Tem alguma coisa na manga, Julian? Alguma coisa que não me contou?

— Ele restaura para mim, Jeremy. Vale a pena deixá-lo ver antes de eu me precipitar.

— Por aqui — disse Crabbe em tom cético, e levou-os até uma sala pequena e sem janelas, junto à principal sala de vendas daquele piso. As exigências do negócio tinham feito com que Isherwood demonstrasse um interesse mediano noutras obras (de outro modo, Crabbe podia ser tentado a dizer a um dos outros negociantes que Isherwood estava interessado numa peça em particular). A maior parte das peças eram medíocres, uma Madonna e menino sem interesse, de Andrea Del Sarto, uma natureza-morta, de Cario Magini, uma Forja de Vulcano, de Paolo Pagani — , mas no recanto mais afastado, encostada contra a parede encontrava-se uma tela sem moldura. Isherwood reparou que o olhar bem treinado de Gabriel foi imediatamente atraído para ela. Também reparou que Gabriel, o profissional consumado, desviou rapidamente o olhar. 33

Começou primeiro com os outros quadros e gastou exatamente dois minutos com cada uma das telas. O seu rosto era uma máscara, não traindo nem entusiasmo nem desagrado. Crabbe desistiu de tentar ler as suas intenções e entreteve-se a mordiscar a ponta do cachimbo.

Por fim, concentrou-se no lote nº 43, Daniel na Cova do Leão. De Erasmus Quellinus, 21x35, óleo sobre tela, desgastado e extremamente sujo. De fato, tão sujo que os felinos na orla da imagem pareciam estar inteiramente escondidos pela sombra. Gabriel agachou-se e inclinou a cabeça de modo a ver a tela com uma iluminação inclinada. Depois lambeu três dedos e esfregou a figura de Daniel, o que fez com que Crabbe risse e rolasse os olhos injetados de sangue. Ignorando-o, Gabriel aproximou o rosto a poucos centímetros da tela e examinou o modo como as mãos de Daniel estavam dobradas e a perna cruzada sobre a outra. — De onde veio?

Crabbe retirou o cachimbo e olhou-o. — De uma pilha de esboços georgianos em Cotswolds.

— Quando foi limpo pela última vez?

— Não temos certeza, mas pelo aspecto calculamos que na época em que Disraeli era primeiro-ministro.

Gabriel ergueu o olhar para Isherwood, que olhava para Crabbe.

— Dê-nos um momento, Jeremy.

Crabbe saiu da sala. Gabriel abriu a mala e tirou a lâmpada ultravioleta. Isherwood apagou as luzes, lançando a sala na escuridão total.

Gabriel acendeu a lâmpada e fez incidir o feixe azulado sobre a pintura.

— Então? — perguntou Isherwood.

— O último restauro foi há tanto tempo que não aparece no ultravioleta.

Gabriel retirou o infrascópio da sacola. Tinha uma estranha semelhança com uma pistola, e Isherwood sentiu um arrepio repentino quando Gabriel envolveu o cabo com a mão e ligou a luz verde luminescente. Um arquipélago de manchas escuras surgiu na tela, os retoques do último restauro. O quadro, embora extremamente sujo, tinha sofrido perdas moderadas.

Ele desligou o infrascópio, depois colocou o visor com a lupa incorporada, e estudou a figura de Daniel no branco ofuscante do feixe da lanterna de halogêneo.

— O que acha? — perguntou Isherwood, olhando-o de lado.

— Magnífico — respondeu Gabriel distraidamente. — Mas não foi Erasmus Quellinus que o pintou.

— Tem certeza?

— Tanta certeza que aposto duas mil libras do seu dinheiro.

— Que reconfortante.

Gabriel estendeu a mão e passou o indicador ao longo da figura musculosa e graciosa.

— Ele esteve aqui, Julian — disse — , eu consigo sentir.

Foram a pé até St. James para um almoço de comemoração no Green's, um lugar de reunião para negociantes e colecionadores da Rua Duke, a alguns passos da galeria de Isherwood. Uma garrafa de borgonha branco e fresco esperava-os num compartimento de canto. Isherwood encheu duas taças e empurrou uma através da toalha para Gabriel.

— Mazel tov, Julian.

— Tens certeza disso?

— Não posso fazer uma autenticação positiva até usar refletografia por infravermelhos para conseguir ver a superfície. Mas a composição é claramente baseada em Rubens, e não tenho qualquer dúvida de que o trabalho seja dele.

— Tenho certeza de que vai se divertir imensamente restaurando-o.

— Quem disse que eu vou restaurá-lo?

— Você.

— Eu disse que autenticaria, mas não disse nada sobre restaurar. Esse quadro precisa de pelo menos seis meses de trabalho. Receio estar no meio de outra coisa.

— Só há uma pessoa a quem eu confiaria esse trabalho — disse Isherwood — , e essa pessoa é você.

Gabriel aceitou o cumprimento profissional com um ligeiro inclinar da cabeça, depois retomou seu exame apático do menu. Isherwood tinha querido dizer o que disse.

Gabriel Allon tinha sido trazido para aquele mundo sob uma estrela diferente, e poderia muito bem ser um dos melhores artistas da sua geração. Isherwood pensou na primeira vez em que tinham se encontrado — uma luminosa tarde de setembro em 1978, um banco de jardim no Serpentine, no Hyde Park. Gabriel era pouco

mais do que um rapaz na altura, embora as suas têmporas, recordava-se Isherwood, já tivessem laivos cinzas. A mancha de um rapaz que tinha feito o trabalho de um homem, tinha-lhe dito Shamron.

"Ele deixou a Bezalel Academy of Art em 72. Em 75, foi para Veneza estudar restauração com o grande Umberto Conti."

"Umberto é o melhor que existe."

"Assim me disseram. Parece que nosso Gabriel causou uma certa impressão no Signore Conti. Ele disse que as mãos de Gabriel são as mais talentosas que ele já viu. Eu teria de concordar."

Isherwood tinha cometido o erro de perguntar o que Gabriel fizera exatamente entre 1972 e 1975. Gabriel tinha se virado para observar um casal de namorados que passeava de mãos dadas ao longo das margens do lago.

Shamron tinha tirado distraidamente uma lasca do banco.

Depois Shamron tinha pedido o seu primeiro "favor".

"Há um certo cavalheiro palestino que reside em Oslo. Receio que as intenc es desse cavalheiro sejam menos do que honrosas. Gostaria que Gabriel mantivesse um olho nele, e gostaria que descobrisse para ele algum trabalho mais respeitável. Talvez uma simples restauração — algo que possa demorar duas semanas ou perto disso. Pode fazer isso por mim, Julian?"

Isherwood voltou ao presente quando surgiu o garçom. Pediu sopa e lagosta cozida, Gabriel salada verde e linguado grelhado com arroz. Vivia na Europa há anos, mas ainda tinha os gostos simples de um rapaz de Sabra, no vale de Jezreel. Comida e vinho, roupa boa e carros rápidos — aquelas coisas não tinham qualquer significado para ele.

— Estou surpreso por poder ter vindo hoje — disse Isherwood.

— Por qu ?

— Roma.

Gabriel manteve os olhos fixos no menu.

— Este não é o meu portfólio, Julian. Além disso, estou aposentado. Você sabe disso.

— Por favor — disse Isherwood num murmúrio confessional.

— Então ultimamente tem trabalhado em quê?

— Estou terminando o altar de San Giovanni Crisóstomo.

— Outro Bellini? Vai ficar famoso.

— Já sou.

O último trabalho de Gabriel, o altar da Igreja de San Zaccaria, por Bellini, tinha causado sensação no mundo da arte, bem como fixara um padrão para os futuros restauros de Bellini.

— Não é a empresa de Tiepolo que está tratando do projeto de Crisóstomo?

Gabriel anuiu.

— Agora estou mais ou menos trabalhando exclusivamente para Francesco.

— Ele não pode se dar ao luxo de sua exclusividade.

— Gosto de trabalhar em Veneza, Julian. Ele me paga o suficiente para me aguentar. Não se preocupe, não estou propriamente vivendo como no tempo da aprendizagem com Umberto.

— Pelo que ouvi dizer, nestes últimos tempos tem andado atarefado. Segundo os boatos, quase lhe tiraram o altar de San Zaccaria porque deixou Veneza para tratar de assunto pessoal.

— Não devia dar ouvidos a boatos, Julian.

— Oh, sério? Também ouvi dizer que se instalou num palazzo em Cannaregio com uma mulher bela e jovem chamada Chiara.

O olhar penetrante, lançado por cima da taça de vinho, confirmou a Isherwood que os boatos Gabriel eram verdadeiros.

— A criança tem sobrenome?

— O nome de família é Zolli, e não é uma criança.

— É verdade que o pai dela é o principal rabino de Veneza?

— Ele é o único rabino de Veneza. Não é exatamente uma comunidade florescente. A guerra acabou com ela.

— Ela conhece seu tipo de trabalho?

— Ela é do Escritório, Julian.

— Prometa que não vai partir o coração dela como fez com as outras — disse Isherwood. — Meu Deus, as mulheres que deixou escapar por entre os dedos. Ainda tenho fantasias maravilhosas com aquela criatura chamada Jacqueline Delacroix.

Gabriel inclinou-se sobre a mesa, o rosto subitamente muito sério.

— Vou me casar com ela, Julian.

— E Leah? — perguntou gentilmente Isherwood. — Que planejas fazer em relação a Leah?

— Tenho de lhe contar. Vou vê-la amanhã de manhã.

— Será que ela compreenderá?

— Para te dizer a verdade, não tenho certeza, mas devo-lhe isso.

— Que Deus me perdoe por dizer isto, mas debes isso a ti mesmo. É altura de continuares com a tua vida. Não preciso de te lembrar que já não és um menino de 25 anos.

— Não é você que vai ter de olhá-la nos olhos e dizer que está apaixonado por outra mulher.

— Perdoe a impertinência. É barganha a falar... e o Rubens. Quer companhia? Posso te levar até lá.

— Não — disse Gabriel. — Preciso de ir sozinho.

O primeiro prato chegou. Isherwood começou a comer o seu bisque. Gabriel cortou um pedaço de alface.

— Que tipo de quantia tinhas em mente para a limpeza do Rubens?

— Assim de cabeça? Qualquer coisa perto das cem mil libras.

— Azar — disse Gabriel. — Por 200 000, talvez considerasse aceitar o trabalho.

— Tudo bem, duzentas mil, seu filho-da-mãe.

— Telefone-te para a semana e digo-te.

— O que te impede de aceites agora? O Bellini? Não, pensou Gabriel. Não era o Bellini. Era Roma.

A clínica Stratford, um dos hospitais privados mais prestigiados da Europa, estava localizada a uma hora de carro do centro de Londres numa propriedade vitoriana nas colinas de Surrey. A população de doentes incluía um membro afastado da família real inglesa e o segundo primo do atual primeiro-ministro, e assim o pessoal estava habituado a exigências invulgares por parte dos visitantes. Gabriel atravessou o principal portão de segurança identificando-se como "Sr. Browne".

Estacionou o Opel alugado no estacionamento para visitantes, no pátio dianteiro da antiga mansão de tijolo vermelho. Leonard Avery, o médico de Leah, recebeu-o no hall de entrada, uma figura batida pelo vento e vestida com um casaco Barbour e botas Wellington.

— Uma vez por semana levo um grupo selecionado de doentes a dar um passeio pelos campos vizinhos — disse ele, explicando a sua aparência. — É extremamente terapêutico. — Apertou a mão de Gabriel sem tirar as luvas e perguntou-lhe como tinha sido a viagem desde Londres, como se não estivesse realmente interessado na resposta. — Ela está à sua espera no solário. Aquilo de que ainda gosta mais é do solário.

Avançaram por um corredor com um chão de linóleo pálido; as passadas de Avery eram como se ainda estivesse a caminhar ao longo de uma vereda do Surrey. Era a única pessoa no hospital que sabia a verdade acerca da doente chamada Lee Martinson — ou, pelo menos, parte da verdade. Sabia que o seu verdadeiro nome de família era Allon e que as suas terríveis queimaduras e estado quase

catatônico não eram o resultado de um acidente de viação — a explicação que surgia nos registros hospitalares de Leah — , mas de um atentado a bomba a um carro em Viena. Também sabia que o atentado tinha-lhe reclamado a vida do seu jovem filho. Pensava que Gabriel era um diplomata israelense e não gostava dele.

Enquanto caminhavam, forneceu a Gabriel uma atualização concisa do estado de Leah. Não havia nenhuma alteração de que se pudesse falar — Avery não parecia demasiado preocupado com aquilo. Nunca tinha sido pessoa para ter um optimismo falso e tinha sempre mantido expectativas baixas acerca do prognóstico de Leah. Tinha demonstrado estar certo. Nos 13 anos desde o atentado, ela nunca tinha proferido uma palavra a Gabriel.

No fim do corredor encontrava-se um conjunto de portas duplas, com janelas redondas semelhantes a vigias enevoadas pela umidade. Avery empurrou uma das portas e levou Gabriel ao solário. Gabriel, acolhido pela umidade opressiva, retirou imediatamente o casaco. Um jardineiro estava a regar as laranjeiras envasadas enquanto conversava com uma enfermeira, uma atraente mulher de cabelo escuro que Gabriel nunca tinha visto antes. — Agora podes ir, Amira — disse o Dr. Avery.

A enfermeira saiu, seguida pelo jardineiro.

— Quem é? — perguntou Gabriel.

— É uma licenciada da escola de enfermagem King's College e especialista no tratamento de doentes com doenças mentais graves. Muito competente naquilo que faz. A sua mulher gosta bastante dela.

Avery deu uma palmadinha fraternal no ombro de Gabriel, e em seguida saiu. Gabriel virou-se. Leah estava sentada numa cadeira de ferro forjado de costas direitas, os olhos erguidos na direção das janelas do solário, que pingavam umidade. Vestia calças brancas e finas feitas de algodão institucional e uma camiseta de gola alta que ajudava a esconder o seu corpo frágil. As mãos, com cicatrizes e

contorcidas, seguravam um ramo em botão. O cabelo, outrora longo e negro como asa de corvo, estava cortado curto e era quase grisalho. Gabriel dobrou-se e beijou-a em ambas as faces. Os lábios dele tocaram uma pele fria e firme, coberta de cicatrizes. Leah não pareceu sentir o toque.

Sentou-se e pegou naquilo que restava da mão esquerda de Leah. Não sentiu qualquer vida nesta. A cabeça dela virou-se lentamente até os olhos encontrarem os dele. Ele procurou qualquer sinal de reconhecimento, mas não viu nada. A memória dela tinha sido roubada. Na mente de Leah apenas restava o atentado. Este passava incessantemente, como a falha de um vídeo. Tudo o resto tinha sido apagado ou afastado para um recanto inacessível do seu cérebro. Para Leah, Gabriel não tinha um maior significado do que a enfermeira que a tinha levado até ali ou o jardineiro que tratava das plantas. Leah tinha sido castigada pelos pecados dele. Leah era o preço que um homem decente tinha pago por se meter no mesmo atoleiro com assassinos e terroristas. Para Gabriel, um homem abençoado com a capacidade para sarar coisas belas, a situação de Leah era duplamente dolorosa. Mas Leah estava para lá da reparação. Muito pouco permanecia do original.

Falou com ela. Recordou-a de que estava a viver em Veneza, e que trabalhava para uma empresa que restaurava igrejas. Não lhe disse que, por vezes, ainda fazia algumas incumbências para Ari Shamron, ou que dois meses antes tinha engendrado a captura de um criminoso de guerra austríaco chamado Erich Radek e que o levava a Israel para que Erich enfrentasse a justiça. Quando por fim arranjou coragem para lhe dizer que estava apaixonado por outra mulher e que desejava dissolver o casamento para poder casar com ela, não conseguiu continuar. Falar com Leah era como falar com um túmulo. Parecia não valer a pena.

Quando tinha passado meia hora, afastou-se de Leah e enfiou a cabeça pelas portas que davam para o corredor. A enfermeira

estava ali à espera, encostada à parede com os braços cruzados à frente da bata.

— Já acabou? — perguntou ela.

Gabriel assentiu. A mulher passou por ele e entrou sem proferir palavra.

Era o fim da tarde quando o voo do aeroporto de Heathrow aterrou em Veneza. Gabriel, apanhou um táxi aquático para se dirigir à cidade, e ficou no cockpit com o condutor de costas para a porta da cabina, observando os postes do canal a erguerem-se por entre a neblina como colunas de soldados derrotados que regressassem a casa vindos da frente. Passado pouco tempo, surgiram as margens de Cannaregio. Gabriel sentiu uma vaga sensação de tranquilidade. Veneza, a Veneza em desagregação, a Veneza ensopada e a decair tinha sempre aquele efeito sobre ele. E toda uma cidade precisando de restauração, tinha dito Umberto Conti. Use-a. Cure Veneza, e ela o curará.

O táxi deixou-o no Palato Lezze. Gabriel dirigiu-se para oeste atravessando o Cannaregio ao longo das margens de um canal amplo chamado Rio della Misericordia. Chegou a uma ponte de ferro, a única em toda a Veneza. Na Idade Média, tinha existido um portão no centro da ponte, e à noite um vigia cristão tinha montado guarda de modo que aqueles aprisionados do outro lado não pudessem fugir. Gabriel atravessou a ponte e entrou no sottoportego subterrâneo. Na outra extremidade da passagem, uma praça ampla abria-se perante ele: o Campo di Ghetto Nuovo, o centro do antigo gueto de Veneza. No seu apogeu tinha sido o lar apertado de mais de cinco mil judeus. Agora apenas 20 dos 400 judeus da cidade viviam no velho gueto, e a maior parte destes era idosa e residia na Casa Israelitica di Riposo.

Gabriel dirigiu-se para a moderna passagem de vidro do lado oposto da praça e entrou. À sua direita situava-se a entrada para uma pequena livraria especializada em livros relacionados com a

história judaica e os judeus de Veneza. Era quente e brilhantemente iluminada, com janelas do chão ao tecto sobranceiras ao canal que rodeava o gueto. Atrás do balcão, sentada em cima de um tamborete de madeira num cone de luz de halogêneo, encontrava-se uma moça com cabelo loiro e curto. Ela sorriu-lhe quando ele entrou e saudou-o pelo seu nome de trabalho.

— Ela saiu há cerca de uma hora.

— A sério? Onde é que ela está?

A moça encolheu eloquentemente os ombros.

— Não disse.

Gabriel olhou para o relógio. Quatro e um quarto. Decidiu dedicar algumas horas ao Bellini antes de jantar.

— Se a vires, diz-lhe que estou na igreja.

— Não há problema. Ciao, Mario.

Dirigiu-se à ponte Rialto. A uma rua de distância do canal, virou à esquerda e encaminhou-se para uma pequena igreja de terracota. Deteve-se. De pé à entrada da igreja, abrigado sob o alpendre, estava um homem que Gabriel reconheceu, um oficial de segurança do Escritório chamado Rami. A sua presença em Veneza só podia significar uma coisa. Este apercebeu-se do olhar de Gabriel e olhou para a entrada da porta. Gabriel passou por ele e entrou. A igreja estava nas fases finais da restauração. Os bancos tinham sido retirados da nave em cruz grega e temporariamente encostados à parede ocidental. A limpeza do altar-mor de Sebastiano del Piombo estava concluída. O Bellini pendia da Capela de São Jerônimo, do lado direito da igreja. Devia estar oculto por trás do andaime tapado por um encerado, mas o andaime tinha sido afastado para um lado e a pintura resplandecia sob o brilho das luzes fluorescentes. Chiara virou-se para observar a aproximação de Gabriel. O olhar encoberto de Shamron permaneceu fixo na pintura.

— Sabes uma coisa, Gabriel, até eu tenho de admitir que é belo. O tom do velho era resmungão. Shamron, um israelense

primitivo, não sabia que utilidade tinha a arte ou o divertimento de qualquer espécie. Apenas conseguia ver beleza numa operação perfeitamente concebida ou na destruição de um inimigo. Mas Gabriel reparou noutra coisa — o fato de Shamron ter acabado de falar com ele em hebraico e ter cometido o pecado imperdoável de proferir o seu verdadeiro nome num local sem segurança.

— Belo — repetiu ele, depois virou-se para Gabriel e sorriu tristemente. — É uma pena que não o possas acabar.

CAPÍTULO 4

ENEZA

Shamron sentou o corpo exausto num banco da igreja e, com uma mão manchada pelo fígado, fez sinal a Gabriel para ajustar o ângulo das luzes fluorescentes. De uma pasta metálica retirou um envelope de papel pardo, e do envelope três fotografias. Colocou a primeira sem proferir palavra na mão estendida de Gabriel. Gabriel olhou para baixo e viu-se a caminhar pelo Campo di Ghetto Nuovo com Chiara a seu lado. Examinou a imagem calmamente, como se fosse um quadro a precisar de restauro, e tentou determinar quando é que tinha sido tirada. O vestuário, o contraste da luz da tarde e das folhas secas nas pedras da praça sugeriam o final de Outono. Shamron ergueu a segunda fotografia — Gabriel e Chiara de novo, desta vez num restaurante não muito distante da casa deles em Cannaregio. A terceira fotografia, Gabriel a sair da igreja de San Giovanni Cristostomo, fez com que a sua espinha gelasse. Quantas vezes?, perguntou-se ele. Quantas vezes teria estado um assassino à espera no campo quando ele saíra à noite do trabalho?

— Não podia durar para sempre — disse Shamron. — Eventualmente acabariam por te encontrar aqui. Fizeste demasiados inimigos ao longo dos anos. Ambos os fizemos.

Gabriel devolveu as fotografias a Shamron. Chiara sentou-se junto dele. Naquele ambiente, com aquela luz, ela fez Gabriel pensar na *Madonna Alba*, de Rafael. O seu cabelo, escuro e encaracolado, brilhando com reflexos castanhos e avermelhados, parecia apertar-se junto ao pescoço, espalhando-se depois desordeiramente sobre os ombros. A pele era morena e luminosa. Os olhos castanhos escuros com pontos dourados brilhavam à luz das lâmpadas e tendiam a mudar de cor conforme o humor. Gabriel, no olhar escuro de Chiara, podia perceber que estava prestes a receber mais más notícias.

Shamron enfiou de novo a mão dentro da pasta.

— Isto é um dossiê no qual é resumida sua carreira. Receio que esteja desconfortavelmente exato. — Deteve-se. — Ver toda a vida de uma pessoa reduzida a uma sucessão de mortes pode ser difícil. Tens a certeza de que queres ler isto?

Gabriel estendeu a mão. Shamron não se tinha incomodado a mandar traduzir o dossiê de árabe para hebraico. O vale de Jezreel continha muitas aldeias e vilas árabes. O árabe de Gabriel, embora não fluente, era suficientemente bom para ler a narração das suas próprias explorações profissionais.

Shamron estava certo — de algum modo os seus inimigos tinham conseguido montar um registro completo e exato da sua carreira. O dossiê referia-se a Gabriel pelo seu verdadeiro nome. A data do seu recrutamento estava correta, bem como o motivo por que fora recrutado, embora o tivessem creditado com a morte de oito membros do Setembro Negro quando, na verdade, tinha morto apenas seis. Diversas páginas diziam respeito ao assassinato de Gabriel de Khalil el-Wazir, o segundo em comando da OLP, normalmente conhecido pelo seu nome de guerra, Abu Jihad. Gabriel tinha-o morto no interior da sua villa junto ao mar, em

Túnis, em 1988. A descrição da operação tinha sido fornecida pela mulher de Abu Jihad, Umm Jihad, que tinha estado presente naquela noite. A entrada referente a Viena era concisa e digna de atenção pelo seu único erro fatual: Mulher e filho mortos por atentado a bomba a veículo, Viena, janeiro, 1991. Vingança ordenada por Abu Amar. Abu Amar não era outro se não Yasser Arafat. Gabriel tinha sempre suspeitado do envolvimento pessoal de Arafat. Até agora nunca tinha visto provas que o confirmassem.

Levantou as folhas do dossiê.

— Onde é que arranjaste isto?

— Milão — disse Shamron. Em seguida contou a Gabriel os pormenores respeitantes ao assalto à pensione e ao CD que tinham encontrado no saco de um suspeito. — Quando os italianos não foram capazes de decodificar o código de segurança, viraram-se para nós. Suponho que nos devamos considerar afortunados. Se eles tivessem sido capazes de decodificar o CD, teriam sido capazes de solucionar um assassinato romano com 30 anos numa questão de minutos.

Contido no dossiê estava a referência ao assassinato de um operacional do Setembro Negro chamado Wadal Abdel Zwaiter num apartamento em Roma, em 1972. Fora esse assassinato, o primeiro de Gabriel, que fizera com que as suas ténporas ficassem grisalhas de um dia para o outro. Devolveu o dossiê a Shamron. — O que sabemos a respeito dos homens que se esconderam nessa pensione? — Com base nas impressões digitais descobertas no material e no quarto, bem como nas fotografias dos passaportes falsos, conseguimos identificar um deles. O seu nome é Daoud Hadawi, um palestino, nascido no campo de refugiados de Jenin. Foi um dos cabeças da primeira Intifada, e entrou e saiu com frequência da prisão. Juntou-se à Fatah, e quando Arafat foi para Gaza depois de Oslo, Hadawi foi trabalhar para o Al-Amn Al-Ra'isah, o Serviço de Segurança Presidencial. Deve conhecer essa organização pelo seu

nome anterior, o nome usado antes de Oslo: Força 17, a guarda pretoriana de Arafat. Os assassinos favoritos de Arafat.

— Que mais sabemos sobre Hadawi?

Shamron enfiou a mão dentro do bolso do casaco à procura dos cigarros. Gabriel deteve-o e explicou-lhe que o fumo era prejudicial para os quadros. Shamron suspirou e continuou com a sua explicação.

— Estamos convencidos de que ele esteve envolvido em operações de terrorismo durante a segunda Intifada. Colocámo-lo numa lista de suspeitos procurados, mas a Autoridade palestina recusou-se a entregá-lo. Presumimos que ele se estava a esconder dentro da Mukata com Arafat e o resto dos oficiais superiores.

— A Mukata era o nome do complexo murado e militarizado de Arafat. — Mas quando irrompemos pela Mukata durante a Operação Escudo de Defesa, Hadawi não se encontrava entre os homens aí escondidos.

— Onde é que ele estava?

Shabak e Aman presumiram que ele tinha fugido para a Jordânia ou para o Líbano. Entregaram o arquivo do caso ao Escritório. Infelizmente, localizar Hadawi não era um assunto de topo na lista de prioridades de Lev. Vemos agora que foi um erro que nos saiu caro. — Hadawi ainda é membro da Força 17?

— Não temos a certeza.

— Ainda tem ligações com Arafat?

— Ainda não sabemos.

— Shabak acha que Hadawi foi capaz de engendrar algo assim?

— Nem por isso. Ele foi considerado um soldado raso, não um cérebro. Roma foi planejada e executada por alguém com um certo nível. Alguém muito inteligente.

Alguém capaz de engendrar um ato chocante de terrorismo na cena mundial. Alguém com experiência neste tipo de coisa.

— Como quem?

— É isso que queremos que descubra.

— Eu?

— Queremos que encontre os animais que executaram este massacre, e queremos que abata a todos. Será exatamente como em 72, exceto que desta vez será você a comandar e não eu.

Gabriel sacudiu lentamente a cabeça.

— Eu não sou investigador. Eu fui executor. Além disso, esta já não é minha guerra. E a guerra de Shabak. É a guerra de Sayaret.

— Eles regressaram à Europa — disse Shamron. — A Europa é território do Escritório. Esta é sua guerra.

— Porque é que não lideras a equipe?

— Sou um mero conselheiro sem qualquer autoridade operacional.

— O tom de Shamron estava pesado de ironia. Ele gostava de representar o papel de funcionário civil reformado que tinha sido colocado à margem antes do seu tempo, mesmo que a realidade fosse muito diferente. — Além disso, Lev nem sequer quer ouvir falar nisso.

— E ele deixa-me liderar a equipe?

— Não tem qualquer escolha. O primeiro-ministro já falou acerca disto. Claro que eu lhe estava a sussurrar ao ouvido na altura. Shamron interrompeu-se. — No entanto, Lev fez uma exigência, e receio que eu não estava em posição de o desafiar.

— E qual é?

— Ele insiste que tu regressees à folha de pagamentos e aos teus deveres a tempo inteiro.

Gabriel tinha deixado o Escritório depois do atentado a bomba em Viena. As suas missões nos anos intermédios tinham sido essencialmente casos freelance orquestrados por Shamron.

— Ele quer-me sob a disciplina do Escritório, de modo a poder manter-me sob o seu controle — disse Gabriel.

— Os seus motivos são bastante óbvios. Para um homem do serviço secreto, Lev faz um trabalho terrível a cobrir o seu próprio rasto. Mas não o consideres como algo de pessoal. É a mim que Lev despreza. Tu, receio, és culpado por associação.

Um clamor súbito ergueu-se da rua, crianças a correr e a gritar. Shamron permaneceu em silêncio até o ruído se ter dissipado. Quando voltou a falar, a sua voz tinha um novo tom de gravidade.

— Aquele CD não continha apenas o teu dossiê — disse. Também encontramos fotografias de vigilância e análises detalhadas da segurança de diversos alvos potenciais e futuros na Europa.

— Que tipo de alvos?

— Embaixadas, consulados, escritórios da El Al, as principais sinagogas, centros de comunidades judaicas, escolas. — A última palavra de Shamron ecoou na igreja durante um momento antes de se desvanecer. — Eles vão voltar a abater-se sobre nós, Gabriel. Podes ajudar-nos a travá-los. Tu conhecê-los tão bem quanto qualquer pessoa no Boulevard King Saul. — Desviou o olhar para o altar. — Tu conhecê-los como as pinceladas do teu Bellini.

Shamron olhou para Gabriel.

— Os teus dias em Veneza terminaram. Está um avião à espera do outro lado da lagoa. Vais apanhá-lo, quer queiras quer não. O que fazes depois disso é assunto teu. Podes ficar sentado num apartamento de segurança, a pensar no estado da tua vida, ou pode ajudar-nos a encontrar aqueles assassinos antes que eles voltem a atacar.

Gabriel nada podia dizer. Shamron estava certo: ele não tinha qualquer escolha além de se ir embora. Apesar disso, havia algo no tom satisfeito da voz de Shamron que Gabriel achava irritante. Durante anos Shamron tinha-lhe suplicado que esquecesse a Europa e regressasse a Israel, de preferência para assumir o controle do Escritório ou, pelo menos, das Operações. Gabriel não o podia evitar

mas sentia que Shamron, no seu modo maquiavélico, estava a tirar um certo prazer de toda a situação.

Levantou-se e dirigiu-se ao altar-mor. Tentar terminá-lo apressadamente estava fora de questão. A figura de São Cristóvão, com o Cristo Menino sobre os ombros, ainda necessitava de retoques substanciais.

Depois toda a peça requeria numa nova camada de verniz. No mínimo quatro semanas, provavelmente seis. Supôs que Tiepolo teria de entregar o trabalho a outra pessoa para o terminar, um pensamento que fez com que o estômago de Gabriel se revolvesse. Mas havia outra coisa: Israel não estava propriamente inundada com quadros de Antigos Mestres italianos. Possivelmente nunca mais voltaria a tocar num Bellini.

— O meu trabalho é aqui — disse Gabriel, embora a sua voz soasse resignada. — Não, o teu trabalho era aqui. Tu vais para casa — Shamron hesitou — , para Boulevard King Saul. Para Eretz Yisrael.

— Leah também — disse Gabriel. — Vai demorar algum tempo a preparar as coisas. Até essa altura, quero um homem no hospital. Não me interessa que o dossiê diga que ela está morta.

— Já enviei um agente da Segurança da delegação de Londres. Gabriel olhou para Chiara.

— Ela também vai — disse Shamron, lendo-lhe os pensamentos.

— Deixaremos uma equipe da Segurança em Veneza durante tanto tempo quanto o que for necessário para assegurar a segurança da família dela bem como da comunidade.

— Vou ter de dizer a Tiepolo que me vou embora.

— Quanto menos pessoas souberem melhor.

— Não me interessa — disse Gabriel. — Devo-lhe isso.

— Faz o que tiveres de fazer. Mas fá-lo depressa.

— E quanto à casa? Há coisas...

— A Extração tratará de suas coisas. Quando tiverem acabado, não existirá aqui qualquer vestígio da sua presença. — Shamron, apesar da admoestação de Gabriel, acendeu um cigarro. Manteve o fósforo levantado durante um momento, e depois soprou-o cerimoniosamente. — Será como se nunca tivesses existido.

Shamron deu-lhe uma hora. Gabriel, com a Beretta de Chiara no bolso, saiu pela porta dos fundos da igreja e dirigiu-se ao Castello. Tinha vivido ali durante a sua aprendizagem e conhecia bem as labirínticas ruas da sestiere. Avançou por uma zona onde os turistas nunca iam e muitas das casas estavam desabitadas. O seu percurso, deliberadamente tortuoso, levou-o através de diversos sottoportegi subterrâneos, onde era impossível que alguém se escondesse. Uma vez enfiou-se de propósito num pátio fechado, do qual só havia uma entrada. Passados 20 minutos, teve a certeza de que não era seguido.

O escritório de Francesco Tiepolo situava-se em San Marco, na Viale 22 Marzo. Gabriel encontrou-o sentado atrás de um enorme móvel de carvalho que ele usava como mesa, o corpo volumoso dobrado sobre uma pilha de papéis. Se não fosse pelo laptop e a iluminação elétrica, bem podia ser uma figura da Renascença. Levantou o olhar para Gabriel e sorriu através da barba preta e embaraçada. Nas ruas de Veneza, os turistas confundiam-no com frequência com Luciano Pavarotti. Ultimamente tinha decidido pousar para fotografias e cantar muito mal algumas notas de "Non ti scordar di me".

Fora outrora um grande restaurador; agora era um homem de negócios. Na verdade, a empresa de Tiepolo era a de maior sucesso de todo o Veneto. Ele passava a maior parte dos dias preparando orçamentos para diversos projetos ou trancado em batalhas políticas com os funcionários venezianos responsáveis pela manutenção dos tesouros artísticos e arquitetônicos da cidade. Uma vez por dia, aparecia na Igreja de San Crisóstomo para incitar seu

restaurador, o recalcitrante e recluso Mario Delvecchio, a trabalhar mais depressa. Tiepolo era a única pessoa no mundo da arte, além de Julian Isherwood, que conhecia a verdade sobre o talentoso Signore Delvecchio. Tiepolo sugeriu que fossem beber um copo de prosecco, e então, diante da relutância de Gabriel em deixar o trabalho, foi buscar uma garrafa de ripasso na sala ao lado. Gabriel esquadrinhou as fotografias emolduradas dispostas na parede atrás da mesa veneziana. Havia uma nova fotografia de Tiepolo com o seu bom amigo, Sua Santidade, o Papa Paulo VII. Pietro Lucchesi tinha sido o Patriarca de Veneza antes de se mudar, relutantemente, para o Vaticano para se tornar o líder mundial de bilhões de católicos romanos. A fotografia mostrava Tiepolo e o papa sentados na sala de jantar do magnificamente restaurado palazzo de Tiepolo no Grande Canal. O que não mostrava é que, nesse momento, Gabriel estava sentado à esquerda do papa. Dois anos antes, com uma pequena ajuda de Tiepolo, tinha salvado a vida do papa e destruído uma grande ameaça a seu papado. Esperava que Chiara e a equipe de Extração tivessem encontrado o cartão de Hanuka que o Papa lhe tinha enviado em dezembro.

Tiepolo serviu dois copos de um ripasso vermelho-sangue e empurrou um através da mesa na direção de Gabriel. Metade do seu vinho desapareceu numa única golada. Apenas no seu trabalho é que Tiepolo era metuculoso. Em todas as outras coisas — Comida, bebida, as suas muitas mulheres — , Francesco Tiepolo era dado a extravagâncias e excessos. Gabriel debruçou-se para a frente e em voz baixa contou as notícias a Tiepolo — que os seus inimigos o tinham encontrado em Veneza, que não tinha qualquer opção além de deixar imediatamente a cidade, antes de poder terminar o Bellini. Tiepolo sorriu tristemente e fechou os olhos.

- Não há outra maneira? Gabriel sacudiu a cabeça.
- Eles sabem onde vivo. Sabem onde trabalho.
- E Chiara?

Gabriel respondeu honestamente à pergunta. Tiepolo, em italiano, era um *uomo di fiducia*, um homem de confiança.

— Lamento o Bellini — disse Gabriel. — Devia tê-lo terminado há meses. — E tê-lo-ia feito, se não fosse o caso Radek.

— Para o Inferno com o Bellini! É contigo que estou preocupado. — Tiepolo olhou para o vinho. — Vou sentir a falta de Mario Delvecchio, mas ainda vou sentir mais a falta de Gabriel Allon.

Gabriel ergueu o copo na direção de Tiepolo.

— Sei que não estou em posição de te pedir um favor... — A sua voz quebrou-se. Tiepolo olhou para a fotografia do Santo Padre e disse,

— Tu salvaste a vida do meu amigo. O que queres?

— Que acabe o Bellini por mim.

— Eu?

— Nós tivemos o mesmo professor, Francesco. Umberto Conti ensinou bem.

— Sim, mas sabe há quanto tempo não restauro um quadro?

— Vai correr tudo bem. Confie em mim.

— Isso é um verdadeiro voto de confiança, vindo de um homem como Mario Delvecchio.

— Mario morreu, Francesco. Mario nunca existiu.

Gabriel regressou a Cannaregio através da escuridão que se adensava. Dirigiu-se por um atalho de modo a poder caminhar, pela última vez, através do antigo gueto.

Na praça, observou possessivamente dois rapazes, vestidos de preto com barbas onduladas e não aparadas, que se apressavam através das pedras do pavimento em direção à yesbiva*. Olhou para o relógio. Tinha-se passado uma hora desde que tinha deixado Shamron e Chiara na igreja. Virou-se e começou a avançar em direção à casa que em breve não teria qualquer vestígio da sua existência, e ao avião que o levaria de regresso a casa. Enquanto

caminhava, duas questões passavam-lhe incessantemente pela cabeça. Quem o tinha encontrado em Veneza? E porque o estavam a deixar partir vivo?

*Escola onde se estuda a Tora.

CAPÍTULO 5

TEL AVIV: 10 DE MARÇO

Gabriel chegou à Avenida do Rei Saul às oito horas da manhã seguinte. Dois funcionários do pessoal aguardavam-no. Usavam camisas de algodão a condizer e sorrisos iguais — os sorrisos rígidos e sem humor de homens a quem se dá o poder de fazer perguntas embaraçosas. Aos olhos do pessoal, o regresso de Gabriel à disciplina do Escritório deveria ter acontecido há muito. Ele era como um bom vinho, que devia ser lentamente saboreado acompanhado por muitas observações. Gabriel colocou-se nas mãos deles com o ar melancólico de um fugitivo que se rende, após um longo período em fuga, e seguiu-os até o alto das escadas.

Havia declarações para assinar, votos a jurar, e perguntas sem resposta acerca do estado da sua conta bancária. Foi fotografado e emitiram-lhe um cartão identificativo, que lhe pendia do pescoço como se fosse um albatroz. Foram-lhe tiradas novas impressões digitais porque ninguém parecia encontrar as originais de 1972. Foi examinado por um médico que, ao ver as cicatrizes que lhe cobriam todo o corpo, pareceu surpreso por lhe encontrar pulsação e pressão arterial. Até aguentou uma sessão entediante com um psicólogo do Escritório, que rabiscou algumas notas no arquivo de Gabriel, e saiu apressadamente da sala. O departamento de Veículos Automóveis concedeu-lhe a utilização temporária de um Skoda; o departamento de Alojamento destinou-lhe uma cela sem janelas na cave e alojamento até ele encontrar um local onde viver. Gabriel, que desejava manter um amortecedor entre ele e Boulevard King Saul, escolheu um apartamento de segurança desabitado na Rua Narkiss,

em Jerusalém, não muito distante do antigo campus da Bezalel Academy of Art. Ao entardecer, foi convocado à suite executiva para o ritual final do seu regresso. A luz por cima da porta de Lev estava verde. A secretária deste, uma atraente moça com pernas bronzeadas e cabelo cor de canela, premiu um botão invisível, e a porta abriu silenciosamente como a entrada do cofre de um banco.

Gabriel entrou e deteve-se antes de continuar a avançar. Sentiu-se peculiarmente deslocado, como um homem que regressa ao seu quarto de infância apenas para descobrir que aquele se transformou no escritório do pai. O Escritório tinha pertencido anteriormente a Shamron. A secretária de madeira riscada e os arquivos metálicos tinham desaparecido, bem como o rádio alemão de ondas curtas no qual ele monitorizava as vozes belicosas dos seus inimigos. Agora a decoração era moderna e de um cinza monocromático. O antigo chão de linóleo tinha sido arrancado e coberto por um tapete de pelúcia.

Estrategicamente colocadas à volta da sala encontravam-se diversas carpetes orientais de aparência cara. Uma lâmpada de halogéneo embutida no tecto incidia sobre uma área com sofás de couro negro e mobiliário contemporâneo que fez Gabriel lembrar-se da sala de espera de primeira classe num aeroporto. A parede mais próxima desta área tinha sido transformada num expositor com um gigantesca tela de plasma, do qual a imprensa mundial tremeluzia silenciosamente em alta definição. O controle remoto, pousado sobre uma mesa de centro de vidro, tinha o tamanho de um livro de orações e parecia precisar de um doutorado em engenharia para o pôr a funcionar.

Enquanto Shamron tinha colocado a secretária em frente da porta como se fosse uma barreira, Lev tinha escolhido mudar-se para junto das janelas. As venezianas de um cinza-pálido estavam corridas, mas colocadas num ângulo que era possível perceber a linha do horizonte denteado da Baixa de Tel Aviv e um grande sol

laranja afundando lentamente no Mediterrâneo. A secretária de Lev, uma enorme extensão de vidro fumado, estava vazia excepto pelo computador e por dois telefones. Lev estava sentado atrás do monitor, com as mãos cruzadas como uma louva-a-deus sob o queixo pontiagudo. A sua cabeça calva brilhava suavemente numa luz fraca. Gabriel reparou que os óculos de Lev não lançavam qualquer reflexo. Ele usava lentes especiais de modo que os seus inimigos — querendo com isto dizer, qualquer pessoa dentro do Escritório que se opusesse a ele — não pudessem ver aquilo que ele estava a ler.

— Gabriel — disse, como se surpreso pela sua presença. Saiu detrás da secretária e apertou cuidadosamente a mão de Gabriel, e depois com um dedo ossudo premido contra a espinha de Gabriel como uma pistola, levou-o através da sala até a zona onde se encontravam os sofás. Enquanto se sentava numa das cadeira, uma das imagens na tela de parede captou-lhe a atenção, embora Gabriel não pudesse dizer qual. Lev suspirou pesadamente, depois virou devagar a cabeça e observou Gabriel com um olhar predatório.

A sombra da sua última reunião caiu entre eles. Tinha decorrido não naquela sala mas em Jerusalém, no Escritório do primeiro-ministro. Só havia um assunto em agenda: se o Escritório deveria capturar Erich Radek e trazê-lo de volta para Israel para enfrentar a justiça. Lev tinha-se oposto firmemente à ideia, apesar de o fato de Radek quase ter morto a mãe de Gabriel durante a marcha da morte de Auschwitz, em Janeiro de 1945. O primeiro-ministro tinha rejeitado a opinião de Lev e ordenara que Gabriel fosse o responsável pela operação para capturar Radek e o tirar da Áustria. Radek vivia agora numa instalação da Polícia em Jafa, e Lev tinha passado grande parte dos dois últimos meses a tentar desfazer os danos causados pela sua oposição inicial à captura de Radek. A posição de Lev entre as tropas Boulevard King Saul tinha caído a

níveis perigosamente baixos. Em Jerusalém, alguns começavam a perguntar-se se o tempo de Lev tinha chegado e terminado.

— Tomei a liberdade de reunir a tua equipe — disse Lev. Premiu o botão do intercomunicador do telefone e chamou a secretária. Esta entrou na sala com um arquivo debaixo do braço. As reuniões de Lev eram sempre bem coreografadas.

Não havia nada de que ele gostasse mais do que andar de um lado para o outro em frente de um gráfico complicado, de ponteiro na mão, a decodificar os segredos deste para uma audiência mistificada.

Enquanto a secretária se dirigia para a porta, Lev olhou para Gabriel para ver se ele estava a vê-la a afastar-se. Depois, sem proferir palavra, entregou o arquivo a Gabriel e desviou mais uma vez o olhar para a tela de parede. Gabriel abriu a capa e encontrou diversas folhas de papel, cada uma contendo um resumo de um membro da equipe: nome, seção, área de especialidade. O Sol tinha desaparecido sob a linha do horizonte, e o Escritório tinha ficado subitamente muito escuro. Gabriel, para poder ler o arquivo, tinha de se debruçar ligeiramente para a esquerda e segurar as páginas diretamente sob a lâmpada de halogêneo do tecto. Passados alguns momentos, levantou os olhos para Lev.

— Esqueceste-te de acrescentar representantes de Hadassah e da Liga Desportiva Juvenil Maccabee.

A ironia de Gabriel embateu em Lev como uma pedra lançada contra um veloz trem de mercadorias.

— Aonde quer chegar, Gabriel?

— É gente demais. Tropeçaremos uns nos outros.

Ocorreu a Gabriel que talvez Lev quisesse exatamente aquilo. — Eu consigo investigar com metade destas pessoas.

Lev, com um aceno lânguido da mão, convidou Gabriel a reduzir o tamanho da equipe. Gabriel começou a tirar folhas e a colocá-las sobre a mesa de centro. Lev franziu o sobrolho. Os cortes

de Gabriel, embora aleatórios, tinham claramente retirado o informante de Lev.

— Estes chegam — disse Gabriel, estendendo o arquivo a Lev.

— Precisamos de um lugar onde nos reunir. O meu Escritório é demasiado pequeno. — O Alojamento destinou-te a Sala 456C.

Gabriel conhecia-a bem. Três pisos abaixo do chão, a 456C não era mais do que um aterro para mobiliário velho e computadores obsoletos, com frequência usada por membros do pessoal do turno da noite como um lugar para encontros românticos.

— Excelente — disse Gabriel.

Lev cruzou uma perna longa sobre a outra e sacudi uma linha invisível da calça.

— Nunca trabalhaste anteriormente no quartel-general, pois não, Gabriel?

— Sabes exatamente onde trabalhei.

— Motivo pelo qual acho que te devo dar um conselho útil. O progresso da tua investigação, presumindo que fazes algum, não deve ser partilhado com ninguém fora deste serviço. Reportarás a mim e apenas a mim. Está claro?

— Presumo que te estejas a referir ao velho.

— Sabes perfeitamente bem a quem me estou a referir. 57

— Shamron e eu somos amigos pessoais. Não vou acabar a minha relação com ele apenas para te deixar descansado.

— Mas evitarás discutir o caso com ele. Fui claro?

Lev não tinha nem lama nas botas nem sangue nas mãos, mas era um mestre na arte da manipulação.

— Sim, Lev — disse Gabriel. — Sei exatamente qual a tua posição. Lev levantou-se para indicar que a reunião estava terminada, mas

Gabriel permaneceu sentado.

— Há outra coisa de que precisava de falar contigo.

— O meu tempo é limitado — disse Lev, olhando para baixo.

— Não demora um minuto. É acerca de Chiara.

Lev, em vez de passar pela humilhação de se voltar a sentar, aproximou-se da janela e olhou para as luzes de Tel Aviv.

— O que ela tem?

— Não quero que volte a ser utilizada até determinarmos, quem mais viu o conteúdo daquele CD?

Lev voltou-se lentamente, como se fosse uma estátua num pedestal. Com a luz batendo-lhe nas costas, assemelhava-se a uma massa escura contra as linhas horizontais das venezianas.

— Fico satisfeito por te sentires suficientemente à-vontade para entrares neste Escritório e fazeres exigências — disse ele em tom agreste — , mas o futuro de Chiara será determinado pelas Operações e, derradeiramente, por mim.

— Ela é apenas uma *bat leveyha*. Está dizendo que não consegue encontrar outras moças para oficiais de escolta?

— Ela tem um passaporte italiano, e é muitíssimo boa no que faz. Sabes isso melhor do que ninguém.

— Também está queimada, Lev. Se a puseres em campo com um agente, vais pôr o agente em risco. Eu não trabalharia com ela.

— Felizmente, a maior parte dos nossos agentes de campo não é tão arrogante como tu.

— Nunca conheci um bom agente de campo que não fosse arrogante, Lev. O silêncio caiu entre eles. Lev dirigiu-se à secretária e premiu um botão do telefone. A porta abriu automaticamente, e o Escritório iluminou-se 1. Nome dado às espias femininas da Mossad. 58 com uma cunha de luz brilhante vinda da área de recepção de Lev. — Sei por experiência própria que os agentes de campo não aceitam bem a disciplina do quartel-general. No campo, eles são a lei, mas aqui a lei sou eu.

— Vou tentar lembrar-me disso, xerife.

— Não lixes isto — disse Lev enquanto Gabriel se encaminhava para a porta aberta. — Se o fizeres, nem sequer Shamron será capaz de te proteger. Reuniram-se às nove da manhã do dia seguinte. O Alojamento tinha feito uma tentativa meio encorajadora de colocar a sala em ordem. Uma mesa de conferências lascada encontrava-se no centro, rodeada por diversas cadeiras desemparelhadas. O excesso de destroços tinha sido empilhado contra a parede mais afastada. Gabriel, ao entrar, recordou-se dos bancos encostados à parede da igreja de San Giovanni Crisóstomo. Tudo a respeito do cenário sugeria transitoriedade, incluindo a enganadora folha de papel afixada na porta com fita adesiva, que dizia: COMITÉ TEMPORÁRIO PARA o ESTUDO DE AMEAÇAS TERRORISTAS NA EUROPA OCIDENTAL. Gabriel abarcou a confusão. Shamron sempre tinha dito que da adversidade nasce a coesão.

A sua equipe contava quatro elementos no total, dois homens e duas mulheres, todos admiradores seus, ansiosos e insuportavelmente jovens. Da Pesquisa tinha vindo Yossi, um analista do serviço secreto pedante mas brilhante, que tinha lido Greats em Oxford; de História, uma moça de olhos escuros chamada Dina que conseguia dizer de cor a hora, o lugar, e o número de mortes de cada ato de terrorismo alguma vez cometido contra o Estado de Israel. Ao andar, coxeava ligeiramente e era tratada com um carinho incondicional pelos outros. Gabriel descobriu a razão disso no arquivo pessoal dela. Dina encontrava-se na Rua Dizengoff, em Tel Aviv, no dia de outubro de 1994 em que um homem-bomba do Hamas transformou o ônibus nº5 num caixão para 21 pessoas. A sua mãe e duas das suas irmãs tinham sido mortas naquele dia. Dina tinha ficado gravemente ferida.

Os outros dois membros da equipe vinham do exterior do Escritório. O Departamento dos Negócios Estrangeiros Árabe de Shabak emprestou a Gabriel um rufião de rosto marcado pelas

bexigas chamado Yaakov, que tinha passado a maior parte da última década a tentar penetrar o aparelho terrorista da Autoridade palestina. Os Serviços Secretos Militares cederam-lhe um capitão chamado Rimona, que era sobrinha de Shamron. A última vez que Gabriel tinha visto

Rimona, esta lançava-se temerariamente pelo caminho íngreme de acesso à casa de Shamron numa trotineta. Atualmente, Rimona podia ser encontrada num hangar de segurança para aviões a norte de Tel Aviv, debruçando-se sobre os papéis apanhados no complexo de Yasser Arafat em Ramallah.

Instintivamente, Gabriel abordou o caso como se fosse um quadro. Recordou-se do restauro que tinha executado não muito tempo depois da sua aprendizagem, uma crucificação por um veneziano do início do Renascimento chamado Cima. Depois de retirar o verniz amarelecido, Gabriel tinha descoberto que virtualmente não restava nada do original. Passara os três meses seguintes a juntar retalhos da vida e obra do pintor obscuro. Quando começou por fim a restaurá-lo, era como se Cima estivesse junto ao seu ombro, guiando-lhe a mão.

O artista, naquele caso, era um membro da equipe terrorista que tinha sido positivamente identificado: Daoud Hadawi. Hadawi era a abertura deles para a operação, e lentamente durante os dias que se seguiram, a sua breve vida começou a tomar forma nas paredes do covil de Gabriel. Estendia-se de um campo de refugiados decrépito em Jenin, passando pelas pedras e pneus queimados da primeira Intifada, e terminava nas fileiras da Força 17. Nenhum recanto da vida de Hadawi permaneceu por explorar: a sua educação e fervor religioso, a sua família e tribo, as suas associações e as suas influências.

Localizaram e vigiaram o pessoal da Força 17 conhecido. Aqueles que se pensava terem a perícia ou educação necessária para construir uma bomba que deitasse abaixo a embaixada de Roma

foram separados dos outros para se lhes dedicar uma atenção especial. Informantes árabes foram chamados e interrogados desde Ramallah até a cidade de Gaza, de Roma a Londres. As intercepções das comunicações estendendo-se a um período de dois anos foram filtradas através de computadores, e esquadrinhadas em busca de qualquer referência a uma operação em larga escala na Europa. Relatórios antigos de vigilância e observação foram reexaminados, antigas listas de passageiros de companhias de aviação novamente reavaliadas. Rimona regressava todas as manhãs ao seu hangar para procurar vestígios de Roma nos arquivos capturados do serviço secreto de Arafat.

Gradualmente, a Sala 456C começou a assemelhar-se à sala de comando do bunker de um exército cercado. Havia tantas fotografias pregadas às paredes que parecia que a sua busca estava a ser monitorizada por uma turba árabe. As moças dos departamentos de dados resolveram começar a deixar as suas entregas no corredor. Gabriel requisitou a sala adjacente, bem como camas de campanha e lençóis. Também requisitou um cavalete e um quadro de ardósia. Yossi referiu desdenhoso que ninguém via um quadro de ardósia no interior Boulevard King Saul há pelo menos 20 anos, e pela sua impertinência foi-lhe ordenado que encontrasse um. Aquele chegou na manhã seguinte.

— Tive de me servir de muitos favores — disse Yossi. — As tábuas de pedra e os escopos chegam na próxima semana.

Gabriel começava cada dia por colocar uma série de questões: quem construiu a bomba? Quem tinha concebido e planejado o atentado? Quem dirigia as equipas? Quem assegurava as casas de segurança e o transporte? Quem tratava do dinheiro?

Quem era o cérebro? Havia um patrocinador estatal em Damasco, Teerã ou Trípoli?

Passada uma semana das investigações, nenhuma das questões tinha ainda resposta. A frustração começou a instalar-se.

Gabriel incitou-os a mudar de abordagem.

— Por vezes, estes puzzles são resolvidos ao encontrar-se a peça que falta. — Limpou o quadro de ardósia. — Comecem a procurar a peça que falta.

Jantavam juntos todas as noites como uma família. Gabriel encorajou-os a porem o caso de lado para falarem de qualquer outra coisa. Tornou-se naturalmente o foco da curiosidade deles, pois na Academia tinham estudado as suas operações e até tinham lido a respeito delas nalguns dos livros de história na escola. A princípio, Gabriel mostrou-se reticente, mas eles fizeram-no sair da sua concha, e ele representou o papel que Shamron, em incontáveis ocasiões, tinha representado perante 61 ele. Falou-lhes acerca do Setembro Negro e de Abujihad; a sua entrada no coração do Vaticano e a captura de Erich Radek. Rimona fê-lo explicar o que é que o papel de restaurador tinha representado no seu disfarce e na manutenção da sua sanidade. Yossi começou a fazer perguntas sobre o atentado a bomba em Viena, mas Dina, especialista em terrorismo e contraterrorismo, colocou-lhe uma mão no braço e mudou imediatamente de assunto. Por vezes, quando Gabriel estava falando, via Dina olhando para ele como se fosse um herói monumental que tivesse renascido para a vida. Ele percebeu que, como Shamron antes dele, tinha atravessado a linha entre a mortalidade e o mito.

Radek era aquele que os intrigava mais. Gabriel compreendia muito bem o motivo. Eles viviam num país onde não era seguro comer num restaurante ou andar de ônibus, mas era o Holocausto que ocupava um lugar especial nos seus pesadelos.

É verdade que o fez ir a pé até Treblinka? Tocou-o? Como conseguiu suportar a voz dele naquele lugar? Alguma vez ficou tentado a resolver as coisas com suas próprias mãos? Yaakov queria saber apenas uma coisa: "Ele lamentava ter assassinado nossas avós?" E Gabriel, embora fosse tentado a mentir, disse a verdade. —

Não, ele não lamentou nada. De fato, tive a nítida sensação de que ainda se sentia orgulhoso disso.

Yaakov assentiu sombriamente, como se aquele fato parecesse confirmar a sua visão bastante pessimista da humanidade.

No Shabbat, Dina acendeu duas velas e recitou a bênção. Naquela noite, em vez de deambularem pelo passado negro de Gabriel, falaram dos seus sonhos. Yaakov apenas se queria sentar num café de Tel Aviv sem medo do shaheed. Yossi queria viajar pelo mundo árabe, de Marrocos a Bagdade, e registrar as suas experiências. Rimona ansiava ligar o rádio de manhã e ficar a saber que ninguém tinha sido morto na noite anterior. E Dina? Gabriel suspeitava que os sonhos de Dina, como os seus, eram uma sala de projeções secreta iluminada a sangue e fogo.

Depois do jantar, Gabriel esgueirou-se da sala e deambulou pelo corredor.

Chegou a um lance de escadas, subiu-as, depois desorientou-se e um vigilante noturno indicou a direção certa. Na entrada havia um guarda. Gabriel tentou mostrar o seu novo cartão de identificação, mas o segurança limitou-se a sorrir e abriu a porta.

A sala estava fracamente iluminada e, devido aos computadores, insuportavelmente fria. Os oficiais de serviço vestiam camisetas de lã e moviam-se com a eficiência silenciosa do pessoal noturno numa unidade de cuidados intensivos. Gabriel subiu até a plataforma superior e encostou-se ao corrimão de alumínio. Estendendo-se à sua frente encontrava-se um mapa-múndi gerado por computador, com três metros de altura e nove de comprimento. Espalhados pelo globo viam-se pontinhos de luz, cada um apresentando a última localização conhecida de um terrorista na lista de vigilância de Israel. Havia aglomerados em Damasco e Bagdade, e até em locais supostamente amigáveis como Ama e o Cairo. Um rio de luz fluía de Beirute para o vale de Bekaa até os campos de refugiados ao longo da fronteira setentrional de Israel. A

Cisjordânia e a Faixa de Gaza estavam incandescentes. Uma fieira de luzes espalhava-se através da Europa como um colar de diamantes. As cidades da América do Norte brilhavam sedutoramente.

Gabriel sentiu nos ombros o peso súbito da depressão. Tinha dado a sua vida para proteger o Estado e o povo judeu, e no entanto ali, naquela sala gelada, foi confrontado com a realidade crua do sonho sionista: um homem de meia-idade, olhando para uma constelação de inimigos, esperando que o próximo explodisse.

Dina aguardava-a no corredor com os pés calçados com meias.

— Parece-me familiar, Gabriel.

— O quê?

— O modo como o executaram. O modo como se moveram. O planeamento. A audácia fria da coisa. Parece Munique e Sabena.

— Interrompeu-se e prendeu uma madeixa solta de cabelo escuro atrás da orelha. — Parece o Setembro Negro.

— Não existe um Setembro Negro, Dina... pelo menos, já não existe.

— Pediu para procurarmos a peça que faltava. Isso inclui Khaled?

— Khaled é um rumor. Khaled é uma história de fantasmas.

— Eu acredito em Khaled — replicou ela. — Khaled me mantém acordada à noite.

— Tem algum palpite?

— Uma teoria — disse ela — , e algumas provas interessantes para apoiá-la. Quer ouvir?

CAPÍTULO 6

TEL AVIV: 20 DE MARÇO

Voltaram a reunir-se às dez horas daquela noite. A disposição geral, recordar-se-ia Gabriel mais tarde, era a de um grupo de estudo de uma universidade, demasiado exausto para um empreendimento sério, mas demasiado ansioso para se separar dos restantes companheiros. Dina, de modo a dar credibilidade à sua teoria, encontrava-se atrás de uma pequena mesa. Yossi sentava-se de pernas cruzadas no chão, rodeado pelos preciosos arquivos da Pesquisa. Rimona, a única uniformizada, tinha pousado os pés calçados de sandálias nas costas da cadeira vazia de Yossi. Yaakov sentou-se ao lado de Gabriel, o corpo rígido como granito.

Dina apagou as luzes e colocou uma fotografia no projetor. Mostrava uma criança, um rapazito, com uma boina na cabeça e um kaffiyeh caindo-lhe pelos ombros. O rapaz estava sentado ao colo de um homem mais velho de olhar perturbado: Yasser Arafat.

— Esta é a última fotografia confirmada de Khaled al-Khalifa — disse Dina.

— O local é Beirute, o ano 1979. A ocasião é o funeral do pai dele, Sabri al-Khalifa. Passados dias do funeral, Khaled desapareceu. Nunca mais foi visto.

Yaakov remexeu-se na obscuridade.

— Pensei que fôssemos falar de casos reais — resmungou ele.

— Deixem-na acabar — disparou Rimona.

Yaakov apelou a Gabriel, mas o olhar deste estava fixo nos olhos acusadores da criança.

— Deixem-na acabar — murmurou ele.

Dina retirou a fotografia da criança e colocou outra no seu lugar. A preto e branco e ligeiramente desfocada, mostrava um homem montado a cavalo com bandoleiras a atravessarem-lhe o peito. Um par de olhos escuros desafiadores, mal visíveis através da pequena abertura do kaffiyeh, olhavam diretamente para a lente da máquina fotográfica.

— Para compreender Khaled — disse Dina — , tem de se conhecer a sua famosa linhagem. Este homem é Asad al-Khalifa, o avô de Khaled, e a história começa com ele.

Palestina governada pelos turcos: Outubro de 1910

Nasceu numa aldeia de Beit Sayeed, filho de um fellah desesperadamente pobre que tinha sido amaldiçoado com sete filhas. Chamou ao seu único filho, Asad: Leão. Mimado pela mãe e irmãs, adorado pelo pai débil e envelhecido, Asad al-Khalifa era uma criança preguiçosa que nunca aprendeu a ler ou a escrever, e que se recusou a memorizar o Corão contrariando as exigências do pai. Por vezes, quando queria algum dinheiro para gastar, caminhava pelo caminho esburacado que conduzia ao assentamento judaico de Petah Tikvah e trabalhava todo o dia por algumas piastras. O capataz judaico chamava-se Zev. "Que em hebraico quer dizer lobo", disse ele a Asad. Zev falava árabe com um sotaque estranho e perguntava sempre a Asad como era a vida em Beit Sayeed. Asad odiava os judeus, como toda a gente em Beit Sayeed, mas o trabalho não era muito árduo, e sentia-se feliz por receber o dinheiro de Zev.

Petah Tikvah impressionou o jovem Asad. Como é que os sionistas, recém-chegados àquela terra, tinham feito um tão grande progresso quando a maior parte dos árabes ainda vivia na penúria? Depois de ter visto as villas de pedra e as ruas limpas do assentamento judaico, Asad sentia-se envergonhado quando regressava a Beit Sayeed.

Queria viver bem, mas sabia que nunca se tornaria um homem rico e poderoso se continuasse a trabalhar para um judeu

chamado Lobo. Deixou de ir trabalhar para Petah Tikvah e dedicou o seu tempo a pensar numa nova carreira.

Uma noite, enquanto jogava dados num café da aldeia, ouviu um homem mais velho a fazer um comentário injurioso acerca de uma das suas irmãs. Aproximou-se da mesa do homem e perguntou-lhe calmamente se tinha ouvido corretamente o comentário. "Na verdade, ouviu", respondeu o homem. "E o que ainda é pior, a desafortunada moça tem o rosto de um burro." Ao dizer aquilo todo o café desatou à gargalhada. Asad, sem proferir mais palavras, voltou para a sua mesa e continuou com o jogo de dados. Na manhã seguinte, o homem que lhe tinha insultado a irmã foi encontrado num pomar próximo com a garganta aberta e um sapato enfiado na boca, o pior insulto árabe. Uma semana depois, quando o irmão do homem jurou publicamente vingar a sua morte, também ele foi encontrado no pomar nas mesmas condições. Depois disso, ninguém se atrevia a insultar o jovem Asad.

O incidente no café ajudou Asad a encontrar a sua vocação. Descobriu a sua nova notoriedade e recrutou um exército de bandidos. Escolheu apenas homens da sua tribo e clã, sabendo que estes nunca o trairiam. Queria poder ter a capacidade para efetuar golpes em locais afastados de Beit Sayeed, por isso assaltou um estábulo cheio de cavalos dos novos dirigentes da Palestina, o exército britânico. Queria ter a capacidade para intimidar rivais, por isso também roubou armas aos ingleses. Quando os seus assaltos começaram, estes eram algo que a Palestina não via há gerações. Ele e o seu bando abatiam-se sobre aldeias e vilas da planície costeira até a Galileia e aos montes da Samaria, e depois desapareciam sem deixar rasto. As suas vítimas eram sobretudo outros árabes, mas ocasionalmente assaltava um assentamento judaico fracamente defendido — e por vezes, se estivesse com vontade de sangue judeu, raptava um sionista e matava-o com a sua longa adaga curva.

Asad al-Khalifa tornou-se rapidamente um homem rico. Ao contrário de outros criminosos árabes bem sucedidos, não atraía as atenções exibindo a sua fortuna recentemente adquirida. Usava a túnica e a kaffiyeh de um fellah vulgar, e passou muitas noites na cabana de lama e palha da família. Para assegurar a sua proteção, espalhou dinheiro e o produto das pilhagens entre o seu clã. Para o mundo exterior a Beit Sayeed, ele parecia ser apenas um camponês comum, mas dentro da aldeia o chamavam agora Sheikh Asad.

Não iria permanecer um mero bandido e assaltante de estradas durante muito mais tempo. A Palestina estava a mudar — e do ponto de vista dos árabes, não para melhor.

Em meados dos anos 30, a Yishuv, a população judaica da Palestina, tinha atingido quase meio milhão, comparada com aproximadamente um milhão de árabes. A taxa oficial de emigração era de 60 000 por ano, mas Sheikh Asad tinha ouvido dizer que a taxa atual era muito mais elevada do que isso. Até um rapaz pobre sem qualquer formação escolar conseguia perceber que os árabes seriam uma minoria no seu próprio país. A Palestina era como uma floresta de madeira seca. Uma simples fagulha podia incendiá-la.

A fagulha surgiu em 15 de abril de 1936, quando um bando de árabes abateu três judeus na estrada oriental de Tulkarm. Membros do grupo judaico Irgun Bet retaliaram ao matarem dois árabes, num local não muito distante de Beit Sayeed. Os acontecimentos descontrolaram-se rapidamente, culminando com um ataque árabe às ruas de Jafa que deixaram nove judeus mortos. A Revolta Árabe tinha começado. Tinha havido períodos de desassossego na Palestina, períodos em que a frustração árabe fervilhava até se transformar em motins e mortes, mas nunca tinha havido nada Como a violência coordenada e o desassossego que varreram a terra naquela Primavera e Verão de 1936. Os judeus de toda a Palestina tornaram-se alvos da raiva árabe.

Lojas foram saqueadas, pomares desenraizados, casas e assentamentos incendiados. Os judeus foram assassinados nos ônibus e nos cafés, até mesmo dentro das suas próprias casas. Em Jerusalém, os líderes árabes reuniram-se e exigiram terminar com toda a imigração judaica e instalarem de imediato um governo de maioria árabe. Sheikh Asad, embora ladrão, considerava-se mais do que tudo um shabab, jovem nacionalista, e viu a Revolta Árabe como uma oportunidade de destruir os judeus de uma vez por todas. Cessou imediatamente todas as suas atividades criminosas e transformou o seu bando de bandidos numa jihaddiyya, uma cela de luta secreta da guerra santa. Desencadeou em seguida uma série de ataques mortais contra alvos judeus e britânicos no distrito de Lídia, na Palestina Central, usando as mesmas tácticas furtivas de surpresa que tinha utilizado como ladrão. Atacou o assentamento judaico de Petah Tikvah, onde tinha trabalhado quando novo, e matou Zev, o seu antigo patrão, com um tiro na cabeça. Também alvejou os homens que via como os piores traidores da causa árabe, os effendis que tinham vendido grandes faixa de terra aos sionistas. Ele mesmo matou três desses homens com a sua adaga curva e longa. Apesar do secretismo que rodeava as suas operações, passado pouco tempo o nome

Asad al-Khalifa era conhecido dos homens do Conselho Superior Árabe, em Jerusalém. Haj Amin al-Husseini, o grande mufti e presidente do conselho, queria conhecer aquele guerreiro árabe astuto que tinha derramado tanto sangue judeu no distrito de Lídia. Sheikh Asad viajou até Jerusalém disfarçado de mulher e encontrou-se com o mufti de barba vermelha num apartamento da Cidade Velha, não muito longe da mesquita Al-Aksa.

— És um grande guerreiro, Sheikh Asad. Alá deu-te uma grande coragem... a coragem de um leão.

— Luto para servir Deus — disse Sheikh Asad, acrescentando depois rapidamente — , e a vós, claro, Haj Amin.

Haj Amin sorriu e cofiou a sua impecável barba vermelha.

— Os judeus são unidos. É essa a sua força. Nós, árabes, nunca conhecemos a unidade. Família, clã, tribo, é esse o modo árabe. Muitos dos nossos senhores da guerra, como tu, Sheikh Asad, são antigos criminosos, e receio que muitos deles estejam a usar a Revolta como um meio para enriquecerem. Estão a assaltar aldeias árabes e a extorquir tributos aos anciãos.

Sheikh Asad assentiu. Ele tinha ouvido falar de tais coisas. Para se assegurar que mantinha a lealdade dos árabes no distrito de Lídia, tinha proibido os seus homens de roubar. Tinha chegado ao ponto de cortar a mão de um dos seus próprios homens pelo crime de ter roubado uma galinha.

— Receio que se a Revolta se prolongar — prosseguiu Haj Amin —, as nossas antigas divisões começarão a afastar-nos. Se os nossos senhores da guerra agirem sozinhos, não passarão de simples setas contra a fortaleza de pedra do exército inglês e do Haganah judaico. Mas juntos — Haj Amin juntou as mãos —, podemos derrubar os seus muros e libertar esta terra sagrada dos infiéis.

— Que quer de mim, Haj Amin?

O grande mufti deu a Sheikh Asad uma lista de alvos no distrito de Lídia, e os homens do Sheikh atacaram-nos com uma eficácia impiedosa: assentamentos judaicos, pontes e linhas de eletricidade, entrepostos da Polícia. Em breve, Sheikh Asad tornou-se o senhor da guerra favorito de Haj Amin, e como o grande mufti tinha previsto, outros senhores da guerra tornaram-se invejosos dos elogios feitos ao homem de Beit Sayeed. Um deles, um salteador de Nablus chamado Abu Fareed, decidiu preparar-lhe uma armadilha. Enviou um emissário para se encontrar com um judeu do Haganah. O emissário disse ao judeu que o Sheikh Asad e os seus homens iriam atacar o assentamento sionista de Hadera dentro de três noites. Quando o Sheikh Asad e os seus homens se aproximaram naquela

noite de Hadera, foram emboscados por forças britânicas e do Haganah, e feitos em pedaços num fogo cruzado assassino.

Sheikh Asad, gravemente ferido, conseguiu atravessar a fronteira para a Síria a cavalo. Recuperou numa aldeia nos montes Golã e calculou o que correria mal em Hadera. Obviamente que tinha sido traído por alguém no interior do campo árabe, alguém que soubera quando e onde é que ele ia atacar. Tinha duas escolhas, permanecer na Síria ou regressar ao campo de batalha. Não tinha homens nem armas, e alguém próximo de Haj Amin queria-o morto. Regressar à Palestina para continuar a lutar era um ato corajoso, mas dificilmente o mais sensato a fazer. Permaneceu nos Golã durante mais uma semana, depois partiu para Damasco.

A Revolta Árabe estava em breve em farrapos, rasgada por dentro — como Haj Amin tinha previsto — por feudos e rivalidades entre clãs. Por volta de 1938, havia mais árabes a morrer às mãos dos rebeldes do que judeus, e por volta de 1939 a situação tinha-se transformado numa batalha tribal pelo poder e prestígio entre os próprios senhores da guerra. Em Maio de 1939, três anos depois de ter começado, a grande Revolta Árabe estava terminada. Procurado pelos ingleses e pelo Haganah, Sheikh Asad decidiu permanecer em Damasco. Comprou um apartamento grande no centro da cidade e casou com a filha de outro exilado palestino. Esta teve um filho, a quem ele chamou Sabri. Depois desse filho, ficou estéril e não teve mais filhos. Asad pensou em divorciar-se ou arranjar outra mulher, mas por volta de 1947 os seus pensamentos estavam ocupados por outras coisas além de mulheres e filhos. 71

Mais uma vez Sheikh Asad foi convocado pelo seu velho amigo, Haj Amin. Também este estava a viver no exílio. Durante a Segunda Guerra Mundial, o mufti tinha-se juntado a Adolfo Hitler. Do seu luxuoso palácio em Berlim, o líder religioso islâmico tinha servido como uma valiosa ferramenta de propaganda nazi, exortando as massas árabes a apoiar a Alemanha nazi e apelando à

destruição dos judeus. Um conhecido de Adolfo Eichmann, o arquiteto do Holocausto, o mufti tinha até planejado construir uma câmara de gás e um crematório na Palestina para exterminar ali os judeus. Enquanto Berlim caía, ele embarcou a bordo de um avião da Luftwaffe e voou para a Suíça. Tendo-lhe sido recusada a entrada, partiu em seguida para França. Os franceses aperceberam-se de que ele podia ser um aliado valioso no Oriente Médio e concederam-lhe santuário, mas por volta de 1946, com a pressão a aumentar para se levar o mufti a tribunal por crimes de guerra, foi-lhe permitido "escapar" para o Cairo. Perto do Verão de 1947, o mufti estava a viver em Alayh, uma estância nas montanhas do Líbano, e foi aí que se encontrou com o seu senhor da guerra de confiança, Sheikh Asad.

— Ouviu as notícias da América?

Sheikh Asad assentiu. A sessão especial do novo corpo mundial chamado Nações Unidas tinha-se reunido para começar a tratar do assunto respeitante ao futuro da Palestina.

— Obviamente — disse o mufti — , vão-nos fazer sofrer pelos crimes de Hitler. A nossa estratégia para lidar com as Nações Unidas será um boicote completo às medidas acordadas. Mas se eles decidirem conceder um metro quadrado da Palestina aos judeus, devemos estar preparados para lutar. É por isso que preciso de ti, Sheikh Asad.

Sheikh Asad fez a Haj Amin a mesma pergunta que lhe tinha feito anos antes em Jerusalém.

— O que quer que eu faça?

— Volte à Palestina e prepare-se para a guerra que está certamente próxima. Reúne um grupo de guerreiros, e planeje sua estratégia. Meu primo, Abdel-Kader, será responsável pela região de Ramallah e as colinas a leste de Jerusalém. Você vai comandar o distrito central: a planície costeira, Tel Aviv e Jafa e o corredor de Jerusalém.

— Farei isso — disse o Sheikh Asad, depois acrescentou rapidamente — , com uma condição.

O grande mufti ficou surpreso. Ele sabia que o Sheikh Asad era um homem feroz e orgulhoso, mas nenhum árabe alguma vez se tinha atrevido a falar com ele assim, em especial um antigo fellah. Apesar disso, sorriu e disse ao senhor da guerra para indicar o seu preço.

— Diga-me o nome do homem que me traiu em Hadera.

Haj Amin hesitou, depois respondeu com a verdade. Sheikh Asad era mais valioso para a sua causa do que Abu Fareed.

— Onde ele está?

Nessa noite, Sheikh Asad viajou até Beirute e abriu a garganta a Abu Fareed. Depois regressou a Damasco para se despedir da mulher e do filho, e prover às suas necessidades financeiras. Uma semana depois, tinha regressado à sua velha cabana de lama e palha em Beit Sayeed.

Passou os restantes meses de 1947 a reunir um grupo de homens e a planejar a sua estratégia para o conflito próximo. Assaltos diretos contra centros populacionais judaicos pesadamente defendidos provar-se-iam inúteis, concluiu ele. Em vez disso, atingiria os judeus onde eles eram mais vulneráveis. Os assentamentos judaicos estavam espalhados pela Palestina e dependiam das estradas para abastecimentos. Em muitos casos, como o vital Corredor de Jerusalém, essas estradas estavam sob o domínio dos povoados e aldeias árabes. Sheikh Asad compreendeu imediatamente a oportunidade que lhe surgia pela frente. Podia atingir alvos fáceis com uma completa surpresa táctica; depois, quando o ataque tivesse terminado, as suas forças podiam desvanecer-se por entre os santuários das aldeias. Os assentamentos iriam murchar lentamente, como os judeus que permanecessem na Palestina.

Em 29 de novembro, as Nações Unidas declararam que o domínio inglês na Palestina terminaria em breve. Iriam existir dois Estados na Palestina, um árabe, o outro judaico. Para os judeus, era uma noite de celebração. O sonho de dois mil anos de um Estado no antigo lar dos judeus tinha-se transformado em realidade. Para os árabes, era uma noite de lágrimas amargas. Metade do seu lar ancestral iria ser entregue aos judeus. Sheikh Asad al-Khalifa passou aquela noite a planejar o seu primeiro ataque. Na manhã seguinte, os seus homens atacaram um ônibus enquanto este percorria o seu caminho de Netanya para Jerusalém, matando cinco pessoas. A batalha pela Palestina tinha começado.

Durante o inverno de 1948, Sheikh Asad e os outros comandantes árabes transformaram as estradas da Palestina Central num cemitério judaico. Ônibus, táxis, e camiões de mercadorias foram atacados, condutores e passageiros massacrados sem misericórdia. Enquanto o Inverno se transformava em Primavera, as perdas do Haganah em homens e materiais aumentou a uma taxa alarmante. Durante um período de duas semanas em finais de Março, forças árabes mataram centenas dos melhores combatentes do Haganah e destruíram a maior parte da sua frota de veículos blindados. Perto do final do mês, os assentamentos de Negev ficaram cortados. Ainda mais importante, também o ficaram centenas de milhares de judeus de Jerusalém Ocidental. Os árabes tinham aproveitado a oportunidade — e Sheikh Asad estava quase a vencer sozinho a guerra pela Palestina.

Na noite de 31 de março de 1948, David Ben-Gurion, líder do Yishuv, encontrou-se em Tel Aviv com oficiais superiores do Haganah e com o Palmach, a força de ataque de elite, e ordenou-lhes que partissem numa ofensiva. Os dias em que tentavam proteger os trens vulneráveis contra números esmagadores estavam terminados, disse Ben-Gurion. Todo o empreendimento sionista iria enfrentar um colapso iminente a não ser que a batalha das estradas fosse

vencida e o interior do país colocado em segurança. De modo a conseguir tal objetivo, o conflito teve de ser levado a um novo nível de violência. As aldeias árabes que Sheikh Asad e os outros senhores da guerra usavam como bases para as suas operações tinham de ser conquistadas ou destruídas — e se não existisse outra opção, os habitantes tinham de ser expulsos. O Haganah já tinha delineado um plano principal para uma tal operação. Chamava-se Tochnit Dalet: Plano D. Ben-Gurion ordenou que este começasse dentro de dois dias com a Operação Nachson, um assalto às aldeias alinhadas ao longo do Corredor de Jerusalém.

E mais uma coisa — disse ele aos seus comandantes quando a reunião terminou — , encontrem Sheikh Asad tão depressa quanto possível... e matem-no. O homem escolhido para caçar Sheikh Asad, um jovem agente do serviço secreto do Palmach chamado Ari Shamron, sabia que Sheikh Asad não seria fácil de encontrar. O senhor da guerra não tinha um quartel-general fixo e dizia-se que dormia todas as noites numa casa diferente. Shamron, embora tivesse emigrado para a Palestina vindo da Polónia em 1935, conhecia bem a mente árabe. Sabia que para os árabes havia algumas coisas que eram mais importantes do que uma Palestina independente. Algures durante a sua subida ao Poder, Sheikh Asad tinha certamente feito um inimigo — e algures na Palestina encontrava-se um árabe sedento de vingança.

Shamron demorou dez dias a encontrá-lo, um homem de Bei Sayeed que, muitos anos antes, tinha perdido dois irmãos para Sheikh Asad devido a um insulto no café da aldeia deu-lhe a informação. Shamron ofereceu ao árabe cem libras palestinas se ele lhe indicasse o paradeiro do senhor da guerra. Uma semana mais tarde, numa colina perto de Beit Sayeed, encontraram-se pela segunda vez. O árabe disse a Shamron onde podia ser encontrado o seu inimigo comum.

— Ouvi dizer que ele está a planejar passar a noite numa casa à saída de Lídia. Fica no meio de um laranjal. Asad, o cão assassino, está rodeado de guarda-costas. Eles escondem-se nos pomares. Se tentar atacar a casa com uma força grande, os guardas ficarão alertas e Asad fugirá como o cobarde que é. — E o que é que recomendas? — perguntou Shamron, jogando com a vaidade do árabe. — Um único assassino, um homem que se possa esgueirar através das defesas e matar Asad antes dele poder escapar. Por mais cem libras, serei esse homem. Shamron não desejava insultar o informante, por isso passou um momento a fingir que considerava a oferta, apesar de já se ter decidido. O assassinato de Sheikh Asad era demasiado importante para ser confiado a um homem que trairia o seu próprio povo por dinheiro. Apressou-se a regressar ao quartel-general do Palmach em Tel Aviv e deu as notícias ao comandante-delegado, um homem atraente de cabelo vermelho e olhos azuis chamado Yitzhak Rabin.

— Alguém precisa ir hoje sozinho a Lídia e matá-lo — disse Shamron. — Calculamos que quem quer que escolhamos não vai sair vivo daquela casa.

— Eu sei — disse Shamron —, e é por isso que tenho de ser eu.

— Você é importante demais para se arriscar numa missão como esta.

— Se isso continuar por muito mais tempo, vamos perder Jerusalém... e depois a guerra. O que é mais importante do que isso?

Rabin viu que não havia maneira de convencê-lo do contrário.

— O que posso fazer para ajudar?

— Garanta que haja um carro e um motorista à minha espera na ponta daquele laranjal depois que eu o matar.

À meia-noite, Shamron foi de moto de Tel Aviv a Lidia. Deixou a moto a cerca de um quilômetro da cidade e foi a pé o resto

do caminho até a orla do pomar. Shamron tinha aprendido por experiência própria que tais assaltos eram melhor executados pouco antes do amanhecer, quando as sentinelas estavam cansadas e no seu pico mínimo de atenção. Entrou no pomar alguns minutos depois do nascer do Sol, armado com uma Sten e uma faca-de-mato de Iço. À primeira luz cinza do dia, conseguiu distinguir as sombras pagas dos guardas, encostados aos troncos das laranjeiras. Um destes dormia ruidosamente quando Shamron passou a rastejar perto dele. Um único guarda mantinha-se de vigilância no pátio empoeirado da casa. Shamron matou-o com um golpe silencioso da faca, depois entrou na casa.

Esta tinha apenas uma sala. Sheikh Asad dormia no chão. Dois dos seus principais tenentes estavam sentados de pernas cruzadas junto dele, bebendo café. Apanhados desprevenidos, não reagiram quando a porta se abriu. Só quando levantaram o olhar e viram um judeu armado é que tentaram pegar as armas. Shamron matou ambos com uma única rajada.

Sheikh Asad despertou sobressaltado e procurou sua espingarda. Shamron disparou. Ao morrer, Sheikh Asad olhou para os olhos do assassino.

— Outro tomará meu lugar — disse.

— Eu sei — replicou Shamron, depois voltou a disparar. Esgueirou-se da casa enquanto as sentinelas se aproximavam correndo. Na meia-luz do amanhecer, escolheu seu caminho por entre as árvores, até chegar à orla do laranjal. O carro o esperava; Yitzhak Rabin estava sentado atrás do volante.

— Está morto? — perguntou Rabin enquanto se afastava acelerando.

Shamron anuiu. — Está feito.

— Ótimo — disse Rabin. — Deixemos que os cães bebam o sangue dele.

CAPÍTULO 7

TEL AVIV

Dina tinha caído num silêncio prolongado. Yossi e Rimona, hipnotizados, observavam-na com a intensidade de crianças. Até Yaakov parecia ter caído sob o seu fascínio, não porque se tivesse convertido à causa de Dina mas porque queria saber onde é que a história os levaria. Gabriel, se ele tivesse pedido, teria contado.

E quando Dina colocou uma nova imagem no projetor — um homem espantosamente atraente com óculos de sol sentado numa esplanada —, Gabriel viu-o não no preto e branco granuloso da fotografia, mas na cena que surgia em sua memória: óleo sobre a tela, desgastada e amarelecida pela idade. Dina recomeçou a falar, mas Gabriel já não ouvia. Esfregava o verniz ensopado da memória, observando uma versão mais nova de si mesmo a correr através do pátio manchado de sangue de um edifício de apartamentos em Paris com uma Beretta na mão.

— Este é Sabri al-Khalifa — dizia Dina. — O cenário é o Boulevard St-Germain, em Paris, o ano é 1979. A fotografia foi tirada por uma equipe de vigilância do Escritório. Foi a última que tiraram.

Amã, Jordânia: Junho de 1967

Eram onze da manhã quando o jovem atraente de pele pálida e cabelo preto entrou num escritório de recrutamento da Fatah na Baixa de Ama. O oficial sentado atrás da mesa no hall estava maldisposto. Todo o mundo árabe o estava. A segunda guerra da

Palestina tinha terminado. Em vez de libertar a terra dos judeus, tinha precipitado outra catástrofe sobre os palestinos. Em apenas seis dias, os militares israelenses tinham derrotado os exércitos conjuntos do Egito, da Síria e da Jordânia.

O Sinai, as colinas de Golã e a Cisjordânia estavam agora nas mãos dos judeus, e diversos milhares de palestinos tinham se transformado em refugiados.

— Nome? — disparou o recruta.

— Sabri al-Khalifa.

O homem da Fatah olhou para cima, espantado.

— Sim, claro que é — disse ele. — Lutei com o seu pai. Siga-me.

Sabri foi imediatamente enfiado num carro e conduzido a alta velocidade através da capital jordana até uma casa segura. Aí foi apresentado a um homem baixo, de aparência pouco impressionante, chamado Yasser Arafat.

— Estava à tua espera — disse Arafat. — Conheci o teu pai. Foi um grande homem. Sabri sorriu. Estava habituado a ouvir elogios a respeito do pai. Durante toda a vida tinham-lhe contado histórias acerca dos feitos heróicos do grande senhor da guerra de Beit Sayeed, e como os judeus, para punir os aldeões que tinham apoiado o pai, arrasaram a aldeia e forçaram os seus habitantes ao exílio. Sabri al-Khalifa pouco tinha em comum com a maior parte dos seus irmãos refugiados. Tinha sido criado num agradável bairro de Beirute, e educado nas melhores escolas e universidades da Europa. Juntamente com o seu árabe nativo, falava francês, alemão e inglês fluentemente. A sua educação cosmopolita tinha-o transformado num bem valioso para a causa palestina. Yasser Arafat não estava com vontade de o perder.

— A Fatah está cheia de traidores e colaboradores — disse Arafat. — De cada vez que enviamos uma equipe de assalto para o outro lado da fronteira, os judeus estão à nossa espera. Se alguma

vez quisermos ser uma força de combate eficaz, temos de eliminar os traidores do nosso seio. Acho que um trabalho como esse te seria apelativo, dado o que aconteceu ao teu pai. Ele foi morto por um colaborador, não foi?

Sabri assentiu gravemente. Também lhe tinham contado aquela história. — Queres trabalhar para mim? — perguntou Arafat. — Lutarás pelo teu povo, como o teu pai o fez?

Sabri começou de imediato a trabalhar para o Jihaz ai Razd, o ramo do serviço secreto da Fatah. Passado um mês do início da sua missão, tinha desmascarado 20 colaboradores palestinos. Sabri fez questão de presenciar as execuções destes e disparava sempre um tiro simbólico contra cada um, como um aviso àqueles que consideravam trair a revolução.

Passados seis meses no Jihaz ai Razd, Sabri foi convocado para uma segunda reunião com Yasser Arafat. Esta decorreu numa casa segura diferente da primeira. O líder da Fatah, temendo os assassinos israelenses, dormia numa cama diferente todas as noites. Embora Sabri ainda não o soubesse, em breve estaria a viver da mesma maneira.

— Temos planos para ti — disse Arafat. — Planos muito especiais. Serás um grande homem. Os teus feitos rivalizarão até com os do teu pai. Em breve, todo o mundo conhecerá o nome Sabri al-Khalifa.

— Que tipo de planos?

— A seu devido tempo, Sabri. Primeiro, temos de te preparar. Foi enviado para o Cairo durante seis meses para um intenso treino terrorista sob a tutela do serviço secreto egípcios, o Mukhabarat. Enquanto no Cairo, foi apresentado a uma jovem palestina chamada Rima, filha de um oficial superior da Fatah. Parecia a combinação perfeita, e os dois casaram às pressas numa cerimônia privada presenciada apenas por membros da Fatah e agentes do serviço secreto egípcios. Um mês depois, Sabri foi de novo chamado à

Jordânia para iniciar a fase seguinte da sua preparação. Deixou Rima no Cairo com o pai, e embora não o soubesse na altura, ela estava grávida do seu filho. A data do seu nascimento foi agourenta para os palestinos: setembro de 1970.

Durante algum tempo, o rei Hussein tinha estado preocupado com o poder crescente dos palestinos que viviam na Jordânia. A região ocidental do país tinha-se transformado num Estado virtual dentro do Estado, com uma cadeia de campos de refugiados regidos por militantes da Fatah pesadamente armados, que rejeitavam abertamente a autoridade do monarca hashemita. Hussein, que já tinha perdido metade do seu reino, temia perder o resto a não ser que retirasse os palestinos de solo jordaniano. Em setembro de 1970, ordenou aos seus ferozes soldados beduínos para fazerem exatamente isso.

Os combatentes de Arafat não estavam ao nível dos beduínos. Milhares foram massacrados, e mais uma vez os palestinos ficaram espalhados, desta vez pelos campos do Líbano e Síria. Arafat queria vingar-se do monarca jordaniano e de todos aqueles que tinham traído o povo palestino. Queria executar atos terroristas espetaculares e sangrentos na cena mundial — atos que colocariam a luta dos palestinos perante uma audiência global e mitigassem a sede de vingança palestina. Os ataques seriam executados por uma unidade secreta, de modo a que a OLP pudesse manter o disfarce de exército revolucionário respeitável lutando pela libertação de um povo oprimido. Foi atribuído a Abu Iyad, número dois de Arafat, o comando geral, mas o cérebro operacional seria o filho do grande senhor da guerra palestino de Beit Sayeed, Sabri al-Khalifa. A unidade chamar-se-ia Setembro Negro para honrar os palestinos mortos na Jordânia.

Sabri recrutou uma pequena força de elite entre as melhores unidades da Fatah. Seguindo a tradição do pai, selecionou homens iguais a si — palestinos de famílias boas que conheciam mais do

mundo do que apenas os campos de refugiados. Depois partiu para a Europa, onde montou uma rede de exilados palestinos educados. Também estabeleceu ligações na Europa com grupos terroristas de esquerda e com serviços secretos da Cortina de Ferro. Em novembro de 1971, o Setembro Negro estava pronto para emergir das sombras. No topo da lista a abater de Sabri estava o rei Hussein, da Jordânia.

O sangue correu primeiro na cidade onde Sabri tinha feito a sua aprendizagem. O primeiro-ministro da Jordânia, numa visita ao Cairo, foi abatido no hall do hotel Sheraton. Seguiram-se mais ataques numa sucessão rápida. O carro do embaixador da Jordânia foi emboscado em Londres. Aviões da Jordânia foram assaltados e funcionários das linhas aéreas jordanas foram assassinados. Em Bona, cinco agentes do serviço secreto da Jordânia foram massacrados na cave de uma casa.

Depois de ter ajustado contas com a Jordânia, Sabri desviou a sua atenção para os verdadeiros inimigos do povo palestino, os sionistas de Israel. Em Maio de 1972, o Setembro Negro tomou pela força um jato da companhia aérea Sabena e forçou-o a aterrar no aeroporto de Lod, em Israel. Alguns dias depois, os terroristas do exército vermelho japonês, agindo em nome do Setembro Negro, atacaram os passageiros no hall das chegadas em Lod com rajadas de metralhadora e granadas de mão, matando 27 pessoas. Cartas-bomba foram enviadas a diplomatas israelenses e judeus proeminentes por toda a Europa.

Mas o maior triunfo terrorista de Sabri ainda estava por acontecer. Ao início da manhã de 5 de Setembro de 1972, dois anos depois da expulsão da Jordânia, seis terroristas palestinos escalaram a cerca da Aldeia Olímpica em Munique, na Alemanha, e entraram no edifício de apartamentos da Connollystrasse 31, que albergava membros da equipe olímpica israelense. Dois israelenses foram mortos no assalto inicial. Nove outros foram reunidos e feitos reféns. Durante as 20 horas que se seguiram, com novecentos milhões de

peças por todo o mundo a observarem na televisão, o Governo alemão negociou com os terroristas a libertação dos reféns israelenses. Os prazos-limite chegaram e passaram até que, por fim, às 22.10 horas, os terroristas e os reféns embarcaram em dois helicópteros e partiram para o campo de aviação de Fürstenfeldbrück. Pouco depois da sua chegada, as forças da Alemanha Federal foram lançadas em mal concebida e fracamente planejada operação de resgate. Os nove reféns foram massacrados pelo Setembro Negro.

O júbilo varreu o mundo árabe. Sabri al-Khalifa, que tinha monitorizado a operação de um apartamento de segurança em Berlim Oriental, foi saudado como herói conquistador após o seu regresso a Beirute.

— Você é meu filho! — exclamou Arafat lançando os braços em volta de Sabri. — É meu filho.

Em Tel Aviv, a primeira-ministra Golda Meir ordenou aos chefes do serviço secreto para vingarem os 11 de Munique, caçando e matando os membros do Setembro Negro.

Com o nome de código de Ira de Deus, a operação seria liderada por Ari Shamron, o mesmo homem a quem tinha sido atribuída a tarefa de terminar com o reino de terror sangrento de Sheikh Asad, em 1948. Pela segunda vez em 25 anos, ordenaram a Shamron que matasse um homem chamado al-Khalifa.

Dina deixou a sala na escuridão e contou o resto da história como se Gabriel não estivesse sentado a dez passos de distância, na extremidade oposta da mesa.

— Um a um, os membros do Setembro Negro foram metodicamente caçados e eliminados pelas equipes da Ira de Deus de Shamron. Ao todo, 12 membros foram mortos pelos assassinos do Escritório, mas Sabri al-Khalifa, aquele que Shamron queria mais que todos, permaneceu para lá do seu alcance. Sabri ripostou. Matou um agente do Escritório em Madrid. Atacou o embaixador israelense

em Bangkok e assassinou o embaixador americano do Sudão. Os seus ataques tornaram-se mais erráticos, como o seu comportamento. Arafat já não era capaz de manter a ficção de que não tinha nenhuma ligação ao Setembro Negro, e a condenação recaiu sobre ele, mesmo de quadrantes que simpatizavam com a sua causa. Sabri tinha provocado a desgraça do movimento, mas Arafat ainda apostava nele como num filho.

Dina interrompeu-se e olhou para Gabriel. O seu rosto, iluminado pelo brilho da imagem de Sabri al-Khalifa na tela de projeção, não mostrava qualquer emoção. O seu olhar estava pousado nas mãos, que estavam cruzadas sobre o tampo da mesa.

— Importas-te de terminar a história? — perguntou ela. Gabriel passou um momento a contemplar as mãos antes de aceitar o convite de Dina para falar. — Shamron soube através de um informante que Sabri mantinha uma moça em Paris, uma jornalista de esquerda chamada Denise que acreditava que ele era um poeta palestino, que lutava pela liberdade. Sabri não tinha dito a Denise que era um homem casado com um filho. Shamron considerou por breves instantes tentar recrutar a moça, mas desistiu da ideia. Parecia que a pobre moça estava verdadeiramente apaixonada por Sabri. Por isso, enviou as equipes para Paris e em vez disso pô-la sob vigilância. Um mês depois, Sabri foi à cidade visitá-la.

Interrompeu-se e olhou para a tela.

Sabri chegou ao apartamento dela a meio da noite. Estava demasiado escuro para confirmar a sua identidade, por isso Shamron decidiu arriscar e esperar até nós o podermos ver melhor. Eles ficaram no apartamento a fazer amor até o fim da tarde, depois foram jantar a um café no Boulevard St-Germain. Foi quando tiramos a fotografia. Depois do jantar, regressaram a pé ao apartamento. Ainda era de dia, mas Shamron deu ordem para o abater.

Gabriel ficou silencioso, e mais uma vez baixou o olhar para as mãos. Fechou os olhos por instantes.

— Segui-os a pé. Ele tinha o braço esquerdo à volta da cintura da moça e a mão estava enfiada no bolso de trás do jeans dela. A mão direita estava enfiada no bolso do casaco. Era aí que ele guardava sempre a arma. Virou-se e olhou para mim uma vez, mas continuou a andar. Ele e a moça tinham bebido duas garrafas de vinho durante o jantar... acho que os seus instintos não estavam muito apurados na altura.

Outro silêncio; em seguida, depois de lançar um olhar ao rosto de Sabri, voltou a olhar para as mãos. A sua voz, quando voltou a falar, tinha um tom de distanciamento, como se estivesse a descrever as atividades doutro homem. — Detiveram-se à entrada. Denise estava bêbeda e ria-se. Estava a olhar para baixo, para dentro da mala, procurando a chave. Sabri dizia-lhe para se apressar. Queria voltar a despi-la. Eu podia tê-lo feito naquela altura, mas havia demasiadas pessoas na rua, por isso abrandei e esperei que ela encontrasse a maldita chave. Passei por eles quando ela enfiou a chave na fechadura. Sabri voltou a olhar para mim, e eu retribui-lhe o olhar. Eles entraram para o vestíbulo. Virei-me e segurei a porta antes que esta se fechasse. Sabri e a moça já estavam no meio do pátio naquela altura. Ele ouviu os passos e virou-se. A mão estava a sair-lhe do bolso do casaco e eu consegui ver-lhe a coronha. Sabri tinha uma Stechkin. Era um presente de um amigo do KGB. Eu ainda não tinha tirado a minha arma. A regra de Shamron como nós lhe chamávamos. "Nós não andamos pelas ruas como gangsteres com as nossas armas prontas a disparar", dizia sempre Shamron. "Um segundo, Gabriel. É tudo que tens. Um segundo. Apenas um homem com mãos muito dotadas consegue tirar a arma da anca e colocá-la em posição de fogo num segundo."

Gabriel olhou à volta da sala e fixou o olhar de cada membro por breves instantes antes de continuar.

A Beretta tinha um carregador de oito balas, mas eu descobri que se apertasse firmemente as balas, podia comprimir até dez. Sabri nunca conseguiu colocar a arma em posição. Estava a virar o rosto na minha direção quando eu disparei. O seu alvo era reduzido... acho que o meu primeiro e segundo tiros o atingiram no braço esquerdo. Movi-me para a frente e deitei-o ao chão. A moça estava a gritar, batendo-me nas costas com a mala. Disparei dez tiros contra ele, depois libertei o carregador e enfiei outro na coronha. Só tinha uma bala, a décima primeira. Uma bala por cada judeu que Sabri tinha assassinado em Munique. Coloquei o cano junto do ouvido dele e disparei. A moça caiu sobre o corpo dele e chamou-me assassino. Atravessei o beco e regresssei à rua. Uma mota aproximou-se. Subi para cima dela.

Apenas Yaakov, que tinha assistido à sua quota-parte de assassinatos nos Territórios Ocupados, se atreveu a quebrar o silêncio que tinha descido sobre a sala.

— O que Asad al-Khalifa e o seu filho Sabri têm a ver com Roma?

Gabriel olhou para Dina, e com os olhos colocou-lhe a mesma questão. Dina tirou a fotografia de Sabri e substituiu-a por aquela que mostrava Khaled no funeral do pai.

— Quando a mulher de Sabri, Rima, ouviu dizer que ele tinha sido morto em Paris, encaminhou-se para a casa de banho do seu apartamento em Beirute e cortou os pulsos. Khaled encontrou a mãe jazendo no chão, numa poça do seu próprio sangue. Ele era agora um órfão, os pais mortos, a sua tribo espalhada aos quatro ventos.

Arafat adoptou o rapaz, e depois do funeral Khaled desapareceu.

— Para onde é que ele foi? — perguntou Yossi.

— Arafat viu a criança como um símbolo poderoso da revolução e queria-o protegido a todo o custo. Pensamos que ele o

enviou para a Europa sob um nome falso para viver com uma rica família palestina exilada. Aquilo que agora sabemos é o seguinte: em 25 anos, Khaled al-Khalifa nunca ressurgiu. Há dois anos pedi a Lev autorização para começar uma busca silenciosa por ele. Não consigo encontrar. É como se ele se tivesse desvanecido depois do funeral.

— E a tua teoria?

— Creio que Arafat o preparou para seguir as pegadas de seus famosos pai e avó. Creio que ele foi ativado.

— Por quê?

— Porque Arafat está a tentar tornar-se de novo relevante, e está a fazê-lo da única maneira que sabe, com violência e terrorismo. Está a usar Khaled como arma.

— Não tens provas disso — disse Yaakov. — Há uma célula terrorista na Europa a preparar-se para nos voltar a atingir. Não nos podemos dar ao luxo de desperdiçar tempo à procura de um fantasma.

Dina colocou uma nova fotografia no projetor. Esta mostrava os destroços de um edifício. — Buenos Aires, 1994. Uma bomba num caminhão arrasa o centro da comunidade judaica durante uma refeição de Shabbat. Oitenta e sete mortos.

Nenhuma reivindicação.

Um novo slide, mais destroços.

— Istambul, 2003. Dois carros armadilhados explodem simultaneamente no exterior da principal sinagoga da cidade. Vinte e oito mortos. Nenhuma reivindicação.

Dina virou-se para Yossi e pediu-lhe para acender as luzes.

— Disseste-me que tens provas que ligam Khaled a Roma — disse Gabriel, semicerrando os olhos com a luminosidade súbita. — Mas até agora, não me deste nada além de conjecturas.

— Oh, mas eu tenho provas, Gabriel.

— Então qual é a ligação?

— Beit Sayeed.

Partiram do Boulevard King Saul numa van do Escritório poucos minutos antes do amanhecer. As janelas da van tinham vidros fumados e eram à prova de bala, e assim o interior permaneceu escuro mesmo depois do céu ter começado a iluminar-se. Quando chegaram a Petah Tikvah, o Sol espreitava sobre a cumeeira dos montes judaicos. Era um subúrbio moderno de Tel Aviv, com casas grandes e relvados verdes, mas ao espreitar pelos vidros, Gabriel imaginou as casas de pedra e os colonos russos aninhados contra outro pogrom, este liderado pelo Sheikh Asad e seus guerreiros sagrados.

Para lá de Petah Tikvah encontrava-se um planalto extenso de terra agrícola aberta. Dina instruiu o condutor para avançar por uma estrada de duas vias que corria paralela a uma nova superautoestrada. Seguiram a estrada durante alguns quilômetros, depois viraram por um caminho de terra que bordejava um pomar recentemente plantado.

Aqui — disse ela de repente. — Pare aqui.

A van travou. Dina saiu e apressou-se em direção às árvores. Gabriel seguiu-a, Yossi e Rimona atrás dele, Yaakov seguindo-os alguns passos atrás.

Chegaram à extremidade do pomar. A 50 metros encontrava-se um campo semeado em fileiras. Entre o pomar e o campo situava-se uma extensão erma, enxameada por ervas daninhas. Dina deteve-se e virou-se para encarar os outros.

— Bem-vindos a Beit Sayeed — disse.

Fez-lhes sinal para se aproximarem. Passado pouco tornou-se evidente que estavam a andar entre os restos da aldeia. A sua existência era claramente visível na terra cinza: as casas e os muros de pedra, a pequena praça e o poço circular. Gabriel tinha visto aldeias como aquela no vale de Jezreel e na Galileia. Não interessava o quanto os novos proprietários tentavam apagar as aldeias árabes,

os restos permaneciam, como a memória de uma criança morta. Dina parou junto do poço e os outros reuniram-se à volta dela.

— Em 18 de abril de 1948, aproximadamente às 19.00 horas, uma brigada do Palmach cercou Beit Sayeed. Depois de um breve tiroteio os milicianos árabes fugiram, deixando a aldeia sem defesa. Seguiu-se um pânico total. E porque não? Três dias antes, mais de cem residentes de Deir Yassin tinham sido mortos por membros do Irgun e do Stern Gang. É desnecessário dizer que os árabes de Beit Sayeed não estavam ansiosos para se defrontar com um destino semelhante.

Provavelmente não foi necessário muito encorajamento para fazer com que eles emalassem as suas coisas e fugissem. Quando a aldeia ficou deserta, os homens do Palmach dinamitaram as casas.

— Qual é a ligação com Roma? — perguntou Yaakov impaciente.

— Daoud Hadawi.

— Na altura em que Hadawi nasceu, este lugar já tinha sido varrido da face da Terra.

— Isso é verdade — disse Dina. — Hadawi nasceu no campo de refugiados de Jenin, mas a sua tribo vem daqui. A sua avó, o seu pai, e várias tias, tios e primos fugiram de Beit Sayeed na noite de 18 de Abril de 1948.

— E o avô? — perguntou Gabriel.

Tinha sido morto alguns dias antes, perto de Lídia. O pai de Daoud Hadawi era um dos homens de maior confiança de Sheikh

Asad. Ele estava a guardar o xequê na noite em que Shamron o matou. Foi ele que Shamron esfaqueou ao entrar na casa.

— É só isso? — perguntou Yaakov. Dina sacudiu a cabeça.

— Os atentados bombistas em Buenos Aires e em Istambul ocorreram ambos às 19.00 horas de 18 de Abril.

— Céus — murmurou Rimona.

— Há mais uma coisa — disse Dina, virando-se para Gabriel.
— A data em que mataste Sabri em Paris? Lembras-te qual foi?
— Foi no princípio de março — disse ele — , mas não consigo lembrar da data.
— Foi em 4 de março — disse Dina.
— O mesmo dia de Roma — disse Rimona.
— Certo. -Dina olhou para os restos da antiga aldeia. —
Começou em Beit Sayeed há mais de 50 anos. Foi Khaled que orquestrou o ataque a Roma, e vai voltar a atingir-nos dentro de 28 dias.

PARTE DOIS

O Colaborador

CAPÍTULO 8

PERTO DE AIX-EN-PROVENCE, FRANÇA

Acho que encontramos outro, professor.

Paul Martineau, agachado nas sombras profundas do poço de escavação, virou a cabeça devagar e procurou a origem da voz que lhe tinha perturbado o trabalho. O seu olhar incidiu sobre a forma familiar de Yvette Debré, uma jovem licenciada que se tinha oferecido como voluntária para a escavação. Iluminada por trás pelo penetrante sol de meio da manhã da Provença, não passava de uma mera silhueta. Martineau sempre a tinha considerado como um artefato bem escondido. O cabelo escuro e curto e as feições quadradas faziam-na parecer um rapaz adolescente. Apenas quando o seu olhar lhe percorria o corpo — passando pelos seios grandes, pela cintura estreita, pelas ancas arredondadas — é que a sua notável beleza se revelava na totalidade. Ele sondara-lhe o corpo com as mãos, alisara o solo dos seus recessos secretos e encontrara delícias escondidas e a dor de feridas antigas. Ninguém na escavação suspeitava de que a relação entre ambos ultrapassasse a mera relação entre professor e aluna. Paul Martineau era muito bom a guardar segredos.

— Onde está?

— Atrás do lugar de culto.

— Verdadeiro ou de pedra?

— Pedra.

— A posição?

— Rosto para cima.

Martineau levantou-se. Em seguida colocou as palmas das mãos de ambos os lados do poço estreito e, com um impulso poderoso dos ombros, içou-se para a superfície.

Sacudiu a avermelhada terra provençal batendo as mãos uma na outra e sorriu a Yvette. Estava vestido, como era costume, com calças jeans ruças e botas de camurça de formato ligeiramente mais elegante do que aquele preferido por arqueólogos menos conhecidos. A camiseta de lã era de uma tonalidade cinza-carvão, e tinha um lenço vermelho elegantemente colocado ao pescoço. O cabelo era escuro e encaracolado, os olhos grandes e de um castanho muito escuro. Um colega comentara certa vez que no rosto de Paul Martineau se podiam ver traços de todos os povos que outrora tinham habitado a Provença: os Celtas e os Gauleses, os Gregos e os Romanos, os Visigodos e os Teutões, os Francos e os Árabes. Era inegavelmente atraente. Yvette Debré não tinha sido a primeira estudante a ser seduzida por ele.

Oficialmente, Martineau era professor adjunto de Arqueologia na prestigiada Universidade de Aix-Marseille in, embora passasse a maior parte do tempo em trabalho de campo e fosse conselheiro de mais de uma dúzia de museus arqueológicos locais, espalhados pelo Sul da França. Era especialista em História pré-romana da Provença, e embora tivesse apenas 35 anos, era considerado um dos melhores arqueólogos franceses da sua geração. O seu último trabalho, um tratado acerca do legado da hegemonia liguriana na Provença, tinha sido considerado o modelo acadêmico acerca do assunto. Estava nesse momento em negociações com um editor francês para a edição de uma obra internacional acerca da História antiga da região.

O seu sucesso, as suas mulheres e rumores de riqueza tinham-no transformado numa fonte de considerável ressentimento profissional, bem como de mexericos. Martineau, embora de poucas palavras relativamente à sua vida pessoal, nunca mantivera em

segredo a sua proveniência. O seu falecido pai, Henri Martineau, tinha-se envolvido tanto em negócios como na área diplomática, e falhara redondamente em ambos. Após a morte da mãe, Martineau vendera a grande casa de família em Avignon, assim como uma segunda propriedade na Vaucluse rural. Desde essa altura que vivia confortavelmente com os lucros destas vendas. Tinha um enorme apartamento perto da universidade em Aix, uma villa confortável na aldeia de Lubéron de Lacoste, e uma pequena casa térrea em Montmartre, Paris. Quando lhe perguntavam porque tinha escolhido Arqueologia, respondia que se sentia fascinado com o aparecimento e desaparecimento das civilizações e com aquilo que provocava o seu fim. Outros sentiam nele uma certa rebeldia, uma fúria silenciosa que parecia acalmar-se, pelo menos temporariamente, ao mergulhar as mãos no passado.

Martineau seguiu a moça através do labirinto das trincheiras de escavação. Localizado no alto de um monte em frente à ampla planície de Chaine de l'Étoile, o local era um oppidum, ou um forte murado numa colina, construído pela poderosa tribo celto-liguriana conhecida como Salyes. As escavações iniciais tinham concluído que o forte continha duas secções distintas, uma para a aristocracia celta e outra para aquilo que se pensava ser a classe baixa liguriana. Mas Martineau avançara com uma nova teoria. A adição apressada da seção mais pobre do forte tinha coincidido com uma série de combates ocorridos entre os Lígures e os Gregos, perto de Marselha. Com essa escavação, Martineau provara de modo conclusivo que o anexo era o equivalente a um campo de refugiados da Idade do Ferro.

Agora procurava a resposta a três questões: Por que o forte da colina tinha sido abandonado passadas apenas algumas centenas de anos? Qual era o significado do enorme número de cabeças decepadas, algumas verdadeiras e outras esculpidas em pedra, que descobrira nas proximidades do local de culto principal? Tratar-se-

iam apenas de trofeus de batalha de um povo bárbaro da Idade do Ferro ou teriam uma natureza religiosa, estariam de algum modo ligados ao misterioso culto celta das "cabeças cortadas"? Martineau suspeitava de que o culto podia ter tido um papel importante no abandono repentino do forte da colina, e era por esse motivo que mandara os outros membros da equipe alertá-lo para o momento em que fosse descoberta uma "cabeça" — e porque era ele que tratava pessoalmente das escavações. Aprendera por experiência própria que nenhuma pista, por mais insignificante que fosse, podia ser ignorada. Qual era a disposição da cabeça? Que outros artefatos ou fragmentos tinham sido encontrados nas redondezas? Havia outro tipo de vestígios contidos no solo circundante? Tais assuntos não podiam ser deixados nas mãos de um estudante, ainda que tão talentoso quanto Yvette Debré.

Chegaram à trincheira, que tinha cerca de dois metros de comprimento e dois metros de largura. Martineau baixou-se para o interior, acautelando-se para não perturbar a terra circundante. Sobressaindo do subsolo duro, encontrava-se um montículo que facilmente se reconheceria como sendo um nariz humano. Martineau tirou do bolso de trás uma pequena picareta e uma escova, e começou a trabalhar.

Durante as seis horas que se seguiram não se levantou do fosso. Yvette permaneceu sentada de pernas cruzadas na borda do fosso. Por vezes, oferecia-lhe água mineral ou café, que ele recusava. De poucos em poucos minutos, um dos outros membros da equipe aproximava-se e perguntava-lhe como estava a correr. As suas perguntas deparavam-se com o silêncio. Apenas o som do que Martineau estava a fazer se erguia da trincheira. Escavar, escavar, sacudir, sacudir, soprar. Escavar, escavar, sacudir, sacudir, soprar...

O rosto ia-se erguendo lentamente na sua direção, saindo das profundezas do solo antigo, com a boca aberta numa angústia final, de olhos fechados pela morte. Enquanto a manhã passava, ia

esquadrinhando mais profundamente o solo e descobriu que, como esperara, era uma mão que segurava a cabeça. As pessoas reunidas à beira da trincheira não se aperceberam de que para Paul Martineau o rosto representava mais do que um intrigante artefato de um passado distante. No solo escuro, Martineau via o rosto do seu inimigo — e um dia em breve, pensou, também ele estaria a segurar uma cabeça decepada na palma da mão.

A tempestade desceu do vale do Reno a meio do dia. A chuva, fria e batida por um vento áspero, abateu-se sobre a escavação como um bando de vândalos. Martineau saiu da trincheira e apressou-se pela colina acima, onde encontrou o resto da equipe abrigando-se a sotavento do antigo muro. — Arrumem as coisas — disse ele. — Voltaremos a tentar amanhã. Martineau despediu-se deles e encaminhou-se na direção do estacionamento. Yvette afastou-se dos outros e seguiu-o.

— Que tal jantarmos hoje à noite?

— Adoraria, mas infelizmente não posso.

— Por que não?

— Outra recepção chata na faculdade — respondeu Martineau. O reitor exigiu a minha presença.

— Amanhã à noite?

— Talvez. — Martineau tocou-lhe na mão. — Vejo você de manhã.

Do lado oposto do muro situava-se um estacionamento relvado. O novo Mercedes de Martineau destacava-se entre os veículos velhos e as motas dos voluntários e dos arqueólogos menos conhecidos que trabalhavam na escavação. Sentou-se atrás do volante e seguiu pela D14 em direção a Aix. Passados 15 minutos, estacionava num estacionamento no exterior do seu apartamento, mesmo junto ao cours Mirabeau, no coração da cidade.

Era um belo edifício do século XVIII, com uma varanda de ferro em cada janela e uma porta do lado esquerdo da fachada, de

frente para a rua. Martineau tirou o correio da caixa, depois entrou no pequeno elevador e dirigiu-se ao quarto piso. O elevador abriu para um pequeno vestíbulo com chão de mármore. O par de ânforas romanas que se encontravam à entrada da porta era verdadeiro, embora a qualquer pessoa que perguntasse qual a sua origem lhe fosse dito que não passavam de reproduções inteligentes.

O apartamento onde entrou parecia mais adequado a um membro da aristocracia de Aix do que a um arqueólogo e professor em part-time. Originariamente tinham sido dois apartamentos, mas após a morte prematura e acidental do seu vizinho viúvo, Martineau tinha obtido o direito de os juntar num único apartamento. A sala de estar era grande e teatral, com um tecto alto e janelas grandes sobranceiras à rua. O mobiliário era de estilo provençal, embora menos rústico do que as peças na sua villa em Lacoste. Numa parede encontrava-se uma paisagem de Cézanne; noutra um par de esboços de Degas. Um par de colunas romanas invulgarmente intatas flanqueavam a entrada para um estúdio grande que continha várias centenas de monografias arqueológicas e uma notável coleção de notas de campo originais, bem como manuscritos de algumas das maiores mentes na história da arqueologia. A casa de Martineau era o seu santuário. Nunca convidava os colegas para lá irem, apenas mulheres — e nos últimos tempos apenas Yvette.

Tomou uma ducha rápido e vestiu roupa limpa. Dois minutos depois, sentava-se mais uma vez atrás do volante do Mercedes, acelerando ao longo do cours Mirabeau. Não se dirigiu à universidade. Em vez disso, atravessou a cidade e virou para a autoestrada A51 em direção a Marselha. Tinha mentido a Yvette. Não era a primeira vez.

A maior parte dos habitantes de Aix tinha tendência a olhar Marselha com desdém. Paul Martineau sempre se sentira seduzido por ela. A cidade portuária que os gregos batizaram de Massalia era agora a segunda maior da França, e continuara a ser o porto de

entrada da maior parte dos imigrantes que chegavam ao país, a maior parte dos quais oriunda da Argélia, de Marrocos e da Tunísia. Grosseiramente dividida ao meio pelo ruidoso Boulevard de la Canebière, tinha dois lados distintos. A sul da avenida, na extremidade do velho porto, encontrava-se uma agradável cidade francesa com amplos passeios, ruas comerciais exclusivas e uma marginal salpicada por esplanadas. Mas para norte situavam-se os bairros conhecidos como Le Panier e o Quartier Belsunce. Ali era possível caminhar pelas ruas e ouvir apenas árabe. Os estrangeiros e os Franceses nativos, presas fáceis de criminosos de rua, raramente deambulavam pelos bairros árabes depois de escurecer.

Paul Martineau não tinha tais preocupações quanto à sua segurança. Deixou o Mercedes no Boulevard d'Anthènes, perto da base dos degraus que conduziam à estação de trens de St-Charles, e desceu a colina em direção à Rue de la Canebière. Antes de chegar à via pública, virou à direita para uma rua estreita chamada Rue des Convalescents. Com a largura insuficiente para acomodar um carro, esta descia na direção do porto, para o coração do Quartier Belsunce. A rua estava escura e Martineau sentiu nas costas as primeiras rajadas do mistral. O ar noturno cheirava a fumo de carvão e açafrão, e vagamente a mel. Dois homens idosos, sentados em cadeiras de pernas frágeis no exterior de uma moradia de apartamentos, partilhavam um cachimbo de água borbulhante e observaram Martineau com indiferença quando ele passou. No instante seguinte, uma bola de futebol, vazia e quase da cor do pavimento, ressaltou na direção dele vinda da escuridão. Martineau pousou o pé sobre ela e reenviou-a destramente ao local de onde tinha vindo. Foi apanhada por um rapaz de sandálias que, ao ver o estrangeiro alto com roupas ocidentais, se virou e desapareceu na boca do beco. Martineau teve uma visão de si mesmo, 30 anos antes. Fumo de carvão, açafrão, mel... Por um instante, sentiu-se a andar pelas ruas do Sul de Beirute.

Chegou a um cruzamento entre duas ruas. Numa esquina encontrava-se um quiosque de shwarmas, no outro um minúsculo café que prometia gastronomia tunisina. Um trio de rapazes adolescentes olhou provocadoramente para Martineau da soleira da porta de um café. Ele desejou-lhes boa noite em francês, depois baixou o olhar e virou à direita.

A rua era mais estreita do que a Rue des Convalescents, e a maior parte do passeio estava ocupada por bancas do mercado cheias de tapetes baratos e vasos de alumínio. Na outra extremidade encontrava-se um café árabe. Martineau entrou. Nos fundos do café, perto da casa de banho, encontrava-se um lance estreito de escadas às escuras. Martineau subiu-as lentamente em direção à obscuridade. No alto encontrava-se uma porta. Enquanto Martineau se aproximava, ela ia-se abrindo suavemente. Um homem sem barba e envergando um túnica, saiu para o patamar.

— Maa-salaamah — disse. "Que a paz esteja contigo."

— As-salaam alaykum — replicou Martineau, enquanto passava pelo homem e entrava no apartamento.

CAPÍTULO 9

JERUSALÉM

Jerusalém é literalmente uma cidade numa colina. Situa-se no alto das montanhas da Judeia e sobe-se até ela a partir da planície costeira por uma estrada semelhante a uma escadaria através do desfiladeiro das montanhas serpenteantes conhecidas como as Sha'ar Ha'Gai. Gabriel, como a maior parte dos israelenses, ainda se lhe referia pelo seu nome árabe, Bab al-Wad. Baixou o vidro do Skoda pertencente ao Escritório e pousou o braço na abertura. O ar da

noite, fresco e suave, com um aroma a cipreste e a pinho, agitou-lhe a manga da camisa. Passou pela carcaça enferrujada de um carro blindado, uma relíquia dos combates de 1948, e pensou em Sheikh Asad e na sua campanha para cortar a corda salva-vidas até Jerusalém.

Ligou o rádio, esperando encontrar alguma música que lhe afastasse o pensamento do caso, mas em vez disso ouviu um boletim noticioso no qual informavam que um homem-bomba suicida acabara de atingir um ônibus no influente Bairro de Rehavia, em Jerusalém. Ouviu as atualizações durante algum tempo; depois, quando uma música mais sóbria começou, desligou o rádio. Música sóbria significava mais mortes.

Quanto mais sóbria a música, maior o número de mortos.

A Autoestrada 1 passou subitamente de uma via rápida de quatro pistas para uma ampla avenida urbana, a famosa estrada de Jafa, que corria desde a extremidade noroeste de Jerusalém até os muros da Cidade Velha. Gabriel seguiu a estrada para a esquerda, depois desceu uma encosta suave, passando pela estação central de ônibus, nova e caótica. Apesar do bombardeamento, os utentes derramavam-se pelo passeio até a entrada. A maior parte não tinha qualquer opção além de entrar no seu ônibus e desejar que naquela noite a bola da roleta não parasse no seu número.

Passou pela entrada do florescente mercado Makhane Yehuda. Uma moça etíope vestindo um uniforme da polícia verificava junto de uma barreira metálica as bolsas de todas as pessoas que entravam. Quando Gabriel parou num semáforo, um aglomerado de ultraortodoxos Haredim de casacos pretos desviavam-se por entre os veículos como folhas rodopiando.

Uma série de curvas levou-o à Rua Narkiss. Não havia lugar para estacionar, por isso deixou o carro do outro lado da esquina e regressou lentamente a pé até o seu apartamento sob a proteção dos eucaliptos. Sentiu a recordação agri-doce de Veneza, de deslizar para

casa sobre as águas sedosas de um canal e de prender o barco no cais dos fundos da casa.

O quarteirão de blocos de apartamentos de Jerusalém, em pedra calcária, era recuado alguns metros da rua e chegava-se a ele através de uma passagem de cimento que atravessava um pequeno jardim emaranhado. O hall estava iluminado por uma luz esverdeada e tinha um cheiro forte a tinta fresca à base de óleo. Não se deu ao trabalho de verificar a caixa de correio — ninguém sabia onde ele vivia, e as contas iam diretamente para uma empresa de administração dirigida pelo Alojamento.

O edifício não tinha elevador. Gabriel subiu, fatigado, as escadas de cimento até o quarto piso e abriu a porta. O apartamento era grande pelos padrões israelenses — dois quartos, uma cozinha pequena, um pequeno estúdio junto à sala de jantar e de estar em comum —, mas muito distante do piano nobile da casa do canal de Gabriel em Veneza. O Alojamento tinha-se oferecido para vender. O valor dos apartamentos em Jerusalém parecia afundar-se a cada atentado a bomba, e de momento podia ser obtido por um preço muito baixo. Chiara decidira não esperar pelo contrato para o decorar. Como não tinha muito que fazer, passava grande parte do tempo nas compras, e estava firmemente decidida a transformar o apartamento funcional mas pouco alegre em algo parecido com um lar. Desde a última vez que Gabriel tinha ido a casa, aparecera um tapete, bem como uma mesa de centro circular de latão com um pedestal de madeira laçado. Ele esperava que ela a tivesse comprado nalgum lugar de boa reputação e não num daqueles charlatões que vendiam o ar da Terra Santa num frasco.

Chamou Chiara, mas apenas o silêncio lhe respondeu. Avançou pelo corredor até o quarto, que tinha sido mobilado para operacionais e não para amantes. Gabriel juntara as duas camas, mas acordava invariavelmente a meio da noite a cair na fenda entre elas, agarrando-se à extremidade do precipício. Aos pés da cama

repousava uma pequena caixa de cartão. Chiara tinha empacotado a maior parte das suas coisas; isto era tudo o que restava. Calculou que o psicólogo Boulevard King Saul teria interpretado uma percepção analítica profunda na sua incapacidade de desempacotar a caixa. A verdade era bastante mais prosaica: estivera demasiado ocupado a trabalhar. Apesar disso, era deprimente pensar que toda a sua vida cabia naquela caixa, como era difícil imaginar que uma pequena urna metálica pudesse conter as cinzas de um ser humano. A maior parte das coisas nem sequer eram dele. Pertenciam a Mario Delvecchio, um papel que ele representara durante algum tempo e que lhe valera aplausos moderados. Sentou-se e abriu a fita adesiva com a unha do polegar. Ficou aliviado por encontrar um pequeno estojo de madeira, o kit de restauração de viagem contendo pigmentos e pincéis que Umberto Conti lhe oferecera no fim da sua aprendizagem. O resto era sobretudo lixo, coisas de que se deveria ter separado havia muito: antigos talões de cheques, notas acerca de restaurações, uma dura crítica de que fora alvo numa revista de arte italiana pelo seu trabalho no Cristo no Mar da Galileia, de Tintoretto. Perguntou-se porque se dera ao trabalho de a ler, quanto mais guardá-la.

No fundo da caixa encontrou um envelope em papel de cânhamo do tamanho de um livro de cheques. Abriu a aba e virou o envelope ao contrário. Caiu um par de óculos do seu interior. Tinham pertencido a Benjamin Stern, um antigo agente do Escritório que fora assassinado. Gabriel ainda conseguia ver as dedadas oleosas de Benjamin nas lentes sujas.

Começou a colocar os óculos de novo no envelope, mas reparou que havia qualquer coisa alojada no fundo. Virou-o e bateu na base. Caiu ao chão um objeto, um fio de couro do qual pendia um pedaço de coral vermelho com a forma de uma mão. Nesse momento ouviu os passos de Chiara no patamar. Agarrou no talismã e enfiou-o no bolso. Quando chegou à sala da frente já ela conseguira

abrir a porta e atravessava a soleira transportando vários sacos de compras. Ergueu o olhar para Gabriel e sorriu, como que surpresa por encontrá-lo. Fizera uma trança com o cabelo escuro, e o sol mediterrânico do início de Primavera deixara-lhe um rasto de cor nas faces. Aos olhos de Gabriel parecia-se com uma nativa de Sabra. Apenas quando falava hebraico com o seu ultrajante sotaque italiano é que traía o seu país de origem. Gabriel já não lhe falava em italiano. Italiano era a língua de Mario, e Mario estava morto. Só na cama é que falavam em italiano um com o outro, e isso era uma concessão a Chiara, que acreditava que o hebraico não era uma língua própria para amantes.

Gabriel fechou a porta e ajudou-a a transportar os sacos plásticos de compras para a cozinha. Não combinavam, alguns eram brancos, outros azuis, havia um saco rosado com o nome de um talhante kosher muito conhecido. Sabia que Chiara tornara a ignorar a sua admoestação para se manter afastada do mercado Makhane Yehuda.

— Lá é tudo melhor, especialmente os legumes — disse ela defendendo-se, ao ler o olhar de desaprovação no rosto dele. — Além disso, gosto do ambiente. É tão intenso.

— Sim — concordou Gabriel. — Devia vê-lo quando explode uma bomba.

— Está a dizer que o grande Gabriel Allon tem medo de homens-bomba?

— Sim, tenho. Não se pode parar de viver, mas há coisas sensatas que se podem fazer. Como chegou em casa?

Chiara olhou para ele com uma expressão acanhada.

— Bolas, Chiara!

— Não consegui encontrar um táxi.

— Sabes que acabaram de explodir um ônibus em Rehavia?

— Claro. Ouvimos a explosão dentro do Makhane Yehuda.

Foi por isso que decidi vir de ônibus para casa. Achei que seria

improvável acontecer duas vezes no mesmo dia.

Gabriel sabia que esses cálculos tão macabros eram um aspecto cotidiano da vida israelense moderna.

— De agora em diante, pegue o ônibus número 11.

— Qual é esse?

Ele apontou dois dedos para o chão e fez um movimento de andar.

— Isso é um exemplo do seu sentido de humor fatalista israelense?

— Precisa ter senso de humor neste país. É a única maneira de não enlouquecer.

— Gostava mais de você quando era italiano. — Ela empurrou-o gentilmente em direção à cozinha. — Vai tomar uma duche. Temos convidados para o jantar.

Ari Shamron tinha alienado todos aqueles que mais o amavam. Apostara, tolamente, como se veio a saber, que o seu compromisso de toda uma vida na defesa do seu país lhe concederia imunidade aos filhos e amigos. Yonatan, o filho, era comandante de um tanque nas Forças Defensivas Israelenses e parecia dominado por uma necessidade quase suicida de morrer em batalha. A filha mudara-se para a Nova Zelândia e vivia agora numa quinta de galinhas com um gentio. Escapava-se aos telefonemas dele e recusava as suas repetidas exigências para regressar à terra do seu nascimento.

Apenas Gilah, a esposa sofredora de longa data, permanecera lealmente a seu lado. Tinha de calma aquilo que Shamron tinha de temperamental e fora abençoada com a capacidade míope de ver nele apenas o bem. Era a única pessoa que se atrevia a repreendê-lo, embora geralmente o fizesse em polaco para lhe evitar um embaraço desnecessário — como fazia quando Shamron tentava acender um cigarro à mesa de jantar depois de terminar o seu prato de galinha assada e pilaf de arroz. Ela conhecia apenas os pormenores mais

vagos do trabalho do marido e suspeitava que ele tivesse as mãos sujas. Shamron poupava-lhe o pior, pois temia que se Gilah soubesse de mais o viesse a abandonar, como sucedera com os filhos. Ela via Gabriel como uma influência moderadora e tratava-o amavelmente. Também sentia que Gabriel amava Shamron do modo turbulento como um filho ama o pai, e ela retribuía-lhe esse amor. Ignorava que Gabriel tivesse morto homens seguindo ordens do seu marido. Estava convicta de que ele seria uma espécie de escriturário que tinha passado um grande período de tempo na Europa e sabia muito a respeito de arte.

Gilah ajudou Chiara a lavar a louça enquanto Gabriel e Shamron se dirigiam para o estúdio para conversar. Shamron, escudado do olhar de Gilah, acendeu um cigarro. Gabriel abriu a janela. A chuva noturna batia a um ritmo brando na rua, e o odor penetrante das folhas de eucalipto molhadas enchiam a sala.

— Ouvi dizer que andas à caça do Khaled — disse Shamron.

Gabriel anuiu. Informara Lev das descobertas da Dina naquela manhã, e Lev partira de imediato para Jerusalém para se encontrar com Shamron e com o primeiro-ministro.

— Para lhe dizer a verdade, nunca dei muito crédito ao mito do Khaled — disse Shamron. — Sempre parti do princípio de que o rapaz tivesse mudado de nome e escolhido viver sem a sombra do pai e do avô... sem a sombra desta terra. — Também eu — disse Gabriel —, mas o caso é convincente.

— Pois é. Por que nunca ninguém fez a ligação entre as datas de Buenos Aires e Istambul?

— Calculou-se que se trataria de uma coincidência — disse Gabriel. — Além disso, não houve provas suficientes para fechar o círculo. Nunca ninguém pensou em investigar Beit Sayeed até agora.

— Ela é muito boa, essa Dina.

— Infelizmente, há uma espécie de obsessão com ela.

— Estás a referir-te ao fato de ela estar na praça Dizengoff no dia em que o ônibus nº 5 explodiu?

— Como soubeste disso?

— Tomei a liberdade de rever os arquivos pessoais da tua equipe. Escolheste bem.

— Ela sabe muito a teu respeito, incluindo algumas coisas que nunca me contou.

— Tais como?

— Nunca soube que tinha sido Rabin a dirigir o carro de fuga depois que matou o xeque Asad.

— Ficamos muito próximos depois disso, Rabin e eu, mas infelizmente nos separamos por causa de Oslo. Rabin acreditava que Arafat estava embaixo e que tinha chegado a hora de um acordo. Eu disse que Arafat estava fazendo acordo porque estava embaixo, mas pretendia usar Oslo para fazer a guerra contra nós por outros meios. É claro que eu tinha razão. Para Arafat, Oslo era apenas mais um passo na sua "estratégia de fases" para a nossa destruição. Disse-o com as suas próprias palavras, quando falava em árabe com seu povo. — Shamron fechou os olhos. — Não sinto prazer algum em saber que tinha razão. A morte de Rabin foi um golpe terrível para mim. Seus opositores chamaram-no de traidor e nazista, e depois o mataram. Assassina-mos um dos nossos. Sucumbimos à doença árabe. — Sacudiu a cabeça lentamente. — Apesar disso, suponho que foi tudo necessário, esta tentativa ilusória de fazer a paz com nossos inimigos declarados. Endureceu-nos para os degraus que precisamos seguir se quisermos sobreviver nesta terra.

Gabriel abordou o tema seguinte, a demolição de Beit Sayeed, com extrema cautela.

— Foi uma operação da Palmach, não foi?

— Que sabes exatamente, Gabriel?

— Estavas lá?

Shamron exalou pesadamente, depois anuiu uma vez.

— Não tivemos escolha. Beit Sayeed era a base operacional da milícia do Sheikh Asad. Não podíamos deixar uma aldeia tão hostil entre nós. Depois da morte do Sheikh, foi necessário desferir um golpe fatal à força que lhe restava. O olhar de Shamron tornou-se subitamente distante. Gabriel bem via que ele não desejava prosseguir com o assunto. Shamron deu uma passa maior no cigarro, depois falou a Gabriel da premonição de desastre que experimentara na noite anterior ao bombardeamento.

— Eu sabia que seria qualquer coisa assim. Senti-o logo que aconteceu. — Depois corrigiu-se. — Senti-o antes de acontecer.

— Se o Khaled está a tentar castigar-me, Por que não me matou em Veneza quando teve a oportunidade de o fazer?

— Talvez tencionasse fazê-lo. Daoud Hadawi estava apenas a alguns quilômetros na estrada de Milão quando os italianos o encontraram. Talvez Hadawi fosse o homem que te deveria matar.

— E Roma? — perguntou Gabriel. — Por que Khaled escolheu Roma?

— Talvez porque Roma tivesse servido como quartel-general europeu do Setembro Negro. — Shamron olhou para Gabriel. — Ou talvez ele estivesse falando diretamente com você.

Wadal Abdel Zwaiter, pensou Gabriel. A Piazza Annibaliano.

— Lembre-se de outra coisa — disse Shamron. — Uma semana depois da bomba houve uma demonstração maciça no centro de Roma, não contra o terror palestino, mas contra nós. Os europeus são os melhores amigos dos palestinos. O mundo civilizado nos abandonou ao nosso destino. Nunca teríamos regressado a esta terra se não tivéssemos sido empurrados para cá pelos cristãos europeus, e agora que estamos aqui, eles não nos deixam lutar, muito menos antagonizar os árabes entre eles.

Um silêncio caiu entre ambos. Da cozinha veio o ruído de pratos e riso suave das mulheres. Shamron afundou-se mais na

cadeira. O bater da chuva e o forte odor dos eucaliptos parecia exercer sobre ele o efeito de um sedativo.

— Trouxe alguns papéis para você assinar — disse ele.

— Que tipo de papéis?

— Do tipo que dissolverão calmamente o teu casamento com Leah. — Shamron colocou uma mão no antebraço de Gabriel. Passaram-se 14 anos. Perdeste-a. Nunca mais voltará. É altura de seguires a tua vida.

— Não é assim tão simples, Ari.

— Não o invejo — disse Shamron. — Quando planeja trazê-la para casa?

— O médico dela é contra a ideia. Receia que seu regresso a Israel apenas piore a situação. Consegui, por fim, convencê-lo de que isso não se trata de algo negociável, mas ele insiste que lhe seja dado o tempo adequado para se preparar para a transição.

— Quanto?

— Um mês — disse Gabriel. — Talvez um pouco menos.

— Diz ao médico que trataremos aqui dela. Infelizmente, temos imensa experiência em tratar de vítimas de atentados a bomba.

Shamron mudou repentinamente de assunto.

— Estás confortável neste apartamento?

Gabriel indicou que sim.

— É suficientemente grande para uma criança ou duas.

— Não vamos nos precipitar, Ari. Não vou voltar a ver os 50.

— Chiara vai querer filhos, se se casarem, é claro. Além disso, tens de cumprir o teu dever patriótico. Nunca ouviste falar da ameaça demográfica? Em breve seremos um povo minoritário entre o rio Jordão e o mar. O primeiro-ministro encoraja a todos a contribuir tendo mais filhos. Graças a Deus pelos Haredim. São o único motivo porque ainda estamos no jogo.

— Vou tentar contribuir de outra maneira.

— É seu, você sabe — disse Shamron.

— O quê?

— O apartamento.

— Está falando de quê?

— Agora é sua propriedade. Foi comprado em seu nome por um amigo do Escritório.

Gabriel sacudiu a cabeça. Sempre se espantava com aquele acesso ao dinheiro de gângsteres de Shamron.

— Não posso aceitar.

— É tarde demais. A escritura vai ser enviada de manhã.

— Não quero dever nada a ninguém.

— Nós é que lhe devemos. Aceite com amabilidade e no espírito com que foi oferecido. — Shamron deu uma palmadinha no ombro de Gabriel. — E encha-o de crianças.

Gilah enfiou a cabeça pela porta entreaberta.

— A sobremesa está na mesa — disse; depois olhou para Shamron e mandou-o, em polaco, apagar o cigarro. de Abril — murmurou ele, quando Gilah se afastou. — Isso não é muito tempo.

— Já estou a olhar para o relógio.

— Ocorreu-me que há uma pessoa que poderá saber onde está o Khaled.

— Arafat?

— Ele é o pai de Khaled. Além disso, deve-te um favor. Salvaste -lhe a vida uma vez.

— Yasser Arafat é a última pessoa que eu quero ver. Além disso, é mentiroso.

— Sim, mas por vezes as mentiras dele conduzem-nos à verdade.

Está fora do meu alcance. O Lev nunca me daria autorização para isso.

— Então não lhe digas.

— Não me parece que seja sensato limitar-me a aparecer e bater à porta de Arafat. E a única maneira de ir a Ramallah é ir no transporte de pessoal blindado. — Na verdade, Arafat nem sequer tem porta. O IDF tratou disso.

— Shamron permitiu-se um sorriso face aos infortúnios do seu velho adversário. — Quanto ao carro blindado, deixa isso comigo.

Gabriel deitou-se na cama e aproximou-se cuidadosamente do centro. Estendeu o braço na escuridão e envolveu nele o abdômen de Chiara. Ela permaneceu imóvel.

— De que é que tu e o Ari estavam a falar no estúdio?

— Do caso — respondeu ele, ausente.

— Só?

Ele contou-lhe que o apartamento era deles. -Como é que isso aconteceu? — Shamron e os seus amigos endinheirados. Vou pedir ao Alojamento que retirem a mobília antiga. Amanhã, podes comprar uma cama em condições.

O braço de Chiara levantou-se lentamente. Gabriel, na escuridão, conseguia ver o talismã a baloiçar-lhe da ponta dos dedos.

— O que é isso?

— Um amuleto da sorte corso. Dizem que afasta o mau-olhado.

— Onde é que o arranjaste? — É uma longa história.

— Conta.

— É confidencial.

Ele pegou no talismã. Com um ágil movimento de mão, Chiara revirou o talismã de modo que este se lhe enrolou firmemente à volta da ponta dos dedos, do mesmo modo que os árabes frequentemente brincavam com as contas de oração.

— Foi presente de uma de suas antigas amantes? — perguntou ela.

— Na verdade, de uma antiga inimiga. Um homem que tinha sido contratado para me matar e à mulher que eu estava protegendo.

— Anna Rolfe?

— Sim — respondeu Gabriel — , Anna Rolfe.

— Por que guardou? — perguntou ela. — Para lembrar dela?

— Chiara, não seja boba.

— O que eram aqueles papéis que Shamron te deu antes de ir embora? Ou isso também é confidencial?

Gabriel respondeu à pergunta com a verdade.

— Já assinou?

— Acho que devia ler primeiro.

— Sabe o que dizem.

— Vou assiná-los — disse Gabriel.

— Quando?

— Quando estiver preparado.

Nesse exato momento, o edifício foi sacudido pelo estrondo de uma explosão poderosa. Chiara saiu da cama e correu para a janela.

Gabriel permaneceu imóvel.

— Foi perto — disse ela.

— No centro comercial Ben Yehuda, acho. Provavelmente num café.

— Liga o rádio.

— Limite-se a contar as sirenes, Chiara. Pode estimar a gravidade pelo número de ambulâncias que chamaram.

Passou-se um momento, parado e mortalmente silencioso. Gabriel fechou os olhos e imaginou, com a nitidez de um vídeo, o pesadelo que ocorria a alguns quarteirões de sua nova casa. Soou a primeira sirene, depois uma segunda, uma terceira, e uma quarta. Depois de 17, perdeu a conta, pois a noite tinha se transformado numa sinfonia de sirenes. Chiara voltou à cama e agarrou-se ao peito dele.

— Assine os papéis quando estiver pronto — disse ela. — Eu estarei aqui. Estarei sempre aqui.

CAPÍTULO 10

JERUSALÉM: 22 DE MARÇO

O coronel do Exército que aguardava perto dos muros da Cidade Velha não se parecia muito com Ari Shamron, mas Gabriel não achou aquilo muito surpreendente. Havia qualquer coisa a respeito de Israel — a luz, a forte coesão social, a tensão crepitante da atmosfera — que tinha o poder de alterar dramaticamente a aparência dos seus cidadãos, mesmo no espaço de uma única geração. Yonatan Shamron era 15 centímetros mais alto do que seu infame pai, espantosamente atraente, e não possuía nenhuma daquelas defensivas físicas naturais do velho — um resultado, sabia Gabriel, do fato de ter sido criado ali, e não na Polônia. Apenas quando o coronel saltou de seu jipe blindado e avançou para Gabriel com a mão estendida como um punhal é que Gabriel teve um tênue vislumbre de Shamron, o Velho. Seu andar era mais uma marcha mortal do que um mero andar, e quando apertou ferozmente a mão de Gabriel e lhe deu uma palmada entre as espáduas, Gabriel sentiu-se como que atingido por um bloco de pedra herodiana.

Partiram ao longo da Estrada Número Um, a antiga fronteira entre Jerusalém Oriental e Ocidental. Ramallah, o centro nominal do poder palestino, ficava poucos quilômetros ao norte. Surgiu um posto de controle diante eles. Do lado oposto encontrava-se o campo de refugiados de Kalandiya: dez mil palestinos empilhados em algumas centenas de metros quadrados de apartamentos feitos de hulha betuminosa. Para a direita, espalhando-se por uma pequena colina, os telhados vermelhos e bem ordenados do assentamento judeu Psagot. Erguendo-se acima de tudo encontrava-se um retrato

enorme de Yasser Arafat. A inscrição em árabe dizia: SEMPRE CONTIGO.

Yonatan apontou o polegar em direção ao assento traseiro e disse: — Vista essas coisas.

Olhando por cima do ombro, Gabriel viu um colete blindado de colarinho alto e um capacete de combate metálico. Não usava capacete desde sua breve tarefa no IDF. O que Yonatan usava era grande, e caía sobre seus olhos.

— Agora parece um verdadeiro soldado — disse Yonatan. Depois sorriu. — Bem, quase.

Um homem da infantaria acenou para que passassem pela barreira, e depois, vendo quem estava atrás do volante, sorriu e disse:

— Olá, Yonatan.

A disciplina nas fileiras do IDF, como no Escritório, era notoriamente frouxa. Os primeiros nomes eram a norma, e as saudações, algo quase inaudito. Gabriel estudava a cena do outro lado da barreira através da sua janela de vidro fumê à prova de bala. Dois soldados, armas niveladas, ordenava aos homens que abrissem os casacos e levantassem as camisas para se certificarem de que não usavam cintos-bomba debaixo da roupa. As mulheres passavam pela mesma revista atrás de uma barreira que as escudava dos olhares dos homens. Para lá da barreira, serpenteava uma linha com diversos metros de comprimento — uma espera, calculou Gabriel, de três ou quatro horas. Os homens-bomba tinham infligido desespero a ambos os lados da Linha Verde, mas os palestinos honestos — os trabalhadores que tentavam conseguir empregos em Israel, os agricultores que apenas queriam vender os seus produtos — é que pagara o preço mais elevado em termos de absoluto transtorno.

Gabriel olhou para lá do posto de controle, em direção ao Muro de Separação para a Cisjordânia.

— Que acha disso? — perguntou Yonatan.

— Não é certamente nada para dar orgulho.

— Acho que é uma cicatriz feia através desta nossa bela terra. É o nosso novo Muro das Lamentações, muito maior que o primeiro, e diferente, porque agora as pessoas se lamentam de ambos os lados do muro. Mas receio que não tenhamos outra escolha. Com boa inteligência conseguimos evitar a maior parte dos ataques suicidas, mas nunca seremos capazes de evitar todos. Nós precisamos deste muro.

— Mas não é o único motivo para construí-lo.

— Isso é verdade — disse Yonatan. — Quando estiver terminado, podemos virar as costas aos árabes e nos afastar. É por isso que eles têm tanto medo dele. Interessa-lhes permanecerem acorrentados a nós no conflito. O muro vai permitir-nos que nos separemos, e essa é a última coisa que eles queriam. A Estrada Número Um virava para a Autoestrada 60, uma faixa de asfalto negro macio que corria para o norte através de uma paisagem cinza de poeira da Cisjordânia. Tinham-se passado mais de 30 anos desde que Gabriel estivera pela última vez em Ramallah. Então, como agora, chegara num veículo blindado, com um capacete IDF na cabeça. Aqueles anos iniciais da ocupação tinham sido relativamente calmos — na verdade, todas as semanas, o maior desafio de Gabriel tinha sido encontrar uma carona do seu posto para casa da mãe, onde morava, no vale de Jezreel. Para a maior parte dos árabes da Cisjordânia, o fim da ocupação da Jordânia conduziu a um melhoramento vincado na qualidade das suas vidas. Com os Israelenses viera o acesso a uma economia vibrante, água canalizada, eletricidade e educação. As taxas de mortalidade infantil, outrora entre as mais elevadas do mundo, haviam caído rapidamente. As taxas de alfabetismo, entre as mais baixas do mundo, aumentaram muito. O islamismo radical e a influência da OLP acabariam por transformar a Cisjordânia num caldeirão fervilhante e colocar os soldados IDF em confrontos diários com crianças que lançavam

pedras, mas para Gabriel o serviço do Exército tinha sido em grande medida um teste ao tédio.

— Então vai ver o Irrelevante — disse Yonatan, intrometendo-se nos pensamentos de Gabriel.

— Seu pai conseguiu uma reunião com ele para mim.

— O homem tem 75 anos e continua a puxar os cordéis como o mestre das marionetes. — Yonatan sorriu e sacudiu a cabeça. — Por que ele não se limita a se aposentar e a relaxar?

— Ficaria doido — disse Gabriel. — Bem como sua pobre mãe. A propósito, ele mandou cumprimentos. Gostaria que fosse a Tiberíades no Shabbat.

— Estou de serviço — disse Yonatan apressadamente.

Aparentemente, o serviço era a desculpa pré-preparada para evitar passar tempo com o pai. Gabriel mostrava-se relutante em envolvê-lo nas emaranhadas disputas internas da família Shamron, embora soubesse que o velhote ficara muito magoado com o afastamento dos filhos. Também tinha um motivo egoísta para a intervenção. Se Yonatan fosse uma presença mais importante na vida de Shamron, poderia aliviar alguma da pressão sobre Gabriel. Agora que Gabriel estava a viver em Jerusalém, e não em Veneza, Shamron sentia-se à vontade para telefonar a todas as horas para trocar mexericos do Escritório ou para dissecar os últimos desenvolvimentos políticos. Gabriel precisava de reaver o seu espaço. Se se levasse Yonatan com habilidade, ele poderia agir como uma espécie de Muro de Separação.

— Ele quer ver você mais vezes, Yonatan.

— Só consigo lidar com ele em pequenas doses. — Yonatan afastou os olhos da estrada durante um momento para olhar para Gabriel. — Além disso, ele sempre gostou mais de você.

— Bem sabe que isso não é verdade.

— Tudo bem, estou exagerando um pouco. Mas não está assim tão afastado da verdade. É certo que pensa em você como

filho.

— Seu pai é um grande homem.

— Sim — disse Yonatan —, e os grandes homens são duros com os seus filhos. Gabriel vislumbrou dois enormes transportes de pessoal blindados, de cor castanha, estacionados à beira da estrada diante deles. — É melhor não entrar na cidade sem um pouco de músculo — disse Yonatan. Formaram um pequeno trem, com o jipe de Yonatan ao centro, e continuaram.

A primeira prova da aproximação da cidade era o fluxo de árabes a caminharem pela beira da autoestrada. Os hijabs das mulheres adejavam como estandartes na brisa do meio-dia. E depois, Ramallah, baixa e parda, erguia-se da paisagem árida. A rua de Jerusalém conduziu-os até o coração da cidade. Os rostos dos "mártires" olhavam para Gabriel de todos os postes de iluminação por que passavam. Havia ruas com nomes dos mortos, praças e mercados para os mortos. Um quiosque vendia porta-chaves com rostos dos mortos agarrados. Um árabe movia-se por entre o tráfego, a vender um calendário dos mártires. Os cartazes mais recentes revelavam a sedutora imagem de uma bela jovem, a adolescente árabe que se fizera explodir no centro comercial Ben Yehuda duas noites antes.

Yonatan virou à direita para a Rua Broadcast, por onde seguiram cerca de um quilômetro, até chegarem a uma barricada controlada por meia dúzia de agentes da segurança palestina. Ramallah estava uma vez mais tecnicamente sob controle palestino. Gabriel fora lá a convite do presidente da Autoridade, o equivalente a entrar numa aldeia da Sicília com a bênção do padrinho local. Houve pouca tensão evidente enquanto Yonatan falava, num árabe fluente, com o líder do destacamento palestino.

Passaram-se diversos minutos enquanto o palestino consultava os superiores via rádio portátil. Em seguida, bateu no teto do jipe e acenou-lhes para avançarem.

— Devagar, coronel Shamron — acautelou ele. — Alguns destes rapazes estiveram aqui na noite em que o Batalhão Egoz abateu o portão e começou a fazer explodir o lugar. Não queríamos que houvesse mal-entendidos.

Yonatan serpenteou através de um labirinto de barreiras de cimento, e depois acelerou ligeiramente. Surgiu à direita um muro de cimento com cerca de 3,5 metros de altura e esburacado por tiros de metralhadoras de alto calibre. Fora derrubado em alguns locais, conferindo-lhe assim o efeito de uma boca com dentes de má qualidade. As unidades de segurança palestina, algumas em vans de caixa aberta, outras em jipes, patrulhavam o perímetro. Olharam para Gabriel e Yonatan com uma expressão provocadora, mas mantiveram as armas baixas. Yonatan travou à entrada. Gabriel retirou o capacete e o blindado.

— Quanto tempo vai demorar? — perguntou Yonatan.

— Calculo que isso dependa dele.

— Prepare-se para um sermão. Nos últimos tempos, anda maldisposto.

— Podemos culpá-lo?

— Só pode culpar a si mesmo, Gabriel, lembre-se disso. Gabriel abriu a porta e saiu.

— Ficaré bem aqui sozinho?

— Não há problema — disse Yonatan. Depois acenou a Gabriel e disse: — Cumprimentos meus a ele.

Um agente de segurança palestino saudou Gabriel através das grades do portão. Usava um uniforme verde-seco, um boné plano e uma venda preta sobre o olho esquerdo. Abriu o portão o suficiente para Gabriel passar e fez-lhe sinal para que avançasse. Faltavam-lhe os últimos três dedos da mão. Do outro lado do portão, Gabriel foi entregue a mais dois homens de uniforme, que o sujeitaram a uma revista corporal rigorosa e intrusiva enquanto Só

Um Olho observava, sorrindo como se toda a coisa tivesse sido preparada para seu divertimento pessoal.

Só Um Olho apresentou-se como sendo o coronel Kemel e levou Gabriel para dentro. Não era a primeira vez que Gabriel entrava na Mukata. Durante o período do Mandato tinha sido uma fortaleza do exército britânico. Depois da Guerra dos Seis Dias, o IDF tomara-a aos Jordanos e usara-a durante toda a ocupação como posto de comando da Cisjordânia. Quando Gabriel era soldado apresentara-se muitas vezes para serviço no mesmo lugar que Yasser Arafat agora usava como quartel-general.

O escritório de Arafat situava-se num edifício quadrado de dois pisos anichado junto à parte norte do muro da Mukata. Extremamente danificado, era um dos poucos edifícios ainda de pé no recinto. Gabriel passou por uma segunda revista no hall, desta vez às mãos de um gigante de bigode em roupas à paisana com uma metralhadora compacta atravessada ao peito.

Terminada a revista, o segurança fez sinal ao coronel Kemel, que tocou em Gabriel para que subisse um estreito lance de escadas. No patamar, sentado numa cadeira de aparência frágil que balançava precariamente sobre duas pernas, estava outro segurança. Este lançou a Gabriel um olhar apático, depois estendeu o braço e bateu com os nós dos dedos na porta de madeira. Uma voz irritada do outro lado disse: "Entre." O coronel Kemel virou a maçaneta e conduziu Gabriel ao interior.

O escritório onde Gabriel entrou não era muito maior do que o seu no Boulevard King Saul. Havia uma modesta secretária de madeira e uma pequena cama de campanha, com uma apelativa cópia do Corão forrada a pele e pousada em cima da fronha branca engomada. Pesadas cortinas de veludo cobriam a janela; um candeeiro de secretária, colocado num ângulo virado para baixo em direção a um monte de papel, era a única fonte de luz. Ao longo de uma parede, quase perdidas nas sombras pesadas, pendiam filas e

filas de fotografias emolduradas do líder palestino com muitas pessoas famosas, incluindo o presidente americano que lhe concedera de fato o reconhecimento do seu Estado miniaturol e a quem Arafat recompensara apunhalando-o pelas costas em Camp David e afastando-se do acordo de paz.

Atrás da secretária, com uma aparência frágil e doentia, sentava-se o próprio Arafat. Usava um uniforme engomado e um kaffiyeh aos quadrados brancos e pretos. Como habitual, caía-lhe sobre o ombro direito e estava preso à frente do uniforme de maneira a assemelhar-se à terra de Palestina — a versão de Arafat da Palestina, reparou Gabriel, pois parecia-se muito com o Estado de Israel. Quando fez um gesto a Gabriel para se sentar, a mão tremeu-lhe violentamente, como sucedeu ao protuberante lábio inferior ao perguntar-lhe se desejava tomar chá. Gabriel conhecia os costumes árabes suficientemente bem para ter consciência de que uma recusa iria fazer com que as coisas comesçassem com o pé esquerdo, por isso aceitou prontamente o chá, e foi com um certo prazer que ficou a observar Arafat enviar o coronel Kemel para o ir buscar.

Sozinhos pela primeira vez, trocaram um olhar em silêncio por cima da pequena secretária. A sombra do seu último encontro pendia sobre eles. Tivera lugar no estúdio de um apartamento em Manhattan, onde Tariq al-Hourani, o mesmo homem que tinha plantado uma bomba debaixo do carro de Gabriel em Viena, tentara assassinar Arafat pela sua suposta "traição" do povo palestino. Antes de fugir do apartamento, Tariq atirara uma bala contra o peito de Gabriel, um ferimento que quase o tinha morto.

Agora sentado em frente de Arafat, o peito de Gabriel doía-lhe pela primeira vez em muitos anos. Nenhuma pessoa, com exceção porventura de Shamron, o influenciara mais no decurso da sua vida que Yasser Arafat. Tinham nadado juntos ao longo de 30 anos no mesmo rio de sangue. Gabriel matara os tenentes de maior

confiança de Arafat; Arafat ordenara a "represália" contra Gabriel em Viena.

Mas seriam Leah e Dani os alvos ou a bomba era para ele mesmo? Gabriel viveu obcecado com a questão durante 13 anos. Arafat sabia certamente a resposta. Era um dos motivos por que Gabriel tinha aceite tão prontamente a sugestão dada por Shamron de visitar Ramallah.

— Shamron disse-me que desejavas discutir um assunto importante comigo — disse Arafat. — Concordo em ver-te apenas como uma cortesia para com ele. Temos a mesma idade, Shamron e eu. A História atirou-nos aos dois para esta terra, e infelizmente travamos muitas batalhas. Por vezes, venci-o eu, por vezes venceu-me ele. Agora estamos ambos a ficar velhos. Eu tinha esperança de que pudéssemos ver alguns dias de paz antes de morrermos. As minhas esperanças estão a desaparecer.

Se assim era, pensou Gabriel, então Por que te afastaste do acordo que te teria dado um Estado em Gaza e 97% da Cisjordânia com Jerusalém Este como capital? Claro que Gabriel conhecia a resposta. Era demonstrada no mapa de pano da "Palestina" que Arafat usava sobre o ombro. Ele quisera tudo. Gabriel não teve oportunidade de responder, porque o coronel Kemel regressou com uma pequena bandeja de prata com dois copos de chá. Depois o coronel sentou-se numa cadeira e olhou para Gabriel com o seu único olho são. Arafat explicou que o adido falava fluentemente hebraico e o iria auxiliar em qualquer tradução. Gabriel esperara encontrar-se sozinho com Arafat, mas era possível que viesse a ser útil um tradutor. O árabe de Gabriel, embora aceitável, não possuía as sutilezas nem a flexibilidade necessárias para uma conversa com um homem como Yasser Arafat.

Arafat colocou com mão tremente o copo de chá no pires e perguntou a Gabriel o que o tinha levado a Ramallah. A resposta

monossilábica de Gabriel deixou Arafat momentaneamente abalado, como fora intenção de Gabriel.

— Khaled? — repetiu Arafat, recuperando terreno. — Conheço muitos homens chamados Khaled. Receio que seja um nome bastante vulgar entre os palestinos. Tem de ser mais específico.

A ignorância fingida, como Gabriel bem o sabia, era uma das táticas de negociação favoritas de Arafat. Gabriel insistiu.

O Khaled de que ando à procura, dirigente Arafat, é Khaled al-Khalifa.

— Presidente Arafat — disse o palestino. Gabriel assentiu com indiferença. — Onde está Khaled al-Khalida?

A pele manchada do rosto de Arafat corou subitamente, e o seu lábio inferior começou a tremer. Gabriel baixou o olhar e contemplou o seu chá. Pelo canto do olho, reparou que o coronel Kemel se remexia nervosamente no assento. Quando tornou a falar, Arafat conseguiu manter controlado o seu famoso temperamento.

— Deduzo que se esteja a referir ao filho do Sabri al-Khalifa?

— Na verdade, ele agora é seu filho.

— Meu filho adotado — disse Arafat — , porque você assassinou o pai dele.

— O pai dele foi morto no campo de batalha.

— Foi assassinado a sangue frio nas ruas de Paris.

— Foi Sabri quem transformou Paris num campo de batalha, presidente Arafat, e com sua bênção.

Caiu um silêncio entre eles. Arafat pareceu escolher cuidadosamente as suas palavras seguintes.

— Sempre soube que um dia você iria aparecer com uma provocação qualquer para selecionar Khaled para ser eliminado. Foi por isso que depois do funeral de Sabri enviei o rapaz para longe daqui. Dei-lhe uma nova vida, e ele aceitou-a. Não vejo Khaled nem tenho notícias dele desde jovem.

— Temos indícios que sugerem que Khaled al-Khalifa esteve envolvido num ataque à nossa embaixada em Roma.

— Disparate — disse Arafat com desdém.

— Já que o Khaled nada teve a ver com Roma, estou certo de que não se importará de nos dizer onde o podemos encontrar.

— Como já lhe disse, não sei onde está o Khaled.

— Como é que ele se chama? Um sorriso prudente.

Dei-me a um trabalho imenso para proteger o rapaz de si e do seu serviço vingativo. O que o leva a pensar que eu agora lhe dissesse o nome do rapaz? Acredita realmente que eu deva representar o papel de Judas Iscariote e entregar-lhe o meu filho para um julgamento e execução? — Arafat sacudiu lentamente a cabeça.

— Temos muitos traidores entre nós, muitos dos quais trabalham aqui na Mukata, mas eu não sou um deles. Se quer encontrar o Khaled, terá de o fazer sem a minha ajuda.

— Houve um assalto a uma pensão em Milão pouco depois do atentado a bomba. Um dos homens que estava aí escondido chamava-se Daoud Hadawi, e era um palestino que tinha sido membro do seu Serviço de Segurança Presidencial.

— Se assim o diz.

— Gostaria de ter uma cópia do arquivo pessoal de Hadawi.

— Trabalham diversas centenas de homens num Serviço de Segurança Presidencial.

Se esse homem... — gaguejou. — Qual era o nome dele?

— Daoud Hadawi.

— Ah, sim, Hadawi. Se ele alguma vez trabalhou nesse serviço, e se ainda tivermos um arquivo pessoal dele, ficarei satisfeito por lho entregar. Mas acho que as possibilidades de encontrarmos alguma coisa são escassas.

— A sério?

— Deixe-me esclarecer bem as coisas — disse Arafat. — Nós, os palestinos, não tivemos nada a ver com o ataque a sua embaixada.

Talvez tenha sido o Hezbollah ou Osama. Talvez tenham sido os neonazistas. Sabe Deus que vocês têm muitos inimigos.

Gabriel colocou as palmas nos braços da cadeira e preparou-se para se levantar. Arafat levantou a mão.

— Por favor, Jibril — disse ele, usando a versão árabe do nome de Gabriel. — Não se vá já embora. Fique mais um pouco.

Gabriel decidiu ceder dessa vez. Arafat brincou com o seu kaffiyeh, depois olhou para o coronel Kemel e instruiu-o, em voz baixa e em árabe, a deixá-los sozinhos.

— Não tocou no seu chá, Jibril. Posso oferecer-lhe outra coisa? Talvez alguns doces.

Gabriel sacudiu a cabeça. Arafat cruzou as suas pequenas mãos e olhou Gabriel em silêncio. Sorria ligeiramente. Gabriel tinha a nítida sensação de que Arafat se estava a divertir.

— Sei o que fizeste por mim em Nova Iorque há alguns anos. Se não fosses tu, bem que Tariq me poderia ter morto naquele apartamento. Numa outra altura poderias desejar que ele fosse bem sucedido.

Um sorriso pensativo. — Quem sabe? Numa outra altura poderias ter sido tu, Jibril, ali de pé com uma arma na mão.

Gabriel não respondeu. Matar Arafat? Nas semanas que se sucederam ao episódio de Viena, em que fora incapaz de imaginar outra coisa que não a carne carbonizada da mulher e o corpo mutilado do filho, pensara muito nisso. Na verdade, nos momentos em que se achava mais em baixo, Gabriel teria de bom grado trocado a própria vida pela de Arafat.

— É estranho, Jibril, mas por um breve instante fomos aliados, tu e eu. Ambos queríamos paz. Ambos precisávamos de paz.

— Alguma vez quiseste paz, ou fazia tudo parte da tua estratégia faseada para destruir Israel e tomar todo o lugar?

Desta vez foi Arafat que permitiu que a questão pairasse no ar sem resposta. — Devo-te a minha vida, Jibril, e por isso vou

ajudar-te nesta matéria. Não há nenhum Khaled. Khaled é uma invenção da tua mente. Se continuares a persegui-lo, os verdadeiros assassinos hão de escapar.

Gabriel levantou-se abruptamente, terminando a reunião. Arafat saiu de trás da secretária e colocou as mãos nos ombros de Gabriel. A carne de Gabriel parecia estar em chamas, mas ele nada fez para cortar o abraço palestino. — Fico satisfeito por nos termos enfim encontrado formalmente

— disse Arafat. — Se eu e tu nos pudermos sentar juntos em paz, talvez exista esperança para todos nós.

— Talvez — disse Gabriel, embora o tom revelasse o seu pessimismo. Arafat libertou Gabriel e começou a avançar para a porta, depois parou subitamente.

— Surpreendes-me, Jibril.

— Por quê?

— Esperei que usasses esta oportunidade para clarificar as coisas relativamente a Viena.

— Assassinate a minha mulher e o meu filho — disse Gabriel, mentindo deliberadamente a Arafat acerca do destino de Leah. — Não sei se alguma vez seremos capazes de "clarificar as coisas", como tu dizes.

Arafat sacudiu a cabeça.

— Não, Jibril, eu não os assassinei. Ordenei a Tariq que te matasse para vingar Abu Jihad, mas disse especificamente que não devia tocar em sua família.

— Por que fez isso?

— Porque você merecia. Comportou-se com uma certa honra naquela noite em Túnis. Sim, matou Abu Jihad, mas se certificou de que nenhum mal aconteceria à mulher e ao filho. De fato, parou a caminho da villa para confortar a filha de Abu Jihad e a instruir a tomar conta da mãe. Lembra disso, Jibril?

Gabriel fechou os olhos e anuiu. A cena em Túnis, como o ataque a bomba em Viena, estava suspensa numa galeria de memória por onde ele caminhava todas as noites nos seus sonhos.

— Senti que merecias o mesmo que Abu Jihad: morrer a morte de um soldado testemunhada pela mulher e pelo filho. Tariq não concordou comigo. Achava que merecias um castigo mais severo, o castigo de veres a tua mulher e filho morrerem, por isso ele plantou a bomba debaixo do carro deles e certificou-se de que estavas próximo para presenciares a detonação. Viena foi obra de Tariq, não minha. O telefone na secretária de Arafat tocou, despedaçando a memória de Viena de

Gabriel como uma faca despedaça uma tela. Arafat virou-se subitamente e deixou Gabriel para que este saísse sozinho. O coronel Kemel estava à sua espera no lancil. Escoltou Gabriel sem uma palavra através dos destroços da Mukata. A luz crua, depois do brilho do Escritório de Arafat, era quase insuportável. Para além do portão partido, Yonatan Shamron estava a jogar à bola com alguns dos guardas palestinos.

Voltaram a entrar para o jipe blindado e conduziram através de estradas de morte. Quando estavam longe de Ramallah, Yonatan perguntou a Gabriel se ele ficara a saber mais alguma coisa de útil.

— Khaled al-Khalifa bombardeou a nossa embaixada em Roma

— disse Gabriel com certeza.

— Mais alguma coisa?

Sim, pensou ele. Yasser Arafat tinha ordenado pessoalmente a Tariq al-Hourani que assassinassem a mulher e o filho.

CAPÍTULO 11

JERUSALÉM: 23 DE MARÇO

O telefone de cabeceira de Gabriel tocou às duas da manhã. Era Yaakov.

— Parece que a tua visita à Mukata remexeu a colmeia.

— Estás a falar de quê?

— Estou na rua.

A chamada caiu. Gabriel sentou-se na cama e vestiu-se no escuro.

— Quem era? — perguntou Chiara, com a voz pesada de sono. Gabriel disse-lhe.

— O que aconteceu?

— Não sei.

— Onde é que vais?

— Não sei.

Inclinou-se para a beijar na testa. O braço de Chiara levantou-se por entre os cobertores, enrolou-se à volta do pescoço dele e aproximou-o da sua boca. — Tem cuidado — sussurrou ela, com os lábios pressionados contra a face dele.

Um instante depois, ele estava preso ao assento do passageiro do Volkswagen Golf sem matrícula, atravessando a alta velocidade Jerusalém no sentido ocidental. Yaakov dirigia velocidade louca, verdadeiramente à Sabra, com o volante numa mão, café e cigarro na outra. Os faróis do tráfego lançavam uma luz desagradável nas feições marcadas pelas bexigas do seu rosto. — Chama-se Mahmoud Arwish — disse Yaakov. — Um dos nossos bens mais valiosos no seio da Autoridade palestina. Trabalha na Mukata. Muito próximo de Arafat.

— Quem fez a abordagem?

— Arwish enviou um sinal há umas duas horas e disse que queria falar.

— Acerca de quê? — Do Khaled, claro. — O que ele sabe?

— Não disse.

— Porque é que precisas de mim? Porque é que ele não está a falar com o seu contato?

— Eu sou o contato dele — disse Yaakov — , mas a pessoa com quem ele quer mesmo falar és tu.

Tinham chegado à extremidade ocidental da Cidade Nova. À direita de Gabriel, banhado na luz prateada de uma Lua que acabara de se erguer, encontravam-se as terras planas da Cisjordânia. As velhas mãos chamavam-lhe "país Shabak". Era uma terra onde as regras normais não se aplicavam — e onde as poucas convenções que existiam podiam ser contornadas ou quebradas sempre que se achasse necessário combater o terror árabe. Homens como Yaakov eram o punho protegido da segurança de Israel, peões que se tinham envolvido no trabalho sujo do contraterrorismo. Os Shabakniks tinham o poder de prender sem motivo e de fazer buscas sem mandado, de fechar negócios e dinamitar casas. Viviam à custa de nervos e nicotina, bebiam demasiado café e dormiam pouquíssimo. As mulheres tinham-nos deixado, os seus informantes árabes temiam-nos e odiavam-nos. Embora tivesse concedido a última sanção do Estado, Gabriel sempre se considerara afortunado por lhe ter sido pedido para se juntar ao Escritório, e não a Shabak.

Os métodos de Shabak entravam por vezes em conflito com os princípios de um Estado democrático, e como o Escritório, os escândalos públicos tinham prejudicado sua reputação, tanto no seu país quanto no estrangeiro. O pior era o infame caso *Bus 300*. Em abril de 1984, o ônibus nº 300, a caminho de Tel Aviv para Ashkelon, no sul, foi pirateado por quatro palestinos. Dois foram mortos na operação de resgate militar; os dois terroristas sobreviventes foram levados a um campo de trigo próximo e nunca mais vistos. Mais tarde revelou-se que tinham sido espancados até a morte por agentes do Shabak, sob as ordens do diretor-geral. Seguiu-se rápida sucessão de escândalos, cada um expondo os métodos mais impiedosos do

Shabak: violência, confissões forçadas, chantagem e fraude. Os defensores do Shabak gostavam de dizer que interrogatório de suspeito de terrorismo não pode ser acompanhado de uma agradável xícara de café. Shabak não queria os terroristas depois do sangue derramado. Queria impedir os ataques atacar e, se possível, assustar os jovens árabes para que entrassem no caminho da violência.

Yaakov freou subitamente para não bater numa van que se movia devagar. Fez simultaneamente piscar as luzes e buzinou. A van respondeu mudando de pista. Enquanto Yaakov ultrapassava em disparada, Gabriel vislumbrou dois haredins que mantinham animada conversa como se nada tivesse acontecido.

Yaakov atirou um kippah para o colo de Gabriel. Era maior do que a maioria e de malha larga, com um padrão laranja e âmbar num fundo preto. Gabriel compreendeu o significado do desenho.

— Vamos atravessar a linha como colonos, para o caso de alguém da segurança PA ou Hamas estar a observar a barreira. — De onde é que somos?

— Kiryat Devorah — respondeu Yaakov. — Fica no vale do Jordão. Não vamos pôr aí um pé.

Gabriel levantou o kippah.

— Presumo que não sejamos terrivelmente populares junto da população local. — Digamos somente que os residentes de Kiryat Devorah levam muito a sério o seu compromisso à Terra de Israel.

Gabriel enfiou o kippah na cabeça e ajustou o ângulo. Yaakov ia informando enquanto ele dirigia: os procedimentos na Cisjordânia, a rota que deveriam tomar para a aldeia árabe onde Arwish estaria à espera, o método de extração. Quando Yaakov terminou, ele estendeu a mão para o assento traseiro e pegou uma metralhadora Uzi.

— Prefiro esta — disse Gabriel, levantando sua Beretta. Yaakov riu.

— Isto é a Cisjordânia, a Margem Ocidental, não a Oriental. Não seja tolo, Gabriel. Pegue a Uzi.

Gabriel pegou a arma com relutância e enfiou um cartucho na câmara. Yaakov cobriu a cabeça com um kippah idêntico ao dado a Gabriel. Alguns quilômetros depois do aeroporto Ben-Gurion saiu da via rápida e seguiu a estrada de duas vias no sentido oriental, em direção à Cisjordânia. O Muro de Separação, que se elevava diante deles, lançou uma sombra negra através da paisagem.

No posto de controle, havia um homem da Shabak entre os soldados IDF. Enquanto Yaakov se aproximava, o homem da Shabak murmurou algumas palavras aos soldados e deu permissão ao Volkswagen para que passasse sem inspeção. Depois de ter passado pelo posto de controle, Yaakov acelerou a alta velocidade ao longo da estrada banhada pelo luar. Gabriel olhou por cima do ombro e viu um par de faróis. As luzes flutuaram ali durante alguns instantes, depois desapareceram na noite. Yaakov pareceu não reparar nelas. Gabriel suspeitou de que o segundo carro pertencesse a uma equipe de contravigilância da Shabak.

Um letreiro avisava que Ramallah se situava quatro quilômetros mais à frente. Yaakov saiu da estrada, entrou num caminho de terra que corria através do leito de um antigo wadi. Desligou os faróis e navegou pelo wadi apenas com o brilho âmbar das luzes de estacionamento. Passado um momento, parou o carro. — Abre o porta-luvas.

Gabriel fez o que lhe disseram. Encontrou um par de kaffiyehs no seu interior.

— Deves estar a brincar.

— Cobre o rosto — disse Yaakov. — Todo, como eles fazem.

Com um movimento deliberado, Yaakov prendeu o kaffiyeh à volta da cabeça e atou-o à garganta, de modo que o seu rosto ficou escondido excepto por uma abertura estreita para os olhos. Gabriel fez o mesmo. Yaakov começou a conduzir de novo, lançando-se ao

longo do wadi escurecido com ambas as mãos a agarrarem o volante, deixando Gabriel com a desconfortável sensação de estar sentado junto a um militante árabe numa corrida suicida. Pouco mais de um quilômetro à frente, chegaram a uma estrada estreita e pavimentada. Yaakov virou para a estrada e seguiu-a para norte.

A aldeia era pequena, mesmo pelos padrões da Cisjordânia, e envolta numa atmosfera de deserção súbita — um amontoado de casas baixas, cor de areia, aninhadas à volta do estreito pináculo de um minarete, quase sem uma luz acesa. No centro da aldeia ficava uma pequena praça de mercado. Não havia mais carros e nenhum peão, apenas um rebanho de cabras afocinhando entre os produtos caídos.

A casa onde Yaakov parou ficava na extremidade norte. A janela sobranceira à rua estava fechada. Um dos estores pendia obliquamente de uma dobradiça partida. A alguns metros da porta da frente havia um triciclo de criança. O triciclo apontava para a porta, o que significava que a reunião ainda estava a decorrer. Se estivesse apontado na direção oposta, eles teriam sido forçados a abortar e a dirigirem-se à localização alternativa.

Yaakov agarrou na metralhadora Uzi do chão e saiu do carro. Gabriel fez o mesmo, depois abriu a porta traseira do lado do passageiro, como Yaakov lhe indicara.

Virou-se de costas para a casa e observou a rua à procura de qualquer sinal de movimento. "Se alguém se aproximar do carro enquanto eu estiver no interior, disparem", tinha dito Yaakov. "Se eles não perceberem a mensagem, arrumem-nos." Yaakov saltou por cima do triciclo e deu um pontapé na porta com o pé direito. Gabriel ouviu o estalar da madeira a partir-se, mas manteve os olhos fixos na rua.

Do interior chegou o som de uma voz a gritar em árabe. Gabriel reconheceu-a, era Yaakov. A voz que ouviu a seguir era-lhe desconhecida.

Surgiu uma luz numa casa vizinha, depois outra. Gabriel soltou a patilha de segurança da Uzi e fez deslizar o indicador para o gatilho. Ouviu passos atrás de si e virou-se a tempo de ver Yaakov a conduzir Arwish através da porta partida, de mãos no ar, rosto encoberto por um capuz preto, com uma Uzi encostada à nuca.

Gabriel tornou a olhar para a estrada. Um homem, vestindo uma túnica cinza-clara, tinha saído da casa e estava a gritar com Gabriel em árabe. Gabriel ordenou-lhe na mesma língua que se mantivesse afastado, mas o palestino aproximou-se.

— Abate-o! — gritou Yaakov, mas Gabriel não disparou.

Yaakov jogou Arwish de cabeça na traseira do carro. Gabriel entrou apressadamente atrás dele e empurrou o informante para o chão. Yaakov contornou a correr a parte da frente do carro até a porta do condutor, parando durante o tempo suficiente para disparar uma salva a alguns metros dos pés do aldeão palestino, que fugiu a correr para o abrigo da sua casa.

Yaakov saltou para trás do volante e fez marcha-a-ré na estrada estreita. Chegado à praça do mercado, fez inversão de marcha e acelerou através da aldeia. Os disparos e o rugido do motor tinham alertado os aldeãos para sarilhos.

Surgiram rostos às janelas e portas, mas ninguém se atreveu a desafiá-los. Gabriel atentou no vidro traseiro até a aldeia ter desaparecido na obscuridade. Passado um momento, Yaakov tornava a acelerar ao longo do wadi sulcado, dessa vez na direção oposta. O colaborador continuava colado ao chão, enfiado no espaço estreito entre ao assento traseiro e o dianteiro.

— Deixa-me levantar, cretino!

Gabriel empurrou o antebraço contra a parte lateral do pescoço do árabe e submeteu-lhe o corpo a uma minuciosa revista, em busca de armas e explosivos. Nada tendo encontrado, puxou o árabe para o assento e arrancou-lhe o capuz negro. Foi

malevolamente fitado por um único olho: o do coronel Kemel, o tradutor de Yasser Arafat.

A cidade de Hadera, um dos primeiros assentamentos agrícolas sionistas, agora transformado numa cidade israelense industrial e pesada, situa-se na planície costeira a meio caminho entre Haifa e Tel Aviv. Na zona proletária da cidade, adjacente a uma fábrica de pneus em expansão, existe uma fileira de prédios cor de trigo. Um deles, o mais próximo da fábrica, cheira sempre a borracha queimada. No piso superior desse prédio fica um apartamento de segurança da Shabak. Trata-se, para a maioria dos agentes, de um local de reunião de último recurso. No caso de Yaakov, era na verdade o seu preferido. Estava convicto de que o odor acre conferia um ar de urgência aos procedimentos, pois poucos eram os homens que até ali se deslocavam que desejavam demorar-se. Mas Yaakov era movido por outros fantasmas. Seus bisavós, judeus russos de Kovno, tinham estado entre os fundadores de Hadera. Haviām transformado um inútil pântano de malária num terreno agrícola produtivo. Para Yaakov, Hadera era a verdade. Hadera era Israel.

O apartamento não tinha qualquer conforto. A sala de estar fora mobilada com cadeiras de dobrar metálicas, e o chão de linóleo era desnivelado e nu. Pousada na bancada da cozinha estava uma chaleira elétrica barata; no lava-loiças enferrujado, quatro xícaras sujas.

Mahmoud Arwis, também conhecido como coronel Kemel, recusara a xícara de chá que Yaakov lhe oferecera de má vontade. Pedira ainda a Yaakov que deixasse as luzes apagadas. O uniforme impecavelmente engomado que nessa manhã usara em Mukata fora substituído por um par de calças impermeáveis e uma camisa de algodão branco, que brilhava suavemente ao luar que atravessava a janela. Entre os dois dedos que lhe restavam da mão direita repousava um dos cigarros americanos de Yaakov. Com a outra mão,

massajava a parte lateral do pescoço. Com o seu único olho fitava Gabriel, que se esquecera da cadeira dobrável e estava sentado no chão, encostado à parede e de pernas cruzadas. Yaakov era uma sombra disforme contra a janela.

— Vi que ficaste a saber umas coisas acerca do nosso amigo da Shabak — disse Arwish, esfregando o maxilar. — Têm fama de serem bons com os pulsos. — Disseste que me querias ver — disse Gabriel. — Não gosto que peçam para me ver.

— Que pensavas que estava a planejar fazer? Matar-te?

— Não seria a primeira vez — respondeu calmamente Gabriel.

Sabia que os agentes de Shabak estavam no auge da vulnerabilidade quando em reunião com agentes do outro lado. Vários deles tinham sido assassinados em anos recentes durante reuniões. Um deles fora morto a golpes de machado num apartamento de segurança de Jerusalém.

— Se te quiséssemos matar, tê-lo-íamos feito hoje de manhã em Ramallah. O nosso povo teria celebrado a tua morte. Tens as mãos manchadas com o sangue dos heróis palestinos.

— A celebração da morte é o seu forte atualmente — respondeu Gabriel. — Por vezes parece ser o único. Ofereçam ao seu povo outra coisa que não o suicídio. Liderem, em vez de seguir os elementos mais radicais de sua sociedade. Construam alguma coisa.

— Já tentamos construir alguma coisa — retorquiu Arwish — , e vocês destruíram com seus tanques e bulldozers.

Gabriel vislumbrou a sombra de Yaakov agitando-se junto à janela. O homem da Shabak queria que o tema mudasse para um terreno menos contencioso. A julgar pela maneira ameaçadora como Mahmoud Arwish acendeu o segundo cigarro, não estava disposto a ceder. Gabriel desviou o olhar do brilhante olho do árabe e passou distraidamente o indicador pelo pó do chão de linóleo. Deixá-lo

disparatar, teria sido o conselho de Shamron. Deixa-o ver em ti o opressor e o vilão. Ajuda a aligeirar a culpa da traição.

— Sim, nós celebramos a morte — disse Arwish, fechando a tampa do antiquado isqueiro de Yaakov com um estalo. — E alguns de nós colaboram com o inimigo. Mas na guerra é sempre assim, não é? Infelizmente, nós, os palestinos, somos facilmente comprados. Shabak chamava-lhe os três "K"; kesef, kavod, kussit. "Dinheiro", "respeito", "mulheres". Imagine-se, trair o povo pelos amores de uma prostituta israelense. Gabriel continuou a fazer desenhos no pó em silêncio. Apercebeu-se que estava a desenhar os contornos de um Caravaggio: Abraão de faca na mão, a preparar-se para chacinar o próprio filho a pedido do Senhor.

Arwish continuou.

— Sabe por que eu colaboro, Jibril? Colaboro porque a minha mulher ficou doente. O médico da clínica de Ramallah diagnosticou câncer e disse que ela morreria a não ser que recebesse tratamento em Jerusalém. Pedi autorização às autoridades israelenses para entrar na cidade, o que me pôs em contato com a Shabak e o meu querido amigo. — Fez um gesto com a cabeça na direção de Yaakov, que estava agora sentado no parapeito da janela com os braços cruzados. — À minha frente diz chamar-se Salomão. Sei que o seu nome verdadeiro é Yaakov, mas refiro-me sempre a ele como Salomão. É um dos muitos jogos que jogamos. Arwish contemplou a ponta do cigarro.

— Desnecessário dizer que a minha mulher recebeu autorização para viajar até Jerusalém para receber tratamento, mas a um preço elevado, o preço da colaboração. De tempos a tempos o Salomão prende os meus filhos, apenas para manter a informação a fluir. Até prendeu um familiar meu que vive do lado israelense da Linha Verde. Mas quando o Salomão me quer mesmo apontar a faca, ameaça falar da traição à minha mulher. Sabe que ela nunca me perdoaria. Gabriel levantou o olhar do seu Caravaggio.

— Acabaste?

Sim, acho que sim.

— Então porque não me falas do Khaled?

— Khaled — repetiu Arwish, sacudindo a cabeça. — Khaled é o menor de seus problemas. — Interrompeu-se e olhou para o teto escurecido. — "Israel anda desnorteado. Estão agora entre as nações como um missionário indesejado, como um solitário burro selvagem." — O seu olhar incidiu uma vez mais em Gabriel. — Sabe quem escreveu estas palavras?

— Hosea — respondeu Gabriel com indiferença.

— Certo — disse Arwish. — É religioso?

— Não — respondeu honestamente Gabriel.

— Nem eu — confessou Arwish —, mas talvez devesse seguir o conselho de Hosea.

— Qual é a solução de Israel para seus problemas com os palestinos?

— Construir um muro. Para agir, segundo as palavras de Hosea, como redefinidor de fronteiras. Os judeus queixam-se amargamente dos séculos que passaram nos guetos, e no entanto o que é que fazem com o Muro de Separação? Estão a construir o primeiro gueto palestino. Ainda pior, estão a construir um gueto para vocês mesmos.

Arwish iniciou o gesto de levar o cigarro aos lábios, mas Yaakov afastou-se da janela e sacudiu-lhe a arruinada mão palestina com uma palmada. Arwish olhou-o com um sorriso superior de vítima, depois virou a cabeça e pediu chá a Yaakov. Yaakov regressou para junto da janela e permaneceu imóvel.

— Hoje não há chá — disse Arwish. — Só dinheiro. Para conseguir o meu dinheiro, devo assinar o livro-razão do Salomão e nele imprimir a minha impressão digital. Assim, se eu trair o Salomão, ele poderá castigar-me. Só há um destino para a colaboração na parte desta terra que nos pertence. A morte. E não se

trata da morte de um cavalheiro. Refiro-me a uma morte bíblica. Serei apedrejado ou feito em bocados pelos fanáticos assassinos de Arafat. É assim que Yaakov assegura que só lhe conto a verdade, e em momentos oportunos.

Yaakov inclinou-se para a frente e sussurrou ao ouvido de Arwish, como um advogado que instruisse uma testemunha sob interrogatório hostil. — O Salomão fica irritado com os meus discursos. Bem gostaria que eu tratasse do assunto. — Arwish ficou a observar Gabriel por um instante. — Mas não tu, Jibril. Tu és o paciente.

Gabriel olhou para cima. — Onde está o Khaled?

— Não sei. Só sei que o Arafat te enganou hoje de manhã. Tens razão. O Khaled existe, e pegou na espada do pai e do avô. — Foi ele que esteve por trás do ataque em Roma?

Um momento de hesitação, um olhar lançado à figura escura de Yaakov, depois um aceno lento.

— Está a agir em nome de Arafat?

— Não o posso garantir. — O que podes garantir?

— Está em comunicação com a Mukata.

— Como?

— De diversas maneiras. Por vezes usa faxes. São enviados a partir de diversos aparelhos de fax, e quando chegam aos Territórios são quase impossíveis de ler.

— Que mais?

— Por vezes usa e-mails codificados, que são enviados através de diferentes endereços e servidores. Por vezes, envia mensagens a Arafat por correio ou através de delegações de visita. No entanto, na maior parte das vezes, limita-se a usar o telefone. — Consegues identificar a sua voz? — Não sei se já o ouvi falar. — Já alguma vez o viste?

— Acho que o encontrei uma vez, há muitos anos, em Túnis. Um jovem foi visitar Arafat e ficou durante alguns dias instalado no

seu recinto. Tinha nome e passaporte franceses, mas falava árabe como um palestino.

— Porque achas que era Khaled?

— Pela maneira como Arafat estava a agir. Ele brilhava na presença desse jovem. Estava verdadeiramente nas nuvens.

— É tudo?

— Não, havia qualquer coisa na sua figura. Eles sempre disseram que Khaled se parecia com o avô. Não há dúvida de que o homem tinha uma presença espantosa com o Sheikh Asad.

Arwish levantou-se de repente. O braço de Yaakov ergueu-se e apontou a Uzi para a cabeça do árabe. Arwish sorriu e puxou a camisa para fora da calça. Tinha um envelope colado à parte inferior das costas.

Gabriel não dera por ele durante a rápida revista que levava a cabo na traseira do carro à procura de armas. Arwish retirou o envelope e atirou-o a Gabriel, que o abriu e sacudiu a fotografia para o colo. Tratava-se do retrato de um homem jovem, extremamente atraente, sentado a uma mesa junto a Arafat. Parecia não se aperceber de que lhe estavam a tirar uma fotografia. — Arafat tem o hábito de fotografar secretamente qualquer pessoa que com ele se encontre — disse Arwish. — Tens fotografias de Khaled em criança. Talvez seus computadores possam confirmar que este homem é mesmo ele.

— É pouco provável — disse Gabriel. — Que mais tens?

— Quando liga para a Mukata, não é a voz dele ao telefone.

— Como é que ele faz isso?

— Tem alguém que fala por ele. Uma mulher... uma mulher europeia. — Como é que ela se chama?

— Usa nomes e telefones diferentes.

— Onde? Arwish encolheu. — Qual é a sua língua nativa?

— É difícil dizer, mas fala um árabe perfeito.

— Sotaque?

— Clássico. Jordano de classe alta. Talvez Beirute ou Cairo.
Refere-se ao

Khaled como Tony.

— Tony quê? — perguntou Gabriel calmamente. — Tony onde?

— Não sei — disse Arwish — , mas descobre a mulher, e talvez descubras o Khaled.

CAPÍTULO 12

TEL AVIV

— Diz chamar-se Madeleine, mas só quando finge que é francesa. Quando quer ser inglesa, chama-se Alexandra. Quando italiana, o seu nome é Lunetta, Pequena Lua.

Natan olhou para Gabriel e pestanejou várias vezes. Usava rabo-de-cavalo, os óculos ligeiramente tortos na ponta do nariz e a camiseta de surfista de Malibu esburacada. Yaakov prevenira Gabriel do aspecto de Natan. — É um gênio. Depois de formado na Cal-Tech, todas as empresas de alta tecnologia americanas e israelenses o queriam. É um pouco como tu — concluía Yaakov, com o tom ligeiramente invejoso de um homem que só fazia uma coisa bem feita.

Gabriel olhou para o exterior do Escritório de vidro de Natan, para o piso de luzes brilhantes com fileiras de terminais de computador. Em cada terminal havia um técnico. A maior parte desses técnicos era chocantemente jovem e *mirahim*, judeus vindos de países árabes. Eram os guerreiros não cantados da guerra israelense contra o terrorismo. Nunca viam o inimigo, nunca o forçavam a trair o seu povo nem o confrontavam numa mesa de

interrogatório. Para eles, o inimigo não passava de um crepitar elétrico num fio de cobre ou de um sussurro no ar. Natan Hofi estava encarregado da tarefa aparentemente impossível de monitorizar toda a comunicação eletrônica entre o mundo exterior e os Territórios. Os computadores faziam a maior parte do trabalho, filtrando as intercepções em busca de certas palavras e expressões, ou das vozes de terroristas conhecidos, mas Natan continuava a considerar as suas orelhas como sendo a arma mais fiável no seu arsenal.

— Não sabemos o seu nome verdadeiro — disse ele. — De momento, ela é apenas a Impressão Vocal 572/B. Até agora interceptamos cinco chamadas telefônicas entre ela e Arafat. Queres ouvir?

Gabriel anuiu. Natan clicou num símbolo no monitor do computador, e as gravações começaram a fazer-se ouvir. Em todas as chamadas, a mulher fingia ser uma ativista da paz estrangeira que expressava apoio ao desordeiro líder palestino ou a sua comiseração pela mais recente atrocidade sionista. Todas as conversas continham uma breve referência a um amigo chamado Tony, como Mahmoud Arwish dissera.

Depois de ter ouvido quatro das conversas, Gabriel perguntou:

— O que podes dizer a seu respeito com base na voz?

— O árabe dela é excelente, mas não é árabe. Francesa, diria eu. Do Sul, talvez da região de Marselha. Excesso de formação. Demasiado sexual. Tem uma pequena borboleta tatuada no rabo.

Yaakov ergueu bruscamente os olhos.

— Estou a brincar — disse Natan. — Mas oiçam a gravação número cinco. Faz-se passar por Madeleine, uma francesa que dirige uma coisa chamada Centro para a Paz Justa e Duradoura na Palestina. O tópico da conversa é uma futura manifestação em Paris.

— Paris? — perguntou Gabriel. — Tens certeza de que é em Paris? Natan assentiu. — Diz ao Arafat que um dos organizadores, um homem chamado Tony, prevê o comparecimento de cem mil. Depois hesita e corrige-se. A previsão de Tony não é de cem mil, diz ela, é de 200 000.

Natan fez passar a gravação. Quando terminou, Yaakov disse:

— O que isso tem de tão interessante?

— Isto.

Natan abriu outro arquivo de som e ouviu-se alguns segundos de um som abafado e inaudível.

Havia outra pessoa com ela na sala nessa altura, que estava a monitorizar a conversa noutra extensão. Quando Madeleine diz que o Tony está à espera de cem mil pessoas, o sujeito cobre o bocal e diz-lhe em francês: "Não, não, não são cem mil. Vão ser 200 000." Julga que ninguém o consegue ouvir, mas encosta o bocal às cordas vocais. É um erro típico de um caloiro. Temos as vibrações em cassette. Recorrendo a uma pequena dose de filtragem e raspagem, fiz com que aquele grunhido se ouvisse assim.

Natan tornou a passar a cassette. Desta vez era audível: um homem num francês perfeito. "Não, não, não são cem mil. Vão ser 200 000." Natan clicou no rato e apontou para o canto superior direito do monitor: um padrão em grelha atravessado por uma série de linhas onduladas.

— Isto é uma espectografia de som. A impressão vocal. É uma equação matemática, baseada na configuração física da boca e da garganta do orador. Comparamos esta impressão com todas as vozes que temos em registro.

— E?

— Nada encontramos de compatível. Chamamos-lhe Impressão Vocal 698/D.

— Quando é que aquela gravação foi feita?

— Há seis semanas.

— Sabes de onde foram feitas as chamadas? Natan sorriu.

Havia uma fila, mas também nenhuma operação do Escritório ficava completa sem uma. Lev queria manter Gabriel fechado na cave com rações punitivas de pão e água, e levantou a mão por instantes. O Gabriel estava acabado e já não servia para trabalho de campo, argumentou Lev. Além disso, as gravações telefônicas sugeriam que o Khaled estava escondido no mundo árabe, onde o Gabriel eurófilo nunca operara, excepto naquela breve passagem por Túnis. Como último recurso, Lev procurou refúgio nas papeladas burocráticas, argumentando que o comitê de Gabriel não possuía qualquer charter estrangeiro operacional. O assunto chegou a Shamron, como acabava por acontecer com todos os assuntos. Lev esquivou-se, mas demasiado tarde para se proteger do golpe fatal, pois o conselho de Shamron tinha a autoridade dos mandamentos de Deus gravados em pedra.

Tendo triunfado nas trincheiras burocráticas, Gabriel lidou depois apressadamente com os seus problemas de identidade e aparência. Decidiu viajar como alemão, pois o alemão era a língua materna e continuava a ser a linguagem dos seus sonhos. Escolheu o ramo da decoração de interiores e Munique como local de residência. As operações forneceram-lhe um passaporte em nome de Johannes Klemp e uma carteira repleta de cartões de crédito e outros artigos pessoais, incluindo cartões-de-visita com um número telefónico de Munique. O número, se marcado, tocaria no apartamento de segurança do Escritório, sendo depois automaticamente transferido para uma central telefônica no Boulevard King Saul, onde a voz gravada de Gabriel anunciaria que estava de férias e que retribuiria o telefonema quando regressasse.

Quanto à sua aparência, os especialistas nas Operações sugeriram uma barba, e Gabriel, que considerava qualquer homem com pêlo facial como sendo de pouca confiança e escondendo alguma coisa, concordou com relutância. Para eterna desilusão sua,

cresceu muito grisalha, o que agradou aos especialistas, que lhe pintaram o cabelo para combinar. Acrescentaram um par de óculos quadrados sem aros e uma pasta repleta de elegantes roupas monocromas de Berlim e Milão. Os magos da Técnica forneceram-lhe diversos dispositivos eletrônicos para uso pessoal e de aparência inocente, mas que, na verdade, não eram assim tão inocentes.

Certa tarde quente, pouco antes da sua partida, vestiu um dos distintos ternos do Herr Klemp e andou pelas discotecas e clubes noturnos ao longo da Rua Sheinkin, em Tel Aviv. Herr Klemp era tudo aquilo que ele, e por extensão Mario Delvecchio, não era: um tagarela chato, mulherengo, um homem que gostava de bebidas caras e música tecno. Odiava o Herr Klemp, mas recebia-o ao mesmo tempo com agrado, pois Gabriel só se sentia verdadeiramente seguro quando usava a pele de outro homem.

Pensou na apressada preparação para a Operação Ira de Deus; em percorrer as ruas de Tel Aviv com Shamron, roubando carteiras e assaltando quartos de hotel ao longo do passeio. Fora apanhado apenas uma vez, quando uma judia romena agarrara Gabriel pelo pulso à moda de Shamron e gritara pela Polícia.

— Foste como um cordeiro para o matadouro — tinha dito Shamron. — E se tivesse sido um gendarme? Ou um carabineiro? Achas que poderia ter entrado lá a exigir a tua liberdade? Se eles te tentarem apanhar, luta. Se tiveres de fazer derramar sangue inocente, então derramo-o sem hesitações. Mas nunca te deixes prender. Nunca!

A tradição do Escritório exigia que o Gabriel passasse a última noite em Israel num "local de salto", que era a expressão usada internamente para designar um apartamento de segurança de partida. Sem exceção de locais desolados que fedem a cigarros e a fracasso, de modo que escolheu, em lugar disso, passar a noite com a Chiara na Rua Narkiss. Fizeram amor de forma tensa e desajeitada.

Depois disso, Chiara confessou que Gabriel era como um estranho para si.

Gabriel nunca tinha sido capaz de dormir antes de uma operação, e a sua última noite em Jerusalém não foi exceção. Ficou pois satisfeito por ouvir, pouco antes da meia-noite, o resmungar distintivo do Peugeot blindado de Shamron a ser estacionado na rua — e por vislumbrar a cabeça calva de Shamron flutuando acima do passeio do jardim com Rami seguindo-o de perto. Passaram o resto da noite no estúdio de Gabriel com as janelas abertas para o frio ar noturno. Shamron falou acerca da Guerra de Independência, da sua busca por Sheikh Asad, e da manhã em que o matara no chalé situado nos arredores de Lídia. Com o aproximar da madrugada, Gabriel sentia relutância em deixá-lo, uma sensação de que talvez devesse ter seguido o conselho de Lev e deixado ir outra pessoa no seu lugar.

Shamron só falou daquilo que o esperava quando ficou dia lá fora. — Não passes por perto da embaixada — disse ele. — O Mukhabarat parte do princípio, com alguma justificação, de que todas as pessoas que lá trabalham são espiões. — Depois entregou um cartão-de-visita a Gabriel. — Ele é nosso, comprado e pago. Conhece toda a gente na cidade. Disse-lhe para ficar a aguardar a tua visita. Tem cuidado. Gosta da sua bebida.

Uma hora depois, Gabriel entrou num carro do Escritório disfarçado de táxi de Jerusalém e dirigiu-se pela Bab al-wad até o aeroporto Ben-Gurion. Passou pela alfândega como Herr Klemp, aguentou um entediante exame na segurança e depois dirigiu-se à sala de embarque. Quando o seu voo foi anunciado, atravessou o piso branco como osso em direção ao *jet liner* que o aguardava e foi sentar-se na segunda classe. Enquanto o avião levantava, olhou pela janela e viu a terra afundar, dominado por um medo perverso de não tornar a vê-la nem a Chiara. Pensou na viagem que tinha pela frente, uma odisseia de uma semana no Mediterrâneo que o levaria

de Atenas a Istambul e, por fim, à cidade antiga na extremidade ocidental do Crescente Fértil, onde esperava encontrar uma mulher chamada Madeleine, ou Alexandra, ou Lunetta, a Pequena Lua, e seu amigo Tony.

CAPÍTULO 13

CAIRO: 13 DE MARÇO

O cavalheiro de Munique era um hóspede que o pessoal do Hotel Intercontinental não esqueceria tão depressa. O Sr. Katubi, o bem bebido chefe da recepção, já vira muitos como ele: um homem pequeno, sempre na iminência de se melindrar, um homem baixo com um duvidoso amuo estampado no rosto insignificante. Na verdade, o Sr.

Katubi aprendeu a desprezá-lo com tanta veemência que pestanejava visivelmente só de o ver. No terceiro dia, saudou-o com um sorriso tenso e com a pergunta:

— Que foi agora, Herr Klemp?

As queixas tinham começado passados minutos da sua chegada. Herr Klemp reservara um quarto para não fumadores, mas era evidente, afirmava ele, que alguém estivera ali a fumar recentemente — embora o Sr. Katubi, que se orgulhava de possuir um olfato apurado, não tenha sido capaz de detectar sequer um vestígio de tabaco no ar. O quarto ao lado ficava demasiado próximo da piscina, o seguinte demasiado perto do clube noturno. Por fim, o Sr. Katubi deu-lhe, sem qualquer custo adicional, uma suíte no andar superior com um terraço sobre o rio, que Herr Klemp declarara ser "irremediavelmente adequada".

A piscina era demasiado quente, a casa de banho demasiado fria. Torceu o nariz ao bufete do pequeno-almoço e rejeitou, fiel à sua rotina, o jantar. Os empregados estragaram as lapelas de um dos ternos, a massagem no spa deixou-o de pescoço dolorido. Exigiu que as criadas lhe limpassem a suíte todas as manhãs às oito em ponto, e ficava no quarto a supervisionar o seu trabalho: tinham-lhe roubado dinheiro no Hilton de Istambul, afirmava ele, e não ia permitir que isso tornasse a acontecer no Cairo. No instante em que as criadas saíam, o letreiro NÃO INCOMODAR aparecia na maçaneta da porta, onde permaneceria como uma bandeira de guerra durante o resto do dia. Tudo o que o Sr. Katubi desejava era poder pendurar um letreiro semelhante em seu posto no hall.

Todas as manhãs às dez, Herr Klemp deixava o hotel munido dos seus mapas e guias turísticos. Os condutores do hotel escolhiam à sorte quem teria o infortúnio de servir como seu guia durante o dia, pois cada saída parecia mais calamitosa do que a anterior. O Museu Egípcio, anunciou ele, precisava de uma limpeza em profundidade. Pôs de parte a Cidadela por ser um forte antigo e sujo. Nas Pirâmides de Gize foi mordido por um camelo rabugento. Aquando do seu regresso de uma visita ao Cairo copta, o Sr. Katubi perguntou-lhe se tinha gostado da Igreja de Santa Bárbara.

— É interessante — disse Herr Klemp — , mas não tão bonita como as nossas igrejas na Alemanha.

No seu quarto dia, o Sr. Katubi estava de pé na entrada do hotel quando Herr Klemp entrou pelas portas giratórias, num vento do deserto cheio de pó.

— Bom dia, Herr Klemp.

— Isso ainda está por se ver, Sr. Katumbi.

— Herr Klemp precisa de um carro para hoje? — Não, não preciso.

E dizendo isto, deslocou-se ao longo da cornija, com as costas do paletó do terno supostamente "estragado" açoitada pela brisa,

como o para-lama de um caminhão. O Cairo era uma cidade de notável elasticidade, pensou o Sr. Katubi, mas nem ela se adaptava a Herr Klemp.

Gabriel viu qualquer coisa de Europa nos edifícios sombrios e decadentes ao longo da Rua Talaat Harb. Depois lembrou-se de ter lido nos guias de Herr Klemp que Khedive Ismail, o governante egípcio do século XIX, tinha pensado em transformar o Cairo na "Paris à beira do Nilo" e contratara um dos melhores arquitetos da Europa para alcançar o seu sonho. A sua obra ainda era evidente nas fachadas neogóticas, nas varandas de ferro forjado e nas janelas altas e retangulares fechadas, embora estivesse em ruínas por um século de poluição, tempo e negligência.

Chegou a um círculo de tráfego ribombante. Um menino de sandálias puxou-lhe pela manga do casaco e convidou-o para visitar a perfumaria da família. — Nein, nein — disse Gabriel no alemão de Herr Klemp, mas afastou-se da criança com o ar de indiferença de um israelense habituado a esquivar-se dos vendedores ambulantes dos becos da Cidade Velha.

Seguiu o círculo no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio e virou para a Rua Qasr el-Nil, a versão dos Campos Elísios no Cairo. Caminhou durante algum tempo, parando de vez em quando a olhar para as garridas montras das lojas com o intuito de ver se estava a ser seguido. Saiu da Qasr el-Nil e entrou numa rua lateral estreita.

Era impossível caminhar pelos passeios porque estavam atafalhados de carros estacionados, por isso avançou pela rua como um habitante do Cairo. Chegou à morada escrita no cartão-de-visita que Shamron lhe dera na noite anterior à sua partida. Era um edifício de estilo italiano com uma fachada da cor da lama do Nilo. De uma janela do terceiro andar chegava um fio musical do genérico do serviço noticioso da BBC, que passava de hora a hora. A alguns metros da entrada, um vendedor vendia pratos de papel de

esparguete-à-bolonhesa de um carrinho de alumínio. Junto ao vendedor, uma mulher de véu vendia limões e pães de forma. Do outro lado da rua congestionada havia um quiosque. À sombra do pequeno telhado, de óculos escuros e com um corta-vento que dizia "Members Only", encontrava-se, mal escondido, um homem da vigilância da Mukhabarat, que observou a entrada de Gabriel. Estava fresco e escuro no hall. Um emaciado gato egípcio de olhos encovados e orelhas enormes silvou-lhe das trevas, desaparecendo em seguida por um orifício na parede. Sentado imóvel numa cadeira de madeira estava um porteiro núbio envergando uma túnica cor de limão e um turbante branco. Ergueu uma enorme mão de ébano para receber o cartão-de-visita do homem que Gabriel desejava ver.

— Terceiro andar — disse ele em inglês.

Duas portas acolheram Gabriel no patamar. Junto à porta da direita havia uma placa de latão onde se lia: DAVID QUINNELL — IMPRENSA INTERNACIONAL. Gabriel premiu a campainha e foi de imediato mandado entrar numa pequena antecâmara por um paquete sudanês, a quem Gabriel se dirigiu num inglês com um sotaque alemão calculado.

— Quem devo anunciar? — respondeu o sudanês.

— Chamo-me Johannes Klemp.

— O Sr. Quinnell está à sua espera?

— Sou amigo do Rudolf Heller. Ele irá perceber.

— Só um momento. Vou ver se o Sr. Quinnell o pode receber.

O sudanês desapareceu através de um conjunto de portas duplas altas. Um momento transformou-se em dois, depois em três. Gabriel dirigiu-se à janela e espreitou para a rua. Uma empregada de mesa do café na esquina oferecia um copo de chá num pequeno tabuleiro prateado ao homem da Mukhabarat. Gabriel ouviu o sudanês atrás dele e virou-se.

— O Sr. Quinnell vai recebê-lo agora.

A sala onde Gabriel foi admitido tinha o ar de um degradado salão romano. O soalho de madeira estava áspero por falta de verniz; a cornija era quase invisível sob a densa camada de pó e sujidade. Duas das quatro paredes tinham sido destinadas a estantes recheadas com uma impressionante coleção de obras que tratava da história do Oriente Médio e do Islão. A grande secretária de madeira estava enterrada sob pilhas de jornais amarelecidos e correio por abrir.

A sala encontrava-se na obscuridade, com exceção de um trapezoide de sol que atravessava, oblíquo, as portas envidraçadas semiabertas e incidia sobre uma chanca de camurça aberta atrás, que pertencia a um tal David Quinnell. Baixou metade do Al-Ahram daquela manhã, o jornal diário dirigido pelo Governo egípcio, e fitou Gabriel com um olhar lúgubre. Vestia uma camisa amarrotada de tecido branco e um casaco castanho-claro com dragonas. Uma comprida madeixa de cabelo loiro-acinzado caía-lhe sobre um par de olhos redondos, raiados de sangue. Coçou o queixo barbeado com desmazelo e baixou o som do rádio. Mesmo a uma distância de vários passos, Gabriel sentia no hálito o cheiro do whisky da noite anterior.

Qualquer amigo de Rudolf Heller é um amigo. — A expressão amarga de Quinnell não combinava com o seu tom jovial. Gabriel teve a impressão de que ele estava a falar para uma audiência de ouvintes da Mukhabarat. — Herr Helley disse-me que talvez me viesse visitar. Em que posso ajudá-lo?

Gabriel pousou uma fotografia na secretária desordenada — a fotografia que Mahmoud Arwish lhe dera em Hadera.

— Estou aqui de férias — disse Gabriel. — O Herr Heller sugeriu-me que viesse ver você. Disse que pode me mostrar alguma coisa do verdadeiro Cairo.

Explicou-me que sabe mais do Egipto que qualquer homem vivo.

— Que amável da parte do Herr Heller. Como é que ele tem passado?

— Como sempre — disse Gabriel.

Nada movendo além dos olhos, Quinnell baixou-os para a fotografia. — De momento, estou um pouco ocupado, mas acho que posso ajudar. — Pegou na fotografia e enfiou-a no jornal. — Vamos dar uma volta, sim? É melhor sairmos antes que eles liguem o aquecimento.

— O teu escritório está sob vigilância.

Caminhavam ao longo de um beco estreito e sombreado, bordejado por lojas e vendedores. Quinnell parou para admirar uma peça de tecido de algodão egípcio cor de sangue.

— Às vezes — disse ele com indiferença. — Todos os escritórios estão sob vigilância. Quando se tem um aparato de segurança tão grande como os Egípcios, ele tem de servir para alguma coisa.

— Sim, mas você não é um escritóriozinho qualquer.

— É verdade, mas eles não sabem. Para eles, não passo de um merda de um inglês velho e amargo tentando ganhar a vida à custa da palavra impressa. Conseguimos chegar a uma espécie de compromisso. Pedi que me arrumassem o apartamento quando acabassem com as buscas, e a verdade é que fizeram um bom trabalho.

Quinnell soltou o tecido e começou a avançar precariamente ao longo do beco. Antes de o seguir, Gabriel lançou um olhar por cima do ombro e viu o Members Only a examinar uma cafeteira árabe em cobre com uma expressão de indiferença. Quando o Gabriel o apanhou, Quinnell já estava de rosto corado devido ao calor do final da manhã. Outrora fora uma estrela, o errante correspondente de um importante diário londrino, o tipo de jornalista que se lança de para-quedas nos pontos quentes do globo e parte antes que a história se torne enfadonha e o público comece a

perder interesse. Arruinado por força de bebida e mulheres em excesso, chegara a Israel em trabalho durante a primeira Intifada e dera à costa na ilha de Shamron. Durante um jantar particular em Tiberíades, Shamron sondara e encontrara fraquezas: uma montanha de dívidas, um secreto passado judeu ocultado por trás de um exterior inglês, trocista e ébrio. Quando o café foi servido no terraço, já Shamron fizera a sua jogada. Seria uma parceria, prometera Shamron, que considerava seu "parceiro" qualquer homem que conseguisse persuadir ou chantagear para que lhe fizesse os lanços. Quinnell usava a sua impressionante coleção de fontes árabes para fornecer informações e acessos a Shamron. Por vezes, imprimia artigos da propaganda negra de Shamron. Em contrapartida, a dívida igualmente impressionante de Quinnell seria silenciosamente removida. Receberia também alguns artigos noticiosos exclusivos destinados a polir a sua reputação desvanecida, e encontrar-se-ia um editor para o livro que sempre quisera escrever, embora Shamron nunca tivesse revelado como sabia que Quinnell tinha um manuscrito na gaveta. O casamento foi consumado, e Quinnell, como Mahmoud Arwish, lançou-se no caminho da traição, cuja punição era a morte profissional. Como penitência pública pelos seus pecados privados, Quinnell passara completamente para o lado árabe. Na Fleet Street foi referido como a "Voz da Palestina" — apologista dos homens-bomba e islamofascistas. "O Ocidente imperialista, ávido de petróleo, e o seu filho bastardo, Israel colheram o que semearam", explodia com frequência Quinnell.

"Não existirá segurança em Piccadilly enquanto não existir justiça na Palestina." Era o comentador ocidental preferido da Al-Jazeera e muito procurado no circuito de festas do Cairo. Yasser Arafat chamou-lhe certa vez "um homem corajoso que se atreve a escrever a verdade: o único homem no Ocidente que verdadeiramente compreende a realidade árabe".

— Há um lugar em Zamalek que devias tentar. Chama-se Mimi. Boa comida, boa música. — Quinnell deteve-se e acrescentou num tom provocador. — Uma malta interessante. — Quem é a Mimi?

Mimi Ferrere. Faz parte da mobília da cena social de Zamalek. Veio para aqui há cerca de 20 anos e nunca mais partiu. Toda a gente conhece a Mimi, e a Mimi conhece toda a gente.

— Quem a trouxe para o Cairo?

— A Convergência Harmônica.

Ao deparar-se com o olhar confuso de Gabriel, Quinnell explicou:

— Um sujeito chamado José Arguelles escreveu há algum tempo um livro chamado The Mayan Factor, onde afirmava ter encontrado indícios na Bíblia e nos calendários maias e astecas que indicam que Agosto de 1987 seria uma conjuntura crítica na história da humanidade. O mundo podia continuar de duas maneiras. Podia entrar numa nova era ou ser destruído. Para evitar a destruição, teriam de se reunir 144 000 pessoas nos chamados centros de poder à volta do globo a ressoar energia positiva. A Mimi chegou às pirâmides, juntamente com milhares de outras almas perdidas. Na altura, era uma beldade. Ainda é, se queres a minha opinião. Casou com um egípcio rico e assentou em Zamalek. O casamento durou cerca de uma semana e meia. Quando ruiu, a Mimi precisava de dinheiro, por isso abriu o café.

— De onde é que ela é? Quinnell encolheu os ombros.

— A Mimi é de todo o lado. A Mimi é uma cidadã do mundo.

— Como é que é a malta?

— Sobretudo expatriados. Alguns turistas espertos. Árabes com dinheiro que continuam a gostar do Ocidente. Há um tipo que vejo lá de tempos em tempos. Chama-se Tony.

— Tony? Tem certeza?

— É assim que ele diz que se chama. Um atraente demônio. Quinell entregou o jornal a Gabriel. — Não vás muito cedo. O lugar só começa a animar a partir da meia-noite. E tem cuidado com a Mimi. Ela pode ser uma louca da New Age, mas ninguém lhe faz o ninho atrás da orelha.

O Sr. Katubi marcou uma mesa para Herr Johannes Klemp no Mimi's Wine and Jazz Bar para as dez da noite. Às nove, Gabriel desceu do quarto e, evitando a praça de táxis, atravessou a ponte Tahrir lem direção à ilha Gezira. Chegado à ilha, virou à direita e seguiu para o norte pela estrada costeira ao rio, ao longo da franja de um antigo clube desportivo onde os colonizadores ingleses haviam jogado críquete e bebido gin, enquanto todo o império ruía em seu redor.

Surgiu à sua esquerda uma fila de elevados prédios de luxo, a primeira prova de que entrara na morada mais procurada do Cairo. Viviam ali estrangeiros, como egípcios ricos que tiravam as suas deixas, não do Islão, mas dos criadores de modas nova-iorquinos e londrinos. Zamalek era relativamente limpo, e o ruído incessante do Cairo não passava de um resmungo descontínuo vindo da outra margem do rio. Podia bebericar-se cappucinos nos cafés e falar francês em lojas exclusivas. Era um oásis, um lugar onde os pobres podiam fingir que não estavam rodeados por um mar de pobreza inimaginável.

O Mimi's ocupava o térreo de uma antiga casa junto à Rua 26 de Julho. O letreiro de néon estava em inglês, como o menu inteiramente vegetariano, exibido sob vidro e emoldurado em madeira pintada à mão. Perto do menu pendia um cartaz grande com imagem do espetáculo da noite: cinco homens jovens com lenços de seda e muitas joias. Era o tipo de lugar onde normalmente Gabriel só entraria com uma pistola apontada. Herr Klemp endireitou os ombros e entrou.

Foi acolhido por uma mulher de pele escura, que usava uma calça larga de cetim laranja e um lenço de cabeça combinando. Falou-lhe em inglês, e ele respondeu do mesmo modo. Ao ouvir o nome "Johannes Klemp", esboçou um sorriso prudente, como se o Sr. Katubi a tivesse avisado para esperar o pior, e levou-o a uma mesa junto da orquestra. Tratava-se de uma peça baixa, arabesca, rodeada por cadeirões de cores vivas e estofados em excesso. Gabriel teve a nítida sensação de que não passaria a noite sozinho. Seus receios se concretizaram minutos depois, quando se sentaram três árabes que pediram champanhe e ignoraram o alemão de ar moroso com quem partilhavam a mesa.

Era uma sala agradável, comprida e oval, com paredes de estuque ásperas e caiadas e faixas de seda que pendiam do teto alto. O ar cheirava a especiarias orientais, a incenso de sândalo e a um toque de haxixe. Ao longo da extremidade da sala, e quase invisíveis à luz débil, havia diversos nichos abobadados, onde os clientes podiam comer e beber em relativa privacidade. Gabriel ia picando de um prato de aperitivos árabes e procurava em vão alguém que se assemelhasse ao homem na fotografia.

Fiel à palavra de Quinnell, a música só começou às onze. O primeiro ato era de um peruano que usava um sarongue e tocava peças New Age numa guitarra de fios de nylon. Entre números, contava fábulas dos Andes superiores num inglês quase impenetrável. À meia-noite, chegaram os músicos anunciados para essa noite, um grupo de marroquinos que tocava em tons e ritmos que nenhum ouvido ocidental podia compreender. Os três árabes não prestaram atenção à música e passaram a noite numa conversa lubrificada pela bebida. Herr Klemp sorriu e aplaudiu, num gesto de apreciação dos admiráveis solos, mas Gabriel nada ouviu, pois toda a sua atenção estava focada na mulher que concentrava as atenções na outra extremidade do bar.

"Na época, era uma beldade", disse Quinnell. "Ainda é, se quer minha opinião."

Usava calças brancas à corsário e uma blusa de cetim azul-pálido atada à cintura estreita. Vista de trás, poderia ser tomada por uma moça na casa dos 20. Só quando se virava, revelando rugas à volta dos olhos e a madeixa grisalha no cabelo escuro, é que se percebia que era uma mulher de meia-idade. Usava pulseiras nos pulsos e um enorme pendente de prata à volta do pescoço comprido. A sua pele era de uma tonalidade azeitona e tinha os olhos quase negros. Saudou toda a gente do mesmo modo, com um beijo em cada face e uma confiança sussurrada. Gabriel já vira muitas versões dela, da mulher que se desloca de villa em villa e de festa em festa, que tem um bronzeado e uma linha permanentes e nem pensa em casar e ter filhos. Gabriel perguntou-se que raio estaria ela a fazer no Cairo.

O quinteto marroquino fez um intervalo e anunciou regressar em dez minutos. As luzes da casa intensificaram-se ligeiramente, como o som das conversas. A mulher afastou-se do bar e começou a trabalhar na sala, movendo-se sem esforço de mesa para mesa, de nicho para nicho, como uma borboleta flutuando de uma flor para a seguinte. Aos velhos conhecidos saudava com beijos e um sussurro. Os novos amigos eram tratados com um demorado aperto de mão. Falava-lhes em árabe e em inglês, em italiano e em francês, em espanhol e num respeitável alemão. Aceitava os elogios como uma mulher habituada a recebê-los e não deixava qualquer turbulência na sua esteira. Para os homens, era objeto de um desejo cauteloso; para as mulheres, de admiração. Chegou à mesa do Herr Klemp no instante em que a banda regressava ao palco para uma segunda atuação. Ele levantou-se e, inclinando-se ligeiramente pela cintura, aceitou-lhe a mão estendida. O aperto era firme, a pele fria e seca. Ela soltou a mão, afastou do rosto uma madeixa de cabelo rebelde e mirou-o com os olhos castanhos. Se ele a não tivesse visto lançar esse

mesmo olhar a todos os homens na sala, poderia ter julgado que ela estava a namoriscar com ele.

— Fico satisfeita com que tenha se reunido a nós esta noite.
— Falou em inglês e no tom confiante de uma anfitriã que tinha dado um pequeno jantar. — Espero que esteja a gostar da música. Não são maravilhosos? Aliás, chamo-me Mimi. Ditas essas palavras, desapareceu. Gabriel desviou o olhar para o palco, mas a sua mente regressara ao covil subterrâneo de Natan Hofi, e ouvia as gravações da mulher misteriosa que tinha um amigo chamado Tony.

"Aliás, meu nome é Mimi."

Não, não é, pensou Gabriel. Seu nome é Madeleine. E Alexandra. E Lunetta. É a Pequena Lua.

Na manhã seguinte, o Sr. Katubi estava no seu posto no hall quando o telefone ronronou. Olhou para o identificador de chamada e expirou pesadamente. Depois levantou devagar o receptor, qual sapador a neutralizar uma bomba, e levou-o ao ouvido.

— Bom dia, Herr Klemp. — É, de fato, Sr. Katubi.

— Precisa de ajuda com a sua bagagem?

— Não preciso de qualquer ajuda, Katubi. Alteração de planos Decidi prolongar a minha estada. Estou encantado com este lugar.

— Que ventura para nós — disse o Sr. Katubi, num tom gelado.

— Durante quantas noites adicionais irá requerer o nosso quarto? — Ainda é algo a decidir, Katubi. Mantenha-se atento a posteriores atualizações.

— Atento ficarei, Herr Klemp.

CAPÍTULO 14

CAIRO

— Nunca assinei nada assim — disse Quinnell
sombriamente. Passava da meia-noite; estavam no pequeno e gasto
Fiat de Quinnell. Do outro lado do Nilo, o Cairo central remexia-se
irrequieto, mas Zamalek estava silenciosa àquela hora. Tinham
demorado duas horas a chegar lá. Gabriel estava seguro de que
ninguém o seguira.

— Tem certeza do número do apartamento?

— Já estive lá — disse Quinnell. — Não na condição que
esperava, sabe, apenas numa das festas da Mimi. Vive no
apartamento A. Todos conhecem o endereço da Mimi.

— Tem certeza de que ela não tem um cão?

— Só tem um gato angora com problemas de peso. Tenho a
certeza que um homem que afirma ser amigo do grande Herr Heller
não terá qualquer problema em lidar com um gato obeso. Já eu, por
outro lado, tenho de me defrontar com um porteiro núbio de 2,15m.
Como é que isto aconteceu?

— Você é um dos melhores jornalistas do mundo, Quinnell.
Por certo que consegues enganar um porteiro.

— É verdade, mas isto não é propriamente jornalismo.

— Pensa nisto como uma partida de um menino inglês. Diz-
lhe que o carro se foi abaixo. Diz-lhe que precisas de ajuda. Dá-lhe
dinheiro. Cinco minutos, e nem mais um minuto. Percebeste?

Quinnell assentiu.

— E se o teu amigo da Mukhabarat aparecer? — perguntou
Gabriel. — Qual é o sinal?

Duas buzínadelas breves, seguidas por uma longa.

Gabriel saiu do carro, atravessou a rua e desceu um lance de
degraus de pedra que conduziam a um cais junto da orla costeira.
Deteve-se por um momento para observar a vela angular e graciosa
de uma faluca que deslizava devagar rio acima. Depois virou-se e

avançou para sul, com a elegante mala de couro do Herr Klemp a pender-lhe do ombro direito. Alguns passos mais à frente, surgiram no seu campo de visão os pisos superiores do edifício de apartamentos da Mimi, acima da elevação diante de si: um antigo edifício de Zamalek, caiado, com grandes terraços sobre o rio.

Uns cem metros para lá do edifício, outro lance de degraus erguia-se acima da rua. Antes de os subir, Gabriel olhou para trás à beira-rio para ver se tinha sido seguido, mas verificou que o cais estava deserto. Subiu os degraus e atravessou a rua, percorrendo depois o caminho até a entrada do beco escurecido que corria ao longo dos fundos do prédio. Fosse essa a primeira vez que ali estivesse e poderia não ter encontrado o seu destino, mas andara pelo beco à luz do dia e sabia com toda a certeza que 130 passos normais o conduziriam à entrada de serviço do edifício da Mimi Ferrere.

Pintadas na porta de metal dentada, liam-se as palavras em árabe NÃO ENTRAR. Gabriel olhou para o relógio. Como esperara, a caminhada desde o carro tomará-lhe .30 minutos. Tentou a maçaneta e verificou que a porta estava trancada, como estivera de dia. Retirou um par de finas ferramentas de metal do bolso lateral da mala e baixou-se até ficar com o trinco ao nível dos olhos. Em 15 segundos, o trinco cederá.

Empurrou a porta e olhou para o interior. Estendia-se diante de si um corredor curto de chão de cimento. Na outra extremidade encontrava-se uma porta semiaberta, que dava para o hall. Gabriel avançou e escondeu-se atrás da segunda porta. Ouvia do outro lado a voz de David Quinnell a oferecer ao porteiro núbio 20 libras para que lhe empurrasse o carro empanado para fora da estrada. Quando a conversa deu lugar ao silêncio, Gabriel espreitou para o outro lado da porta, mesmo a tempo de ver a túnica do núbio a ondular na escuridão.

Entrou no hall e parou junto às caixas de correio. A caixa do apartamento 6A tinha a etiqueta: M. FERRERE. Subiu as escadas até o sexto piso. A porta era flanqueada por um par de palmeiras envasadas. Gabriel colou o ouvido à madeira e não ouviu qualquer som no interior.

Retirou do bolso um dispositivo disfarçado de lâmina elétrica e fê-lo correr à volta do rebordo da porta. Brilhava uma luzinha verde o que queria dizer que o dispositivo não detectara qualquer sinal da existência de um sistema de segurança eletrônico.

Gabriel tornou a enfiar o aparelho no bolso e introduziu a sua antiquada gazua no buraco da fechadura. No preciso instante em que começava a trabalhar, ouviu vozes femininas que se elevavam pela escadaria vindas lá de baixo. Prosseguiu calmamente, as pontas dos dedos registrando alterações subtis em tensão e rotação, enquanto outra parte da sua mente pensava e repensava nas possibilidades. O edifício tinha 11 andares. As hipóteses tendiam ligeiramente, mais do que igualavam, para que as mulheres nas escadas estivessem a encaminhar-se para o sexto piso ou mais acima. Tinha duas opções: abandonar o seu trabalho por agora e tornar a descer as escadas em direção ao hall, ou procurar refúgio num piso superior. Ambos os planos acarretavam potenciais perigos. As mulheres podiam achar suspeita a presença de um estrangeiro desconhecido no edifício, e se acontecesse viverem num dos últimos pisos, ele poderia encontrar-se preso sem qualquer rota de fuga.

Decidiu continuar a trabalhar. Pensou nos exercícios que tinha feito na

Academia, de Shamron sempre atrás do seu ombro, incitando-o a trabalhar como se a sua vida e as vidas da sua equipe dependessem de si. Ouvia agora o bater dos saltos altos, e quando uma das mulheres guinchou com uma gargalhada o seu coração deu um salto.

Quando a última tranca se afastou por fim, Gabriel colocou a mão no trinco e sentiu a gratificante sensação de movimento. Abriu a porta e deslizou para o interior, tornando depois a fechá-la no exato momento em que as mulheres chegavam ao patamar. Encostou-se à porta e, tendo apenas a gazua como arma, susteve o fôlego enquanto elas passavam a rir à gargalhada. Odiou-as por um instante pela sua frivolidade.

Trancou a porta. Retirou da pasta um Maglite do tamanho de um cigarro e fez incidir o feixe estreito à volta do apartamento. Estava num pequeno hall de entrada, para lá do qual se situava a sala de estar. Fresca e branca, com mobiliário baixo e confortável, e uma abundância de almofadas coloridas e mantas, lembrava vagamente a Gabriel o clube noturno da Mimi. Avançou devagar, mas parou de repente quando a luz incidiu sobre um par de olhos amarelos néon.

O gato gordo da Mimi estava deitado, enrolado, em cima de uma otomana. Olhou sem interesse para Gabriel, pousou o focinho nas patas e fechou os olhos. Tinha uma lista de alvos, organizada por ordem de importância. Uma das primeiras prioridades era os telefones da Mimi. Encontrou o primeiro na sala de estar, pousado sobre uma mesa de apoio. Localizou o segundo na mesa-de-cabeceira do quarto e o terceiro na sala que ela usava como escritório. Acoplou a cada um deles um dispositivo miniatura conhecido no léxico do Escritório como "vidro", um transmissor que iria fornecer cobertura tanto para o telefone, como para a sala à sua volta. A uma distância de cerca de mil metros, permitiria a Gabriel usar a sua suite no Intercontinental como posto de áudio.

Encontrou também no escritório o segundo artigo da sua lista de alvos, o computador da Mimi. Sentou-se, ligou o computador e introduziu um CD no drive. O software correu automaticamente e começou a recolher dados guardados no disco duro: caixas de e-mail, documentos, fotografias, até arquivos de áudio e vídeo.

Enquanto os arquivos eram copiados para o CD, Gabriel deu uma olhadela ao resto do escritório. Vasculhou um molho de correspondência, abriu as gavetas da secretária, olhou de relance para os arquivos. A ausência de tempo permitiu-lhe apenas um exame superficial dos artigos, e Gabriel não encontrou nada que lhe chamasse a atenção.

Verificou o progresso do download, e em seguida levantou-se e fez incidir o feixe da Maglite pelas paredes. Uma delas estava coberta por várias fotografias emolduradas. A maior parte mostrava a Mimi na companhia de outras pessoas bonitas. Numa delas viu uma versão mais jovem da Mimi, com um kaffiyeh envolvendo-lhe os ombros. Tinha como fundo as Pirâmides de Gize que, como o rosto dela, eram banhadas por um tom siena projetado pelo sol poente — Mimi, a idealista New Age que tentava salvar o mundo da destruição através do poder do pensamento positivo.

Uma segunda fotografia chamou a atenção de Gabriel: a Mimi, de cabeça pousada numa almofada cor de lavanda, a olhar diretamente para a lente. O seu rosto estava colado ao de um homem que fingia dormir e que tinha um chapéu puxado sobre os olhos, deixando-lhe assim visíveis apenas o nariz, a boca e o queixo — o suficiente de um rosto, sabia-o Gabriel, para que os especialistas fizessem um reconhecimento facial conclusivo. Tirou uma pequena máquina fotográfica digital da sacola do Herr Klemp e fotografou a fotografia.

Regressou para junto da secretária e viu que o download estava terminado.

Retirou o CD da drive e desligou o computador. Depois olhou para o relógio. Estivera no interior do apartamento durante sete minutos, mais dois minutos do que tinha planejado. Deixou cair o CD para dentro da sacola, dirigindo-se em seguida à porta de entrada, onde se deteve por um instante para se certificar de que o patamar estava vazio antes de sair.

As escadas estavam vazias, como o hall, com exceção do porteiro núbio, que desejou a Gabriel uma boa noite quando passou por ele e saiu para rua. Quinnell, a imagem perfeita da indiferença, estava sentado em cima do capot do carro a fumar um cigarro. Como um bom profissional, manteve os olhos baixos até Gabriel ter virado à esquerda e ter começado a andar em direção à ponte Tahrir.

Na manhã seguinte, Herr Klemp ficou doente. Depois de ter recebido uma descrição desagradavelmente pormenorizada dos sintomas, o Sr. Katubi diagnosticou uma desordem bacteriana e previu que o desfecho seria violento, mas rápido. — A cidade do Cairo traiu-me — queixou-se Herr Klemp. — Fui seduzido por ela, e retribui o meu afecto com a vingança.

A previsão do Sr. Katubi de uma recuperação rápida demonstrou ser errónea. A tempestade nos intestinos de Herr Klemp assolou-os ao longo de muitos dias e noites. Foram chamados médicos, receitados medicamentos, mas nada parecia funcionar. O Sr. Katubi pôs de parte o ressentimento que nutria por Herr Klemp e assumiu pessoalmente a responsabilidade de cuidar dele. Receitou-lhe uma poção, provada pelo tempo, de batatas cozidas salpicadas com sumo de limão e sal, preparado que lhe entregava três vezes ao dia.

A doença suavizou o comportamento do Herr Klemp. Mostrava-se agradável para com o Sr. Katubi e até se desculpava junto das empregadas de quarto que tinham de lhe limpar a medonha casa de banho. Por vezes, quando o Sr. Katubi entrava no quarto, ia encontrar Herr Klemp sentado na cadeira de braços junto à janela, a olhar, fatigado, para o rio. Passava contudo a maior parte do tempo apaticamente estendido na cama. Por forma a aliviar o tédio do cativo, ouvia música e os noticiários em alemão pelo seu rádio de ondas curtas, com os minúsculos receptores para não perturbar os outros hóspedes. O Sr. Katubi deu por si com saudades do velho Johannes Klemp. Por vezes, erguia os olhos do seu posto no

hall e ansiava por ver o rabugento alemão atravessar pesadamente o chão de mármore com as abas do casaco a bater e o maxilar endurecido para o confronto. Certa manhã, uma semana exata depois de Herr Klemp ter ficado doente, o Sr. Katubi bateu-lhe à porta e ficou surpreso com a voz vigorosa que o mandou entrar. Passou o cartão pela ranhura da porta e entrou. Herr Klemp estava a fazer a malas.

— A tempestade terminou, Katubi.

— Tem certeza?

— Tanta quanto é possível numa situação como esta.

— Lamento que o Cairo o tenha tratado tão mal, Herr Klemp. Imagino que a decisão para prolongar a sua estada tenha afinal sido um erro.

— Talvez, Katubi, mas também nunca fui homem de ficar preso ao passado, nem você o devia fazer.

— É uma doença árabe, Herr Klemp.

— Eu não sofro dessa doença, Katubi. — Herr Klemp colocou o seu rádio de ondas curtas no saco e fechou o fecho. — Amanhã é outro dia.

Chovia em Frankfurt naquela tarde: o piloto da Lufthansa dissera-o abundantes vezes. Falara da chuva quando ainda se encontravam em terra, no Cairo, e fornecera-lhes entediantes atualizações por duas vezes durante o voo. Gabriel deixara-se prender pela laboriosa voz do piloto, pois ela dava-lhe algo que fazer além de olhar para o relógio e calcular as horas até o próximo massacre de inocentes levado a cabo pelo Khaled. Quando se aproximavam de Frankfurt, encostou a cabeça ao vidro e olhou para fora, esperando vislumbrar as primeiras luzes da planície do Sul da Alemanha, mas, em seu lugar, viu apenas escuri dão. O jato mergulhou nas nuvens, e a sua janela foi riscada por fios horizontais de água da chuva — e nessas velozes gotículas viu Gabriel as equipes do Khaled posicionarem-se para o ataque seguinte.

Depois, 157 subitamente, surgiu a pista de aterragem, uma folha de mármore negro polido erguendo-se devagar para os receber, e desceram.

No terminal, dirigiu-se a uma cabina telefônica e marcou o número de uma empresa de transporte em Bruxelas. Identificou-se como Stevens, um dos seus muitos nomes telefônicos, e pediu para falar com o Sr. Parsons. Ouviu uma série de estalidos e de zumbidos, seguidos de uma voz feminina, distante e com um ligeiro eco. Gabriel sabia que a moça estava naquele momento sentada ao balcão do Controle de Operações no Boulevard King Saul.

— Que deseja? — perguntou ela.

— Identificação por voz. — Tem uma gravação?

— Sim.

— Qualidade?

Recorrendo a termos hebraicos que nenhum ouvinte poderia compreender, Gabriel confiou concisamente à moça os meios técnicos com que captara e gravara a voz do sujeito.

— Passe por favor a gravação.

Gabriel pressionou o botão PLAY e levou o gravador ao bocal do receptor.

Voz masculina, francês perfeito.

"Sou eu. Dá-me uma apitadela quando puderes. Não é nada de urgente. Gao."

Baixou o gravador e colou o receptor ao ouvido.

— Não temos nada compatível em arquivo — disse a mulher.

— Compare-a com a impressão vocal não identificada 698/D.

— A aguardar. — Depois um momento mais tarde: — Combina.

— Preciso identificar um número telefônico.

Gabriel localizou a segunda interceptação, pressionou PLAY e tornou a levar o gravador até o telefone. Ouvia-se a Mimi Ferrere a fazer uma chamada internacional do telefone do seu escritório. Quando o último número foi marcado, Gabriel pressionou PAUSE.

A mulher na outra extremidade da linha recitou o número: 00 33 54 67 98. Gabriel sabia que o 33 era o código da França e que o 91 era o código para a cidade de Marselha. — Faça a ligação — disse ele.

— Um momento.

Passados dois minutos, a mulher disse:

O telefone está registrado em nome de um Monsieur Paul Véran, Boulevard St-Rémy, Marselha.

— Preciso de outra identificação vocal.

— Qualidade?

— Igual à anterior.

— Passe a gravação.

Gabriel tornou a pressionar o PLAY, mas dessa vez a voz foi abafada pelo som de um aviso de segurança, em alemão, gritando do altifalante acima da sua cabeça: Achtung! Achtung! Terminado o aviso, tornou a premir PLAY. Dessa vez a voz, feminina, era claramente audível.

"Sou eu. Onde estás? Telefona-me quando puderes. Adoro-te."

STOP.

— Nada de compatível em arquivo.

— Compare com a impressão vocal não identificada 572/B.

— A aguardar. — E depois: — Combina.

— Aponte, por favor, que o sujeito dá pelo nome de Mimi Ferrere. A morada dela é Rua Brasil 24, apartamento 6A, Cairo.

Acrescentei-a ao arquivo. Tempo decorrido nesta chamada: .32 minutos. Mais alguma coisa?

— Preciso que me envie uma mensagem ao Ezekiel.

Ezekiel era o código telefônico para o departamento de Operações.

— A mensagem é?

— O nosso amigo está a passar algum tempo em Marselha, no endereço que me deu.

— Número 56 Boulevard St-Rémy?

— Exatamente — disse Gabriel. — Preciso de instruções do Ezekiel para continuar.

— Estás a telefonar do aeroporto de Frankfurt?

— Sim.

— Vou desligar. Vá para outro lugar e torne a ligar daqui a cinco minutos. Terei então instruções para si.

Gabriel desligou. Dirigiu-se a um quiosque de jornais, onde comprou uma revista alemã, e percorreu depois uma curta distância no terminal até junto de outro grupo de telefones. O mesmo número, a mesma conversa, a mesma moça em

Tel Aviv.

— Ezekiel quer que vá a Roma.

— Roma? Por que Roma?

— Bem sabe que não sei responder.

Não interessava. Gabriel sabia a resposta.

— Para onde devo ir?

— O apartamento perto da Piazza di Spagna. Conhece-o? Conhecia. Era um encantador apartamento de segurança ao alto da Escadaria Espanhola, não muito longe da Igreja da Trinta dei Monti.

— Há um voo de Frankfurt para Roma dentro de duas horas. Vamos reservar-lhe um lugar.

— Quer o meu número de passageiro frequente?

— O quê?

— Deixe lá.

— Boa viagem — disse a moça, e a chamada desligou-se.

PARTE TRÊS

A Gare de Lyon

CAPÍTULO 15

MARSELHA

Pela segunda vez em dez dias, Paul Martineau fez a viagem de Aix-en-Provence para Marselha. Tornou a entrar no café da pequena rua ao fundo da Rue des Convalescents e subiu as escadas estreitas até o apartamento do primeiro andar, onde de novo foi saudado no patamar por uma figura encapuzada que falou com ele em árabe em voz baixa. Sentaram-se, encostados a almofadas de seda, no chão da minúscula sala de estar. O homem introduziu lentamente haxixe no cachimbo de água e levou um fósforo aceso ao forninho. Em Marselha, era conhecido como Hakim el-Bakri, um imigrante recente da Argélia. Martineau conhecia-o por outro nome, Abu Saddiq. Martineau não o tratava por esse nome, como Abu Saddiq não tratava Martineau pelo nome que lhe fora dado pelo seu verdadeiro pai.

Abu Saddiq sugou longamente a boquilha do cachimbo, inclinando-o em seguida na direção de Martineau. Martineau puxou longamente o haxixe e deixou que o fumo lhe subisse às narinas. Depois acabou o seu café. Uma mulher de véu levou-lhe a xícara vazia e ofereceu-lhe outra. Quando Martineau sacudiu a cabeça, a mulher saiu silenciosamente do quarto.

Fechou os olhos enquanto uma onda de prazer se lhe abatia sobre o corpo. O estilo árabe, pensou: um pouco de fumo, uma xícara de café doce, a subserviência de uma mulher que conhecia o seu lugar na vida. Embora tivesse sido criado como verdadeiro francês, era sangue árabe que lhe corria nas veias e o árabe que ele sentia mais confortável na língua. A linguagem do poeta, a

linguagem da conquista e do sofrimento. Havia alturas em que a separação do seu povo era quase demasiado dolorosa para suportar. Na Provença, ele estava rodeado por 164 pessoas como ele, e, no entanto, não lhes podia tocar. Era como se ele tivesse sido condenado a vagar entre eles, como um espírito amaldiçoado vagueia entre os vivos. Apenas ali, no minúsculo apartamento de Abu Saddiq, podia transformar-se no homem que verdadeiramente era. Abu Saddiq compreendia isso, razão por que parecia não ter pressa de chegar ao assunto. Enfiou mais haxixe no cachimbo de água e acendeu outro fósforo.

Martineau deu outra passa no cachimbo, desta vez mais profundamente do que a anterior, e susteve o fumo até lhe parecer que os pulmões iam rebentar. Sentia agora a mente a flutuar. Viu a Palestina, não com os seus olhos, mas como lhe fora descrita por aqueles que a tinham de fato visto. Martineau, à semelhança do pai, nunca lá colocara um pé. Os limoeiros e olivais: foi isso que imaginou. Fontes frescas e cabras subindo as colinas castanhas do Galileu. Um pouco como a Provença, pensou ele, antes da chegada dos Gregos. A imagem desintegrou-se, e deu por si a vagar por uma paisagem de ruínas celtas e romanas. Chegou a uma aldeia, uma aldeia na planície costeira da Palestina. Beit Sayeed, como lhe chamavam. Agora nada mais restava do que uma pegada no solo empoeirado. Na sua alucinação, Martineau caiu de joelhos e arranhou a omoplata na terra. Nada lhe restituía, nem ferramentas nem cerâmicas, nem moedas nem restos humanos. Era como se o povo se tivesse simplesmente desvanecido.

Obrigou-se a abrir os olhos. A visão dissipou-se. A sua missão iria em breve acabar. Os assassinatos do pai e do avô seriam vingados, o seu direito inalienável cumprido. Martineau estava confiante de que não iria passar os seus últimos dias como um francês da Provença, mas como um árabe na Palestina. O seu povo, perdido e espalhado, seria devolvido à terra, e Beit Sayeed tornaria a

erguer-se do túmulo. Os dias dos judeus estavam contados. Haveriam de partir, como todos aqueles que tinham chegado à Palestina antes deles: os Gregos e os Romanos, os Persas e os Assírios, os Turcos e os Ingleses. Martineau estava convencido de que um dia, em breve, andaria à procura de artefatos entre as ruínas de um assentamento judaico.

Abu Saddiq estava a puxar-lhe a manga da camisa e a chamá-lo pelo seu verdadeiro nome. Martineau virou lentamente a cabeça e fitou Abu Saddiq com um olhar de pálpebras pesadas.

— Sou Martineau — disse ele em francês. — Paul Martineau. Doutor Paul Martineau.

— Estiveste longe por um momento.

— Estive na Palestina — murmurou Martineau, de fala arrastada pela droga. — Em Beit Sayeed.

— Não tarda a que estejamos todos lá — disse Abu Saddiq.

Martineau lançou-lhe um sorriso — não de arrogância, mas de silenciosa confiança. Buenos Aires, Istambul, Roma: três atentados, cada um deles planejado e executado sem falhas. As equipes tinham colocado os explosivos no alvo e desaparecido sem deixar rasto. Durante cada uma das operações, Martineau escondera-se com trabalho arqueológico e operara através de um intermediário. Abu Saddiq estava a tratar da operação de Paris. Martineau concebera-a e planejara-a; a partir do seu café no Quartier Belsunce, Abu Saddiq movia as peças de xadrez ao comando de Martineau. Quando estivesse terminado, Abu Saddiq sofreria o mesmo destino de todos aqueles que Martineau usara. Aprendera com os erros dos seus antecessores. Nunca permitiria ser desmascarado por um traidor árabe.

Abu Saddiq estendeu o cachimbo a Martineau, que ergueu a mão num gesto de rendição. Depois, com um lento aceno da cabeça, instruiu Abu Saddiq para continuar com a reunião final. Durante a meia hora seguinte, Martineau permaneceu em silêncio, enquanto

Abu Saddiq falava: a localização das equipes, as moradas em Paris onde as bombas-mala estavam a ser montadas, o estado emocional dos três shaheeds. Abu Saddiq parou de falar enquanto a mulher velada lhes servia mais café. Quando ela tornou a sair, Abu Saddiq referiu que o último membro da equipe iria chegar a Marselha dentro de dois dias.

— Ela quer ver-te — disse Abu Saddiq. -Antes da operação. Martineau sacudiu a cabeça. Conhecia a moça — tinham sido amantes — , e sabia porque é que ela o queria ver. Era melhor do que agora não passassem tempo juntos. De outro modo, Martineau poderia ter segundas intenções acerca daquilo que planejava para ela.

— Mantemo-nos com o plano original — disse ele. — Onde é que me encontro com ela?

— O café da Internet no porto. Conhece-o?

Martineau conhecia.

Ela vai lá estar às 12.30 horas.

Nesse instante, do minarete de uma mesquita ao alto da rua, o muegin convocou os fiéis para a oração. Martineau fechou os olhos enquanto era banhado pelas palavras familiares.

Deus é maior. Testemunho que não existe nenhum deus além de Deus.

Testemunho que Maomé é o Profeta de Deus. Venham à oração. Venham ao êxito. Deus é maior. Não há nenhum deus além de Deus.

Uma vez terminada a chamada à oração, Martineau levantou-se e preparou-se para partir.

— Onde está o Hadawi? — perguntou.

— Em Zurique.

— É um fardo, não achas? Abu Saddiq assentiu.

— Mando-o para outro lugar? — Não — disse Martineau. — Mata-o.

Quando chegou à Place de la Préfecture, Martineau sentia-se de cabeça desanuviada. Como eram diferentes as coisas deste lado de Marselha, pensou. As ruas eram mais limpas, as lojas mais abundantes. Martineau, o arqueólogo, não conseguia evitar refletir sobre a natureza dos dois mundos que existiam lado a lado nesta antiga cidade. Um centrava-se na devoção, o outro no consumo. Um tinha muitos filhos, o outro considerava as crianças como um fardo financeiro. Martineau sabia que os Franceses não tardariam a ser uma minoria no seu próprio país, colonos na sua própria terra. Algures em breve, um século, talvez um pouco mais, a França seria um país muçulmano.

Virou para o Boulevard St-Rémy. Bordejada de árvores e dividida ao meio por um estacionamento a pagar, a rua subia ligeiramente num ângulo em direção a um pequeno parque verde com uma vista sobre o velho porto. Os edifícios de ambos os lados eram de majestosa pedra cinza e uniformes em altura. As janelas do piso térreo eram cobertas por barras de ferro. Muitos dos edifícios continham escritórios — advogados, médicos, agentes imobiliários — e mais ao alto da rua havia dois bancos e uma enorme loja artigos de decoração. Ao fundo da rua, na extremidade da Place de la Préfecture, havia um par de quiosques em frente um do outro: um vendia jornais, e o outro, sanduíches. Durante o dia havia um pequeno mercado na rua, mas agora ao crepúsculo os vendedores tinham guardado o queijo e os legumes frescos e ido para casa.

O edifício do número 56 era apenas residencial. O hall estava limpo e a escadaria era ampla, com um corrimão de madeira e uma passadeira nova. O apartamento estava vazio, com exceção de um único sofá branco e um telefone no chão. Martineau dobrou-se, levantou o receptor e marcou um número. Um atendedor de chamadas, como esperara.

— Estou em Marselha. Telefona-me quando puderes.

Desligou, depois sentou-se no sofá. Sentia a pressão da arma contra os rins. Inclinou-se para a frente e tirou-a do cós da calça. A Stechkin de nove milímetros — a arma do seu pai. Por muitos anos após a morte do pai em Paris, a arma ficara a acumular pó num depósito da Polícia, como prova de um julgamento que nunca viria a ocorrer. Um agente do serviço secreto franceses levava clandestinamente a arma para Túnis em 1985 e oferecera-a a Arafat. Arafat tinha-a dado a Martineau.

O telefone tocou. Martineau respondeu.

— Monsieur Véran?

— Mimi, meu amor — respondeu Martineau. — Que bom ouvir a tua voz.

CAPÍTULO 16

ROMA

O telefone acordou-o. Como os telefones do apartamento de segurança, não tinha campainha, apenas uma luz pulsante, luminosa com um marcador de canal, que transformou as suas pálpebras em vermelho. Estendeu a mão e levou o receptor ao ouvido.

— Acorda — disse Shimon Pazner.

— Que horas são?

— Oito e meia.

Gabriel tinha dormido 12 horas.

— Veste-te. Há uma coisa que tens de ver, já que estás na cidade.

— Analisei as fotografias, li todos os relatórios. Não preciso ver nada.

— Precisa, sim.

— Por quê?

— Porque vai te chatear.

— E que bem isso fará?

— Às vezes precisamos que nos chateiem — disse Pazner.

Encontro-me contigo na escadaria da Galleria Borghese dentro de uma hora. Não me deixes feito parvo à tua espera.

Pazner desligou. Gabriel levantou-se da cama e deixou-se ficar debaixo do chuveiro durante muito tempo, equacionando se deveria fazer a barba. Por fim, acabou por se decidir a apará-la. Vestiu um dos ternos escuros de Herr Klemp e dirigiu-se à Via Veneto para tomar café. Uma hora depois de ter desligado a chamada de Pazner seguia por um caminho de cascalho sombreado em direção à escadaria da galeria. O katsa de Roma estava sentado num banco de mármore no pátio anterior, a fumar um cigarro.

— Bela barba — disse Pazner. — Céus, estás com um aspecto terrível.

— Precisava de uma desculpa para ficar no meu quarto de hotel no Cairo.

— Como é que o conseguiste?

Gabriel contou-lhe. Um produto farmacêutico vulgar que, quando ingerido e não devidamente administrado, tinha um efeito desastroso, embora temporário, no trato digestivo.

— Quantas doses tomaste?

— Três.

— Pobre coitado.

Atravessaram os jardins no sentido norte: Pazner como um homem a marchar ao som de um tambor que só ele ouvia, e Gabriel a seu lado, exausto por força de excesso de viagens e de preocupações. No perímetro do parque, perto dos jardins botânicos, situava-se a abertura para o beco sem saída. Durante dias depois do atentado, a imprensa mundial mantivera-se acampada no cruzamento. O chão continuava pejado de pontas de cigarros e de

copos de plástico esmagados. Aos olhos de Gabriel era como um pedaço de terra arável depois do festival anual das colheitas.

Entraram numa rua e desceram o declive da encosta até chegarem a uma barricada de aço temporária, controlada pela Polícia italiana e pelos seguranças israelenses. Pazner foi imediatamente admitido, bem como o seu conhecido, um alemão de barba.

Uma vez atrás da cerca puderam ver os primeiros sinais de danos: o pinheiro queimado sem as suas agulhas; as janelas partidas das villas vizinhas; os pedaços de destroços retorcidos espalhados por toda a parte como papel amachucado no lixo. Mais alguns passos e a cratera da bomba surgiu à vista, com pelo menos três metros de profundidade e rodeada por um halo de pavimento queimado. Pouco restava dos edifícios mais próximos do ponto de impacto; mais no interior do complexo, as estruturas permaneciam de pé, mas os lados de frente para a explosão tinham sido arrancados, por isso o efeito parecia o de uma casa de bonecas. Gabriel lançou um olhar ao escritório intato, onde as fotografias emolduradas continuavam sobre a secretária, e à casa de banho, com uma toalha ainda pendurada no varão. O ar estava pesado devido ao cheiro de cinza e àquilo que Gabriel temia ser o cheiro persistente de carne queimada. Vindo das profundezas do complexo chegou-lhe o arranhar e o rugir das escavadoras e dos bulldozers. A cena do crime, como o cadáver de uma vítima de homicídio, tinha dado as suas pistas finais. Agora era a altura do enterro.

Gabriel ficou mais tempo do que julgara que ficaria. Nenhuma ferida passada, real ou imaginada, nenhuma ofensa ou disputa política justificava um ato de homicídio àquela escala. Pazner tinha razão: o simples fato de ver a cena provocava em si uma fúria imensa. Mas havia outra coisa, outra coisa além da fúria. Enchia-o de ódio. Virou-se e começou a subir a colina. Pazner seguiu-o em silêncio.

— Quem te disse para me trazeres aqui?

— Foi ideia minha.

— Quem?

— O velho — disse Pazner em voz baixa. — Por quê?

— Não sei por quê. Gabriel deteve-se.

— Porquê, Shimon?

— O Varash reuniu ontem depois de teres chegado a Frankfurt. Volta para o apartamento de segurança. Espera aí por mais instruções. Em breve, alguém entrará em contato contigo.

E com essas palavras Pazner atravessou a rua e desapareceu na Villa Borghese. Mas ele não regressou ao apartamento de segurança. Em vez disso, encaminhou-se na direção oposta, para os bairros residenciais do Norte de Roma. Encontrou a Via Trieste e seguiu-a para oeste, até chegar, passados dez minutos, a uma praça pequena e confusa chamada Piazza Annibaliano.

Pouco se alterara naquela praça durante os 30 anos passados desde que Gabriel a vira pela primeira vez: o mesmo grupo de árvores melancólicas ao centro da praça, as mesmas lojas sombrias que forneciam clientes de classe baixa. E na extremidade norte, enfiado entre duas ruas, encontrava-se o mesmo prédio, com o formato de uma fatia de tarte, com a ponta para a praça e o Bar Trieste no piso térreo. Zwaiter costumava parar no bar para usar o telefone antes de subir as escadas até o seu quarto.

Gabriel atravessou a praça, abrindo caminho através dos carros e das motas perigosamente estacionadas no centro, e entrou no edifício pela soleira marcada "Entrada C". O hall estava frio e escuro. As luzes, lembrou-se Gabriel, funcionavam com um temporizador para poupar eletricidade. A vigilância do edifício tinha notado que os residentes, incluindo Zawiter, raramente se incomodavam a ligá-los — um fato que demonstraria ser uma vantagem operacional para Gabriel, porque lhe assegurara virtualmente o benefício de trabalhar no escuro. Nesse momento,

parou diante do elevador, ao lado do qual havia um espelho. A vigilância tinha-se esquecido de o mencionar. Naquela noite, ao ver o seu reflexo no espelho, Gabriel quase pegara na Beretta e disparara. Em vez disso, enfiou a mão no bolso do casaco para procurar uma moeda e estava a estendê-la em direção à ranhura de pagamento no elevador quando Zwaiter, que usava um casaco simples e segurava um saco de papel contendo uma garrafa de vinho de figo, entrou pela última vez na Entrada C.

"Desculpe, mas não é o Wadal Zwaiter?"

"Não! Por favor, não!"

Gabriel deixara que a moeda lhe caísse da ponta dos dedos. Antes de chegar ao chão, sacara da Beretta e disparara os seus dois primeiros tiros. Um dos cartuchos despedaçou o saco de papel antes de atingir Zwaiter no peito. Vinho e sangue misturaram-se aos pés de Gabriel enquanto ele continuava a disparar para o corpo em queda do palestino.

Nesse momento, olhou para o espelho e viu-se como fora naquela noite, um rapaz anjo com um blusão de couro, um artista que não fazia ideia de como o ato que estava a cometer iria alterar para sempre o curso da sua vida. Transformara-se noutra pessoa. E outra pessoa permanecera então. Shamron não lhe tinha dito que isso ia acontecer. Ensinara-o a sacar de uma arma e a disparar num segundo, mas nada fizera para o preparar para o que ia acontecer a seguir. Defrontar-se com um terrorista nos termos do outro, no seu campo de batalha, exige um preço terrível. Altera os homens que o fazem, bem como a sociedade que os envia.

É a derradeira arma do terrorista. Para

Gabriel, as alterações também eram visíveis. Na altura em que entrara a cambalear em Paris para a sua missão seguinte, já tinha as têmperas grisalhas.

Tornou a olhar para o espelho e viu a figura de barba do Herr Klemp a retribuir-lhe o olhar. Na sua mente dispararam imagens do

caso: uma embaixada arrasada, o seu próprio dossiê, Khaled... Teria Shamron razão? Estaria Khaled a enviar uma mensagem? Teria Khaled escolhido Roma devido ao que Gabriel fizera 30 anos antes naquele mesmo lugar?

Ouviu o suave arrastar de passos atrás de si: uma mulher velha, envergando o negro da viuvez, a segurar um saco plástico com mercearias. Olhou diretamente para ele. Por um instante, receou que ela de algum modo se lembrasse dele. Gabriel desejou-lhe uma boa manhã e tornou a sair para a praça inundada de luz. Sentia-se subitamente febril. Caminhou durante algum tempo pela Via Trieste, depois fez sinal a um táxi e pediu ao motorista que o levasse à Praça de Espanha. Ao entrar no apartamento de segurança, viu uma cópia do La Repubblica daquela manhã no chão do hall da entrada. Na página seis encontrava-se um anúncio grande de um carro desportivo italiano. Gabriel olhou atentamente para o anúncio e viu que ele tinha sido cortado de uma outra edição do jornal e colado sobre a página correspondente. Rasgou as extremidades da página e descobriu, escondida entre duas páginas, uma folha de papel contendo o texto codificado da mensagem. Depois de a ter lido, queimou-a no lava-louças e tornou a sair. Adquiriu uma mala de viagem nova na Via Condotti e passou a hora seguinte a comprar a roupa adequada ao seu destino seguinte. Regressou a um apartamento de segurança durante o tempo suficiente para encher o seu novo saco, depois foi almoçar no Nino, na Via Borgognona. Às duas da tarde, apanhou um táxi para o aeroporto Fiumicino, e às cinco e meia embarcou num voo para a Sardenha. Enquanto o avião de Gabriel ganhava velocidade na pista de descolagem, Amira Assaf surgia ao portão da frente da Clínica Stratford e mostrava o cartão identificativo ao guarda de segurança, que o examinou cuidadosamente, fazendo depois sinal para avançar. Ela fez girar o manípulo da mota e desceu, acelerada, os metros do caminho de cascalho em direção à mansão. O Dr. Avery estava a sair para a

noite, acelerando em direção ao portão no seu grande Jaguar prateado. Amira tocou a buzina e acenou-lhe, mas ele ignorou-a e passou por ela inundando-a num chuveiro de pó e cascalho.

O estacionamento para o pessoal situava-se no pátio dos fundos. Ela colocou a mota no descanso, retirou a mochila do compartimento do assento e deixou o capacete no seu lugar. Duas moças iam a sair do serviço. Amira deu-lhes as boas noites, e utilizou em seguida o seu cartão para abrir a entrada de segurança do pessoal. O relógio de ponto estava montado na parede do hall. Encontrou o cartão, na terceira ranhura do fundo, e picou-o: 17h56. O vestiário ficava a alguns passos do início do corredor. Amira entrou e vestiu o uniforme: calças brancas, sapatos brancos e uma bata cor de pêssego que o Dr. Avery acreditava ser calmante para os doentes. Passados cinco minutos apresentou-se ao serviço na janela da enfermeira-chefe. Ginger Hall, uma loira oxigenada de lábios escarlate, olhou para cima e sorriu.

— Novo penteado, Amira? Muito bonito. Céus, o que eu não faria para ter um cabelo forte e negro como o teu.

— Podes ficar com ele, bem como com a pele morena, os olhos negros e todas as outras coisas que os acompanham.

— Ah, deixa-te disso, querida. Aqui somos todas enfermeiras. Só estamos a fazer o nosso trabalho e a tentar fazer uma vida decente.

— Talvez, mas lá fora as coisas são diferentes. Que tens para mim?

— Lee Martinson. Está no solário. Leva-a para o quarto. Deita-a para a noite. — Aquele tipo grande ainda anda à volta dela?

— O guarda-costas? Ainda. O Dr. Avery acha que ele vai andar por aqui algum tempo.

— Porque é que uma mulher como Miss Martinson precisa de um guarda-costas? — É confidencial, minha querida. Altamente confidencial.

Amira desceu o corredor. Passado um momento, chegou à entrada do solário. Ao entrar, a umidade saudou-a como um cobertor úmido. Miss Martinson estava na sua cadeira de rodas, a olhar para as janelas escurecidas. O guarda-costas, ao ouvir Amira aproximar-se, levantou-se. Era um homem grande e de constituição pesada, de uns vinte anos, com cabelo curto e olhos azuis. Falava com um sotaque inglês, mas Amira duvidava que ele fosse verdadeiramente inglês. Ela baixou o olhar para Miss Martinson.

— Está a ficar tarde, minha querida. Já é hora de subir as escadas e de se preparar para dormir.

Empurrou a cadeira de rodas para fora do solário e ao longo do corredor até os elevadores. O guarda-costas premiu o botão de chamada. Passado um instante entraram no elevador e subiram em silêncio até o quarto dela, no quarto piso. Antes de entrar, Amira deteve-se e olhou para o guarda-costas.

— Vou dar-lhe banho. Porque não espera aqui até eu ter terminado?

— Para onde quer que ela vá, eu vou.

— Nós fazemos isto todas as noites. A pobre mulher merece um pouco de privacidade.

— Para onde quer que ela vá, eu vou — repetiu ele.

Amira sacudiu a cabeça e empurrou Miss Martinson para o seu quarto, seguida do guarda-costas, que avançava em silêncio atrás de si.

CAPÍTULO 17

BOSA, SARDENHA

Durante dois dias Gabriel esperou que eles estabelecessem contato. O hotel, pequeno e de cor ocre, situava-se no antigo porto junto ao local onde o rio Temo desaguava no mar. O quarto dele ficava no último piso e tinha uma pequena varanda com um corrimão de ferro. Acordava tarde, tomava o pequeno-almoço na sala de jantar e passava as manhãs a ler. Ao almoço, comia massa com peixe num dos restaurantes do porto, e depois ia a pé até a estrada que conduzia à praia, a norte da cidade, e estendia a toalha na areia para dormir mais um pouco. Passados dois dias, a sua aparência melhorara apreciavelmente. Ganhara peso e força, e a pele sob os seus olhos já não tinha um ar castanho amarelado e de icterícia. Até começava a gostar do seu aspecto com barba.

Na terceira manhã, o telefone tocou. Ouviu as instruções sem falar, e depois desligou. Tomou uma ducha e vestiu-se, fez a mala e desceu as escadas para ir almoçar. Depois do almoço pagou a conta, colocou a mala no porta-bagagens do carro que tinha alugado em Cagliari e dirigiu para o norte, ao longo de cerca de 50 quilômetros, até a cidade portuária de Alghero. Deixou o carro na rua onde lhe tinham dito que o deixasse, e atravessou um beco sombrio que ia desembocar em frente ao mar.

Dina estava sentada num café no cais, a beber café. Tinha óculos escuros, sandálias e um vestido sem mangas; o cabelo escuro chegava-lhe até os ombros e brilhava à luz ofuscante refletida pelo mar. Gabriel desceu um lance de escadas de pedra até o cais e entrou num bote de 4,50 metros em cujo casco se lia a palavra Fidelity. Ligou o motor, um Yamaha de 90 cavalos, e soltou as amarras. Dina juntou-se a ele passado um instante e disse-lhe, num francês sofrível, que se dirigisse ao enorme iate branco a motor ancorado a cerca de 800 metros da linha da costa num mar turquesa.

Gabriel levou o bote devagar para fora do porto, e depois, ao chegar a mar aberto, aumentou a velocidade e seguiu oscilando em direção ao iate sobre as vagas suaves. Ao aproximar-se, Rami, de

calções de caqui e camisa branca, subiu para a popa. Desceu para o degrau das escadas de mergulho e estava aí à espera, de mão estendida, enquanto Gabriel se ia aproximando.

Quando entraram, o salão principal parecia uma subestação do quartel-general da equipe na cave Boulevard King Saul. Das paredes pendiam mapas em larga escala e fotografias aéreas, e o eletrônico de bordo fora acrescido do tipo de técnico de comunicações que Gabriel não via desde o assassinato de Abu Jihad. Yaakov ergueu o olhar de um dos monitores do terminal e estendeu a mão. Shamron estava sentado a uma mesa na pequena cozinha do iate, usando calças caqui e uma camisa branca de manga curta. Puxou os óculos graduados para a testa e estudou Gabriel como se ele fosse um documento ou outro mapa. — Bem-vindo ao Fidelity — disse ele —, uma combinação de posto de comando e apartamento de segurança. — Onde é que o arranjou?

— É de um amigo do Escritório. Por acaso, estava em Cannes. Nós o levamos para o mar e acrescentamos o adicional de que precisávamos para nossa viagem. Também mudamos o nome.

— Quem o escolheu?

— Eu — disse Shamron. — Significa lealdade e fidelidade.

— ... e uma devoção ao dever ou aos nossos votos ou obrigações — disse Gabriel. — Eu sei o que significa. Também sei por que o escolheu... pelo mesmo motivo pelo qual disse a Shimon Pazner para me levar às ruínas da embaixada.

— Achei importante que visse. Por vezes, quando alguém se encontra no meio de uma operação como esta, o inimigo pode tornar-se um pouco como uma abstração. É fácil esquecer a sua verdadeira natureza. Achei que precisasse avivar sua memória.

— Faço isto há muito tempo, Ari. Conheço a natureza do meu inimigo e sei o que significa ser leal. — Gabriel sentou-se à mesa, em frente a Shamron. — Ouvi dizer que o Varash se reuniu depois de eu

ter saído do Cairo. Imagino que a decisão deles seja mais do que óbvia.

— Khaled foi julgado — disse Shamron —, e o Varash expressou o seu veredicto. Gabriel executara as sentenças desses processos, mas na verdade nunca presenciara um. Eram uma espécie de julgamento, mas pesavam muito a favor da acusação e eram conduzidos sob circunstâncias tão secretas que os acusados nem sequer sabiam da sua existência. Os réus não tinham advogados nessa sala de tribunal; os seus destinos não eram decididos por um júri dos seus pares, mas sim pelos seus inimigos mortais. A prova de culpa era indiscutível. Nunca eram apresentadas provas abonatórias. Não havia transcrições nem qualquer forma de apelo. Apenas uma sentença era possível, e ela era irrevogável.

— Já que eu sou o agente de investigação, importas-te que te dê uma opinião acerca do caso?

— Se tiveres de o fazer.

— O caso contra o Khaled é totalmente circunstancial, e tênue, no mínimo. — O rasto de provas é claro — disse Shamron. — E começamos a seguir esse rasto baseados na informação que nos foi dada por uma fonte palestina.

— É isso que me preocupa. Yaakov juntou-se a eles à mesa.

— Mahmoud Arwish é há vários anos um dos nossos ativos de topo no seio da Autoridade palestina. Tudo que ele nos disse mostrou estar certo. — Mas nem Arwish está certo de que o homem naquela fotografia é o Khaled. O caso é um castelo de cartas. Se se descobrir que uma das cartas não é a verdadeira, então todo o caso vai ao ar... e acabamos com um homem morto numa rua francesa. — A única coisa que sabemos a respeito da aparência do Khaled é que foi dito que ele tinha uma semelhança espantosa com o seu avô disse Shamron. — Eu sou a única pessoa nesta sala que viu o xequê de frente, e vi-o em circunstâncias impossíveis de esquecer. — Shamron

levantou a fotografia para os outros verem. — O homem nesta fotografia podia ser irmão gémeo do Sheikh Asad.

— Isso ainda não prova que ele seja o Khaled. Estamos a falar de matar um homem.

Shamron virou a fotografia diretamente para Gabriel.

— Reconheces que se este homem entrar no prédio 56 da Boulevard St-Rémy tudo indica que ele será Khaled al-Khalifa?

— Reconheço que sim.

— Por isso, vamos pôr o edifício sob vigilância. E aguardamos. Esperemos que ele apareça antes do próximo massacre. Se o fizer, obtemos a fotografia dele a entrar no prédio. Se os nossos especialistas tiverem a certeza de que ele é o mesmo homem, pomolo fora de combate. — Shamron cruzou os braços em frente do peito. — Claro que há outro método de identificação... o mesma que utilizamos durante a operação Ira de Deus.

Passou uma imagem pela memória de Gabriel. "Desculpe, mas não é Wadal Zwaiter?" "Não! Por favor, não!"

— É preciso que um cliente seja muito calmo para não responder ao seu nome verdadeiro numa situação como esta — disse Shamron.

— E um ainda mais calmo para não procurar a arma quando confrontado com um homem prestes a matá-lo. De ambas as formas, se for mesmo o Khaled, irá identificar-se, e tu ficarás descansado quando premires o gatilho.

Shamron empurrou os óculos para a testa.

— Quero o Fidelity em Marselha ao cair da noite. Vais estar a bordo? — Vamos usar o modelo da Ira de Deus — Começou Shamron. — Aleph, Eet, Ayin, Qoph. Tem duas vantagens. É familiar e funciona.

Gabriel anuiu.

Por necessidade, fizemos algumas alterações menores e combinamos algumas espécies de papéis, mas assim que a operação

for iniciada, vai parecer igual. Sim, claro que vais ser o Aleph, o homem da arma. As equipes Ayin, os vigilantes, já estão em posição.

Se o Khaled chegar ao apartamento, dois dos vigilantes mudarão para o papel de Bet e cobrirão a tua rota de escape.

— E o Yaakov?

— Vocês dois parecem ter estabelecido uma espécie de empatia. Yaakov será o teu líder de equipe adjunto. Na noite do golpe, se tivermos sorte, será o teu motorista.

— E a Dina?

— Qoph — disse Shamron. — Comunicações. Irá manter-se em contato com Boulevard King Saul para a identificação do alvo. Também irá servir como bat leveyha do Yaakov.

Tu ficarás escondido no barco até o golpe. Quando o Khaled tiver sido abatido, toda a gente deixa a cidade por vias separadas e fará o seu caminho para fora do país. Tu e o Yaakov viajarão até Genebra e voarão para casa a partir daí. A Dina levará o barco para fora do porto. Assim que estiver em mar aberto, colocaremos uma equipe a bordo e o traremos para casa.

Shamron desenrolou um mapa do centro de Marselha em cima da mesa.

— Foi-te reservada uma posição aqui — bateu no mapa com o dedo gorducho — no lado oriental do antigo porto, ao longo do Quai de Rive-Neuve. O Boulevard St-Rémy fica aqui — outra batida —, a seis ruas para este. Vai da Place de la Préfecture para sul, até o jardim Pierre Puget.

Shamron colocou uma fotografia de satélite da rua por cima do mapa.

— Para te dizer a verdade, é uma rua perfeita para nós operarmos. O número 56 fica localizado aqui, do lado oriental da rua. Só tem uma entrada, o que significa que não deixaremos de ver Khaled se ele entrar. Como se pode ver pela fotografia, a rua é

movimentada... muito trânsito, pessoas nos passeios, lojas e escritórios.

A entrada para o número 56 é visível desta grande esplanada em frente ao Palácio da Justiça. O parque contém uma colônia de sem-abrigo. Temos agora lá um par de vigilantes.

Shamron ajustou o ângulo da fotografia.

— Mas o melhor de tudo é o estacionamento a pagar no centro. Esse espaço está agora ocupado por um carro alugado por um dos vigilantes. Temos mais cinco carros. Neste momento, estão todos a ser equipados com câmeras em miniatura de alta resolução. As camaras transmitem as suas imagens através de sinais sem fios codificados. Tu tens o único decodificador.

Shamron fez um sinal com a cabeça a Yaakov, que premiu um botão. Uma enorme tela ergueu-se lentamente do console.

— Vais ficar aqui de vigia à entrada — disse Shamron. — Os vigilantes irão fazer rodar os carros a intervalos regulares para o caso do Khaled ou um dos seus homens ficar de olho no estacionamento. Eles já organizaram o tempo, por isso quando um carro sair, o carro seguinte irá ocupar o mesmo lugar.

— Engenhoso — murmurou Gabriel.

— Na verdade, foi sugestão do Yaakov. Ele fez este tipo de coisas em lugares onde é mais difícil esconder as equipas de vigilância.

— Shamron acendeu um cigarro. — Mostra-lhe o programa de computador. Yaakov sentou-se em frente do computador portátil e teclou um comando. Surgiu na tela uma animação visual do Boulevard St-Rémy e arredores.

— Como eles conhecem o teu rosto, não podes sair do barco até a noite do golpe. Isso significa que não te podes familiarizar com a vizinhança. Mas, pelo menos, podes fazê-lo aqui. O departamento técnico criou isto para que possas percorrer o Boulevard St— Rémy a partir daqui, do salão do Fidelity.

— Não é a mesma coisa.

Tens razão — disse Shamron — , mas tem de servir. Mergulhou num silêncio contemplativo. — Então que acontece quando vires um homem árabe, na casa dos trinta, a entrar no prédio do número 56? — Deixou que a questão ficasse no ar por um momento, e depois respondeu-lhe: — Tu e a Dina determinarão se poderá ser ele. Se o fizerem, enviarás uma imagem Boulevard King Saul através de uma ligação segura. Depois transmitirás o vídeo. Se ficarmos satisfeitos, daremos ordem para continuar. Você e Yaakov deixarão o Fidelity e seguirão para a Place de la Préfecture de mota. Claro que é o Yaakov que conduz. Encontrarás um lugar para esperar. Poderão estacionar na praça ou tomar uma cerveja num café da calçada. Se ele ficar durante algum tempo, terão de se deslocar. É uma parte movimentada da cidade, que fica acordada até tarde. Vocês são os dois operacionais experientes. Sabem o que fazer. Quando a Dina vir o Khaled a sair por aquela porta, irá avisar-te por rádio. Precisas de estar de regresso ao Boulevard St-Rémy em não mais de 30 segundos. Shamron apagou lentamente o cigarro. — Não me interessa que seja em plena luz do dia — disse ele, por fim. — Não me interessa que ele esteja com um amigo. Não me interessa que o ato seja testemunhado por uma multidão de pessoas. Quando o Khaled al-Khalifa sair do edifício de apartamentos, quero que des cabo dele e acabes com isso.

— A rota de fuga?

— Subir o Boulevard Notre-Dame, acima da Avenue do Prado. Dirige-te para leste a alta velocidade. O Ayin deixará um carro para ti no estacionamento do Velódromo. Depois põe-te em Genebra o mais depressa possível. Instalamos-te lá num apartamento e mudamos-te quando for seguro.

— Quando é que partimos da Sardenha?

— Agora — disse Shamron. — Dirige-te para norte, em direção à Córsega. No canto sudoeste da ilha fica o porto de

Propriano. Oferry de Marselha parte daí. Pode se esconder no Mediterrâneo. São nove horas desde Propriano. Esgueire-se para o porto depois de escurecer e registre-se na capitania. Depois faça contato com os vigilantes e estabeleça a ligação com uma câmara de vigilância.

— E tu?

— A última coisa de que precisas em Marselha é de um velho a espreitar-te por cima do ombro. O Rami e eu vamos deixar-te aqui. Amanhã à noite estaremos de regresso a Tel Aviv.

Gabriel pegou na fotografia por satélite do Boulevard St-Rémy e estudou-a atentamente.

— Aleph, Bet, Ayin, Qoph — disse Shamron. — Será mesmo como nos velhos tempos. — Sim — replicou Gabriel. — Que raio poderia correr mal?

Yaakov e Dina esperaram a bordo da Fidelity enquanto Gabriel levava Shamron e Rami para a costa. Rami saltou para o cais e equilibrou o bote enquanto Shamron deslizava lentamente para o exterior.

— Isto é o fim — disse Gabriel. — A última vez. Depois disso, está terminado. — Para ambos, receio eu — disse Shamron. — Vais regressar a casa, vamos envelhecer juntos.

— Já somos velhos. Shamron encolheu os ombros.

— Mas não demasiado velho para uma última batalha.

— Veremos.

— Se tiveres a oportunidade de disparar, não hesites.

Cumpre o teu dever.

— Para com quem?

— Para comigo, é claro.

Gabriel deu a volta com o bote e encaminhou-se para fora do porto. Olhou uma vez por cima do ombro e avistou Shamron, que estava de pé sem se mover no cais com o braço erguido num gesto de despedida. Quando se virou uma segunda vez, o velho tinha

desaparecido. O Fidelity já estava a caminho. Gabriel abriu a válvula e seguiu-o.

CAPÍTULO 18

MARSELHA

Passadas 24 horas da chegada do Fidelity a Marselha, Gabriel tinha começado a odiar a entrada do edifício 56 do Boulevard St-Rémy. Odiava a porta em si. Odiava o trinco e a moldura. Detestava a pedra cinza do edifício e as barras de ferro das janelas ao nível do chão. Ressentia-se de todos aqueles que passavam pelo passeio, em especial dos homens com ar árabe na casa dos 30. No entanto, desprezava sobretudo os outros inquilinos: o cavalheiro distinto num blazer Cardin que exercia advocacia no escritório ao alto da rua; a grande dame de cabelo grisalho com o terrier, que a primeira coisa que fazia logo de manhã era um coco no pavimento; e a mulher chamada Sophie, cuja atividade era fazer compras e lhe lembrava muito a Leah.

Monitorizavam a tela por turnos: uma hora de serviço, duas horas de descanso. Cada um adoptava uma postura única para a vigilância. Yaakov fumava e olhava para a tela com uma expressão ameaçadora, como se, através de uma pura força de vontade, fosse compelir Khaled a aparecer nele. Dina sentava-se no sofá do salão a meditar, de pernas cruzadas, mãos nos joelhos, imóvel com exceção do bater do indicador direito. E Gabriel, que estava habituado a ficar horas de pé diante do objeto da sua devoção, andava lentamente de um lado para o outro à frente da tela, a mão direita no queixo, a mão esquerda a suportar o cotovelo direito, a cabeça inclinada para um lado. Se Francesco Tiepolo, de Veneza, tivesse surgido subitamente a

bordo do Fidelity, teria reconhecido a postura de Gabriel, pois era a mesma que adoptava ao contemplar uma pintura para ver se estava terminada.

A alteração dos carros de vigilância proporcionava uma pausa bem-vinda ao tédio da vigilância. O Ayin aperfeiçoara a sequência, de modo 186

a que esta se desenrolasse com a precisão de um bailado. O carro de substituição aproximar-se-ia da entrada do estacionamento vindo de sul. O velho carro fazia marcha-a-ré e afastava-se, depois entrava um novo carro para o seu lugar. Certa vez, os dois Ayin bateram de propósito com os para-choques um no outro e envolveram-se numa convincente gritaria, para proveito de qualquer observador vindo do outro lado. Havia sempre alguns segundos de tensão quando a antiga câmara ficava negra e a nova surgia em linha. Gabriel ordenava quaisquer ajustamentos necessários de ângulo e foco, e depois isso era feito. Embora Gabriel permanecesse prisioneiro do Fidelity, ordenou à Dina e ao Yaakov que se comportassem como turistas vulgares. Fazia turnos duplos e triplos na tela de modo a poderem almoçar num restaurante numa rua lateral ao cais ou dar uma volta de mota pelas redondezas da cidade. Yaakov fez questão de conduzir pela rota de fuga em períodos diferentes do dia para se familiarizarem com os padrões de trânsito. Dina comprava roupa numa das ruas para trabalhadores cheias de lojas ou vestia roupa de banho e bronzeava-se na popa. Seu corpo tinha as marcas do pesadelo na praça Dizengoff, uma grossa cicatriz vermelha do lado direito do ventre, uma comprida cicatriz denteada na coxa direita. Nas ruas de Marselha cobria tudo, mas a bordo do Fidelity não tentava esconder os danos de Gabriel e Yaakov.

À noite, Gabriel ordenou turnos de três horas, de modo a que aqueles que não estivessem de vigia pudessem dormir durante um tempo significativo. Não tardou a arrepender-se dessa decisão, porque três horas pareciam uma eternidade. A rua ficava silenciosa

como a morte. Cada figura que surgia na tela parecia cheia de possibilidades. Para aliviar o tédio, Gabriel sussurrava saudações aos agentes Ayin de serviço na esplanada em frente ao Palácio de Justiça — ou acordava o oficial de serviço do departamento de Operações no Boulevard King Saul com o pretexto de que estava a testar a ligação por satélite, só para poder ouvir uma voz vinda de casa.

Era a Dina quem substituía o Gabriel. Logo que ela se sentava numa posição de ioga em frente aa tela, ele regressava à sua cabina para tentar dormir, mas via mentalmente a porta; ou Sabri a andar pelo Boulevard St-Germain com a mão no bolso da amante; ou os árabes de Beit Sayeed a arrastarem-se para o exílio; ou Shamron, na orla costeira da Sardenha, a lembrar-lhe para que fizesse o seu trabalho. E por vezes perguntava-se se ainda possuiria o reservatório de frieza emocional necessária para se aproximar de um homem na rua e lhe encher o corpo de pedaços de metal perfurantes. Nos momentos de auto-obsessão desejava que o Khaled nunca mais pusesse um pé no Boulevard St-Rémy. Imaginava depois as ruínas da embaixada em Roma e recordava-se do cheiro a carne queimada que pairava no ar como os espíritos dos mortos, e conseguia então ver a morte do Khaled, gloriosa e graciosa, expressa com a quietude apaixonada de um Bellini. Ele ia matar o Khaled. Khaled deixara-o sem qualquer escolha, e por isso Gabriel odiava-o.

Na quarta noite, nem sequer dormiu. Às 7h45, levantou-se da cama para se preparar para o seu turno das oito horas. Tomou café na cozinha e olhou para o calendário preso à porta do frigorífico. Amanhã era o aniversário da queda de Beit Sayeed. Hoje era o último dia. Entrou no salão. Yaakov, envolto em fumo de cigarros, estava a olhar para a tela. Gabriel deu-lhe uma palmadinha no ombro e disse-lhe para ir dormir umas horas. Ele permaneceu durante alguns minutos no mesmo lugar, a acabar o café, depois voltou à sua posição normal — mão direita no queixo, mão esquerda a suportar o cotovelo direito — e andou de um lado para o outro no

carpete em frente da tela. O advogado saiu do prédio às 8h15. A grande dame saiu dez minutos depois. Seu terrier cagou na câmara de Gabriel. Sophie, a sócia da Leah, foi a última a sair. Deteve-se por um momento em frente da porta para pescar um par de óculos escuros da sua mala antes de, esvoaçante e linda, desaparecer da vista. — Estás com péssimo aspecto — disse Dina. — Tira o resto da noite. O Yaakov e eu faremos o teu turno.

Entardecia, o porto estava silencioso, excepto pelo latejar de technopop francês vindo de outro iate. Bocejando, Gabriel confessou a Dina que dormira pouco, se é que dormira, desde a chegada deles a Marselha. Dina sugeriu que ele tomasse um comprimido.

E se o Khaled chegar enquanto eu estou inconsciente no meu quarto?

— Talvez tenhas razão. — Ela sentou-se de pernas cruzadas no sofá e fixou o olhar na tela da televisão. O pavimento do Boulevard St-Rémy estava ocupado com o trânsito pedestre do fim da tarde. Então por que não consegues dormir? — Precisas mesmo que eu to explique? Ela manteve os olhos fixos na tela. — Por que estás preocupado que ele possa não vir? Por que estás preocupado que não conseguias disparar contra ele? Por que tens medo que sejamos apanhados e presos?

— Não gosto deste trabalho, Dina. Nunca gostei.

— Nenhum de nós gosta. Se gostássemos, eles nos mandariam embora do serviço. Fazemos porque não temos outra escolha. Fazemos porque nos forçam. Diga uma coisa, Gabriel. Que aconteceria se amanhã eles decidissem acabar com os atentados, com os esfaqueamentos e os tiroteios? Haveria paz, certo? Mas eles não querem a paz. Eles querem destruir-nos. A única diferença entre o Hamas e o Hitler é que o Hamas não tem o poder e os meios para executar o extermínio dos Judeus. Mas estão a trabalhar nisso.

— Há uma distinção moral óbvia entre os palestinos e os nazis. Há uma certa justiça na causa do Khaled. Só que os seus meios

são aberrantes e imorais.

— Justiça? Khaled e os da sua espécie poderiam ter conseguido a paz vezes sem conta, mas não o querem. A causa dele é destruir-nos. Se acreditas que ele quer paz, estás a iludir-te. — Apontou para a tela.

— Se ele chegar àquela rua, tu tens o direito, na verdade, o dever moral, de te certificares que ele nunca mais sai de lá para matar e mutilar de novo. Tens de o fazer, Gabriel, ou, que Deus me ajude, fá-lo-ei eu por ti. — Farias mesmo isso? Achas mesmo que serias capaz de o matar a sangue-frio, ali na rua? Ser-te-ia assim tão fácil premires o gatilho?

Ela manteve-se em silêncio durante algum tempo, com o olhar fixo na tela tremeluzente da televisão.

O meu pai veio da Ucrânia — disse ela. — De Kiev. Foi o único membro da família que sobreviveu à guerra. Os restantes foram levados para Babi Yar e fuzilados juntamente com os outros 30.000 judeus. Depois da guerra, foi para a Palestina. Adoptou o nome de Sarid, que significa "remanescente". Casou com a minha mãe e tiveram seis filhos, um filho por cada milhão morto no Shoah. Eu fui a última. Chamaram-me Dina: vingada.

O som da música aumentou de súbito, e depois deixou de se ouvir. Quando desapareceu, tudo que restou foi o bater de uma onda contra o casco do iate. Os olhos de Dina semicerraram-se de repente, como se se tivesse lembrando de uma dor física. O seu olhar permaneceu na imagem do Boulevard St-Rémy, mas Gabriel conseguia ver que era a Rua Dizengoff que ocupava os seus pensamentos. — Na manhã de 19 de Outubro de 1994, eu estava na esquina das ruas Dizengoff e Rainha Ester com a minha mãe e duas das minhas irmãs. Quando o ônibus nº5 apareceu, beijei a minha mãe e irmãs e fiquei a vê-las entrar para o ônibus. Quando as portas se abriam, eu vi-o. — Interrompeu-se e virou a cabeça para olhar para Gabriel.

— Ele estava sentado mesmo atrás do condutor, com um saco aos pés. Até olhou para mim. Tinha um rosto doce. Não, pensei eu, não é possível. Não o ônibus nº5 da Rua Dizengoff. Por isso não disse nada. As portas fecharam-se, e o ônibus começou a afastar-se.

Os seus olhos enublaram-se com lágrimas. Cruzou as mãos e colocou-as sobre a cicatriz na perna.

— Então o que tinha este rapaz no saco, este rapaz que eu vi mas de quem nada disse? Tinha uma mina terrestre egípcia, era isso que ele tinha no saco. Tinha 20 quilos de TNT militar e uns rolos ensopados com veneno para os ratos. Viu-se primeiro o relâmpago, seguido do som da explosão. O ônibus ergueu-se alguns metros no ar e estatelou-se na rua. Fui atirada para o chão. Conseguia ver as pessoas aos gritos à minha volta, mas não ouvia nada... aquela onda de impacto tinha-me danificado os tímpanos. Reparei numa perna humana caída na rua junto de mim. Calculei que fosse minha, mas depois vi que ainda tinha as duas pernas. Era a perna de alguém que se encontrava no ônibus. Enquanto a escutava, Gabriel pensou subitamente em Roma; lembrou-se de estar junto a Shimon Pazner e de olhar para os destroços da embaixada. Seria a presença de Dina a bordo do Fidelity casual, perguntou-se ele, ou teria ela sido ali colocada intencionalmente por Shamron como lembrança viva da importância de cumprir o seu dever?

Os primeiros polícias que apareceram no lugar ficaram enjoados por causa do sangue e do fedor a carne queimada. Caíram de joelhos na rua e vomitaram. Enquanto estava ali deitada, à espera que alguém me ajudasse, o sangue começou a pingar em cima de mim. Levantei os olhos e vi sangue e restos de carne pendurados nas folhas dos azederacos. Naquela manhã choveu sangue na Rua Dizengoff. Depois chegaram os rabinos do Hevra Kadisha.

Recolheram à mão os pedaços maiores dos corpos, incluindo aqueles restos nas árvores. Depois usaram pinças para recolher os pedaços mais pequenos. Vi os rabinos a apanharem os restos da

minha mãe e das minhas duas irmãs com pinças e a colocá-los num saco plástico. Foi isso que enterramos. Restos. Despojos. Abraçou as pernas e puxou os joelhos para debaixo do queixo. Gabriel sentou-se no sofá junto dela e manteve o olhar fixo na tela de modo a certificar-se de que não perdiam coisa alguma. A mão dele estendeu-se para a dela. Ela agarrou-a enquanto uma lágrima lhe corria pela face.

— Culpei-me a mim mesma. Se eu soubesse que o rapaz de ar doce era na verdade Abdel Rahim al-Souwi, membro das brigadas Izzedine al-Qassam, do Hamas, poderia tê-los avisado. Se eu soubesse que o irmão do Abdel tinha sido morto num tiroteio com o IDF em 1989, teria compreendido a razão pela qual ele ia no ônibus nº5, em Tel Aviv, com um saco aos pés. Decidi que me ia vingar, não com uma arma, mas com o cérebro. Jurei que da próxima vez que visse um deles o saberia, e seria capaz de avisar as pessoas antes que fosse demasiado tarde. Foi por isso que me ofereci para o Escritório. Foi por isso que consegui fazer a ligação entre Roma e Beit Sayeed. Conheço-os melhor do que eles se conhecem a si mesmos.

Outra lágrima. Desta vez Gabriel limpou-a.

— Por que ele matou a minha mãe e as minhas irmãs, Gabriel? Foi porque lhes roubamos a terra? Foi porque éramos ocupantes? Não, foi porque queríamos fazer

a.paz. Se eu os odiar, vais-me perdoar. Se eu te pedir que não mostres qualquer misericórdia para com Khaled, irás usar de brandura em relação aos meus crimes.

Sou Dina Sarid, a remanescente vingada. Sou o seis milhões. E se Khaled vier aqui esta noite, não te atrevas a deixá-lo entrar naquele ônibus.

Lev oferecera-lhe o uso de um apartamento de segurança em Jerusalém. Shamron declinara delicadamente. Em vez disso, instruiu Tamara para que fosse procurar uma cama desdobrável na despensa e pediu a Gilah que lhe enviasse uma mala com roupas limpas e um

estou de barbear. Como Gabriel, pouco tinha dormido na semana anterior.

Nalgumas noites andava pelos corredores a qualquer hora ou sentava-se lá fora a fumar com os guarda-costas do Shabak. Na maior parte do tempo, ficava deitado no colchão desdobrável, a olhar para o brilho vermelho do relógio digital na sua secretária e a calcular os minutos que restavam até o aniversário da destruição de

Beit Sayeed. Preencheu as horas vazias relembrando operações passadas. A espera. Sempre a espera. Alguns agentes ficam loucos com isso. Para Shamron era um narcótico, semelhante às primeiras angústias de um amor intenso. Os afrontamentos, os arrepios súbitos, o remoeir do estômago: tinha passado por tudo isso incontáveis vezes durante os anos. Nos becos escondidos de Damasco e do Cairo, nas ruas pavimentadas da Europa, e num subúrbio marginal de Buenos Aires, onde esperara que o Adolf Eichmann, chefe de estação do Holocausto, saísse de um ônibus urbano para o amplexo dessas mesmas pessoas que tentara aniquilar. Uma maneira adequada para aquilo terminar, pensou Shamron. Uma última noite de vigília. Uma última espera para que o telefone tocasse. Quando por fim tocou, o tom eletrônico áspero foi como música para os seus ouvidos. Fechou os olhos e deixou que o telefone tocasse uma segunda vez. Depois estendeu a mão para as trevas e aproximou o receptor do ouvido.

O mostrador digital da tela da televisão dizia 12.27. Tecnicamente, fora o turno do Yaakov, mas era a última noite antes do prazo-limite, e ninguém ia dormir. Tinham estado sentados no sofá do salão, Yaakov na sua habitual pose de confronto, Dina numa posição de meditação e Gabriel como se estivesse à espera das notícias de uma morte anunciada. O Boulevard St-Rémy estivera silencioso naquela noite. O casal que passara pela porta às 12.27 foram os primeiros a surgir na imagem da câmara num espaço de

quase 15 minutos. Gabriel olhara para Dina, cujos olhos permaneciam fixos na tela.

— Viste aquilo?

— Vi.

Gabriel levantou-se e dirigiu-se ao console. Retirou a fita de vídeo do player e colocou uma nova no seu lugar. Depois colocou a fita de áudio num gravador e rebobinou-a. Com Dina olhando por cima de seu ombro, premiu PLAY. O casal surgiu na imagem e passou pela entrada sem sequer olhar para ela.

Gabriel pressionou o STOP.

— Repare como ele colocou a moça do lado direito, de frente para a rua. Está a usá-la como escudo. E olhe a mão direita dele. Está no bolso da moça, como a de Sabri.

REWIND. PLAY. STOP.

— Meu Deus — disse Gabriel — , tem exatamente o andar do pai.

— Tem certeza?

Gabriel dirigiu-se ao rádio e chamou o vigilante que se encontrava no exterior do Palácio da Justiça.

— Viu aquele casal que acabou de passar pelo prédio?

— Lá.

— Onde eles estão agora?

— Espere. — Silêncio, enquanto o Ayin mudava de posição. Subindo a rua, em direção aos jardins. — Consegue segui-los?

— Está um silêncio de morte por aqui. Eu não aconselharia.

— Raios!

— Espere um pouco.

— O quê?

— Espere aí.

— O que há?

— Estão dando a volta.

— Tem certeza?

— Absoluta. Estão voltando.

Gabriel olhou para o monitor no preciso instante em que eles tornavam a entrar na imagem, vindos desta vez da direção oposta. Mais uma vez a mulher estava de frente para a rua, e de novo o homem tinha a mão enfiada no bolso de trás da calça jeans dela. Pararam na porta do número 56. O homem tirou a chave do bolso.

CAPÍTULO 19

SURREY, INGLATERRA

Passava pouco das dez da noite quando Amira Assaf saiu do elevador na Clínica Stratford e avançou pelo corredor do quarto piso. Ao contornar a primeira esquina, viu o guarda-costas sentado numa cadeira à porta do quarto de Miss Martinson. Ergueu os olhos quando Amira se aproximou e fechou o livro que estava a ler.

— Tenho de me certificar de que ela está a dormir confortavelmente — disse Amira.

O guarda-costas assentiu e levantou-se. Não ficou surpreso com o pedido de Amira. Durante o último mês passava pelo quarto todas as noites àquela hora. Ela abriu a porta e entrou. O guarda-costas seguiu-a e fechou a porta atrás de si. Um candeeiro, cuja intensidade da luz fora reduzida ao mínimo, brilhava suavemente. Amira dirigiu-se a um dos lados da cama e olhou para baixo. Miss Martinson estava a dormir profundamente. O que não era nenhuma surpresa: Amira tinha-lhe duplicado a dosagem de sedativos. Ficaria adormecida durante mais algumas horas.

Amira ajeitou os cobertores e abriu a última gaveta da mesa-de-cabeceira. A arma, uma Walther de nove milímetros com silenciador, estava exatamente onde a tinha deixado nessa tarde

enquanto Miss Martinson ainda se encontrava no solário. Agarrou a arma pelo cabo, virou-se e alvejou o peito do guarda-costas, que enfiou a mão no interior do casaco com um movimento rápido como um relâmpago. Antes que a mão reaparecesse, Amira disparou duas vezes, o premir duplo de um assassino treinado. Os dois tiros atingiram-no na parte superior do peito. O guarda-costas caiu de costas no chão. Amira ficou por cima dele e disparou mais dois tiros.

Respirou fundo uma série de vezes para reprimir a intensa onda de náuseas que a inundou. Depois aproximou-se do telefone e marcou uma extensão interna do hospital.

— Poderia por favor pedir ao Hamida que venha ao quarto da Miss Martinson? Há alguns lençóis que têm de ser levados antes que o caminhão se vá embora. Desligou, agarrou no homem morto pelos sovacos e arrastou-o para a casa de banho. A carpete estava manchada de sangue. Amira não se sentia preocupada com isso. A sua intenção não era ocultar o crime, apenas adiar a sua descoberta por algumas horas.

Ouviu-se baterem à porta.

— Sim?

— É Hamida.

Destrancou a porta e abriu-a. Hamida empurrou para o interior um carrinho da lavandaria.

— Sente-se bem?

Amira assentiu. Hamida empurrou o carrinho até junto da cama enquanto Amira afastava os cobertores e os lençóis. Miss Martinson, frágil e cheia de cicatrizes, jazia imóvel. Hamida levantou-a pelo peito, Amira pelas pernas, e juntos baixaram-na para o interior do carrinho da lavandaria. Amira escondeu-a debaixo de uma camada de lençóis.

Foi até o corredor para ver se ele estava vazio, depois olhou para Hamida e fez-lhe sinal para ele se juntar a ela. Hamida fez rolar o carrinho para fora do quarto e começou a avançar em direção ao

elevador. Amira fechou a porta, introduziu o seu cartão-chave na fechadura e tornou a tirá-lo. Encontrou-se com Hamida junto ao elevador e premiu o botão de chamada. A espera parecia uma eternidade. Quando por fim as portas se abriram, empurraram o carrinho para a cabina vazia. Amira premiu o botão para o piso térreo e começaram a descer lentamente.

O hall do piso térreo estava deserto. Hamida foi o primeiro a sair e virou à direita, em direção à porta que conduzia ao pátio traseiro. Amira seguiu-o. No exterior, havia uma van imóvel com as portas traseiras abertas. Num dos lados tinha pintado o nome da empresa local de lavandaria. O condutor habitual jazia deitado junto a um renque de faias a dois quilômetros do hospital, com uma bala no pescoço.

Hamida içou o saco da lavandaria do carrinho e colocou-o gentilmente na traseira da van, fechando em seguida as portas e subindo para o assento do passageiro. Amira observou a van a afastar-se, tornou a entrar e dirigiu-se ao posto da enfermeira-chefe. Ginger estava de serviço. — Não me estou a sentir lá muito bem, Ginger. Achas que consegues passar sem mim?

— Não há problema, querida. Precisa de carona?

Amira sacudiu a cabeça. — Eu me viro com a moto, nos vemos amanhã à noite. Amira foi até o vestiário do pessoal. Antes de despir o uniforme, escondeu a arma dentro da mochila. Depois vestiu calças jeans, uma camiseta de lã grossa e um blusão de couro. Passado um momento, atravessou o pátio dos fundos com a mochila pendurada às costas.

Subiu na motocicleta e ligou o motor, depois acelerou para fora do pátio. Ao dar a volta nos fundos da antiga mansão, ergueu o olhar para a janela da Miss Martinson: uma luz brilhava suavemente, não havia qualquer sinal de problemas. Acelerou pelo caminho de acesso e deteve-se junto à casa do guarda. O homem de serviço desejou-lhe uma boa noite e abriu-lhe o portão. Amira virou para a

estrada e fez rodar o manipulo. Dez minutos depois, acelerava ao longo da autoestrada A24, dirigindo-se para o mar a sul.

CAPÍTULO 20

MARSELHA

Gabriel entrou na sua cabina e fechou a porta. Foi até o guarda-roupa e afastou um pedaço solto de carpete, expondo a porta do cofre do chão. Abriu o ferrolho e ergueu a tampa. No interior, encontravam-se três pistolas: uma Beretta 92FS, uma Jericho 941 Police Special e uma Barak SP-21. Levantou cuidadosamente cada arma e colocou-as sobre a cama. A Beretta e Jericho eram de nove milímetros. O carregador para a Beretta tinha uma capacidade de 15 balas, a Jericho, 16. A Barak — achatada, preta e feia — disparava uma bala maior e mais destrutiva de .45, embora tivesse apenas oito tiros. Abriu e examinou as armas, começando pela Beretta e terminando com a Barak. Cada arma parecia estar funcionando bem. Tornou a montá-las e a carregá-las, testou peso e equilíbrio, considerando qual devia usar. Não era provável que o disparo fosse oculto e silencioso. Iria provavelmente ter lugar numa rua movimentada, talvez em plena luz do dia. Sua prioridade era certificar-se de que Khaled seria abatido. Para isso, Gabriel precisava de potência e confiabilidade. Escolheu a Barak para arma principal e a Beretta como arma de apoio. Também decidiu que não iria utilizar silenciador. O silenciador tornava a arma demasiado difícil de esconder e demasiado difícil de manejar, de sacar e disparar. Além disso, qual era o objetivo de usar um silenciador se o ato ia ser testemunhado por uma multidão de pessoas na rua?

Foi até a casa de banho e deixou-se ficar por um momento diante do espelho, examinando o rosto. Depois abriu o armário dos medicamentos e retirou de lá uma tesoura, uma lâmina e uma lata

de espuma de barbear. Aparou a barba rente, retirando em seguida o resto com a lâmina. Ainda tinha o cabelo pintado de grisalho. Nada havia a fazer a esse respeito.

Despiu-se, tomou uma ducha rápido e regressou à cabina para se vestir. Vestiu a roupa interior e as meias, e em seguida um par de calças jeans azuis-escuras e sapatos de camurça com sola de borracha. Fixou o rádio ao cós da calça na anca esquerda, fez passar um fio até o ouvido e um segundo até o pulso esquerdo. Depois de ter fixado os fios no lugar com fita adesiva preta, vestiu uma camisa preta de manga comprida. Enfiou a Beretta no cós da calça, junto ao fundo das costas. A Earak era compacta o suficiente para caber no bolso do blusão de couro. Quanto ao GPS com sinal de rastreio, um pequeno disco com o tamanho aproximado de uma moeda de um euro, enfiou-o no bolso da frente da calça.

Sentou-se na beira da cama à espera. Passados cinco minutos bateram à porta.

O relógio mostrava 2.12 horas.

— Os teus especialistas têm mesmo a certeza?

O primeiro-ministro levantou os olhos para o grupo de monitores vídeo e esperou uma resposta. Num dos monitores estava a imagem de Lev. O diretor-geral do Shabak, Moshe Yariv, ocupava o segundo; o general Amos Sharret, chefe de Aman, o terceiro.

— Não existe qualquer dúvida — respondeu Lev. — O homem na fotografia que nos foi dada pelo Mahmoud Arwish é o mesmo homem que acabou de entrar no prédio em Marselha. Agora tudo o que precisamos é da sua aprovação para que a fase final da operação comece.

— E têm-na. Dá a ordem ao Fidelity.

— Sim, senhor primeiro-ministro.

— Presumo que seja capaz de ouvir o tráfego radiofônico?

— O Fidelity irá enviar-nos através de uma linha de segurança. Manteremos o controle operacional até o último segundo.

— Envie-o para aqui também — disse o primeiro-ministro. Não quero ser o último a saber.

Depois premiu um botão na secretária, e as três telas se apagaram.

A mota era uma Piaggio X9 Evolution, cinza-carvão, com uma válvula de rodar e uma velocidade máxima de 160 quilômetros por hora — embora Yaakov, numa fuga de ensaio no dia anterior, tivesse conseguido chegar aos 190. O selim inclinou-se drasticamente para baixo, no sentido de trás para a frente, de modo que o passageiro ficava sentado diversos centímetros acima do condutor, o que a tornava uma mota perfeita para um assassino, embora certamente os seus projetistas não tivessem tido isso em consideração quando a desenharam. O motor disparou, como habitual, sem hesitação. Yaakov dirigiu-se ao ponto no cais onde a figura de capacete de Gabriel o esperava. Gabriel subiu para o assento traseiro e instalou-se aí.

— Leva-me ao Boulevard St-Rémy.

— Tens certeza?

— Uma passagem — disse ele. — Quero vê-lo.

Yaakov fez uma curva apertada para a esquerda e acelerou colina acima. Era um excelente edifício na Corniche, com um chão de mármore no hall e um elevador que funcionava a maior parte das vezes. Os apartamentos de frente para a rua tinham uma ótima vista sobre o Nilo. Os fundos davam para os terrenos murados da Embaixada da América. Era um edifício para estrangeiros e egípcios ricos, era um outro mundo comparado com o monótono edifício residencial de pedra cinza em Heliopolis, onde Zubair vivia, mas a verdade era que ser-se um polícia no Egipto não era muito rentável, mesmo que se fosse um polícia secreto trabalhando para o Mukhabarat.

Subiu as escadas, que eram amplas e curvas, com uma passadeira puída presa por aplicações de latão polido. O

apartamento ficava no último andar, o décimo. Zubair praguejou em voz baixa enquanto subia as escadas. Dois maços de cigarros Cleópatra por dia tinham-lhe devastado os pulmões. Teve de se deter por três vezes num patamar para recuperar o fôlego. Demorou mais de cinco minutos a chegar ao apartamento.

Premiu a orelha contra a porta e não ouviu qualquer som vindo do interior. Não era de surpreender. Zubair tinha seguido o inglês na noite anterior durante uma excursão ensopada em álcool através dos bares do hotel e dos clubes noturnos ao longo do rio. Zubair estava confiante de que ele ainda estaria a dormir.

Enfiou a mão no bolso, de onde retirou a chave. O Mukhabarat tinha uma excelente coleção: diplomatas, dissidentes, islamitas e sobretudo jornalistas internacionais. Introduziu a chave na fechadura, abriu a porta e entrou.

O apartamento estava frio e escuro, as cortinas cerradamente fechadas contra o sol de início da manhã. Zubair tinha estado no apartamento muitas vezes e encaminhou-se para o quarto sem se dar ao trabalho de acender as luzes. Quinnell dormia profundamente entre lençóis ensopados em suor. No ar estagnado pairava um cheiro fortíssimo a whisky. Zubair retirou a arma e atravessou o quarto devagar, em direção aos pés da cama. Alguns passos depois, o seu pé direito embateu em algo pequeno e duro. Antes de conseguir aliviar a pressão descendente algo pareceu estalar, emitindo um ruído estridente. No silêncio profundo do quarto soou como um ramo de árvore a estalar. Zubair olhou para baixo e viu que tinha pisado o relógio de pulso de Quinnell. Apesar de ébrio, o inglês sentou-se rigidamente na cama. Merda, pensou Zubair. Não era um assassino profissional. Esperara matar Quinnell a dormir.

— Que raio estás a fazer aqui?

— Trago-te um recado do nosso amigo — disse Zubair calmamente.

— Não quero ter mais nada a ver com ele.

— O sentimento é mútuo.

— Então que raio estás a fazer no meu apartamento?

Zubair levantou a arma. Passado um momento, saiu do apartamento e começou a descer as escadas. A meio caminho, respirava como um maratonista e transpirava pesadamente.

Parou e encostou-se ao corrimão. Malditos Cleopatras. Se não parasse depressa de fumar, acabariam por matá-lo.

Marselha, 5h22 horas.

A porta do apartamento abre-se. Sai uma figura para a rua. O alerta verbal da Dina é ouvido no Centro de Operações Boulevard King Saul e em

Jerusalém por Shamron e pelo primeiro-ministro. E também é ouvido na esplanada suja ao longo do cours Belsunce, onde Gabriel e Yaakov estão sentados à beira de uma fonte estagnada, rodeados por toxicodependentes e imigrantes que não tinham outro lugar onde dormir. — Quem é? — perguntou Gabriel.

— A moça — disse Dina, apressando-se depois a acrescentar: — A namorada do Khaled.

— Para que lado é que ela foi?

— Para norte, em direção à Place de la Préfecture. Seguiram-se vários minutos vazios de ar. Em Jerusalém, Shamron anda de um lado para o outro no carpete em frente da secretária do primeiro-ministro, esperando ansiosamente pela ordem do Gabriel. — Não tentes fazê-lo — murmura ele. — Se ela vir o vigilante, vai avisar o Khaled e tu perde-lo. Deixa-a ir.

Passaram-se mais dez segundos antes que a voz de Gabriel se voltasse a ouvir. — É demasiado arriscado — sussurrou ele. — Deixa-me ir.

Em Ramallah, a reunião terminou de madrugada. Yasser Arafat estava de muito bom humor. Para aqueles presentes, parecia-se um pouco com o antigo Arafat, o Arafat que conseguia discutir ideologia e estratégia durante toda a noite com os companheiros

mais chegados e depois sentar-se para uma reunião com um chefe de Estado. Enquanto os seus ajudantes de campo saíam da sala, Arafat fez sinal a Mahmoud Arwish para ficar.

— Começou — disse Arafat. — Agora só podemos esperar que Alá tenha abençoado a sagrada empresa do Khaled.

— Trata-se também da tua empresa, Abu Amar.

— É verdade — disse Arafat —, e não teria sido possível sem ti, Mahmoud. Arwish assentiu cautelosamente. Arafat manteve o olhar fixo nele.

— Fizeste bem o teu papel — disse Arafat. — O fato de ter enganado os israelenses com inteligência quase perdoa a traição que me fizeste e ao resto do povo palestino. Estou tentado a ignorar o teu crime, mas não posso fazê-lo.

Arwish sentiu o peito apertar. Arafat sorriu.

— Pensaste realmente que a tua traição seria alguma vez esquecida?

— A minha mulher — gaguejou Arwish. — Os Judeus obrigaram-me...

Arafat sacudiu a mão num gesto de rejeição.

— Pareces uma criança, Mahmoud. Não piores a tua humilhação rogando pela vida. Naquele momento a porta abriu, e entraram na sala dois homens da segurança com uniformes, de armas a postos. Arwish tentou tirar a arma do coldre, mas a coronha de uma espingarda bateu-lhe num rim, e uma erupção de dor estonteante fez com que caísse ao chão.

— Morres hoje a morte de um colaborador — disse Arafat. Uma morte adequada a um cão.

Os seguranças levantaram Arwish, empurraram-no para fora do Escritório e desceram as escadas. Arafat foi até a janela e olhou para o pátio quando Arwish e os seguranças surgiram no seu campo de visão. Outra coronhada nos rins fez com que Arwish caísse ao chão pela segunda vez. Depois o tiroteio começou. Lenta e

ritmadamente, começaram pelos pés e avançaram lentamente para cima. A Mukata ecoou com o estalar das Kalashnikovs e os gritos do traidor moribundo. Para Arafat, tratava-se de um som muitíssimo satisfatório: o som de uma revolução. O som da vingança.

Quando os gritos pararam, houve um tiro final na cabeça. Arafat desceu o estore. Tinha tratado de um inimigo. Em breve outro teria o mesmo destino. Desligou o candeeiro e ficou sentado na obscuridade, aguardando a próxima atualização.

CAPÍTULO 21

MARSELHA

Mais tarde, quando tudo estava terminado, Dina procuraria em vão um qualquer simbolismo no momento que Khaled escolhera para fazer a sua aparição. Quanto às palavras exatas que ela utilizou para dar a notícia às equipas, não se lembrava de quais tinham sido, embora tivessem ficado gravadas em fita para a posteridade: "É ele.

Está na rua. Dirige-se para sul através do parque. " Todos aqueles que ouviram a convocação da Dina sentiram-se abalados pela sua compostura e falta de emoção. Tão tranquila foi a sua declaração que por um instante Shamron não percebeu o que tinha acabado de acontecer. Apenas quando ouviu o rugido da mota de Yaakov, seguido pelo som do respirar acelerado de Gabriel, é que compreendeu que Khaled estava prestes a ser abatido.

Passados cinco segundos da informação da Dina, Yaakov e Gabriel tinham colocado os capacetes e aceleravam para leste a toda a velocidade ao longo do cours Belsunce.

Na Place de la Préfecture, Yaakov inclinou pesadamente a mota para a direita e acelerou através da praça em direção à entrada

do Boulevard St-Rémy. Gabriel agarrou-se à cintura do Yaakov com a mão esquerda. Tinha a direita enfiada no bolso do casaco e apertava a coroa volumosa da Barak. Começava a surgir a luz do dia, mas a rua permanecia na sombra. Gabriel viu Khaled pela primeira vez, a andar ao longo do passeio como um homem atrasado para um encontro importante. A moto abrandou subitamente. Yaakov tinha uma decisão a tomar: atravessar para o lado errado da estrada e aproximar-se do Khaled por trás, ou ficar do lado direito da rua e dar a volta para o abater de frente. Gabriel incitou-o a ir pela direita com um empurrão da arma. Yaakov virou o acelerador, e a moto deu um salto para a frente. Gabriel fixou os olhos em Khaled. O palestino estava a andar mais depressa.

Naquele preciso instante um Mercedes cinza escuro saiu de uma rua lateral e bloqueou-lhes o caminho. Yaakov carregou nos travões para evitar a colisão, depois buzinou e acenou ao Mercedes para que este saísse do caminho. Quando Yaakov estava de novo no caminho certo, Khaled contornara a esquina e desaparecera do campo de visão de Gabriel.

Yaakov acelerou até o fim da rua e virou à esquerda, para o Boulevard André Aune, que subia ligeiramente afastando-se do velho porto, em direção ao elevado campanário da Igreja de Notre Dame de la Garde. Khaled já tinha atravessado a rua e deslizava naquele momento para uma entrada com uma passagem coberta. Gabriel usara o programa informático para memorizar a rota de cada rua do bairro. Sabia que a passagem conduzia a uma escadaria de pedra íngreme chamada Montée de l'Oratoire. Khaled tinha tornado a moto inútil.

— Para — disse Gabriel. — Não te mexas.

Gabriel saltou da moto e, ainda de capacete na cabeça, seguiu o caminho que o Khaled tomara. Não havia luzes na passagem, e a alguns passos para o centro Gabriel ficou numa escuridão total. Na extremidade oposta, reemergiu na luz de um rosa escuro. Começava

a escadaria: ampla e muito velha, com um corrimão de ferro ao meio. À esquerda de Gabriel ficava a fachada de estuque castanha de um prédio; à direita um elevado muro de pedra calcária sobre o qual pendiam oliveiras e vinhas florescentes.

A escada curvava para a esquerda. Quando Gabriel deu a volta à esquina, viu Khaled outra vez. Estava a meio caminho do alto e subia os degraus a correr. Gabriel começou a tirar a Barak, mas deteve-se. Ao alto das escadas havia outro prédio. Se Gabriel falhasse o Khaled, o tiro errante acertaria quase de certeza no prédio. Conseguia ouvir vozes através do auricular: Dina a perguntar ao Yaakov o que se estava a passar; Yaakov a contar à Dina do carro que lhe bloqueara o caminho e do lance de escadas que os forçara a separarem-se. — Consegues vê-lo?

— Não.

Há quanto tempo é que ele desapareceu? — Há apenas alguns segundos.

— Para onde é que o Khaled vai? Por que ele está a caminhar tanto? Onde está a proteção dele? Não estou a gostar disto. Vou dizer-lhe para desistir.

— Deixa-o.

Khaled chegou ao alto e desapareceu de vista. Gabriel subiu as escadas, dois degraus de cada vez, e chegou apenas dez segundos depois de Khaled. À sua frente surgia uma interseção de duas ruas em forma de V. Uma delas, a que ficava à direita de Gabriel, subia pela encosta mesmo em frente da igreja. Não tinha quaisquer carros nem peões. Gabriel apressou-se para a esquerda e olhou pela segunda rua. Também ali não havia sinais de Khaled, apenas um par de faróis vermelhos, desaparecendo rapidamente à distância.

— Desculpe, monsieur, está perdido?

Gabriel virou-se e levantou o visor do capacete. Ela estava de pé ao alto da escadaria, jovem, com não mais de 30 anos, grandes

olhos castanhos e cabelo escuro e curto. Tinha-lhe falado em francês. Gabriel respondeu na mesma língua.

— Não, não estou perdido.

— Talvez esteja à procura de alguém?

E porque estás tu, uma mulher atraente, a falar com um estranho de capacete? Deu um passo na direção dela. Ela manteve-se onde estava, mas Gabriel detectou um vestígio de apreensão no seu olhar escuro.

— Não, não estou à procura de ninguém.

— Tem a certeza? Podia jurar que estava à procura de alguém.

— Ela inclinou ligeiramente a cabeça para um lado. — Talvez esteja à procura da sua mulher.

Gabriel sentiu a nuca em chamas. Olhou com maior atenção para o rosto da mulher e apercebeu-se de que já o vira antes. Era a mulher que tinha ido ao apartamento com Khaled. Apertou com mais força a coroa da Barak.

— O nome dela é Leah, não é? Vive numa clínica psiquiátrica no Sul da Inglaterra... pelo menos, costumava. A Clínica Stratford, certo?

Estava registrada sob o nome Lee Martinson.

Gabriel impeliu-se para a frente e agarrou a mulher pelo pescoço. — O que lhe fizeram? Onde é que ela está?

— Está em nosso poder — arquejou a mulher —, mas não sei onde está.

Gabriel puxou-a para trás, em direção ao alto das escadas.

— Onde é que ela está? — Repetiu a pergunta em árabe. Responde-me! Não me fales em francês. Fala-me na tua verdadeira língua. Fala-me em árabe.

— Estou a dizer-te a verdade.

— Então sabes falar árabe. Onde é que ela está? Responde-me, ou empurro-te pelas escadas.

Empurrou-a uma fração de centímetro para mais perto da extremidade. A mão dela tentou agarrar-se ao corrimão, mas encontrou apenas o ar. Gabriel sacudiu-a uma vez violentamente.

— Se me matar, vai se destruir... e a sua mulher. Sou sua única esperança.

— E se fizer como diz?

— Vai salvar a vida dela.

— E quanto à minha?

Ela não respondeu à pergunta.

— Diz ao resto de sua equipe para desistir. Diga que deixem imediatamente Marselha. De outro modo, diremos aos Franceses que estás aqui, e isso ainda irá piorar a situação.

Ele olhou por cima do ombro dela e viu Yaakov a subir lentamente as escadas na sua direção. Gabriel fez-lhe sinal para parar com a mão esquerda. Nessa altura, a voz da Dina surgiu no ar: "Deixa-a ir, Gabriel. Vamos encontrar Leah.

Não jogues da maneira que Khaled quer."

Gabriel voltou a olhar para os olhos da moça.

— E se eu lhes disser para desistirem?

— Levo-te até ela. Gabriel tornou a sacudi-la.

— Então tu sabes onde ela está?

— Não, haverão de nos dizer onde devemos ir. Um destino de cada vez, passos muito pequenos. Se perdermos a hora-limite, a tua mulher morre. Se me matares, a tua mulher morre. Se fizeres exatamente o que te dissermos, ela viverá. — E o que me acontece?

— Não terá ela sofrido já o suficiente? Salva a tua mulher, Allon. Vem comigo, e faz exatamente como eu faço. É a tua única hipótese.

Ele olhou para a escadaria e viu Yaakov a sacudir a cabeça. Dina sussurrava-lhe ao ouvido: "Por favor, Gabriel, diz-lhe que não."

Ele olhou-a nos olhos. Shamron treinara-o para ler as emoções dos outros, para distinguir a verdade do engano, e nos

olhos escuros da namorada do Khaled ele viu apenas a franqueza permanente de um fanático, a convicção de que o sofrimento passado justificava qualquer atitude, não interessando o quão cruel fosse. Também reparou numa tranquilidade perturbadora. Aquela moça estava treinada, não apenas doutrinada. O seu treino faria dela uma oponente de respeito, mas era o seu fanatismo que a deixaria vulnerável.

Estaria de fato Leah na posse deles? Não tinha qualquer motivo para duvidar. Khaled destruíra uma embaixada no coração de Roma. Certamente que conseguiria raptar uma mulher doente de um hospital psiquiátrico inglês. Abandonar Leah agora, depois de tudo o que ela tinha sofrido, era impensável. Talvez ela morresse. Talvez morressem os dois. Talvez Khaled lhes permitisse, se tivessem sorte, morrerem juntos.

Khaled desempenhara bem o seu papel. Nunca tencionara matar Gabriel em Veneza. O dossiê de Milão tinha sido apenas a aposta de abertura numa intriga elaborada para atrair Gabriel ali, àquele lugar em Marselha, e a apresentar-lhe um caminho que ele não podia senão seguir. A fidelidade fazia-o avançar. Afastou-a da beira das escadas e soltou a mão que lhe apertava o pescoço.

— Desistam — disse Gabriel diretamente para o microfone de pulso. — Deixem Marselha.

Quando Yaakov sacudiu a cabeça, Gabriel disse rispidamente:

— Façam como lhes disse.

Um carro desceu a colina vindo da direção da igreja. Era o Mercedes que lhes bloqueara o caminho alguns minutos antes no Boulevard St-Rémy. Parou em frente deles. A moça abriu a porta traseira e entrou. Gabriel olhou uma última vez para Yaakov, e depois entrou atrás dela.

— Ele está incontactável — disse Lev. — O seu sinal está estacionário há cinco minutos.

O sinal, pensou Shamron, numa sarjeta de Marselha. Gabriel desaparecera de suas telas. Todo aquele planejamento, toda aquela preparação, 208 e Khaled batera-os a todos com a mais antiga das artimanhas árabes: um refém. — É verdade aquilo acerca da Leah? — perguntou Shamron.

— A delegação de Londres telefonou várias vezes ao segurança. Até agora não foram capazes de o encontrar.

— Isso significa que ela está na posse deles — disse Shamron.

— E suspeito de que temos um segurança morto algures dentro da Clínica Stratford.

— Se tudo isso é verdade, está prestes a abater-se uma tempestade muito grave sobre Inglaterra dentro dos próximos minutos. Havia um certo excesso de compostura na voz de Lev para o gosto de Shamron, mas também Lev sempre tivera um elevado autocontrole. Precisamos falar com os nossos amigos do MI5 e da Administração Interna para manter as coisas tão tranquilas quanto possível durante o máximo de tempo possível. Também precisamos informar o Ministério do Negócios Estrangeiros. O embaixador vai ter de dar uns apertos de mão a sério.

— Concorde — disse Shamron — , mas receio que exista uma coisa que tenhamos de fazer primeiro.

Olhou para o relógio. Eram 7h28 hora local, 6h28 na França: faltavam 12 horas para o aniversário da evacuação de Beit Sayeed. — Mas não podemos apenas deixá-lo aqui — disse Dina. ;

— Ele já não está aqui — respondeu Yaakov. — Foi-se embora. Foi ele que decidiu ir com ela. Deu-nos ordens para evacuar, como Tel Aviv o fez. Não temos outra escolha. Estamos de partida.

— Deve haver qualquer coisa que possamos fazer para o ajudar.

Não lhe podes ser de qualquer ajuda se estiveres enfiada numa prisão francesa. Yaakov levou o microfone de pulso aos lábios e ordenou que as equipas Ayin recusassem. Dina desceu o cais com

relutância e desapertou as amarras. Solta a última amarra, subiu a bordo do Fidelity e manteve-se juntamente com Yaakov no alto da ponte flutuante enquanto ele conduzia o iate para fora do canal. Ao passarem pelo Forte de São Nicolau, tornou a descer a escada da escotilha até o salão. Sentou-se no posto de comunicações, digitou um comando para aceder à memória e fixou o código de tempo para as 6.12 horas. Alguns segundos depois, ouviu a própria voz.

"É ele. Está na rua. Está a atravessar o parque no sentido sul." Tornou a ouvir tudo: Yaakov e Gabriel a montarem a mota sem palavras; Yaakov a ligar o motor e a acelerar, afastando-se; o som de pneus a prender e a resvalar ao longo do asfalto no Boulevard St-Rémy; a voz de Gabriel, calma e sem emoção: "Para aqui. Não te mexas."

Vinte segundos depois, a mulher: "Desculpe, monsieur, está perdido?"

STOP.

Quanto tempo teria Khaled passado a planejar aquilo? Anos, pensou ela. Ele tinha deixado as pistas para ela seguir, e ela tinha-as seguido, de Beit Sayeed a Buenos Aires, de Istambul a Roma, e agora Gabriel estava na mão deles. Eles iam matá-lo, e a culpa era dela.

Pressionou PLAY e tornou a ouvir a discussão de Gabriel com a palestina, depois pegou no telefone por satélite e estabeleceu comunicação com Boulevard King Saul na linha de segurança.

— Preciso de uma identificação de voz.

— Tem uma gravação?

— Sim.

— Qualidade?

Dina explicou as circunstâncias da interceptação.

— Passe a gravação, por favor. Ela pressionou PLAY.

"Se perdermos a hora-limite, a tua mulher morre. Se me matares, a tua mulher morre. Se fizeres exatamente o que dissermos, ela viverá." STOP.

— Espere um momento, por favor. Passados dois minutos:

— Não há nada compatível em arquivo.

Martineau encontrou-se uma última vez com Abu Saddiq no Boulevard d'Anthènes, na base da escadaria ampla que conduzia à Gare Saint-Charles. Abu Saddiq estava vestido com roupas ocidentais: calças impermeáveis impecáveis e uma camisa de algodão engomada. Disse a Martineau que acabara de sair um barco do porto a grande velocidade.

— Como é que se chamava? Abu Saddiq disse-lhe.

— Fidelity — repetiu Martineau. — Uma escolha interessante. Ele virou-se e começou a subir as escadas com dificuldade, tendo

Abu Sadiq ao seu lado.

— Os shaheeds receberam as suas ordens finais — disse Abu Saddiq.

— Continuarão para o seu alvo como marcado. Não podemos fazer nada para os parar.

— E tu?

— O ferry do meio-dia para Argel.

Chegaram ao alto da escadaria. A estação de trem era castanha e feia, e estava num péssimo estado.

— Devo confessar — disse Abu Saddiq — que não sentirei a falta deste lugar. — Vai para Argel e morre para o mundo.

Voltaremos a trazer-te para a Cisjordânia quando for seguro.

— Depois de hoje... — Ele encolheu os ombros. — Nunca mais será seguro.

Martineau apertou a mão de Abu Saddiq.

— Maa-salaamah.

— As-salaam alaykum, irmão Khaled.

Abu Saddiq virou-se e desceu a escadaria. Martineau entrou na estação de trem e deteve-se em frente do balcão das partidas. O TGV das 8.15 para Paris estava a partir da Plataforma F. Martineau

atravessou o terminal e dirigiu-se à plataforma. Caminhou ao longo do trem até encontrar a sua carruagem, e depois embarcou.

Antes de se sentar, foi à casa de banho. Deixou-se ficar muito tempo em frente do espelho, a examinar a imagem refletida. O casaco Yves Saint Laurent, a camisa azul-escura, os óculos de marca: Paul Martineau, francês distinto, arqueólogo famoso. Mas não hoje. Hoje Martineau era Khaled, filho de Sabri, neto do Sheikh Asad. Khaled, vingador de males passados, espada da Palestina. Os shaheeds receberam as suas ordens finais. Não podemos fazer nada para os parar.

Tinha sido dada outra ordem. O homem que se encontraria com Abu Saddiq naquela noite iria matá-lo. Martineau aprendera com os erros dos seus antecessores. Nunca iria permitir ser colocado em risco por um árabe traidor.

Passado um instante, estava sentado num lugar de primeira classe enquanto o trem saía da estação e se dirigia para norte através dos bairros de lata muçulmanos de Marselha. Paris ficava a 872 quilômetros, mas o TGV de alta velocidade iria cobrir essa distância em pouco mais de três horas. Um milagre da tecnologia ocidental e do engenho francês, pensou Khaled. Depois fechou os olhos e passou pouco tempo adormeceu.

CAPÍTULO 22

MARTIGUES, FRANÇA

A casa ficava num bairro árabe da classe operária, na extremidade meridional da cidade. Tinha um telhado de telhas vermelhas, o estuque exterior rachado e um pátio dianteiro, cheio de ervas daninhas e entulhado de brinquedos em plástico de cores

primárias partidos. Ao empurrar a porta da frente partida, Gabriel esperara encontrar provas da existência de uma família. Em vez disso, encontrou uma residência saqueada, com salas despidas de mobiliário e paredes nuas. Dois homens esperavam-no, ambos árabes, ambos bem alimentados. Um deles segurava um saco de plástico com o nome de uma conhecida cadeia de lojas popular entre a classe baixa francesa. O outro estava a baloiçar um taco de golfe enferrujado, só com uma mão, como se fosse um bastão.

— Despe-te.

A moça tinha-lhe falado em árabe. Gabriel permaneceu imóvel com as mãos pendendo contra a costura da calça, como um soldado em sentido. A moça repetiu a ordem de um modo mais agressivo. Como Gabriel continuasse imóvel, o homem que tinha conduzido o Mercedes esbofeteou-o no rosto.

Despiu o blusão e a camiseta preta. Já lhe tinham sido retirados o rádio e as armas — a moça tinha tirado quando ainda estavam em Marselha. Ela examinou as cicatrizes no peito e nas costas, depois mandou-o despir o resto da roupa.

— Que se passa com a tua modéstia muçulmana?

Recebeu um segundo estalo na face pela sua insolência, tendo esse sido dado com as costas da mão. De cabeça a andar à roda, Gabriel descalçou os sapatos e tirou as meias. Depois desabotoou a calça e tirou-as, fazendo-as deslizar sobre os pés nus. Passado um momento, estava em frente dos quatro árabes apenas de cuecas. A moça estendeu a mão e puxou o elástico.

— Isso também — disse. — Tira-as.

Acharam a sua nudez divertida. Os homens fizeram comentários acerca do seu pênis enquanto a mulher dava voltas em redor dele e lhe avaliava o corpo como se ele fosse uma estátua no pedestal. Ele lembrou-se de que para eles era um mito, uma criatura que surgira a meio da noite e matara jovens guerreiros. Olhem para

ele, pareciam eles dizer com os olhos. Ele é baixo, tão vulgar. Como é que conseguiu matar tantos dos nossos irmãos?

A moça resmungou qualquer coisa em árabe que Gabriel não conseguiu compreender. Os três homens começaram a cortar a roupa que ele despira com tesouras e facas, e fizeram-nas em pedaços. Nem uma costura, nem uma bainha, nem um colarinho sobreviveu.

Apenas Deus sabia de que andariam eles à procura. Um segundo sinal? Um transmissor de rádio escondido? Um diabólico dispositivo judaico que os matasse a todos e o deixasse escapar na altura e momento da sua escolha? Durante um momento, a moça observou aquela patetice com grande seriedade, tornando depois a olhar para Gabriel. Deu mais duas vezes a volta ao corpo nu dele, com uma pequena mão pensativamente premida contra os lábios. De cada vez que passava à frente dele, Gabriel olhava-lhe diretamente para os olhos. Havia algo de clínico no seu olhar, algo de profissional e analítico. Quase esperava que ela a qualquer momento tirasse de algures um minigravador e começasse a ditar notas de diagnóstico. Cicatrizes rugosas na parte superior do braço esquerdo do quadrante do peito, resultado de uma bala disparada contra si por Tariq al-Hourani, que Alá abençoe o seu glorioso nome. Cicatrizes tipo lixa em grande parte das costas. Fonte das cicatrizes desconhecida.

A revista à sua roupa nada produziu além de uma pilha de algodão e ganga desfeitos. Um dos árabes recolheu os restos e atirou-os para a lareira, depois regou-os

Com querosene e pegou-lhes fogo. Enquanto a roupa de Gabriel se transformava em cinzas, eles juntaram-se mais uma vez à volta dele, a moça de frente para ele, os dois árabes grandes um de cada lado, e aquele que servira de motorista nas costas dele. O árabe à sua direita baloiçava preguiçosamente o taco de golfe.

Havia um ritual para situações como aquela. Ele sabia que o espancamento fazia parte disso. A moça iniciou o ritual batendo-lhe

no rosto. Depois afastou-se e deixou que os homens tratassem do trabalho pesado. Um golpe bem alvejado com o taco de golfe fez com que os seus joelhos enfraquecessem e ele caiu ao chão.

Depois começaram as pancadas pesadas, uma barragem de pontapés e socos que pareciam alvejar todos os centímetros do seu corpo. Evitou gritar. Não lhes queria dar essa satisfação, nem queria estragar o plano deles alertando os vizinhos — não que alguém naquela parte da cidade se preocupasse muito com três homens a espancarem um judeu. Terminou tão subitamente como começou. Em retrospectiva não era assim tão mau — na verdade, tinha passado por pior às mãos de Shamron e dos seus rufias da Academia. Tiveram cuidado com o rosto, o que quis dizer que ele precisava de permanecer apresentável.

Jazia deitado sobre o lado direito, com as mãos sobre os genitais de modo protetor e os joelhos contra o peito. Conseguia sentir sangue nos lábios, e o seu ombro esquerdo sentia-se gelado no seu lugar, o resultado de ter sido pisado diversas vezes numa sucessão rápida pelo maior dos três árabes. A moça atirou-lhe o saco de plástico para a frente do rosto e disse-lhe que se vestisse. Ele fez uma tentativa imediata de movimento, mas não pareceu conseguir rolar para o lado ou sentar-se ou levantar as mãos. Por fim, um dos árabes agarrou-o pelo braço esquerdo e puxou-o para uma posição sentada. O ombro esquerdo ferido ressentiu-se, e pela primeira vez gemeu com dores.

Aquilo, como a sua nudez, foi motivo de gargalhada.

Ajudaram-no a vestir-se. Era óbvio que tinham estado à espera de um homem maior. A T-shirt amarela-fluorescente, com MARSEILLES! escrito no peito, era muito grande. A calça de pregas brancas era larga na cintura e longa nas pernas. As sandálias baratas de couro escorregavam dos pés.

— Consegue levantar? — perguntou a moça.

— Não.

— Se não partirmos agora, vais chegar atrasado ao teu próximo posto de controle. E se chegares demasiado tarde ao teu próximo posto de controle, sabes o que vai acontecer à tua mulher.

Ele rolou pondo-se de gatas e, depois de duas tentativas falhadas, conseguiu levantar-se. A moça empurrou-o entre as espáduas e fez com que ele cambaleasse na direção da porta. Pensou em Leah e perguntou-se onde é que ela estaria. Enfiada num saco para cadáveres? Trancada no porta-bagagem de um carro? Enfiada dentro de uma grade de madeira? Será que ela sabia o que lhe estava a acontecer, ou teria a bênção de acreditar que se tratava apenas de mais outro episódio no seu pesadelo sem fim? Era por Leah que ele se mantinha íntegro e por Leah que continuava a pôr um pé à frente do outro.

Os três homens permaneceram na casa. A moça andou meio passo atrás dele, com uma sacola de couro pendendo-lhe do ombro. Deu-lhe outro empurrão, dessa vez em direção ao Mercedes. Ele tropeçou para a frente, através do pátio empoeirado e repleto de brinquedos. Os carros Matchbox revirados, o carro dos bombeiros enferrujado, a boneca sem braços e o soldado sem cabeça — a Gabriel parecia-lhe uma cena de carnificina causada por uma das bombas engenhosamente montadas de Khaled. Dirigiu-se instintivamente para o lado do passageiro.

— Não — disse a mulher. — Vais conduzir.

— Não estou em condições para isso.

— Mas tens de conduzir — disse ela. — De outro modo, vamos chegar atrasados e a tua mulher vai morrer.

Gabriel sentou-se, relutante, atrás do volante. A mulher sentou-se ao lado dele. Depois de ter fechado a porta, meteu a mão na sacola e tirou uma arma, uma Tanfolgio TA-90, que lhe apontou ao abdômen.

— Sei que me podes tirar isto em qualquer altura que queiras admitiu ela. — Se escolheres esse tipo de ação, não te vai servir de

nada. Asseguro-te de que não sei onde está a tua mulher, nem sei qual o nosso destino final. Vamos juntos nesta viagem, tu e eu. Somos parceiros nesta aventura.

— Que nobre da tua parte. Ela bateu-lhe no rosto com a arma.

— Tem cuidado — disse ele — , pode disparar.

— Conheces a França muito bem, não conheces? Trabalhaste aqui. Mataste aqui muitos palestinos.

Acolhida pelo silêncio de Gabriel, atingiu-o uma segunda vez.

— Responde-me! Já trabalhaste aqui, não já?

— Sim.

Já mataste aqui palestinos, verdade?

Ele assentiu.

— Tem vergonha? Diga em voz alta.

— Sim — disse ele — , já matei aqui palestinos. Matei o Sabri aqui. — Então conheces bem as estradas da França. Não precisas de desperdiçar tempo a consultar um mapa. Isso é bom, porque não temos muito tempo.

Entregou-lhe as chaves.

— Vai na direção de Nimes. Tens uma hora.

— Fica pelo menos a cem quilômetros.

— Então sugiro que pares de falar e comeces a conduzir.

Gabriel tomou o caminho de Aries. O Reno, de um azul-prateado e agitado pelos remoinhos, deslizava debaixo deles. Do outro lado do rio Gabriel pressionou o acelerador em direção ao chão e iniciou a parte final em direção a Nimes. O tempo estava perversamente glorioso: o céu sem nuvens e intensamente azul, os campos incendiados com lavanda e girassóis, os montes inundados por uma luz tão pura que Gabriel conseguia distinguir as linhas e fissuras das formações rochosas a 20 quilômetros de distância.

A moça sentava-se calmamente com os tornozelos cruzados e a arma no colo. Gabriel perguntou-se Por que Khaled a escolhera

para o escotar até a morte. Porque a sua juventude e beleza se encontravam em marcado contraste com a enfermidade deformadora de Leah? Ou era alguma espécie de insulto árabe? Queria ele humilhar Gabriel fazendo-o acatar as ordens de uma bela jovem? Quaisquer que fossem os motivos de Khaled, ela estava indubitavelmente bem treinada. Gabriel sentira-o durante o seu primeiro encontro em Marselha e de novo em casa, em Martigues — e conseguia vê-lo agora nos braços e ombros musculados dela, e no modo como manuseava a arma. Mas eram as mãos dela que mais o intrigavam. Tinha as unhas curtas e sujas de uma ceramista ou de alguém que trabalhava no exterior.

Ela tornou a bater-lhe sem aviso. O carro virou, e Gabriel teve de se debater para conseguir voltar a controlá-lo.

— Porque é que fizeste isso

— Estavas a olhar para a arma?

— Não estava.

— Estava a pensando em tirá-la de mim.

— Não.

— Mentiroso! Judeu mentiroso!

Levantou a arma para atingi-lo de novo, mas dessa vez Gabriel levantou defensivamente a mão e conseguiu evitar o golpe.

— É melhor apressar-se — disse ela —, ou não chegaremos a Nimes a tempo. — Estou a quase a 200 quilômetros por hora. Não posso conduzir mais depressa sem nos matar a ambos. Da próxima vez que Khaled ligar, diz-lhe que vai ter de prorrogar o prazo.

— Quem?

— Khaled — repetiu Gabriel. — O homem para quem estás a trabalhar. O homem que está a dirigir esta operação.

— Nunca ouvi falar de um homem chamado Khaled.

— Erro meu.

Ela estudou-o durante um momento.

— Falas árabe muito bem. Cresceste no vale de Jezreel, não foi? Não muito longe de Afula. Ouvi dizer que há aí muitos árabes. Pessoas que se recusaram a partir ou a serem expulsas.

Gabriel não mordeu o isco.

— Nunca lá foste?

— À Palestina? — Um ligeiro sorriso. — Vi-a à distância — disse ela. Líbano, pensou Gabriel. Ela viu-a do Líbano.

— Se vamos fazer esta viagem juntos, devia chamar-te qualquer coisa. — Não tenho nome. Sou apenas uma palestina. Sem nome, sem rosto, sem terra, sem casa. A minha mala é o meu país.

— Ótimo — disse ele. — Vou chamar-te Palestina.

— Não é um nome adequado a uma mulher.

— Está bem, então chamo-te Palestina. Ela olhou para a estrada e assentiu.

Podes chamar-me Palestina.

A um quilómetro de Nimes, ela orientou-o para o estacionamento de gravilha pertencente a uma loja à beira da estrada que vendia vasos de barro e estátuas para jardins. Durante cinco insuportáveis minutos, aguardaram em silêncio o toque do telefone por satélite dela. Quando este por fim tocou, o ruído eletrónico soou a Gabriel como uma sirena. A moça ouviu sem falar. Pela sua expressão apática, Gabriel não conseguiu perceber se lhe tinham pedido para continuar ou para o matar. Ela desligou a chamada e fez um aceno com a cabeça na direção da estrada. — Continua pela autoestrada.

— Em que direção?

— Para norte.

— Para onde vamos? Uma hesitação, e depois:

— Lyon.

Gabriel obedeceu. Quando se aproximavam da portagem da autoestrada, a moça enfiou a

Tanfolgio na sacola. Depois entregou-lhe alguns trocos para pagar a portagem. Regressados à estrada, ela tornou a tirar a arma. Pousou-a no colo. Tinha o indicador, cuja unha era suja e curta, pousado com indiferença no gatilho. — Como é que ele é?

— Quem?

— O Khaled — disse Gabriel.

— Como te disse antes, não conheço ninguém chamado Khaled.

— Passaste a noite com ele em Marselha.

— Na verdade, passei a noite com um homem chamado monsieur V éran. É melhor conduzires mais depressa.

— Sabes que ele nos vai matar. Vai-nos matar a ambos. Ela nada disse.

— Disseram-te que isto era uma missão suicida? Preparaste-te para morrer?

Rezaste e gravaste o vídeo de despedida para a tua família?

— Por favor, conduz e não voltes a falar.

— Somos shaheeds, tu e eu. Vamos morrer juntos... por motivos diferentes, mas juntos.

— Por favor, cala-te.

E ali estava, pensou ele. A fenda. Khaled mentira-lhe.

— Vamos morrer esta noite — disse ele. — Às sete. Ele não te disse isso?

Outro silêncio. O dedo dela movia-se sobre a superfície do gatilho.

— Calculo que ele se tenha esquecido de to dizer — prosseguiu Gabriel. — Mas, também, sempre foi assim. São os meninos pobres que morrem pela Palestina, os meninos dos campos e das barracas. A elite limita-se a dar as ordens a partir das suas villas em Beirute, Túnis e Ramallah.

Ela tornou a apontar a arma ao rosto dele. Dessa vez, ele agarrou-a e arrancou-lhe da mão.

— Quando me bates com isto, dificultas-me a condução. Gabriel estendeu-lhe a arma. Ela pegou-lhe e tornou a colocá-la no colo.

— Somos shaheeds, Palestina. Estamos a avançar em direção à destruição, e é o Khaled quem nos dá instruções. Sete horas, Palestina. Sete horas.

Na estrada entre Valence e Lyon, afastou Leah do pensamento e não pensou em mais nada que não o caso. O seu instinto foi abordado como se se tratasse de um quadro. Tirou-lhe o verniz e dissolveu a tinta, até nada restar além das linhas de carvão fragmentadas do esboço; depois começou a reconstruí-lo, camada a camada, tom e textura. Por um momento, foi incapaz de lhe dar uma autenticação fiável. Seria Khaled o artista, ou teria sido apenas um aprendiz na oficina do Velho Mestre, Yasser Arafat? Ter-lhe-ia Arafat ordenado que vingasse a destruição do seu poder e autoridade, ou ter-se-ia Khaled encarregado do trabalho por vontade própria para vingar a morte do pai e do avô? Tratar-se-ia de outra batalha numa guerra entre duas pessoas ou apenas de uma explosão no feudo que há tanto se alimentava entre duas famílias, os al-Khalifas e os Shamron-Allons? Suspeitava que se trataria de uma combinação de ambas, um cruzamento de necessidades e objetivos. Dois grandes artistas tinham cooperado num único trabalho: Ticiano e Bellini, pensou. O Festim dos Deuses.

No entanto, a data do comissionamento do quadro permanecia, também para ele, vaga. De uma coisa estava ele certo: o trabalho necessitara de diversos anos e muito sangue para ser executado. Tinha sido enganado, e com muita perícia. Sucedera o mesmo com todos. O arquivo encontrado em Milão tinha sido introduzido por Khaled de modo a atrair Gabriel para a sua busca. Khaled deixara atrás de si um rasto de pistas e dera corda ao relógio, de modo que Gabriel não tinha qualquer escolha além de os perseguir desesperadamente. Mahmoud Arwish, David Quinnell,

Mimi Ferrere: todos eles tinham feito parte daquilo. Gabriel viu-os então, silenciosos e quietos, como figuras menores nos cantos de um Bellini, figuras essas de natureza alegórica, mas que apoiavam o foco. Mas qual seria o motivo? Gabriel sabia que o quadro estava por terminar. Khaled tinha mais uma cartada na manga, mais um espetáculo de sangue e fogo. Gabriel conseguira de algum modo sobreviver. Ele estava certo de que a pista da sua sobrevivência se encontrava algures ao longo do caminho por onde já viajara. E assim, enquanto acelerava para norte em direção a Lyon, não via a autoestrada, mas sim o quadro: cada minuto, cada cenário, cada encontro, óleo sobre a tela. Haveria de sobreviver, pensou, e um dia iria atrás de Khaled nos seus próprios termos. E a moça, Palestina, seria a sua porta de acesso.

— Desvia para a beira da estrada.

Gabriel obedeceu. Estavam a poucos quilômetros do centro de Lyon. Desta vez, apenas dois minutos se passaram antes de o telefone tocar.

— Volta para a estrada — disse ela. — Vamos para Chalon. É uma...

— Eu sei onde fica Chalon. Fica a sul de Dijon.

Esperou por uma abertura no trânsito, depois voltou a acelerar para entrar na autoestrada.

— Não consigo decidir se és um homem muito corajoso ou um tonto — disse ela.

— Podias ter-te afastado de mim em Marselha. Podias ter-te salvo.

— Ela é minha mulher — respondeu ele. — Será sempre a minha mulher.

— E estás disposto a morrer por ela?

Tu também vais morrer por ela. — Às sete horas?

— Sim.

— Porque é que inventaste essa hora? Porquê sete horas?

— Não sabes nada do homem para quem trabalhas, pois não? Tenho pena de ti, Palestina. És uma moça muito tola. O teu líder traiu-te, és tu quem vai pagar o preço.

Ela levantou a arma para lhe voltar a bater, mas deteve-se. Gabriel manteve os olhos fixos na estrada. A porta estava aberta.

Pararam para meter gasolina a sul de Chalon. Gabriel encheu o tanque e pagou com dinheiro que a moça lhe deu. Quando ele estava de novo sentado atrás do volante, ela mandou-o estacionar junto às casas de banho.

— Já volto.

— Estarei à espera.

Ela esteve ausente apenas durante um momento. Gabriel pôs o carro a funcionar, mas a moça retirou o telefone por satélite da sacola e mandou-o esperar.

Eram 14.55 horas.

— Vamos para Paris — disse ele.

— Ah, sim?

— Vai enviar-nos por um de dois caminhos. A autoestrada bifurca em Beaune. Se formos pelo atalho, podemos dirigir-nos diretamente aos subúrbios a sul. Ou podemos continuar para leste, de Dijon para Troyes, Troyes para Reims, e entrar pelo lado nordeste.

— Pareces saber tudo. Diz-me para que lado é que ele nos vai mandar.

Gabriel consultou o relógio de forma ostensiva.

— Vai querer que continuemos em movimento, e não vai querer que cheguemos ao alvo demasiado cedo. Aposto no caminho ocidental. Digo que ele nos vai mandar ir por Troyes e que nos vai dizer para esperarmos por instruções. Terá opções se nos mandar por Troyes.

Naquele momento, o telefone tocou. Ela escutou em silêncio, depois desligou.

— Regressa à autoestrada — disse ela.

— Para onde vamos?

Limita-te a conduzir — disse ela.

Gabriel pediu autorização para ligar o rádio.

— Claro — disse ela afavelmente.

Ele premiu o botão, mas nada aconteceu. Um meio sorriso surgiu no rosto dela. — Bem orquestrado — observou Gabriel.

— Obrigada.

— Porque estás a fazer isto? — Deves estar a gozar.

— Na verdade, estou a falar a sério.

— Eu sou a Palestina — disse ela. — Não tenho qualquer opção.

— Estás errada. Tens uma opção.

— Sei o que estás a fazer — disse ela. — Estás a tentar desgastar-me com as tuas sugestões de morte e suicídio. Achas que me vais conseguir fazer mudar de ideias, que vais ser capaz de me fazer perder a calma.

— Na verdade, nem sonharia com semelhante coisa. Há muito que lutamos um contra o outro. Sei que és dotada de uma coragem veemente e que raramente perdes a calma. Só quero saber porquê: Por que estás aqui? Por que não casares e teres filhos? Por que não viveres a tua vida?

Outro sorriso, esse trocista.

— Judeus — disse ela. — Vocês pensam que possuem a patente da dor. Pensam que monopolizam o mercado do sofrimento humano. O meu Holocausto é tão real como o seu, e, no entanto, negas o meu sofrimento e ilibas-te de culpa. Afirmas que as minhas feridas são auto-infligidas.

— Então, conta-me a tua história.

— A minha história é a do Paraíso perdido. A minha história é a de um povo simples forçado pelo mundo civilizado a desistir da

sua terra de modo a que a cristandade pudesse aliviar a sua culpa relativamente ao Holocausto.

— Não, não — disse Gabriel. — Não quero um sermão propagandístico. Quero ouvir a tua história. De onde és?

De um campo — disse ela, acrescentando depois: — Um campo no Líbano.

Gabriel sacudiu a cabeça.

— Não te estou a perguntar onde nasceste, nem onde cresceste. Estou a perguntar-te de onde és. — Sou da Palestina.

— Mas é claro. De que região?

— Do Norte.

— Isso explica o Líbano. De que parte do Norte?

— Da Galileia.

— Ocidental? Superior? — Da Galileia Ocidental.

— De que aldeia?

— Já não existe.

— Como é que se chamava?

— Não me é permitido...

— Tinha um nome?

— Claro que tinha um nome.

— Era Bassa?

— Não.

— Era Zib?

— Não.

— Talvez fosse Sumayriyya?

Ela não respondeu.

— Então era Sumayriyya.

— Sim — disse ela. — A minha família era da Sumayriyya.

— Fica muito distante de Paris, palestina. Conta tua história.

CAPÍTULO 23

JERUSALÉM

Quando o Varash se tomou a reunir, fizeram-no em pessoa no Escritório do primeiro-ministro. As atualizações de Lev demoraram apenas um momento, já que pouco se alterara desde a última vez em que se tinham encontrado por videoconferência. Apenas o relógio tinha avançado. Eram agora 17 horas em

Tel Aviv, elo em Paris. Lev queria fazer soar o alarme.

— Temos de deduzir que dentro de três horas vai haver um enorme atentado terrorista na França, provavelmente em Paris, e que um dos nossos agentes vai estar no meio dele. Dada a situação, receio que não tenhamos qualquer opção além de o contar aos Franceses.

— E quanto ao Gabriel e à sua mulher? — perguntou Moshe Yariz, do Shabak. — Se os Franceses emitirem um alerta nacional, o Khaled pode muito bem considerá-lo uma desculpa para os matar.

— Ele não precisa de uma desculpa — disse Shamron. — É precisamente isso que ele tenciona fazer. O Lev tem razão. Temos de o dizer aos Franceses. Moral e politicamente, não temos alternativa.

O primeiro-ministro moveu desconfortavelmente o seu amplo corpo na cadeira. — Mas não lhes posso dizer que enviamos uma equipe de agentes a Marselha para matar um terrorista palestino.

— Isso não será necessário — disse Shamron. — Mas seja como for que joguemos a nossa cartada, o resultado vai ser mau. Temos um acordo com os Franceses para não atuarmos no seu território sem os avisarmos primeiro. É um acordo que estamos sempre a violar, com o entendimento tácito dos nossos irmãos nos serviços franceses. Mas um entendimento tácito é uma coisa, e ser-se apanhado em flagrante é outra.

— Então o que lhes digo?

— Recomendo que te mantenhas o mais próximo possível da verdade. Dizemos-lhes que um dos nossos agentes foi raptado por uma célula terrorista palestina, que opera no exterior de Marselha. Dizemos-lhes que o agente estava em Marselha a investigar o bombardeamento da nossa embaixada em Roma. Dizemos-lhe que temos provas credíveis sugerindo que Paris vai ser alvo de um ataque esta tarde às sete. Quem sabe? Se os Franceses fizerem soar o alarme bem alto, isso poderá forçar o Khaled a adiar ou a cancelar o seu atentado.

O primeiro-ministro olhou para Lev.

— Qual é o estado do resto da equipe?

— O Fidelity encontra-se em águas territoriais francesas, e o resto dos membros da equipe atravessaram todas fronteiras internacionais. O único ainda em território francês é o Gabriel.

O primeiro-ministro premiu um botão na consola do telefone.

— Apanha o presidente francês na linha. E arranja também um tradutor. Não quero que haja mais confusões.

O presidente da República Francesa estava numa reunião com o chanceler alemão no ornamentado Salão dos Retratos do Palácio Eliseu. Entrou silenciosamente no salão um ajudante-de-campo, que lhe murmurou algumas palavras ao ouvido. O líder francês não conseguia esconder a sua irritação ao ser interrompido por um homem que ele desprezava.

— Tem de ser agora?

— Ele diz que é uma questão de segurança de primeira prioridade. O presidente levantou-se e olhou para o convidado.

— Dá-me licença, chanceler?

Alto e elegante no seu terno escuro, o francês seguiu o ajudante para uma antecâmara privada. Passado um momento, a chamada foi-lhe passada. — Boa tarde, senhor primeiro-ministro. Calculo que não se trate de uma chamada social?

— Não, senhor presidente, com efeito. Receio ter tido conhecimento de uma grave ameaça contra o seu país.

— Imagino que seja uma ameaça de natureza terrorista?

— Na verdade, é.

— Está iminente para quando? Semanas? Dias?

— Horas, senhor presidente.

— Horas? Por que me está informar só agora? — Também só fomos agora informados da ameaça.

— Conhece algum pormenor operacional?

— Apenas a hora. Acreditamos que a célula terrorista palestina tenciona atacar às 19 horas. Paris é o alvo mais provável, mas não o podemos dizer com toda a certeza.

— Por favor, senhor primeiro-ministro. Diga-me tudo que sabe. O primeiro-ministro falou durante dois minutos. Quando terminou, o presidente francês disse:

— Por que tenho a sensação de que me está a contar apenas parte da história?

— Receio que saibamos apenas parte da história.

— Por que não nos disse que estava a perseguir um suspeito em território francês?

— Não havia tempo para uma consulta formal, senhor presidente. Caiu na categoria de uma perseguição em grande.

— E quanto aos Italianos? Informou-os de que têm um suspeito de um atentado que ocorreu em solo italiano?

— Não, senhor presidente, não informamos.

— Que surpresa — disse o francês. — Têm fotos que possam ajudar a identificar homens-bomba potenciais?

— Infelizmente, não.

— Espero que não se importe de enviar uma foto de seu agente desaparecido.

— Nestas circunstâncias...

— Pensei que fosse essa a sua resposta — disse o francês. — Vou enviar o meu embaixador ao seu Escritório. Estou confiante de que ele receberá um relatório completo e honesto de toda esta situação. — Dou-lhe a minha palavra, senhor.

— Algo me diz que este caso ainda há-de dar que falar, mas vamos primeiro ao que interessa. Manter-me-ei em contato.

— Boa sorte, senhor presidente.

O líder francês desligou o telefone com força e olhou para o seu ajudante.

— Reúne imediatamente o Grupo Napoleão — disse. — Eu trato do chanceler. : Vinte minutos depois de ter desligado, o presidente da França sentava-se no seu lugar habitual à mesa do Escritório no Salão Murat. Reunidos à volta dele estavam os membros do Grupo Napoleão, uma eficiente equipe de elementos superiores do serviço secreto, oficiais de segurança e ministros, destinada a lidar com ameaças iminentes em território francês. Mesmo em frente da dispendiosa mesa encontrava-se sentado o primeiro-ministro. Entre os dois homens havia um relógio de bronze de face dupla. Marcava 16.35 horas. O presidente abriu a reunião com uma recontagem concisa daquilo que ficara a saber. Seguiram-se alguns minutos de uma discussão um pouco acalorada, pois a fonte da informação, o primeiro-ministro israelense, era um homem verdadeiramente impopular em Paris. No entanto, ao final, cada membro do grupo concluiu que a ameaça era demasiado credível para ser ignorada.

— É óbvio, cavalheiros, que precisamos aumentar o nível de ameaça e de tomar precauções — disse o presidente. — Até onde vamos?

Na sequência dos atentados da al-Qaeda ao World Trade Center e ao Pentágono, o Governo francês concebera um sistema de quatro camadas com um código de cores semelhante aos dos Estados Unidos. Nessa tarde, o nível encontrava-se no Laranja, o

segundo nível, estando apenas o Amarelo abaixo. O terceiro nível, o Vermelho, fechava automaticamente vastas extensões do espaço aéreo francês e colocava no seu lugar precauções de segurança nos sistemas de trânsito e nos monumentos históricos franceses como o Louvre e a Torre Eiffel. O nível mais elevado, o Escarlate, fecharia virtualmente o país. Incluindo o fornecimento de água e eletricidade. Nenhum membro do Grupo Napoleão estava preparado para o fazer com base num aviso dos Israelenses.

— E provável que o alvo do ataque seja judeu ou israelense — disse o ministro do Interior. — Mesmo que seja à mesma escala de Roma, não justifica aumentar o nível para Escarlate.

Concordo — disse o presidente. — Vamos aumentá-lo para Vermelho.

Passados cinco minutos, e terminada a reunião do Grupo Napoleão, o ministro do Interior francês saiu do Salão Murat para enfrentar as câmeras e os microfones.

— Senhoras e senhores — Começou ele, com uma expressão grave — , o Governo francês recebeu aquilo que acredita serem provas credíveis de um iminente atentado terrorista contra Paris esta noite...

O apartamento situava-se na Rue de Saules, na calma extremidade norte de Montmartre, várias ruas afastado do atoleiro de turistas à volta do Sacré-Coeur. O apartamento era pequeno mas confortável, o lugar perfeito para aquelas ocasiões em que o trabalho ou as conquistas amorosas levavam Paul Martineau da Provença à capital. Chegado a Paris, tinha ido ao bairro do Luxemburgo para almoçar com um colega da Sorbonne. Tinha depois seguido até St-Germain para um encontro com um potencial editor para o seu livro acerca da história pré-romana da antiga Provença. Às 16.45, atravessava o pado silencioso do edifício e entrava no vestíbulo do prédio. Madame Touzet, a porteira, enfiou a cabeça pela porta quando Martineau entrou.

— Bonjour, professor Martineau.

Martineau beijou-lhe as faces cobertas de pó de arroz e ofereceu-lhe um ramo de lírios que lhe comprara numa banca na Rue Caulaincourt. Martineau nunca ia ao seu apartamento francês sem levar um pequeno presente a Madame Touzet.

— Para mim? — perguntou ela de forma elaborada. — Não o devia ter feito, professor.

— Não o consegui evitar.

— Quanto tempo vai ficar em Paris?

— Apenas uma noite.

— Uma tragédia! vou buscar-lhe o correio.

Regressou passado um instante com um maço de postais e cartas, impecavelmente atado com um laço rosa perfumado. Martineau subiu as escada para o seu apartamento. Acendeu a televisão, mudou para o Channel 2 e foi até a cozinha para fazer café. Ao som da água corrente, ouviu a voz familiar do ministro do Interior francês. Fechou a torneira e dirigiu-se calmamente à sala de estar. Ali ficou, petrificado perante a tela da televisão, durante os dez minutos que se seguiram.

Os Israelenses tinham decidido alertar os Franceses. Martineau tivera essa possibilidade em conta. Sabia que o aumento no nível de ameaça significaria uma alteração das tácticas de segurança e dos procedimentos em locais críticos por toda a Paris, um desenvolvimento que requeria um ajustamento menor nos seus planos. Pegou no telefone e marcou um número.

— Gostaria de mudar uma reserva, por favor.

— O seu nome?

— Dr. Paul Martineau.

— Número do bilhete? Martineau deu-o.

— De momento, está previsto regressar a Aix-en-Provence vindo de Paris amanhã de manhã.

— É isso, mas infelizmente surgiu um imprevisto e preciso de regressar mais cedo do que esperava. Ainda posso apanhar um trem ao princípio da noite de hoje?

— Há lugares disponíveis no das sete e um quarto.

— Primeira classe?

— Sempre.

— Então fico com um, por favor.

— Está sabendo do alerta governamental contra um atentado terrorista?

— Nunca dou muita importância a esse tipo de coisas — disse Martineau. — Além disso, se pararmos de viver, os terroristas vencem, não é verdade?

— É bem verdade.

Martineau ouvia o tamborilar de dedos no teclado do computador.

— Tudo bem, Dr. Martineau. A sua reserva foi alterada. O seu trem parte às sete e um quarto da Gare de Lyon.

Martineau desligou a chamada.

CAPÍTULO 24

TROVES, FRANÇA

— Sumayriyya? Queres saber de Sumayriyya? Era o paraíso na Terra. O Éden.

Pomares e olivais. Melões e bananas, pepinos e trigo. Sumayriyya era simples. Pura. A nossa vida seguia os ritmos das plantações e das colheitas. As chuvas e as secas. Éramos 800 em Sumayriyya. Tínhamos uma mesquita. Tínhamos uma escola.

Éramos pobres, mas Alá abençoou-nos com tudo de que precisávamos.

Ouçam-na, pensou Gabriel enquanto dirigia. Nós... Nosso... Ela tinha nascido 25 anos depois de Sumayriyya ter sido varrida da face da Terra, mas falava da aldeia como se tivesse vivido ali durante toda a vida.

— O meu avô era um homem importante. Não um mukhtar, repare, mas um homem influente entre os anciãos da aldeia. Tinha 40 dunams* de terra e um enorme rebanho de cabras. Era considerado rico.

**Medida usada em muitos países que outrora fizeram parte do império otomano. Um dunam — 1000m²*

— Um sorriso sarcástico. — Ser rico em Sumayriyya significava que se era apenas um pouco pobre.

Os olhos dela escureceram. Olhou para a arma, depois para os terrenos agrícolas franceses que passavam velozmente pela janela.

O ano de 1947 marcou o início do fim da minha aldeia. Em Novembro, as Nações Unidas votaram a favor da divisão da minha terra para se dar metade aos Judeus. Sumayriyya, como o resto da Galileia Ocidental, estava destinada a fazer parte do Estado Árabe da Palestina. Mas claro que não foi esse o caso. A guerra começou no dia seguinte à votação, e no que dizia respeito aos Judeus, toda a Palestina era agora deles para a tomarem.

Tinham sido os árabes a iniciar a guerra, quis Gabriel dizer: fora o xeque Asad al-Khalifa, senhor da guerra de Beit Sayeed, quem abrira os portões do sangue com o seu atentado terrorista no ônibus de Netanya para Jerusalém. Mas agora não era o momento para referir os fatos históricos. A descrição de Sumayriyya enfeitiçara-a, e Gabriel não queria quebrar o feitiço.

Ela olhou para ele.

— Estás a pensar nalguma coisa.

— Estou a ouvir a tua história.

— Com uma parte do cérebro — disse ela — , mas com a outra estás a pensar noutra coisa. Estás a pensar em tirar-me a arma? Estás a planejar fugir?

— Não há fuga, Palestina... para nenhum de nós. Conta-me a tua história.

Ela olhou pela janela.

— Na noite de 13 de Maio de 1948, uma coluna de veículos blindados do Haganah dirigiu-se pela estrada costeira de Acre. A sua intervenção tinha o nome de código Operação Ben-Ami. Fazia parte do Tochnit Dalet. — Ela olhou para ele. — Conheces este termo, Tochnit Dalet? Plano D?

Gabriel assentiu e pensou em Dina, de pé entre as ruínas de Beit Sayeed. Há quanto tempo é que aquilo tinha acontecido? Havia apenas um mês, mas que parecia uma vida.

— O objetivo declarado da Operação Ben-Ami era o reforço de diversos assentamentos judeus isolados na Galileia Ocidental. No entanto, o verdadeiro objetivo era a conquista e a anexação. De fato, as ordens referiam especificamente a destruição de três aldeias árabes: Bassa, Zib e Sumayriyya.

Deteve-se, e olhou-o para ver se os seus comentários tinham provocado alguma reação, e continuou a contar. Sumayriyya foi a primeira das três aldeias a morrer. O Haganah cercou-a antes do nascer do dia e iluminou a aldeia com os faróis dos seus veículos blindados. Alguns dos homens do Haganah usavam kaffiyehs aos quadrados vermelhos. Um vigilante da aldeia viu os kaffiyehs e deduziu que os judeus atacantes seriam na verdade reforços árabes. Disparou para o ar em jeito de celebração e foi imediatamente abatido pelo fogo do Haganah. As notícias de que os judeus estavam disfarçados de árabes espalhou o pânico entre a aldeia. Os defensores de Sumayriyya lutaram corajosamente, mas não eram se comparavam aos Haganah, que estavam muito bem armados. Passados alguns minutos, tivera início o êxodo.

— Os judeus queriam que partíssemos — disse ela. — Deixaram imediatamente o lado ocidental da aldeia sem proteção para nos dar uma rota de fuga. Não tivemos tempo de pegar roupas nem alguma coisa para comer. Apenas corremos. Mas nem assim os judeus ficaram satisfeitos. Dispararam contra nós enquanto fugíamos pelos campos que cultivávamos há séculos. Morreram cinco aldeões nesses campos. Os sapadores do Haganah entraram de imediato. Ouvíamos as explosões enquanto fugíamos. Os Judeus estavam a transformar o nosso paraíso numa pilha de destroços inabitáveis. Os aldeões de Sumayriyya tomaram a estrada e dirigiram-se para norte, na direção do Líbano. Não tardaram a juntar-se-lhes os habitantes de Bassa e de Zib, e diversas aldeias mais pequenas para leste.

— Os Judeus mandaram-nos para o Líbano — disse ela. — Disseram-nos para esperarmos ali algumas semanas até a luta ter terminado, e que depois poderíamos regressar. Regressar? E regressávamos para onde? As nossas casas tinham sido demolidas. Por isso continuamos a andar. Atravessamos a fronteira, em direção ao exílio. Ao esquecimento. E atrás de nós, os portões da Palestina foram para sempre barrados contra o nosso regresso.

Reims: 17 horas

— Encosta — disse ela. Gabriel levou o Mercedes para a beira da autoestrada. Permaneceram sentados em silêncio, o carro estremecendo na turbulência do tráfego que passava. Depois o telefone. Ela escutou, durante mais tempo do que o habitual. Gabriel suspeitou de que lhe estariam a dar as instruções finais. Sem dizer uma palavra, desligou, e depois deixou cair o telefone dentro da sacola.

— Para onde vamos?

Paris — disse ela. — Como suspeitavas.

— Para que lado é que ele quer que eu vá?

— A A4. Conheces?

— Conheço.

— Vai levar-te ao...

— ... ao Sudeste de Paris. Sei onde me vai levar, Palestina.

Gabriel tornou a acelerar e entrou na autoestrada. O relógio indicava: 17h05. Um sinal de estrada piscava: PARIS 145. Cento e quarenta e cinco quilômetros até Paris.

— Acaba a tua história, Palestina.

— Onde é que íamos?

— Líbano — disse Gabriel. — O esquecimento.

— Acampávamos nos montes. Procurávamos comida.

Sobrevivíamos à custa da caridade dos nossos irmãos árabes e esperávamos que os portões da Palestina nos fossem abertos, esperamos que os Judeus fizessem bom uso das promessas que nos tinham feito na manhã em que fugimos de Sumayriyya. Mas em Junho, Ben-Gurion disse que os refugiados não podiam voltar para casa. Éramos uma quinta coluna que não tinha permissão para regressar, disse ela. Seríamos um espinho no flanco do novo Estado judaico. Sabíamos que nunca mais iríamos ver Sumayriyya. Paraíso perdido.

Gabriel olhou para o relógio. 17h10. Centro e trinta quilômetros para Paris. — Caminhamos para norte, até Sidon. Passamos um Verão longo e quente a viver em tendas. Depois o tempo ficou frio e a chuva começou, e ainda estávamos a viver nas tendas. Chamamos à nossa casa Ein al-Hilweh. Doce primavera. Foi mais duro para o meu avô. Em Sumayriyya, tinha sido um homem importante. Tratava dos campos e dos seus rebanhos. Sustentava a família. Agora, a família sobrevivia de esmolas. Tinha um título da sua propriedade, mas não tinha terra.

Tinha as chaves da porta, mas não tinha casa. Ficou doente durante o primeiro Inverno e morreu. Não queria viver... não no Líbano. O meu avô morreu quando Sumayriyya morreu. .25. Paris: cem quilômetros.

— O meu pai era um rapazinho, mas teve de ficar responsável pela mãe e pelas duas irmãs. Não podia trabalhar, os Libaneses não o deixavam. Não podia ir à escola, os Libaneses também não o permitiam. Não tínhamos segurança social libanesa, nem cuidados de saúde do Líbano. E não tínhamos meio de saída, porque não tínhamos passaportes válidos. Não tínhamos país. Éramos não pessoas. Éramos nada.

5h37. Paris: 55 quilômetros.

— Quando o meu pai casou com uma moça de Sumayriyya, as pessoas que restavam da aldeia reuniram-se em Ein al-Hilweh para as cerimônias de casamento. Era como em casa, só que o meio era outro. Em vez do Paraíso, eram os esgotos a céu aberto e as cabanas de hulha betuminosa do campo. A minha mãe deu dois filhos ao meu pai. Ele falava-lhes todas as noites de Sumayriyya, para que nunca esquecessem o seu verdadeiro lar. Contava-lhes a história de al-Nakba, a Catástrofe, e instilava neles o sonho de al-Awda, o Regresso. Os meus irmãos haveriam de crescer e transformar-se em combatentes da Palestina. Não havia qualquer escolha na matéria. Assim que tivessem a idade suficiente para segurarem uma arma, a Fatah começou a treiná-los.

— E tu?

— Eu fui a última filha. Nasci em 1975, quando o Líbano caía na guerra civil.

17h47. Paris: 40 quilômetros.

Nunca pensamos que tornassem a vir atrás de nós. Sim, perdemos tudo... as nossas casas, a nossa aldeia, a nossa terra, mas pelo menos estávamos a salvo em Ein al-Hilweh. Os Judeus nunca iriam ao Líbano. Não?

5h52. Paris: 30 quilômetros.

— A Operação Paz para a Galileia, era assim que chamavam. Meu Deus, nem Orwell arranjaría um nome melhor. Em 4 de junho de 1982, os israelenses invadiram o Líbano para acabarem de uma vez por todas com a OLP. Para nós, tudo isto parecia familiar. Uma coluna armada israelense que se dirigia para norte pela estrada costeira, só que agora a estrada costeira era no Líbano, e não na Palestina, e os soldados eram membros do IDF, e não da Haganah. Sabíamos que as coisas iam ficar mal. Ein al-Hilweh era conhecida como território da Fatah, capital da Diáspora Palestina. A 8 de Junho, a batalha do campo começou. Os israelenses enviaram os seus paraquedistas. Os nossos homens ripostaram com a coragem dos leões, beco a beco, casa a casa, desde as mesquitas aos hospitais. Qualquer combatente que se tentasse se render era abatido. A palavra espalhou-se: a batalha pelo Ein al-Hilweh iria ser travada até o último homem.

"Os israelenses mudaram de tática. Usaram os seus aviões e artilharia para arrasar o campo, bloco a bloco, setor a setor. Depois os seus paraquedistas caíram sobre eles e massacraram os nossos combatentes. De poucas em poucas horas, os israelenses paravam e pediam para nos rendermos. De cada vez a resposta era a mesma: nunca. Continuou assim durante uma semana. Perdi um irmão no primeiro dia da batalha, e o meu outro irmão ao quarto dia. No último dia dos combates, a minha mãe foi confundida com uma guerrilheira enquanto rastejava para fora dos destroços e foi abatida pelos israelenses.

" Quando terminou, Ein al-Hilweh era uma terra arrasada. Pela segunda vez, os Judeus tinham transformado o meu lar em destroços. Perdi os meus irmãos, perdi a minha mãe. Perguntaste-me porque estava aqui. Estou aqui por Sumayriyya e Ein al-Hilweh. É isto que o sionismo significa para mim. Não tenho qualquer escolha além de combater.

— O que aconteceu depois de Ein al-Hilweh? Para onde foi?
A moça sacudiu a cabeça.

— Já contei o suficiente — disse ela. — Demais.

— Quero ouvir o resto.

— Dirija — disse ela. — Está quase na hora de ver sua
mulher.

Gabriel olhou para o relógio: 18h. Dezesseis quilômetros para
Paris.

CAPÍTULO 25

ST-DENIS, ZONA NORTE DE PARIS

Amira Assaf fechou a porta do apartamento atrás de si. O corredor, um longo túnel de cimento cinza, encontrava-se numa semiobscuridade, iluminado apenas pelo relampejo de uma luz fluorescente. Ela empurrou a cadeira de rodas em direção ao grupo de elevadores. Uma mulher, marroquina pelo som do sotaque, gritava com os seus dois filhos pequenos. Mais à frente, um trio de rapazes africanos ouvia música hip-hop americana numa aparelhagem portátil. Era aquilo que restava do império francês, pensou ela, algumas ilhas nas Caraíbas e os armazéns humanos de St-Denis.

Chegou junto dos elevadores e premiu o botão de chamada, depois levantou o olhar e viu que um dos elevadores estava a descer. Graças a Deus, pensou. Era uma parte da viagem que estava completamente para lá do seu controle: os velhos elevadores instáveis do prédio. Durante a preparação fora forçada por duas vezes a descer 23 andares porque os elevadores não estavam a funcionar. Tocou uma campainha, e as portas abriram guinchando. Amira empurrou a cadeira para o interior do elevador e foi saudada por um intenso cheiro a urina. Enquanto o elevador se afundava, ponderou acerca do motivo pelo qual os pobres urinavam nos elevadores. Quando as portas se abriram, impeliu a cadeira para o hall e respirou fundo. Não resultou. Apenas quando estava no exterior, no ar fresco do quadrângulo, é que escapou ao odor de demasiadas pessoas a viverem demasiado próximas.

Havia algo de aldeia do Terceiro Mundo no amplo quadrângulo que se encontrava no centro de quatro grande blocos de apartamentos: aglomerados de homens, divididos pelos seus países de origem, cavaqueando no entardecer frio; mulheres carregando sacos de mercearias; crianças a jogar à bola. Ninguém reparou na atraente jovem palestina que empurrava uma pessoa presa numa cadeira de rodas, de sexo e idade indeterminada.

Demorou exatamente sete minutos para chegar à estação de St-Denis. Tratava-se de uma estação ampla, uma combinação de estação de caminhos de ferro e metropolitano, e graças à hora espalhavam-se multidões pelas saídas para a rua. Entrou no hall das bilheteiras e detectou de imediato dois polícias, a primeira evidência do alerta de segurança. Tinha visto as novas atualizações e sabia que a segurança fora apertada no metro e nas estações ferroviárias por todo o país. Mas saberiam eles algo a respeito de St-Denis? Estariam eles à procura de uma inválida raptada na noite anterior de um hospital psiquiátrico? Continuou a andar.

— Desculpe, mademoiselle.

Virou-se: um funcionário da estação, jovem e atencioso, com um uniforme impecavelmente passado.

— Para onde vai?

Tinha os bilhetes na mão; precisava responder com a verdade.

— Para os trens — disse ela, acrescentando depois: — Para a Gare de Lyon.

O funcionário sorriu. — Há um elevador bem ali.

— Sim, conheço o caminho.

— Posso ajudá-la?

— Não é preciso.

— Por favor — disse ele — , permita-me.

Era mesmo do que ela precisava, pensou. Um funcionário simpático no sistema de metrô inteiro, e tinha de estar trabalhando

naquela noite em St-Denis. Recusar pareceria suspeito. Assentiu e entregou os bilhetes ao funcionário. Passaram pela catraca e depois seguiram do hall povoado até o elevador. Desceram em silêncio até o nível da estação de caminhos de ferro. O funcionário acompanhou-a até a plataforma devida. Durante um momento, ela receou que ele tencionasse ficar até o trem partir. Por fim, ele desejou-lhe boa noite e voltou a subir as escadas.

Amira olhou para o painel das chegadas e partidas. Doze minutos. Olhou para o relógio, e fez contas. Sem problemas. Sentou-se num banco e esperou. Doze minutos depois, o trem entrou na estação e parou. As portas se abriram com um silvo pneumático. Amira levantou-se e empurrou a mulher para o carro.

CAPÍTULO 26

PARIS

Onde estou agora? Um trem? E quem é esta mulher? E a mesma que trabalhava no hospital? Eu disse ao Dr. Avery que não gostava dela, mas ele não me ouviu. Ela passou demasiado tempo à minha volta. Observava-me de mais. Está a ser paranoica, disse-me o Dr. Avery. A sua reação faz parte da sua doença. Chama-se Amira.

É muito simpática e altamente qualificada. Não, tentei dizer-lhe, ela está a observar-me. Vai acontecer alguma coisa. Ela é palestina. Consigo ver isso nos olhos dela.

Por que é que o Dr. Avery não me ouviu? Ou será que tentei realmente dizer-lhe?

Não tenho certeza. Não tenho certeza de nada. Olha para a televisão, Gabriel. Estão outra vez a cair mísseis em Tel Aviv. Acha que desta vez Saddam os encheu de químicos? Não suporto a ideia

de estar em Viena no momento em que estão a cair mísseis em Tel Aviv. Come a massa, Dani. Olha para ele, Gabriel. Parece-se tanto contigo. Este trem lembra Paris, mas estou rodeada de árabes. Para onde é que esta mulher me levou? Porque é que não estás a comer, Gabriel? Sentes-te bem? Não pareces nada bem. Meu Deus, tens a pele a arder. Estás doente? Olha, outro míssil. Por favor, meu Deus, faça com que caia num edifício vazio. Não deixes que caia sobre a casa da minha mãe. Quero sair deste restaurante. Quero ir para casa telefonar à minha mãe.

Pergunto-me o que terá acontecido ao rapaz que foi ao hospital para olhar por mim. Como é que cheguei aqui? Quem me trouxe até aqui? E para onde vai este trem?

Neve. Meu Deus, como eu odeio esta cidade, mas a neve torna-a bela. A neve absolve Viena dos seus pecados. A neve cai em Viena enquanto os mísseis chovem em Tel Aviv.

Trabalhas esta noite? Chegas tarde? Desculpa, nem sei porque me dei ao trabalho de perguntar. Merda. O carro está coberto de neve. Ajuda-me com as janelas antes de me ir embora. Certifica-te de que o cinto do Dani está bem apertado. As estradas estão escorregadias. Sim, vou ter cuidado. Vá lá, Gabriel, despacha-te. Quero falar com a minha mãe. Quero ouvir o som da voz dela. Beijame, um último beijo, depois vira-te e vai-te embora. Adoro ver-te a andar, Gabriel. Andas como um anjo. Detesto o trabalho que estás a fazer para Shamron, mas hei-de amar-te sempre. Raios, o carro não pega. Vou tentar de novo. Por que te estás a virar, Gabriel? Para onde é que esta mulher me leva? Estás a gritar e a correr em direção ao carro? Dá outra vez à chave. Silêncio. Fumo e fogo. Tira primeiro o Dani!

Despacha-te, Gabriel! Por favor, tira-o daqui!

Estou a arder! estou a morrer queimada!

Para onde é que esta mulher me leva? Ajuda-me, Gabriel. Por favor, ajuda-me.

CAPÍTULO 27

PARIS

A Gare de Lyon situa-se no 12º arrondissement de Paris, algumas ruas a leste do Sena, Em frente da estação existe um largo círculo de tráfego e, além dele, o cruzamento de duas das maiores avenidas, a Rua de Lyon e o Boulevard Diderot. Foi ali, sentado numa popular e atarefada esplanada com turistas, que Paul Martineau aguardou. Acabou de beber o Cotes du Rhône, e depois fez sinal ao empregado pedindo a conta. Passou-se um intervalo de cinco minutos, antes que lhe entregassem a conta. Deixou o dinheiro e uma pequena gorjeta, depois dirigiu-se para a entrada da estação.

Havia diversos veículos da Polícia no círculo de tráfego e dois pares de polícias paramilitares a montar guarda à entrada. Martineau juntou-se a um pequeno grupo de pessoas e entrou. Estava quase na sala de embarque quando sentiu alguém a bater-lhe no ombro. Virou-se. Era um dos polícias que estava de guarda na entrada principal.

— Posso ver a sua identificação, por favor?

Martineau tirou da carteira a identidade francesa e entregou-o ao policial, que ficou muito tempo a olhar para o rosto de Martineau antes de tornar a olhar para a carteira.

— Para onde vai?

— Aix.

— Posso ver o seu bilhete, por favor? Martineau entregou.

— Diz aqui que deveria regressar apenas amanhã.

— Mudei a minha reserva esta tarde.

— Por quê?

— Precisei voltar mais cedo. — Martineau decidiu mostrar-se um pouco irritado. — Ouça, o que há? Estas perguntas são mesmo necessárias?

— Receio que sim, monsieur Martineau. O que o trouxe a Paris?

Martineau respondeu: um almoço com um colega da Universidade de Paris, um encontro com um eventual editor.

— É escritor?

— Na verdade, sou arqueólogo, mas estou a trabalhar num livro.

O policial tornou a entregar-lhe a carteira de identidade.

— Tenha uma boa noite.

— Obrigado.

Martineau virou-se e encaminhou-se para o terminal. Deteve-se junto ao painel das chegadas e partidas, depois subiu as escadas para o Le Train Bleu, o famoso restaurante no hall. O maître encontrou-se com ele à entrada.

— Tem uma reserva?

— Na verdade, vou encontrar-me com alguém no bar. Acho que ela já chegou. O maître desviou-se. Martineau encaminhou-se para o bar, depois para uma mesa junto a uma janela sobranceira às plataformas. Aí sentada estava uma atraente mulher na casa dos 40 com uma madeixa grisalha no seu cabelo longo e escuro. Ergueu o olhar para Martineau quando ele se aproximou. Ele inclinou-se e beijou-a num dos lados do pescoço.

— Olá, Mimi.

— Paul — sussurrou ela. — Que bom voltar a ver-te.

CAPÍTULO 28

PARIS

Dois quarteirões ao norte da Gare de Lyon: a Rua Parrot,
18h53.

— Vira aqui — disse a moça. — Estaciona o carro.

— Não há nenhuma vaga. A rua está cheia.

— Acredita em mim. Encontraremos um lugar.

Naquele instante, um carro afastou-se perto do hotel Lyon Bastille. Gabriel, não querendo correr risco, entrou no espaço vago. A moça enfiou a Tanfolgio na bolsa e pendurou-a ao ombro.

— Abre o porta-mala.

— Por quê?

— Faz apenas o que te digo. Olha para o relógio. Não temos muito tempo.

Gabriel empurrou a alavanca para abrir o porta-bagagens, que se abriu com um baque abafado. A moça tirou a chave da ignição e atirou-a para a sacola, juntamente com a arma e o telefone por satélite. Depois abriu a porta e saiu. Deu a volta ao carro até o porta-bagagens e fez sinal a Gabriel para se juntar a ela. Ele olhou para baixo. No interior, encontrava-se uma mala de viagem retangular, de nylon preto, com rodas e uma alça dobrável.

— Pega.

— Não.

— Se não pegar, sua mulher morre.

— Não vou levar uma bomba para dentro da Gare de Lyon.

— Está entrando numa estação ferroviária. É melhor que pareça um viajante. Pega o a mala.

Estendeu a mão para baixo e olhou para o fecho. Fechado.

— Pega.

Havia um macaco cromado no espaço para as ferramentas.

— Que está fazendo? Quer que sua mulher morra?

Duas pancadas fortes, e o trinco abriu. Abriu o compartimento principal: maços de papel. Depois tentou os compartimentos exteriores. Vazios.

— Está satisfeito? Olha a hora. Pega a mala.

Gabriel pegou e colocou no passeio. A moça já começava a se afastar. Esticou a pega da mala, fechou o porta-bagagens e depois começou a segui-la. Na esquina da Rua de Laon, viraram à esquerda. A estação, situada num ligeiro promontório, elevava-se acima dele.

— Não tenho bilhete. — Eu tenho o teu bilhete.

— Para onde é que vamos? Berlim? Genebra? Amsterdam?

— Continua a andar.

À medida que se iam aproximando da esquina do Boulevard Diderot, Gabriel viu agentes da Polícia a patrulharem o perímetro da estação a pé e luzes de emergência azuis a piscarem no círculo de tráfego.

— Foram alertados — disse ele. — Vamos entrar diretamente num alerta de segurança.

— Vai correr tudo bem.

— Não tenho passaporte.

— Não precisa.

— E se nos mandarem parar?

— Eu tenho. Se um policial pedir identificação, olhe para mim, e eu trato do assunto.

— Você é o motivo para nos mandarem parar.

No Boulevard Diderot esperaram que o semáforo mudasse, depois atravessaram a rua por entre um enxame de peões. O saco parecia-lhe muito leve. Não parecia certo estar a empurrá-lo pelo pavimento. Deviam ter colocado roupa no interior para fazerem com que tivesse um peso adequado. E se ele fosse mandado parar? E se o saco fosse revistado e eles descobrissem que estava cheio de maços de papéis? E se eles olhassem para o interior da sacola da Palestina e encontrassem Tanfólgio... Disse a si mesmo para esquecer a mala e a

arma na bolsa da moça. Em vez disso, concentrou-se na sensação que tivera anteriormente nesse dia, a sensação de que a pista para a sua sobrevivência estaria ao longo do caminho da viagem. De pé na entrada da estação estavam diversos agentes da polícia e dois soldados de fardas camufladas com armas automáticas no ombro. Estavam a mandar parar as pessoas aleatoriamente, verificando as identificações, revistando as bagagens. A moça enfiou o braço no de Gabriel e fê-lo andar mais depressa. Ele sentia os olhos dos polícias sobre si, mas ninguém os mandou parar até terem entrado.

A estação, de telhado arqueado e elevado, abriu diante deles. Detiveram-se por um momento ao alto de umas escadas rolantes que desciam para o nível do metropolitano da estação. Gabriel aproveitou esse momento para se recompor. À sua esquerda, situava-se um quiosque de telefones públicos; atrás dele, as escadas conduziam até o Le Train Bleu. Em extremidades opostas da plataforma haviam dois quiosques da Relay. A alguns metros para a sua direita havia um snack-bar, acima do qual estava pendurado um enorme painel negro de partidas e chegadas. Naquele exato momento, aquele alterou-se. Para Gabriel, o bater dos números a rolar soou obscenamente como um aplauso para o jogo impecavelmente orquestrado de Khaled. O relógio indicava 18h57.

— Viu aquela moça no primeiro telefone deste lado do quiosque?

— Que moça?

— Calças jeans, camiseta cinza, talvez francesa, talvez árabe, como eu.

— Estou vendo.

— Quando o relógio do painel de partidas indicar 18h58, ela vai desligar. Você e eu vamos até lá, e ocupamos o lugar dela. Vai se deter por um momento para nos dar tempo de chegar lá.

— E se alguém chegar lá primeiro?

— A moça e eu trataremos disso. Vai teclar o número. Está pronto?

— Sim.

— Não esqueça o número. Se esquecer, não repetirei, e sua mulher morrerá. Tem certeza de que está pronto?

— Diga a porcaria do número.

Ela disse e deu-lhe algumas moedas enquanto o relógio mudava para 18h58. A moça saiu do seu lugar. Gabriel aproximou-se, levantou o receptor e enfiou algumas moedas na ranhura. Teclou cuidadosamente o número, receando que se cometesse um erro da primeira vez não se conseguiria se lembrar de novo do número correto. Um telefone começou a tocar. Um toque, um segundo, um terceiro...

— Ninguém atende.

— Tenha calma. Alguém vai atende.

— Tocou seis vezes. Não há ninguém a atender.

— Tem certeza de que ligou para o número certo? Talvez tenha se enganado. Talvez sua mulher esteja prestes a morrer porque você...

— Cale-se — disse Gabriel. O telefone tinha parado de tocar.

CAPÍTULO 29

PARIS

— Boa noite, Gabriel.

Uma voz feminina, chocantemente familiar.

— Ou devo tratá-lo por Herr Klemp? Foi esse o nome que usou quando foi ao meu clube, não? E o nome que usou quando assaltou o meu apartamento.

Mimi Ferrere. A Pequena Lua.

— Onde ela está? Onde está Leah?

— Está perto.

— Onde? Não a vejo.

— Já vai descobrir em um minuto.

Um minuto... Olhou para o painel de partidas e chegadas. O relógio moveu-se: 18h59. Passaram por ele dois soldados. Um deles olhou para ele. Gabriel virou a cabeça e baixou a voz.

— Disseram que se eu os acompanhasse ela viveria. Agora, onde ela está?

— Ficarà tudo claro dentro de alguns segundos.

A voz: agarrou-se a ela. Ela transportou-o ao Cairo, de volta à tarde que passara no bar em Zamalek. Tinha sido atraído ao Cairo por um motivo: plantar uma escuta no telefone da Mimi, de modo a poder ouvir a conversa com um homem chamado Tony e obter o número de telefone de um apartamento em Marselha. Mas teria ele sido levado ao Cairo por outro motivo?

Ela recomeçou a falar, mas o som da sua voz foi abafado pelo aviso na estação: Comboio número 765 para Marselha está agora em fase de embarque na linha D... Gabriel cobriu o bocal. Trem número 765 para Marselha está agora em fase de embarque na linha D... Conseguia ouvi-lo pelo telefone — tinha a certeza disso. A Mimi estava algures na estação. Virou-se e vislumbrou as ancas juvenis afastando-se calmamente na direção da saída. À sua esquerda,

Com a mão enfiada no bolso de trás da calça, estava um homem com ombros quadrados e cabelo escuro e encaracolado. Gabriel tinha visto esse mesmo andar naquela manhã em Marselha. Khaled tinha ido à Gare de Lyon para testemunhar a morte de Gabriel.

Observou-os a saírem da estação.

Comboio número 765 para Marselha está agora em fase de embarque na linha D. Olhou para a Palestina. Ela estava a olhar para

o relógio. A avaliar pela sua expressão, sabia agora que Gabriel lhe contara a verdade. Estava a poucos segundos de se transformar numa shaheed na jihad de Khaled.

— Está ouvindo, Gabriel?

Ruído de trânsito: Mimi e Khaled afastavam-se apressadamente da estação. — Estou a ouvir — disse ele, e estou a perguntar-me porque é que me sentaste com três árabes no teu clube noturno.

Comboio número 765 para Marselha agora em fase de embarque na linha D.

Linha D Track Dalet... Tochnit Dalet...

— Onde ela está, Mimi? Diz o que...

E foi então que o viu, de pé junto a um expositor de jornais no quiosque da Relay na extremidade oriental da estação. A mala esportiva, retangular com rodas de nylon preto, idêntica à de Gabriel, estava a seu lado. Tinham-no chamado Bashir naquela noite no Cairo. Bashir gostava de Johnnie Walker Red com gelo e fumava Silk Cut. Bashir usava um relógio de ouro Tag Heuer no pulso direito e tinha uma paixoneta por uma das empregadas da Mimi. Bashir também era um shaheed. Dentro de alguns segundos, o saco vai explodir, bem como diversas dúzias de pessoas à volta dele.

Gabriel olhou para a esquerda, na direção do lado oposto da plataforma: outro quiosque Relay, outro shaheed com mala idêntica à de Gabriel. Aquele era Naji. Naji: "sobrevivente". Esta noite não, Naji.

A alguns metros de Gabriel, comprando um sanduíche que nunca poderia comer, estava Tayyib. A mesma mala, o mesmo olhar vidrado da morte. Estava perto de Gabriel o suficiente para que ele visse a configuração da bomba. Tinha sido enfiado um fio preto no interior de um dos lados da pega. Gabriel calculou que o botão na pega seria o próprio gatilho. Pressionava-se o botão, que iria embater na peça de contato. Isso significava que três shaheeds tinham de

premir simultaneamente os botões. Mas como é isso lhes seria assinalado? O tempo, é claro. Gabriel olhou para os olhos de Tayyib e viu que estavam focados no relógio digital do painel de partidas e chegadas. 18.59.28...

— Onde ela está, Mimi?

Os soldados voltaram a passar, conversando casualmente. Tinham entrado três árabes na estação com sacos cheios de explosivos, mas as forças de segurança não pareciam ter reparado. Quanto tempo demorariam os soldados a tirar as metralhadoras do ombro e a colocá-las a posto? Se fossem israelenses? No máximo dois segundos. Mas estes rapazes franceses? O seu tempo de reação seria mais lento.

Olhou de lado para Palestina. Ela estava a ficar mais ansiosa. Tinha os olhos úmidos e puxava a alça da sacola. Os olhos de Gabriel agitaram-se pela estação, calculando ângulos e linhas de fogo.

Mimi intrometeu-se nos pensamentos dele.

— Está ouvindo?

— Estou.

— Como já deve ter calculado, a estação está prestes a explodir. Pelos meus cálculos, tens quinze segundos. Tem duas opções. Pode alertar as pessoas em volta e tentar salvar tantas vidas quanto possível, ou pode egoistamente salvar a vida de sua mulher. Mas não pode de modo algum fazer as duas coisas, porque se alertar as pessoas haverá um pandemônio, e nunca conseguirá tirar sua mulher da estação antes de as bombas explodirem. A única maneira de salvá-la é permitir que centenas de outras pessoas morram, centenas de mortes de modo a salvar um destroço de ser humano. Trata-se na verdade de um dilema moral, não acha?

— Onde ela está?

— Diga você.

— Na Linha D — disse Gabriel. — Linha Dalet.

— Muito bem.

— Ela não está lá. Não a vejo.

— Olha com mais atenção. Quinze segundos, Gabriel. Quinze segundos.

E depois a chamada foi cortada.

O tempo pareceu deter-se. Ele viu toda a cena, pintada com as cores vibrantes de um Renoir — os shaheeds, de olhos fixos no relógio das partidas; os soldados, de cujos ombros pendiam metralhadoras; Palestina, a segurar a sacola que continha no interior uma Tanfolgio de nove milímetros carregada. E no meio de tudo, viu a bonita moça árabe a afastar-se de uma mulher numa cadeira de rodas. Encontrava-se na linha um trem com destino a Marselha, e a metro e meio de distância do lugar onde a mulher esperava pela morte estava a porta aberta da última carruagem. Acima deles, o relógio marcava 18h59.50. Mimi enganara-o, mas Gabriel sabia melhor do que a maior parte dos homens que dez segundos eram uma eternidade. Num espaço de dez segundos seguiu o pai de Khaled até um pátio de Paris e enchera-lhe o corpo de balas. Em menos de dez segundos, numa noite nevada de Viena, o seu filho foi assassinado e perdeu a mulher para sempre.

O seu primeiro movimento foi tão compacto e rápido que ninguém pareceu reparar nele: uma pancada dada do lado esquerdo da cabeça de Palestina que a atingiu com tanta força que Gabriel, quando lhe puxou a sacola do ombro, não teve a certeza se ela estava viva. Enquanto a moça lhe caía aos pés, enfiou a mão dentro da sacola e fechou-a sobre a Tanfolgio. Tayyib, o shaheed mais próximo dele no snack-bar, nem sequer se apercebeu, porque os seus olhos estavam fixos no relógio. Gabriel tirou a arma da sacola e apontou-a, com uma mão, ao bombista. Premiu duas vezes o gatilho, tap-tap. Os dois tiros atingiram o bombista no alto do peito, lançando-o para trás, para longe da mala carregada de explosivos.

O som dos tiroteios na vasta câmara de eco da estação teve o efeito que Gabriel esperava. Do outro lado da plataforma, as pessoas

agacharam-se ou atiraram-se ao chão. A 20 metros, os dois soldados puxavam as metralhadoras dos ombros. Na outra extremidade da plataforma, os dois shaheeds, Bashir e Naji, ainda estavam de pé, de olhos fixos no relógio. Não havia tempo para os dois.

Gabriel gritou em francês:

— Bomba! Abaixem-se! Abaixem-se!

Abriu uma via de fogo enquanto Gabriel apontava a Tanfolgio àquele que se chamava Naji. Os soldados franceses, confundidos por aquilo que tinham testemunhado, hesitaram. Premiu o gatilho, viu um relampejo rosado e ficou a observar Naji a cair em espiral sem vida no chão.

Correu para a Linha D, na direção do local onde Leah estava sentada exposta à iminente onda de impacto. Agarrou a sacola de Palestina, pois esta continha as chaves para a sua fuga. Olhou por cima do ombro. Bashir, o último dos shaheeds, encaminhava-se do centro da estação. Devia ter visto os seus dois camaradas caírem; agora estava a tentar aumentar o poder destruidor da sua única bomba ao colocá-la no meio da plataforma onde ainda havia mais pessoas.

Parar agora significava uma morte quase certa para si e para Leah, por isso

Gabriel continuou a correr. Chegou à entrada da Linha D e virou para a direita. A plataforma estava vazia; o tiroteio e o alerta de Gabriel tinham conduzido os passageiros para dentro dos trens ou em direção à saída da estação. Apenas Leah ali permaneceu, indefesa e imóvel.

O relógio moveu-se: 19h00.00.

Gabriel agarrou Leah pelos ombros e ergueu o corpo, que não oferecia qualquer resistência, da cadeira, depois deu um mergulho final em direção à porta aberta da carruagem quando o saco explodiu. Houve um relâmpago de luz brilhante, um estrondo, uma onda de impacto cauterizante que pareceu retirar toda a vida de

dentro de si. Parafusos e pregos envenenados. Vidro estilhaçado e sangue. Fumaça negra, um silêncio insuportável. Gabriel fitou Leah. Ela olhou diretamente para ele, com um olhar estranhamente tranquilo. Ele enfiou a Tanfolgio na sacola, tomou Leah nos seus braços e levantou-se. Parecia não ter peso.

Do exterior da carruagem despedaçada chegaram os primeiros gritos. Gabriel olhou à sua volta. As janelas de ambos os lados tinham explodido. Os passageiros sentados tinham sido cortados pelo vidro que voara. Gabriel viu, por fim, seis passageiros que pareciam fatalmente feridos.

Desceu os degraus e dirigiu-se à plataforma. Aquilo que ali se encontrava alguns segundos antes era agora irreconhecível. Olhou para cima e viu que uma grande porção do telhado tinha desaparecido. Se as três bombas tivessem explodido simultaneamente, toda a estação teria provavelmente ruído.

Escorregou e caiu no chão. A plataforma estava ensopada de sangue. À sua volta havia membros decepados e pedaços de carne humana. Levantou-se, ergueu Leah e cambaleou para a frente. Estava a pisar o quê? Não conseguia olhar. Escorregou uma segunda vez, perto do grupo de telefones, e encontrou-se a olhar para os olhos sem vida de Palestina. Teria sido morta pelo golpe de Gabriel ou pelos estilhaços da bomba de Tayyib? Gabriel não estava muito interessado em sabê-lo. Tornou a levantar-se. As saídas da estação estavam apinhadas: passageiros aterrorizados tentando sair, a Polícia a forçar o seu caminho para entrar. Se Gabriel tentasse sair por ali, havia uma boa hipótese de alguém o conseguir identificar como o homem que tinha disparado a arma antes da bomba explodir. Tinha de encontrar outra saída. Lembrou-se do caminho do carro até a estação, de ter esperado que o semáforo mudasse no cruzamento da Rua de Lyon e do Boulevard Diderot. Tinha havido ali uma entrada para o metro.

Transportou Leah até as escadas rolantes. Já não funcionavam. Passou por cima de dois cadáveres e começou a descer. A estação do metro estava num tumulto, passageiros a gritar, funcionários assustados tentando em vão manter a situação calma, mas pelo menos não havia mais fumo, e o chão não escorria sangue. Gabriel seguiu os letreiros através das passagens abobadadas em direção à Rua de Lyon. Perguntaram-lhe por duas vezes se precisava de ajuda, e por duas vezes sacudiu a cabeça e continuou a andar. As luzes tremeluziram e enfraqueceram, depois, por algum milagre, tornaram a acender-se.

Passados dois minutos, chegou a um lance de escadas. Subiu-as firmemente, e ao sair para a rua foi encontrar uma chuva fininha e fria. Saíra na Rua de Lyon. Olhou para trás por cima do ombro para a estação. O círculo de tráfego estava incandescente com as luzes de emergência, e saía fumo pelo telhado.

Virou-se e começou a andar. Outra oferta de ajuda.

— Está bem, monsieur? Essa pessoa precisa de um médico?

Não, obrigado, pensou ele. Por favor, saia do meu caminho, e por favor que aquele Mercedes ainda esteja à minha espera.

Contornou a esquina da Rue Parrot. O carro ainda ali estava: fora o único erro de Khaled. Transportou Leah para o outro lado da rua. Por um instante, ela agarrou-se ansiosamente ao seu pescoço. Será que ela sabia que era ele, ou pensaria tratar-se de um enfermeiro do hospital em Inglaterra? Passado um momento, ela estava sentada no lugar do passageiro, olhando calmamente pela janela enquanto Gabriel se afastava da beira e se dirigia à esquina da Rua de Lyon. Olhou uma vez para a esquerda, na direção da estação em chamas, depois virou à direita e acelerou pela avenida ampla em direção à Bastilha. Tornou a enfiar a mão na sacola da moça e tirou do interior o seu telefone por satélite. Quando deu a volta ao círculo de tráfego na Place de la Bastille, surgiu no horizonte Boulevard King Saul.

PARTE QUATRO

Sumayriyya

CAPÍTULO 30

PARIS

A chuva fininha que saudara Gabriel após a sua saída da Gare de Lyon tinha-se transformado numa chuva primaveril. Agora estava escuro, e ele sentia-se grato por isso. Tinha estacionado numa rua tranquila e sombreada perto da Praça de Colombie, e desligara o motor. Devido à escuridão e chuva intensa, estava confiante de que ninguém o conseguia ver dentro do carro. Limpou um pouco do para-brisas embaciado e espreitou para fora. O edifício onde se situava o apartamento de segurança ficava do outro lado da rua, algumas portas mais acima. Gabriel conhecia bem o apartamento. Sabia que era o apartamento 4B e que na placa junto à campainha se lia o nome Guzman numa caligrafia de um azul desvanecido. Sabia também que não havia nenhum lugar onde esconder em segurança uma chave, o que significava que tinha de ser aberta antes por alguém da delegação de Paris. Normalmente, tais tarefas eram efetuadas por um bodel, a terminologia do Escritório para os contratados locais que faziam o trabalho de sapa necessário para manter uma delegação estrangeira em funcionamento. Mas passados dez minutos Gabriel ficou aliviado por ver a figura familiar de Uzi Navor, o katsa de Paris, a bater na janela, com o seu cabelo loiro avermelhado colado ao crânio enorme e redondo, e a chave do apartamento na mão.

Navot entrou no prédio, e passado um instante as luzes acenderam-se numa janela do quarto piso. Leah remexeu-se. Gabriel virou-se e olhou para ela, e por um instante o olhar dela pareceu fixar-se no dele. Ele estendeu a mão e pegou no que restava da mão

dela. A pele cicatrizada e áspera, como sempre, fez com que Gabriel se sentisse violentamente frio. Mostrara-se agitada durante toda a viagem. Agora parecia mais calma, como sucedia sempre que Gabriel a visitava no solário. Tornou a espreitar pelo para-brisas para a janela do quarto andar.

— És tu?

Sobressaltado pelo som da voz de Leah, Gabriel ergueu bruscamente o olhar — Com demasiada brusquidão, temeu ele, porque os olhos dela pareceram entrar de repente em pânico.

— Sim, sou eu, Leah — disse ele calmamente. — É o Gabriel.

— Onde estamos? — A voz dela era fina e seca, como o restolhar de folhas. Nada era como ele se lembrava. — Isto parece-me Paris. Estamos em Paris?

— Sim, estamos em Paris.

— Aquela mulher trouxe-me aqui, não trouxe? A minha enfermeira. Tentei dizer ao Dr. Avery... — Ela interrompeu-se a meio da frase.

— Quero voltar para casa.

— Vou levar-te para casa.

— Para o hospital?

— Para Israel.

Um ligeiro sorriso, um suave aperto da mão.

— Tens a pele a arder. Sentes-te bem?

— Estou ótimo, Leah.

Ela tornou a mergulhar no silêncio e olhou pela janela.

— Olha para a neve — disse ela. — Céus, como odeio esta cidade, mas a neve torna-a belíssima. A neve absolve Viena dos seus pecados.

Gabriel vasculhou a memória em busca da primeira vez em que tinha ouvido essas palavras, e depois lembrou-se. Estavam a caminho do carro, depois de terem saído do restaurante. Dani estava encavalitado nos ombros dele. A neve absolve Viena dos seus

pecados. A neve cai em Viena enquanto os mísseis chovem em Tel Aviv. — É bela — concordou ele, tentando evitar um toque de desânimo na voz. — Mas não estamos em Viena. Estamos em Paris. Lembras-te? A moça trouxe-te para Paris.

Ela já não o ouvia.

— Despacha-te, Gabriel — disse ela. — Quero falar com a minha mãe. Quero ouvir a voz da minha mãe.

Por favor, Leah, pensou ele. Regressa. Não faças isso a ti mesma. — Já lhe vamos telefonar — disse ele.

— Certifica-te de que o cinto de segurança do Dani está bem apertado. As estradas estão escorregadias.

Ele está ótimo, Leah, tinha-lhe dito Gabriel naquela noite. Tem cuidado quando vieres a conduzir para casa.

— Vou ter cuidado — disse ela. — Beija-me.

Ele debruçou-se e pressionou os lábios contra a face arruinada de Leah.

— Um último beijo — sussurrou ela.

E então arregalou os olhos. Gabriel segurou-lhe a mão coberta de cicatrizes e desviou o olhar.

Madame Touzet enfiou a cabeça fora do seu apartamento quando Martineau entrou no vestíbulo.

— Professor Martineau, graças a Deus que é o senhor. Estava preocupadíssima.

Estava lá? Foi terrível?

Estivera a algumas centenas de metros da estação na altura da explosão, disse-lhe ele com honestidade. E sim, fora terrível, embora não tão terrível como esperara. A estação devia ter sido destruída pela força das três bombas. Era evidente que alguma coisa tinha corrido mal.

— Acabei de fazer chocolate quente. Quer fazer-me companhia e ver televisão? Detesto ficara a ver sozinha um caso tão horrível.

— Infelizmente, tive um dia muito longo, Madame Touzet. Vou-me deitar cedo. — Uma referência histórica de Paris, em ruínas. O que se segue, professor? Quem poderia ter feito semelhante coisa?

— Imagino que os muçulmanos, embora nunca se saiba as motivações de alguém capaz de cometer um ato tão bárbaro como este. Desconfio que nunca venhamos a saber a verdade.

— Acha que pode ser uma conspiração?

— Beba o seu chocolate, Madame Touzet. Se precisar de alguma coisa, estou lá em cima.

— Boa noite, professor Martineau.

O bodel, um judeu marroquino do Marais, de olhos castanhos-claros e chamado

Moshe, chegou ao apartamento de segurança uma hora mais tarde. Transportava dois sacos. Um deles continha uma muda de roupa para Gabriel, o outro mercadorias. Gabriel entrou no quarto e despiu a roupa que a moça lhe tinha dado na casa em Martigues, depois manteve-se durante muito tempo debaixo do chuveiro e viu o sangue das vítimas de Khaled a correr pelo ralo. Vestiu roupa lavada e colocou o vestuário sujo dentro do saco. Quando tornou a sair, a sala de estar encontrava-se na semiobscuridade. Leah estava a dormir no sofá. Gabriel ajeitou a manta de flores que lhe cobria o corpo, depois dirigiu-se à cozinha. Navot estava em frente do fogão, com uma espátula na mão e um pano da loiça enfiado no cós da calça. O bodel estava sentado à mesa, a olhar para um copo de vinho tinto. Gabriel entregou-lhe o saco de roupa suja.

— Livra-te destas coisas — disse. — Num lugar onde ninguém as encontre. O bodel assentiu, depois saiu do apartamento de segurança. Gabriel tomou o seu lugar à mesa e olhou para Navot. O katsa de Paris era um homem compacto, não muito mais alto que Gabriel, com os ombros pesados de um lutador e braços grossos. Gabriel sempre vira algo de Shamron em Navot, e suspeitava de que Shamron também o via. Gabriel e Navot tinham tido desavenças no

passado, mas Gabriel começara a considerar o jovem agente como um homem de campo meticulosamente competente. O caso mais recente em que haviam trabalhado juntos fora o caso Radek.

— Vai fazer um pé-de-vento com isto. — Navot entregou um copo de vinho a Gabriel.

— Agora bem podemos jogar fora as galochas.

— Quanto tempo lhes demos?

— Aos franceses? Duas horas. O primeiro-ministro telefonou diretamente ao Grey Poupon. O Grey Poupon disse algumas palavras escolhidas, depois fez subir o alerta para o Nível Vermelho. Não ouviste nada?

Gabriel contou a Navot que tinha o rádio do carro estragado.

— A primeira vez que me apercebi de algum aumento da segurança foi no momento em que entrei na estação. — Engoliu um pouco de vinho. — Até onde o primeiro-ministro lhes contou?

Navot transmitiu a Gabriel os pormenores que conhecia da conversa. — Como é que eles explicaram a minha presença em Marselha?

— Disseram que andavas à procura de alguém relacionado com o atentado de Roma.

— Khaled?

— Acho que não entraram em pormenores.

— Algo me diz que temos de combinar as nossas histórias. Porque é que eles esperaram tanto para alertar os Franceses?

— É óbvio que estavam à espera que aparecesses. Também precisavam de se certificar de que todos os membros da equipe de Marselha tinham deixado território francês. — E tinham? Navot assentiu.

— Suponho que nos podemos considerar afortunados por o primeiro-ministro ter entrado em contato com o Eliseu.

— Por quê?

Gabriel contou a Navot dos três shaheeds.

— Estivemos juntos na mesma mesa do Cairo. Estou certo de que alguém tirou uma fotografia muito boa da ocasião.

— Uma armadilha?

— Destinada a dar a ideia de que estive envolvido na conspiração. Navot inclinou a cabeça na direção da sala de estar.

— Ela vai comer alguma coisa?

— Deixa-a dormir.

Navot fez deslizar uma omeleta para o prato e colocou-o em frente de Gabriel. — Especialidade da casa: cogumelos, Gruyère, ervas frescas.

— Não como há 36 horas. Quando tiver terminado os ovos, tenciono comer o prato.

Navot começou a quebrar ovos numa tigela. O seu trabalho foi interrompido pela luz vermelha que piscava no alto do telefone. Agarrou no receptor, ouviu durante um momento, depois murmurou algumas palavras em hebraico e desligou. Gabriel levantou os olhos do prato.

— O que era?

— Boulevard King Saul. O plano de fuga estará pronto dentro de uma hora.

Acabaram por ter de esperar apenas 40 minutos pelo plano, que foi enviado para o apartamento de segurança através do fax de segurança: três folhas de texto em hebraico, compostas em Naka, o nome de código do Escritório. Navot, sentado junto a Gabriel na mesa da cozinha, tratou da decifração.

— Está neste momento aterrado em Varsóvia um voo charter da El Al — disse Navot. — Judeus polacos a visitarem o seu velho país?

— Na verdade, a visitarem a cena do crime. Trata-se de uma excursão em pacote aos campos de morte. — Navot sacudiu a cabeça. Tinha estado em Treblinka naquela noite com Gabriel e Radek, e caminhara por entre as cinzas ao lado do assassino. —

Porque é que alguém querará visitar um lugar desses, é algo que me transcende. — Quando é que parte o voo?

— Amanhã à noite. Será pedido a uma das passageiras que se ofereça para uma missão bastante especial... viajar para casa com um passaporte israelense falso a partir de outro destino.

— E a Leah tomará esse lugar no charter?

— Exatamente.

— Boulevard King Saul tem um candidato?

— Na verdade tem três. Estão agora a tomar a decisão final.

— Como é que vão explicar a situação da Leah?

— Doença.

— Como é que a vamos conseguir levá-la até Varsóvia?

— Nós?

Navot sacudiu a cabeça. — Você vai voltar para casa por outro caminho: por terra até a Itália, depois vão te buscar à noite em uma praia de Fiumicino. Ao que parece conheces esse lugar...

Gabriel assentiu. Conhecia bem a praia.

— Então como é que a Leah vai chegar a Varsóvia?

— Eu a levo. — Navot viu a relutância nos olhos de Gabriel.

Não se preocupe, não deixarei que nada aconteça a sua mulher. Vou acompanhá-la até em casa de avião. Há três médicos na excursão. Ela estará em boas mãos.

— E quando vota a Israel?

— Haverá uma equipe do hospital psiquiátrico Mount Herzl preparada para recebê-la.

Gabriel passou um momento a pensar naquilo. Não estava em posição de levantar objeções ao plano.

— Como é que vou conseguir atravessar a fronteira?

— Lembra da van Volkswagen que usamos no caso Radek?

Gabriel lembrava. Tinha um compartimento oculto sob a cama desdobrável. Radek fora ali escondido, drogado e inconsciente, quando Chiara dirigiu a van através da fronteira austro-checa.

— Trouxe-o para Paris após a operação — disse Navot. — Está estacionado numa garagem na 17th Street.

— Dedetizou?

Navot riu.

— Está limpo — disse. — Mais importante, vai levá-lo além da fronteira até Fiumicino.

— Quem vai me levar até a Itália?

— Moshe pode tratar disso.

— Ele? É uma criança.

— Ele sabe se cuidar — disse Navot. — Além disso, quem melhor que Moisés para levar você à Terra Prometida?

CAPÍTULO 31

FIUMICINO, ITÁLIA

— Ali está o sinal. Dois clarões curtos seguidos por um mais longo. Moshe ligou os limpa para-brisas e debruçou-se sobre o volante do Volkswagen. Gabriel estava placidamente sentado no lugar do passageiro. Estava tentado a dizer ao rapaz para se descontraír, mas, em lugar disso, resolveu deixá-lo gozar o momento. As missões anteriores de Moshe tinham envolvido o fornecimento de produtos alimentícios a apartamentos de segurança e a limpeza dos mesmos após a partida dos agentes. Um encontro à meia-noite numa praia italiana batida pelo vento ia ser o ponto alto da sua associação com o Escritório.

— Ali está de novo — disse o bodel. — Dois clarões curtos...

— ... seguidos por um longo. Ouvi-te da primeira vez. — Gabriel deu uma palmada nas costas do rapaz. — Desculpa, têm

sido dois dias longos. Obrigado pela carona. Tem cuidado quando voltares, e usa...

— ... um local de entrada diferente — disse ele. — Ouvi-te as primeiras quatro vezes.

Gabriel saiu da van e atravessou estacionamento da praia, depois encarrapitou-se num muro de pedra e atravessou o areal até a borda de água. Esperou ali, as ondas batendo-lhe contra os sapatos, e viu o bote a aproximar-se. Passado um momento estava sentado à proa, com as costas viradas para Yaakov e os olhos fixos no Fidelity.

— Não devias ter ido — gritou Yaakov sob o rugido do motor fora de borda.

Se tivesse ficado em Marselha, nunca teria conseguido trazer a Leah de volta.

— Não sabes isso. Talvez Khaled tivesse jogado o jogo de outro modo. Gabriel virou a cabeça.

Tens razão, Yaakov. Ele tê-lo-ia jogado de outra maneira. Primeiro teria morto a Leah e teria deixado o seu corpo nalguma estrada do Sul da Inglaterra. Depois teria enviado os seus três shaheeds para a Gare de Lyon e tê-la-ia transformado numa ruína.

Yaakov afastou-se da válvula.

— Foi a jogada mais estúpida que já vi — disse Yaakov, acrescentando depois num tom conciliatório: — , e de longe a mais corajosa. É melhor darem-te uma medalha quando regressarmos à Avenida Rei Saul.

— Caí na armadilha do Khaled. Eles não dão medalhas a agentes que caem em armadilhas. Deixam-nos no deserto para serem bicados pelos abutres e picados pelos escorpiões.

Yaakov levou o bote até a popa do Fidelity. Gabriel subiu para a plataforma e trepou a escada até o convés da popa onde Dina o esperava. Usava uma camiseta grossa, e o vento agitava-lhe o cabelo escuro. Apressou-se para diante e lançou os braços em redor do pescoço dele.

— A voz dela — disse Gabriel. — Quero ouvir a voz dela.

Dina introduziu a cassete no gravador e premiu PLAY.

"O que lhe fizeram? Onde é que ela está?"

"Está em nosso poder, mas não sei onde está."

"Onde é que ela está? Responde-me! Não me fales em francês. Fala-me na tua verdadeira língua. Fala-me em árabe."

"Estou a dizer-te a verdade."

"Então sabes falar árabe. Onde é que ela está? Responde-me, ou empurro-te pelas escadas."

"Se me matares, vais destruir-te... e atua mulher. Sou a tua única esperança."

Gabriel pressionou STOP, depois REWIND e de novo STOP.

"Se me matares, vais destruir-te... e atua mulher. Sou a tua única esperança." STOP. REWIND. PLAY.

"Sou a tua única esperança."

STOP.

Ergueu os olhos para Dina.

— Passaste-a pela base de dados?

Ela assentiu.

— Não há nada compatível em arquivo.

— Não interessa — disse Gabriel. — Tenho uma coisa melhor do que voz dela.

— E o que é?

— A sua história.

Contou a Dina a história de dor e perda que a moça praticamente despejara durante os últimos quilômetros da viagem até Paris. Como a sua família fora de Sumayriyya para a Galileia Ocidental; como tinham sido expulsos durante a Operação Ben-Ami e forçados ao exílio no Líbano.

— Sumayriyya? Era um lugar pequeno, não era? Umas mil pessoas?

— Oitocentas, segundo a moça. Parecia conhecer a sua história. — Nem toda a gente de Sumayriyya obedeceu às ordens de partida

— disse Dina. — Alguns ficaram para trás.

— E alguns conseguiram esgueirar-se através da fronteira antes de ela ser selada. Se o avô dela era realmente um dos anciãos da aldeia, alguém deve lembrar-se dele.

— Mas mesmo que fiquemos a saber o nome da moça, de que servirá isso? Ela está morta. Como é que nos pode ajudar a encontrar o Khaled?

— Ela estava apaixonada por ele. — Disse-te isso?

— Não foi preciso.

— Que perspicaz da tua parte. Que mais sabes a respeito dessa moça? — Lembro-me da aparência — disse ele. — Lembro-me exatamente da aparência dela.

Ela tinha encontrado o bloco de notas liso na ponte volante; e os dois lápis de carvão vulgares na gaveta da cozinha. Gabriel sentou-se no sofá e trabalhou à luz do candeeiro de leitura de halogêneo. Dina tentou espreitar por cima do ombro dele, mas ele lançou-lhe um olhar severo e mandou-a regressar ao convés varrido pelo vento até ter terminado.

Ela permaneceu de pé no varandim a contemplar as luzes da costa italiana que se afastavam no horizonte. Dez minutos depois regressou ao salão e descobriu que Gabriel adormecera no sofá. O retrato da moça morta encontrava-se junto dele. Dina desligou a luz e deixou-o dormir.

A fragata israelense surgiu a estibordo do Fidelity na tarde do terceiro dia. Duas horas depois, Gabriel, Yaakov e Dina aterravam no heliporto de uma base aérea de segurança a norte de Tel Aviv. Eram esperados por um grupo do Escritório. Estavam em círculo e pareciam pouco à vontade, como estranhos num funeral. Lev não se encontrava entre eles, mas, também, Lev nunca podia ser

incomodado com algo tão vulgar como esperar por agentes de regresso de uma missão perigosa. Ao sair do helicóptero, Gabriel ficou aliviado por ver o Peugeot blindado a atravessar os portões e a dirigir-se através do alcatrão a alta velocidade.

Sem uma palavra, separou-se dos outros e dirigiu-se para o carro.

— Onde vais, Allon? — gritou um dos homens do Lev.

— Para casa.

— O chefe quer ver-te.

— Então talvez devesse ter cancelado uma reunião ou duas, e ter vindo esperar-nos pessoalmente. Diz ao Lev que vou tentar arranjar-lhe uma marcação para amanhã de manhã. Tenho de alterar uma coisa ou duas. Diz-lhe isso. A porta traseira do Peugeot abriu e Gabriel entrou. Shamron olhou-o em silêncio. Parecia ter envelhecido acentuadamente durante a ausência de Gabriel. O seu cigarro seguinte foi aceso por uma mão que tremia mais do que o habitual. Enquanto o carro dava um solavanco para a frente, colocou um exemplar do Le Monde no colo de Gabriel. Gabriel olhou para baixo e viu duas fotografias suas: uma na Gare de Lyon, momentos antes da explosão, e a outra no clube noturno de Mimi Ferrere no Cairo, sentado com os três shaheeds. — É tudo muito conjecturável — disse Shamron —, e portanto muito mais prejudicial como resultado. A sugestão é que de algum modo te envolveses na intriga para fazerem o atentado na estação.

E qual poderia ter sido essa motivação?

— Desacreditar os palestinos, é claro. O Khaled armou um excelente golpe.

Conseguiu fazer um atentado na Gare de Lyon e culpar-nos por esse feito.

Gabriel leu os primeiros parágrafos da história.

— É evidente que ele tem amigos em posições elevadas, nos serviços secretos egípcios e franceses, para referir apenas dois. O

Mukhabarat observou-me a partir do momento em que coloquei o pé no Cairo. Fotografaram-me no clube noturno, e depois do atentado enviaram a fotografia para o DST francês. O Khaled orquestrou a coisa toda.

— Infelizmente, há mais. David Quinnell foi assassinado no seu apartamento do Cairo, ontem à noite. É seguro partir do princípio de que também nos vão culpar por isso.

Gabriel devolveu o jornal a Shamron, que o tonou a enfiar na mala.

— A queda já começou. O ministro dos Negócios Estrangeiros deveria visitar Paris na próxima semana, mas rescindiram o convite. Fala-se de uma quebra temporária nas relações e em expulsões diplomáticas. Vamos ter de nos limpar para evitar uma ruptura maior nas nossas relações com a França e com o resto da comunidade europeia. Imagino que seremos capazes de reparar os estragos ao final, mas apenas até certo ponto. Afinal, a maior parte dos franceses ainda acredita que fomos nós que fizemos com que os aviões embatessem no World Trade Centre. Como é que alguma vez os vamos convencer de que não tivemos nada a ver com o bombardeamento na Gare de Lyon?

— Mas vocês avisaram-nos antes do atentado ter acontecido.

— É verdade, mas os apoiantes da teoria da conspiração verão nisso apenas mais uma prova da nossa culpa. Como é que haveríamos de saber que a bomba iria explodir às sete horas, a menos que estivéssemos envolvidos na intriga? Mais cedo ou mais tarde, vamos ter de contar a história, e isso inclui-te a ti.

— A mim?

— Os Franceses gostariam de falar contigo.

— Diz-lhes que vou estar no Palais de Justice na segunda de manhã. Pede-lhe para me reservarem um quarto no Crillon. Nunca tenho sorte nenhuma a arranjar quarto no Crillon.

Shamron riu.

— Vou manter-te afastado dos franceses, mas o Lev é outra história.

— Morte por comitê? Shamron assentiu.

— O inquérito vai começar amanhã. És a primeira testemunha. Deves esperar que o teu testemunho demore vários dias e que seja extraordinariamente desagradável.

— Tenho coisas melhores a fazer do que sentar-me em frente do comitê do Lev.

— Tais como?

— Encontrar o Khaled.

— E como tencionas fazer isso?

Gabriel contou a Shamron da moça da Sumayriyya.

— Quem mais sabe disso?

— Só Dina.

— Dedica-te a isso sem alaridos — disse Shamron — e, por amor de Deus, não deixes rasto.

— O Arafat teve uma mão nisto. Deu-nos o Mahmoud Arwish e depois matou-o para cobrir o rasto. E agora vai colher a recompensa das relações públicas do nosso alegado envolvimento no atentado da Gare de Lyon.

— Já os está a colher — disse Shamron. — A imprensa internacional está a alinhar-se no exterior da Mukata à espera de vez para o entrevistar. Não estamos em posição de lhe apontar o dedo.

— Então não fazemos nada e sustemos sempre a respiração no 18 de Abril, enquanto esperamos que a próxima embaixada ou sinagoga vá pelos ares? — Gabriel sacudiu a cabeça. — Não, Ari, vou encontrá-lo.

— Tenta não pensar nisso agora. — Shamron deu-lhe uma palmadinha paternal no ombro. — Descansa. Vai ver a Leah. E depois vai passar algum tempo com a Chiara. — Sim — disse Gabriel —, uma noite sem complicações vai fazer-me bem.

CAPÍTULO 32

JERUSALÉM

Shamron levou Gabriel até o Monte Herzl. Estava a começar a escurecer quando seguiu pelo passeio bordejado por árvores até a entrada do hospital. O novo médico de Leah esperava-o no hall. Rotundo e de óculos, tinha a barba comprida de um rabino e um porte inesgotavelmente agradável. Apresentou-se como Mordecai Bar-Zvi, pegou o braço de Gabriel e conduziu-o ao longo de um fresco corredor de pedra calcária de Jerusalém. Por gestos e tom da voz, deixou claro a Gabriel que sabia muito do pouco ortodoxo caso clínico da doente.

— Devo dizer que ela parece ter saído notavelmente bem de toda esta situação.

— Está a falar?

— Um pouco.

— Sabe onde é que se encontra?

— Às vezes. Só lhe posso dizer com toda a certeza que está muito ansiosa por vê-lo. — O médico olhou para Gabriel por cima dos óculos manchados. — Parece surpreso.

— Passou 13 anos sem me falar. O médico encolheu os ombros.

— Duvido que isso volte a acontecer.

Chegaram à porta. O médico bateu uma vez e levou Gabriel para o interior. Leah estava sentada numa cadeira de rodas junto à janela. Virou-se para Gabriel logo que este entrou no quarto e esboçou um meio sorriso. Ele beijou-lhe a face, depois sentou-se na borda da cama. Ela olhou-o em silêncio por um momento, depois

virou-se e tornou a olhar pela janela. Era como se ele já não estivesse ali.

O médico desculpou-se e fechou a porta atrás de si quando saiu. Gabriel ficou ali sentado com ela, satisfeito por não dizer nada enquanto os pinheiros lá fora iam mergulhando suavemente na obscuridade. Ficou ali durante uma hora, até a enfermeira ter entrado no quarto e ter sugerido que eram horas de Leah dormir. Quando Gabriel se levantou, Leah virou a cabeça.

— Onde é que vais?

— Eles dizem que precisas de descansar.

— Só faço isso. Gabriel beijou-a na boca.

— Uma última... — Ela interrompeu-se. — Vens ver-me outra vez amanhã?

— E no dia a seguir.

Ela virou-se e olhou pela janela.

Não havia táxis no Mount Herzl, por isso apanhou um ônibus cheio de passageiros. Não havia lugares vagos; ele manteve-se no espaço aberto ao meio e sentiu 40 pares de olhos a observá-lo. Na estrada de Jafa, saiu do ônibus e esperou por um ônibus para leste numa parada coberta. Depois pensou melhor nisso — tinha sobrevivido a uma viagem; uma segunda parecia um convite para o desastre —, por isso resolveu ir a pé através do turbulento vento noturno. Deteve-se por um instante à entrada do mercado Makhane Yehuda, dirigindo-se em seguida até a rua Narkiss. Chiara devia ter ouvido os seus passos nas escadas, porque estava à espera dele no patamar no exterior do seu apartamento. Depois das cicatrizes de Leah, a sua beleza parecia ainda mais chocante. Quando se inclinou para a beijar, Gabriel foi recebido apenas pela face. O cabelo recém-lavado de Chiara cheirava a baunilha.

Ela virou-se e entrou. Gabriel seguiu-a, parando de súbito. O apartamento tinha sido totalmente redecorado: mobiliário novo, carpetes novas e candeeiros, uma nova camada de tinta. A mesa

estava posta e as velas acesas. O seu tamanho reduzido sugeria que já estariam acesas há algum tempo. Ao passar pela mesa, Chiara apagou-as.

— Está lindo — disse Gabriel.

— Esforcei-me muito para o terminar antes do teu regresso. Queria que se parecesse com um verdadeiro lar. Onde estiveste? — Tentou, com pouco êxito, fazer a pergunta sem um tom de confronto. — Não podes estar a falar a sério, Chiara.

— O teu helicóptero aterrou há cerca de três horas. E sei que não foste à Avenida Rei Saul, porque ligaram do Escritório do Lev à tua procura. — Interrompeu-se.

— Foste vê-la, não foste? Foste ver a Leah.

— Claro que fui.

— Não te ocorreu vires ver-me primeiro?

— Ela está no hospital. Não sabe onde é que está. Está confusa. Está assustada.

— Imagino que afinal eu e a Leah temos muito em comum.

— Não vamos entrar por aí, Chiara.

— Por onde?

Seguiu pelo corredor até o quarto. Também ele tinha sido redecorado. Na mesinha de cabeceira estavam os papéis que depois de assinados fariam com que o seu casamento com a Leah ficasse dissolvido. Chiara tinha deixado uma caneta ao lado deles. Ele levantou o olhar e viu-a de pé na soleira da porta. Estava a olhar para ele, procurando nos olhos dele um sinal das suas emoções — Como um detective, pensou ele, que observa a pessoa de interesse na cena do crime.

— O que te aconteceu à cara?

Gabriel contou-lhe que tinha sido espancado.

— Doeu? — Não parecia muito preocupada.

— Só um pouco. — Sentou-se na beira da cama e descalçou-se.

— O que te contaram?

— Shamron disse-me logo que o golpe tinha corrido mal. Mantive-me atualizado durante todo o dia. O instante em que ouvi que estavas em segurança foi o mais feliz da minha vida.

Gabriel tomou nota do fato de que Chiara não tinha mencionado Leah. — Como é que ela está?

— Leah?

Chiara fechou os olhos e assentiu. Gabriel citou o prognóstico do Dr. Bar-Zvi: Leah Leah tinha saído notavelmente bem de toda a situação. Ele despiu a camisa. Chiara cobriu a boca. As equimoses, depois de três dias no mar, tinham-se tornado de um roxo e preto escuros.

— Parece pior do que é — disse ele.

— Viste um médico?

— Ainda não.

— Despe-te. Vou preparar-te um banho quente. Um bom banho vai fazer-te bem. Ela saiu do quarto. Alguns segundos depois, ele ouviu a água a bater contra o esmalte da banheira. Despiu-se e dirigiu-se à casa de banho. Chiara tornou a examinar as equimoses, depois passou a mão pelo cabelo dele e olhou para as raízes.

— Agora já está suficientemente comprido para o cortares. Esta noite não quero fazer amor com um homem de cabelo grisalho.

— Então corta-o.

Ele sentou-se na borda da banheira. Como sempre, Chiara trauteava para si mesma enquanto lhe cortava o cabelo, uma daquelas tolas canções pop italianas de que ela tanto gostava. Gabriel, de cabeça inclinada, observava os restos prateados do Herr Klemp voarem até o chão. Pensou no Cairo e em como tinha sido enganado, e a fúria voltou a invadi-lo. Chiara sacudiu as aparas.

— Pronto, estás de volta ao teu velho "eu". Cabelo preto, grisalho nas têmporas. O que era aquilo que Shamron costumava

dizer a respeito das tuas têmeoras? — Chamava-lhes manchas de cinza — disse Gabriel. Manchas de cinza no príncipe de fogo.

Chiara experimentou a temperatura do banho. Gabriel tirou a toalha da cintura e enfiou-se dentro de água. Estava demasiado quente

— Chiara aquecia sempre de mais a água — , mas passados alguns momentos a dor começou a desaparecer do corpo. Ela sentou-se junto dele por um momento. Falou do apartamento e de uma noite que passara com Gilah Shamron — de tudo, menos da França. Passado algum tempo, foi até o quarto e despiu-se. Trauteava suavemente para si mesma. Chiara cantava sempre que se despia.

Os beijos dela, geralmente tão ternos, magoavam os lábios de Gabriel. Ela fez amor com ele de uma maneira febril, como se tentasse extrair o veneno de Leah do fluxo sanguíneo de Gabriel, e as pontas dos seus dedos deixaram novas equimoses nos ombros dele.

— Pensei que tinhas morrido — disse ela. — Pensei que nunca mais te tornaria a ver.

— Eu estava morto — disse Gabriel. — Estive morto durante muito tempo. As paredes do quarto de Veneza estavam cheias de quadros. Durante a ausência de Gabriel, Chiara pendurara-os ali. Algumas das obras tinham sido pintadas pelo avô de Gabriel, o conhecido expressionista alemão Viktor Frankel. A sua obra tinha sido considerada "degenerada" pelos nazis em 1936. Empobrecido, despojado da sua capacidade para pintar ou até ensinar, fora deportado para Auschwitz em 1942 e colocado na câmara de gás com a mulher logo à chegada. Irene, a mãe de Gabriel, tinha sido deportada com eles, mas Mengele dera-lhe um trabalho para fazer e ela conseguira sobreviver ao campo de concentração feminino de Birkenau até este ter sido evacuado perante o avanço russo. Algumas das suas obras estavam ali expostas, na galeria privada de Gabriel. Atormentada pelo que tinha visto em Birkenau, os seus quadros

queimavam com uma intensidade que nem o seu famoso pai conseguia igualar. Em Israel, usara o nome Allon, que significa "carvalho" em hebraico, mas sempre assinara as suas telas com Frankel em honra ao pai. Só agora é que Gabriel conseguia ver os quadros por si mesmos, em lugar da mulher arruinada que os produzira.

Havia uma obra que não tinha qualquer assinatura, o retrato de um jovem, ao estilo de Egon Schiele. O artista era a Leah, e o assunto, o próprio Gabriel. Tinha sido pintado pouco depois de ele ter regressado a Israel com o sangue de seis terroristas palestinos nas mãos, e tinha sido a única altura em que concordara em pousar para ela. Ele nunca gostara do quadro, porque o mostrava como Leah o via: um jovem assombrado, prematuramente envelhecido pela sombra da morte. Chiara estava convicta de que o quadro era um auto-retrato. Ela acendeu a luz do quarto e olhou para os papéis na mesa-de-cabeceira. O seu exame era demonstrativo na sua natureza; ela sabia que Gabriel não os tinha assinado.

— Assino de manhã — disse ele. Ela estendeu-lhe a caneta.

— A Assina agora.

Gabriel apagou a luz.

— Na verdade, há outra coisa que quero fazer agora.

Chiara tomou-o dentro do seu corpo e chorou em silêncio durante todo o ato. — Nunca os vais assinar, pois não? Gabriel tentou calá-la com um beijo. — Estás a mentir-me — disse ela. — Estás a usar o meu corpo como uma arma de engano.

CAPÍTULO 33

JERUSALÉM

Os dias dele adquiriam rapidamente forma. De manhã, acordava cedo e sentava-se na cozinha de Chiara, recentemente decorada, com café e jornais. As histórias acerca do caso Khaled deprimiam-no. Ha'aretz batizou o caso de "Bunglegate", e o Escritório perdeu a batalha para manter o nome de Gabriel afastado dos jornais. Em Paris, a imprensa francesa cercou o Governo e o embaixador israelense pedindo uma explicação das misteriosas fotografias que tinham aparecido no Le Monde. O ministro dos Negócios Estrangeiros francês, um antigo poeta que alisava o cabelo, atirou mais achas à fogueira ao expressar a sua convicção de que "poderia na verdade ter havido uma mão israelense no Holocausto da Gare de Lyon". No dia seguinte, Gabriel leu de coração pesado que uma pizaria kosher, na Rua des Rosiers, tinha sido vandalizada. Depois, um bando de rapazes franceses atacou uma jovem quando ela ia de casa para a escola e gravou-lhe uma suástica na face. Chiara acordava geralmente uma hora depois de Gabriel. Ela leu os acontecimentos na França com mais alarme do que tristeza. Uma vez por dia telefonava à mãe em Veneza para se certificar de que toda a sua família estava em segurança.

Às oito, Gabriel deixava Jerusalém e conduzia pela Bab al-Wad até Boulevard King Saul. As reuniões decorriam na sala de conferências do último piso de modo a que Lev não tivesse de andar muito quando desejava aparecer ou observá-los. Claro que Gabriel era a testemunha-chave. A sua conduta, desde o momento em que regressara à disciplina do Escritório até a sua fuga da Gare de Lyon, foi revista com pormenores excruciantes. Apesar das previsões sombrias de Shamron, não iria haver derramamento de sangue. O resultado de tais investigações era normalmente pré-ordenado, e Gabriel conseguia perceber pelo resultado que não iam fazer dele o bode expiatório. Tratava-se de um erro coletivo, os membros do comitê pareciam estar a dizer pelo tom das suas perguntas que um pecado perdoável cometido pelo aparelho do serviço secreto

desesperado por evitar qualquer perda catastrófica de vida. Apesar disso, por vezes as perguntas tornavam-se incisivas. Não teria Gabriel quaisquer suspeitas acerca das motivações de Mahmoud Arwish? Ou da lealdade de David Quinnell? Não teriam as coisas corrido de outro modo se ele tivesse dado ouvidos aos seus companheiros de equipe em Marselha e tivesse voltado atrás, em lugar de ter ido com a moça? Pelo menos assim o plano de Khaled para destruir a credibilidade do Escritório não teria tido êxito.

— Tem razão — disse Gabriel — , e a minha mulher estaria morta, bem como muitas mais pessoas inocentes.

Um a um, os outros também foram levados ao comitê, primeiro Yossi e Rimona, depois Yaakov e por fim Dina, cujas descobertas tinham iniciado a investigação respeitante a Khaled. Gabriel sentia-se magoado por vê-los colocados em questão. A sua carreira estava terminada, mas, para os outros, o caso Khaled, como se tornara conhecido, deixaria nos seus registros uma marca negra que nunca poderia ser limpa.

Ao final da tarde, quando o comitê se separava, ele conduzia até o monte Herzl para passar algum tempo com Leah. Por vezes, sentavam-se no quarto dela; e por vezes, se ainda houvesse luz, ele sentava-a na cadeira de rodas e passeava-a lentamente pelo jardim. Ela reconhecia sempre a presença dele, e normalmente conseguia dizer-lhe algumas palavras. As suas viagens alucinatórias até Viena tornaram-se menos evidentes, embora ele nunca tivesse bem a certeza do que estaria ela a pensar.

— Onde é que o Dani está enterrado? — perguntou ela certa vez, enquanto se sentavam à sombra de um pinheiro. — No Monte das Oliveiras. — Um dia levas-me lá?

— Se o teu médico disser que podes ir.

Uma vez, Chiara acompanhou-o ao hospital. Ao entrarem, ela sentou-se no hall e disse a Gabriel para demorar o tempo que quisesse.

— Gostaria de conhecê-la?

Chiara nunca tinha visto Leah. — Não — disse ela. — Acho que é melhor esperar aqui. Não por mim, mas por ela.

— Ela não saberá.

— Ela saberá, Gabriel. Uma mulher sabe sempre quando um homem está apaixonado por outra pessoa.

Nunca mais tornaram a discutir por causa de Leah. A partir daquele momento, a batalha deles passou a ser uma operação negra, um caso encoberto pautado por silêncios prolongados e observações entremeadas de duplos significados. Chiara nunca se deitava sem antes verificar se os papéis tinham sido assinados. Fazia amor com a mesma atitude de confronto dos seus silêncios. O meu corpo está intato, parecia dizer-lhe. Sou real, a Leah é apenas uma memória. O apartamento pareceu ficar claustrofóbico, por isso começaram a comer fora. Nalgumas noites iam a pé até a Rua Ben-Yehuda — ou ao Mona, um restaurante da moda que se situava precisamente na cave do velho campus da Bezalel Academy of Art. Certa noite seguiram pela autoestrada Um até Abu Ghosh, uma das muitas aldeias árabes ao longo da estrada que tinha sobrevivido às expulsões do Plano Dalet. Comeram hummus e carneiro grelhado num restaurante com uma esplanada para a praça da aldeia,

e durante alguns momentos foi possível imaginar como as coisas poderiam ter sido diferentes se o avô de Khaled não tivesse transformado a estrada numa zona de matança.

Chiara assinalou a ocasião comprando a um ourives de prata da aldeia uma pulseira cara para Gabriel. Na noite seguinte, na Rua Rei Jorge, comprou-lhe um relógio de prata a condizer. Uma recordação, chamava-lhes ela. Lembranças para te recordares de mim.

Quando regressaram a casa nessa noite havia uma mensagem no atendedor de chamadas. Gabriel premiu o botão de playback e ouviu a voz de Dina Sarid, que lhe dizia ter encontrado alguém que

estava em Sumayriyya quando ela cairá. Na tarde seguinte, quando o comitê se tinha separado, Gabriel dirigiu até a Rua Sheinkin e encontrou-se com Dina e Yaakov numa esplanada. Conduziram para norte ao longo da autoestrada costeira através de uma luz rosada escura, passando por Herzliyya e Netanya.

Alguns quilômetros depois de Cesareia, as encostas do monte Carmelo ergueram-se diante deles. Deram a volta à baía de Haifa e dirigiram-se para Akko. Ao continuar para norte em direção a Nahariyya, Gabriel pensou na Operação Ben-Ami — a noite em que o Haganah tinha vindo por essa estrada com ordens para demolir aldeias árabes da Galileia Ocidental. Vislumbrou nesse instante uma estranha estrutura cônica, de um branco puro e brilhante, erguendo-se acima da manta verde de um laranjal. Gabriel sabia que o invulgar monumento era um memorial às crianças do Yad Layeled, um museu do Holocausto do Kibbutz Lohamei Ha'Getaot. O assentamento tinha sido fundado após a guerra por sobreviventes do levantamento do gueto de Varsóvia. Junto à extremidade do kibbut e mal visível entre a erva alta e selvagem, encontravam-se as ruínas de Sumayriyya.

Virou-se para a estrada local e seguiu-a até o interior. O entardecer aproximava-se depressa quando entravam no al-Makr. Gabriel deteve-se na estrada principal e, com o motor ainda a funcionar, entrou num café e perguntou ao dono como se ia até a casa de Hamzah al-Samara. Seguiu-se um momento de silêncio enquanto o árabe avaliava friamente Gabriel do lado oposto do balcão. Assumira claramente que o visitante judeu era um agente do Shabak, impressão essa que Gabriel não se esforçou para corrigir. O árabe levou Gabriel de volta à rua e, com uma série de gestos e sinais, mostrou-lhe o caminho. A casa era a maior da aldeia. Parecia que tinham ali vivido várias gerações de al-Samara, porque havia algumas crianças a brincar no pequeno pátio empoeirado. Sentado ao centro, estava um velho. Usava túnica cinza e kaffiyeh branco, e

sugava um cachimbo de água. Gabriel e Yaakov detiveram-se no lado aberto do pátio e esperaram por autorização para entrar. Dina ficou dentro do carro; Gabriel sabia que o velho nunca falaria honestamente na presença de uma judia de cabeça descoberta.

Al-Samara ergueu os olhos e chamou-os com um aceno da mão vago. Disse algumas palavras ao menino mais velho e num instante surgiram mais duas cadeiras. Depois apareceu uma mulher, talvez uma filha, que trazia três copos de chá. Tudo isto foi feito antes de Gabriel ter podido explicar o objetivo da sua visita. Sentaram-se em silêncio durante um momento, bebericando o chá e ouvindo o zumbido das cigarras nos campos vizinhos. Uma cabra entrou a trotar no 283 pátio e deu uma cabeçada suave no tornozelo de Gabriel. Uma criança, descalça e vestindo uma túnica, enxotou o animal. Parecia que o tempo tinha parado. Se não fosse pelas luzes elétricas que vinham da casa, e pelo prato de satélite no alto do telhado, Gabriel teria achado fácil de imaginar que a Palestina ainda era governada por Constantinopla.

— Fiz alguma coisa errada? — perguntou o velho em árabe. Era a primeira suposição de muitos árabes quando dois homens de aparência dura do Governo surgiam à sua porta sem serem convidados.

— Não — disse Gabriel —, só queríamos falar com você.

O velho, ao ouvir a resposta de Gabriel, sugou pensativamente o cachimbo de água. Tinha olhos cinzas hipnóticos e um bigode impecável. Os seus pés com sandálias pareciam nunca ter visto pedra-pomes.

— De onde são? — perguntou.

— Do vale de Jezreel — respondeu Gabriel. Al-Samara assentiu lentamente.

— E antes disso?

— Os meus pais vieram da Alemanha.

Os olhos cinzas moveram-se para Yaakov.

— E você?

— Hadera.

— E antes disso?

— Rússia.

— Alemães e Russos — disse al-Samara, sacudindo a cabeça.

— Se não fosse pelos Alemães e pelos Russos, eu ainda estaria a viver em Sumayriyya, e não aqui em al-Makr.

— Estava lá na noite em que a aldeia caiu?

— Não exatamente. Estava a passear por um campo perto da aldeia. — Deteve-se e acrescentou num tom conspiratório: — Com uma moça.

— E quando o ataque começou?

— Escondemo-nos nos campos e observamos as famílias a seguirem para norte, em direção ao Líbano. Vimos os sapadores judeus a dinamitarem as nossas casas. Ficamos no campo até o dia seguinte. Quando a escuridão voltou a cair, viemos a pé até aqui, ao al-Makr. O resto da minha família, a minha mãe e o meu pai, os meus irmãos e irmãs, acabou toda no Líbano. 284

— E a moça com quem estavas naquela noite?

— Tornou-se minha mulher. — Tornou a sugar no cachimbo de água. — Também sou um exilado... um exilado interno. Ainda tenho o contrato da terra do meu pai em Sumayriyya, mas não posso regressar. Os judeus confiscaram-na e nunca se deram ao trabalho de me compensar pela sua perda. Imagine, um kibbut construído por sobreviventes do Holocausto sobre as ruínas de uma aldeia árabe.

Gabriel olhou para a casa grande. — Parece que se saiu bem.

— Estou bem melhor do que aqueles que partiram para o exílio. Poderia ter sido assim para todos se não tivesse havido uma guerra. Não o culpo pela minha perda. Culpo os líderes árabes. Se Haj Amin e os outros tivessem aceitado a partição, a Galileia Ocidental teria feito parte da Palestina. Mas eles escolheram a guerra, e quando a perderam, gritaram a plenos pulmões que os

Árabes tinham sido vítimas. Arafat fez o mesmo em Camp David, não fez? Afastou-se de outra oportunidade de partição. Começou outra guerra, e quando os judeus ripostaram, ele afirmou que era a vítima. Quando é que aprenderemos?

A cabra regressou. Desta vez, al-Samara bateu-lhe no focinho com o bocal do cachimbo de água.

— Certamente não veio até aqui para ouvir as histórias de um velho. — Ando à procura de uma família que veio da sua aldeia, mas não sei o nome deles.

Contou ao velho as coisas que a moça tinha dito durante os últimos quilômetros antes de Paris: que o avô tinha sido um dos anciãos da aldeia, não um muktar mas um homem importante, e que tinha possuído 40 dunams de terra e um grande rebanho de cabras. Tinha tido, pelo menos, um filho. Depois da queda de Sumayriyya, tinham ido para norte, para Ein al-Hilweh, no Líbano. Al-Samara ouviu pensativamente a descrição de Gabriel, mas parecia perplexo. Gritou para a casa, por cima do ombro. Da casa emergiu uma mulher, idosa como ele, com a cabeça coberta por um véu. Falou diretamente a al-Samara, evitando cuidadosamente o olhar de Gabriel e Yaakov.

— Tem a certeza de que eram 40 dunams? — perguntou o velho.

— Não 30 ou 20, mas 40?

— Foi o que me disseram.

Ele sugou o cachimbo, pensativo.

— Tem razão — disse ele. — Essa família acabou no Líbano, em Ein al-Hilweh. As coisas pioraram durante a guerra civil libanesa. Os rapazes tornaram-se combatentes. Estão todos mortos, pelo que ouvi dizer.

— Sabe o sobrenome?

— Al-Tamari. Se encontrar algum deles, por favor apresente-lhes os meus cumprimentos. Diga-lhes que estive na casa deles. No

entanto, não fale da minha villa em al-Makr. Só iria partir o coração deles.

CAPÍTULO 34

TEL AVIV

— Ein al-Hilweh? Endoideceu por completo?

Era o início da manhã seguinte. Lev estava sentado à secretária de vidro vazia, com a xícara de café suspensa a meio caminho entre os lábios e o pires. Gabriel tinha conseguido introduzir-se no Escritório enquanto a secretária de Lev tinha ido à casa de banho. A moça iria pagar caro pelo lapso na segurança quando Gabriel se fosse embora.

— Ein al-Hilweh é uma zona proibida, ponto final, fim da discussão. É pior agora do que era em 1982. Fixaram-se aí meia dúzia de organizações terroristas islâmicas. Não é lugar para gente de coração fraco... nem para um agente do Escritório cuja fotografia foi espalhada por toda a imprensa francesa.

— Bem, alguém tem de ir lá.

— Nem sequer tens certeza se o velho ainda está vivo.

Gabriel franziu a testa e sentou-se sem ser convidado numa das elegantes cadeiras de couro em frente da secretária de Lev.

— Mas se ele ainda está vivo, pode dizer-nos para onde foi a filha depois de ter deixado o campo.

— Talvez — concordou Lev —, ou talvez não saiba nada. Certamente que Khaled disse à moça para enganar a família por motivos de segurança. Tanto quanto sabemos, toda a história a respeito de Sumayriyya pode ser mentira.

— Ela não tinha qualquer motivo para me mentir — disse Gabriel.

— Pensava que me iam matar.

Lev passou um longo momento a pensar.

Há um homem em Beirute que poderá ser capaz de nos ajudar. Chama-se Nabil Azouri.

— Qual é a sua história?

— É libanês e palestino. Faz um pouco de tudo. Trabalha como informante para algumas agências noticiosas ocidentais. É dono de um clube noturno. Por vezes, faz contrabando de armas, e sabe-se que de vez em quando faz tráfico de haxixe. É claro que também trabalha para nós. — Parece um homem verdadeiramente respeitável.

— É um merda — disse Lev. — Libanês até o âmagô. A encarnação do Líbano. Mas é exatamente o tipo de pessoa de que precisamos para entrar em Ein al-Hilweh e falar com o pai da moça.

— Porque é que ele trabalha para nós?

— Por dinheiro, é claro. Nabil gosta de dinheiro.

— Como falamos com ele?

— Deixamos uma mensagem no telefone do clube noturno em Beirute e um bilhete de avião com o concièrege do hotel Commodore. Raramente falamos com Nabil no seu território.

— Para onde ele vai?

— Para Chipre — disse Lev. — Nabil também gosta de Chipre.

Passariam três dias até que Gabriel estivesse preparado para partir. As Viagens trataram dos preparativos. Larnaca é um popular destino turístico israelense, de modo que não foi necessário viajar com um passaporte estrangeiro falso. No entanto, era impossível viajar com o seu nome verdadeiro, por isso as Viagens emitiram um documento israelense com o nome bastante vulgar de Michael Neumann. No dia anterior à partida, as Operações deixaram-no

passar uma hora a ler o arquivo de Nabil Azouri na sala de leitura de segurança. Quando terminou, deram-lhe um envelope com dez mil dólares em dinheiro e desejaram-lhe boa sorte. Na manhã seguinte, às sete, ele embarcou num avião da El Al no Aeroporto Ben-Gurion para um voo de uma hora até o Chipre. Ao chegar, alugou um carro até o aeroporto e dirigiu a curta distância pela costa até uma estância chamada Palm Beach Hotel. Aguardava-o uma mensagem Boulevard King Saul. Nabil Azouri chegaria naquela tarde. Gabriel passou o resto da manhã no seu quarto, para em seguida, pouco depois da uma da tarde, descer até o restaurante junto à piscina. Azouri já tinha uma mesa. Uma garrafa de 1 champanhe francês caro, bebido até abaixo do rótulo, encontrava-se a gelar num balde de prata.

Tinha cabelo encaracolado escuro, salpicado com as primeiras madeixas de cinza e um bigode espesso. Quando tirou os óculos escuros, Gabriel encontrou-se a olhar para um par de enormes e sonolentos olhos castanhos. No seu pulso esquerdo encontrava-se o obrigatório relógio de ouro; no direito, diversas pulseiras de ouro que titilavam quando levava a taça de champanhe aos lábios. Vestia uma camisa de algodão bege, e tinha a calça de popelina amarrotadas por causa do voo de Beirute. Acendeu um cigarro americano com um isqueiro de ouro e ouviu a proposta de Gabriel.

— Ein al-Hilweh? Está completamente doido?

Gabriel antecipara aquela reação. Azouri tratava a sua relação com os serviços secretos israelenses como se estes fossem apenas mais um dos seus negócios comerciais. Era um vendedor do bazar, o Escritório era o seu cliente. Regatear o preço fazia parte do processo. O libanês inclinou-se para a frente e fixou Gabriel com o seu olhar sonolento.

— Esteve lá por baixo ultimamente? Parece o far west ao estilo de Khomeini. Ficou transformado num inferno desde que

vocês se vieram embora. Homens de negro, que Alá, o mais misericordioso, seja louvado. Os estranhos não têm qualquer hipótese. Que se lixe, Mike. Beba um pouco de champanhe e esqueça. — Você não é um estranho, Nabil. Conhece toda a gente, pode ir a qualquer lado. É por isso que pagamos tanto.

— Não passa de gorjeta, Mike, é tudo o que recebo pelo meu disfarce... cigarros e champanhe, e alguns dólares para gastar com mulheres.

— Deve ter gostos muito caros no que se refere a mulheres, Nabil, porque já o vi a pagar fortunas. Fez uma considerável quantia à conta da sua relação com a minha empresa.

Azouri levantou a taça na direção de Gabriel.

— Fizemos bons negócios juntos, Mike. Não o posso negar. Gostaria de continuar a trabalhar com vocês. É por isso que outra pessoa precisa ir até o Ein al-Hilweh por mim. É demasiado risco para o meu sangue. Demasiado perigoso. Azouri fez sinal ao empregado e mandou vir outra garrafa de champanhe francês.

O fato de recusar uma proposta de trabalho não ia impedir que tivesse uma boa refeição por conta do Escritório. Gabriel atirou um envelope para cima da mesa. Azouri olhou-o pensativamente, mas não fez qualquer gesto para lhe pegar.

— Quanto está aí dentro, Mike?

— Dois mil.

— De que sabor?

— Dólares.

— Então, qual é o acordo? Metade agora, metade na entrega? Não passo de um árabe parvo, mas dois mil mais dois mil somam quatro mil, e não vou entrar em Ein al-Hilweh por quatro mil dólares. — Dois mil é apenas o sinal.

— E quanto para a entrega da informação?

— Mais cinco. Azouri sacudiu a cabeça.

— Não, mais dez.

— Seis.

Outro gesto de negação com a cabeça.

— Nove.

— Sete. — Oito.

— Combinado — disse Gabriel. — Dois mil adiantados, mais oito mil na entrega. Não é mau para uma tarde de trabalho. Se te portares bem, talvez te paguemos o dinheiro da gasolina.

— Ah, vão mesmo pagar a gasolina, Mike. As minhas despesas são sempre contabilizadas à parte. — O empregado trouxe a segunda garrafa de champanhe.

Quando tornou a ir-se embora, Azouri disse:

— Então, o que queres saber?

— Quero encontrar uma pessoa.

— Há 45 000 refugiados naquele campo, Mike. Tens de me dar uma ajudinha.

— É um velho chamado al-Tamari.

— Primeiro nome?

— Não sabemos.

Azouri bebericou o champanhe.

— Não é um nome terrivelmente vulgar. Não deve ser muito difícil. Que mais me podes dizer a seu respeito?

— É refugiado da Galileia Ocidental.

— Quase todos são. De que aldeia?

Gabriel contou.

— Pormenores de família?

— Dois filhos mortos em 1982.

— No campo?

Gabriel assentiu.

— Eram da Fatah. Aparentemente, a mulher também foi morta.

— Lindo. Continua.

— Tinha uma filha, que acabou na Europa. Quero saber tudo que puder descobrir sobre ela. Onde foi à escola. O que estudou. Onde morava. Com quem dormia.

— Qual é o nome da moça?

— Não sei.

— Idade?

— Trinta e poucos. Falava um francês razoável.

— Por que está à procura dela?

— Achamos que pode estar envolvida no atentado à Gare de Lyon.

— Ainda está viva?

Gabriel sacudiu a cabeça. Azouri ficou a olhar para a praia durante muito tempo. — Então achas que se lhe seguirmos os antecedentes, vamos apanhar quem está por trás do atentado? O cérebro por trás da operação?

— Qualquer coisa no gênero, Nabil.

— Como é que lido com o velho?

— Faz como quiser — disse Gabriel. — Limite-se a conseguir o que preciso.

— Essa moça — disse o libanês. — Como é que ela era?

Gabriel entregou a Azouri a revista que trouxera do quarto. Azouri abriu-a e folheou as páginas até encontrar o esboço que Gabriel tinha feito a bordo do Fidelity.

— Era assim — disse Gabriel. — Exatamente assim.

Nada soube de Nabil Azouri durante três dias. Tanto quanto Gabriel sabia, o libanês tinha-se aproveitado da primeira parte do pagamento e tinha sido morto a tentar entrar em Ein al-Hilweh. Depois, na quarta manhã, o telefone tocou. Era Azouri a telefonar de Beirute. Estaria no Palm Beach Hotel à hora de almoço. Gabriel desligou, depois desceu até a praia e deu uma corrida comprida pela borda de água. As equimoses começavam a desaparecer, e quase já não sentia o corpo dorido. Quando terminou, voltou ao quarto para

tomar uma ducha e mudar de roupa. Quando chegou ao restaurante junto da piscina, Azouri estava a beber a segunda taça de champanhe.

— Que raio de lugar, Mike. O inferno na terra.

— Não estou pagando dez mil dólares por um relatório das condições de vida no Ein al-Hilweh — disse Gabriel. — Esse é o trabalho das Nações Unidas. Encontrou o velho? Ainda está vivo?

— Encontrei.

— E?

— A moça deixou Ein al-Hilweh em 1990. Nunca mais voltou.

— Qual era o nome dela?

— Fellah — disse Azouri. — Fellah al-Tamari.

— Para onde ela foi?

— Parece que era uma moça inteligente. Obteve uma bolsa das Nações Unidas para estudar na Europa. O velho disse-lhe para a aceitar e para nunca mais regressar ao Líbano.

— Onde estudou? — perguntou Gabriel, embora suspeitasse que já sabia a resposta.

— Na França — disse Azouri. — Primeiro Paris, depois foi para algures no Sul. O velho não tinha a certeza do lugar. Segundo parece houve longos períodos sem qualquer contato! — Tenho certeza que sim.

— Não pareceu culpar a filha. Queria que ela tivesse uma vida melhor na Europa. Não queria que ela se afundasse na tragédia palestina, segundo palavras suas.

— Ela nunca se esqueceu de Ein al-Hilweh — disse Gabriel distraidamente. — O que ela estudava?

— Era arqueóloga.

Gabriel lembrou-se das unhas dela. Tivera a sensação de que seria ceramista ou alguém que fazia trabalhos manuais no exterior. Uma arqueóloga ajustava-se bem à descrição.

Arqueóloga? Tens a certeza? — Pareceu muito convicto.

— Mais alguma coisa?

— Há — disse Azouri. — Há dois anos ela enviou-lhe uma carta muito estranha. Pediu-lhe que destruísse todas as cartas e as fotografias que lhe tinha enviado de Europa ao longo dos anos. O velho desobedeceu ao pedido da filha. As cartas e as fotografias eram as únicas coisas que tinha dela. Passadas algumas semanas, apareceu um rufia no quarto dele e queimou tudo.

Um amigo do Khaled, pensou Gabriel. Khaled estava a tentar apagar o passado dela.

— Como conseguiste essas informações?

— Obtive as informações que querias. Deixa os pormenores operacionais comigo, Mike.

— Mostrou o esboço?

— Mostrei. Ele chorou. Não via a filha há 15 anos.

Passada uma hora, Gabriel saiu do hotel e dirigiu até o aeroporto, onde esperou pelo voo noturno para Tel Aviv. Passava da meia-noite quando chegou à Rua Narkiss. Chiara estava a dormir. Mexeu-se quando ele se deitou, mas não acordou. Quando ele pressionou os lábios contra o seu ombro nu, ela murmurou qualquer coisa incoerente e afastou-se dele. Gabriel olhou para a mesinha de cabeceira. Os papéis tinham desaparecido.

CAPÍTULO 35

TEL MEGIDDO, ISRAEL

Na manhã seguinte, Gabriel partiu para o Armagedon.

Deixou o Skoda no estacionamento do centro de visitantes e foi a pé por um caminho até o alto do mundo sob o sol ofuscante. Deteve-se por um instante para olhar para o vale de Jezreel. Para Gabriel, o vale era o local do seu nascimento, mas os eruditos da Bíblia e as pessoas obcecadas pelas profecias do fim do mundo acreditavam que aquele seria o cenário do confronto apocalíptico entre as forças do bem e do mal. Independentemente da calamidade que se encontrava à sua frente, Tel Meggido já testemunhara muitos derramamentos de sangue. Situado no cruzamento entre a Síria, o Egito e a Mesopotâmia, tinha sido o local de dezenas de grandes batalhas durante o milênio. Assírios, Israelenses, Cananeus, Egípcios, Filistinos, Gregos, Romanos e Cruzados: todos eles haviam derramado sangue naquela montanha. Napoleão derrotou ali os Otomanos em 1799, e passado pouco mais de um século, o general Allenby, do exército inglês, tornou a derrotá-los.

O solo ao alto do monte estava cortado por um labirinto de fossos e trincheiras. Tel Meggido era submetido a intermitentes escavações arqueológicas havia mais de um século. Até aquele momento, os investigadores tinham descoberto provas de que a cidade no alto do monte tinha sido destruída e reconstruída umas 25 vezes. Naquele momento, estava a proceder-se a uma escavação. De uma das trincheiras chegou até si o som de inglês falado com sotaque americano. Gabriel aproximou-se e olhou para baixo. Dois estudantes universitários americanos, um rapaz e uma moça,

estavam agachados sobre qualquer coisa enterrada no solo. Ossos, pensou Gabriel, mas não tinha a certeza.

— Estou à procura do professor Lavon.

— Está a trabalhar no K esta manhã. — Foi a moça que falou com ele.

— Não compreendo.

— As trincheiras de escavação estão colocadas em formato de grelha. Cada lote tem uma letra. Dessa maneira conseguimos traçar a localização de cada artefato. Você está junto do F. Vê o sinal? O professor Lavon está a trabalhar no K.

Gabriel encaminhou-se para o fosso K e olhou para baixo. Ao fundo da trincheira, dois metros abaixo da superfície, encontrava-se agachada uma figura franzina que vestia um chapéu de palha de aba larga. Estava a raspar o subsolo endurecido com uma pequena picareta e parecia totalmente concentrado no seu trabalho, mas isso era algo de habitual nele.

— Encontrou alguma coisa, Eli?

O raspar parou. A figura olhou por cima do ombro.

— Apenas alguns pedaços quebrados de cerâmica — disse ele.

— E você?

Gabriel estendeu a mão para a trincheira. Eli Lavon agarrou a mão de Gabriel e impeliu-se para cima.

Sentaram-se a uma mesa dobrável, à sombra de um toldo azul, e beberam água mineral. Gabriel, de olhos fixos no vale, perguntou a Lavon o que ele fazia em Tel Meggido.

— Atualmente, há uma escola popular de pensamento arqueológico chamada minimalismo bíblico. Os minimalistas acreditam, entre outras coisas, que o rei Salomão era uma figura mítica, algo semelhante a um rei Artur mítico.

Estamos a tentar provar que eles estão errados.

— Ele existiu?

Claro — disse Lavon — , e construiu uma cidade mesmo aqui em Meggido.

Lavon retirou o chapéu mole e usou-o para sacudir a poeira castanho-acinzada da calça caqui. Como era habitual, parecia estar a usar toda a sua roupa ao mesmo tempo: três camisas, pelas contas de Gabriel, com um lenço de algodão vermelho preso ao pescoço. O seu cabelo grisalho, escasso e despenteado, movia-se na brisa fresca. Afastou uma madeixa da testa e avaliou Gabriel com os seus olhos castanho escuros.

— Não é um pouco cedo para estar aqui neste calor?

Da última vez que Gabriel tinha visto Lavon, ele jazia numa cama de hospital no centro médico Hadassah.

— Não passo de um voluntário. Trabalho apenas algumas horas ao princípio da manhã. O meu médico diz que é uma excelente terapia.

— Lavon bebericou a sua água mineral. — Além disso, acho que este lugar nos dá uma valiosa lição de humildade.

— Por quê?

— As pessoas vão e vêm deste lugar, Gabriel. Os nossos antepassados governaram-no há muito. Agora voltamos a governá-lo. Mas também um dia haveremos de desaparecer.

A única questão é quanto tempo ficaremos aqui desta vez, e o que deixaremos para ser desenterrado por homens como eu no futuro? Espero que seja mais do que a marca do Muro da Separação.

— Ainda não estou preparado para desistir, Eli.

— Estou a ver que não. Tens andado muito ocupado. Tenho lido coisas no jornal a teu respeito. Não é uma coisa boa no teu tipo de atividade... aparecer nos jornais.

— Também foi o teu tipo de atividade.

— Em tempos — disse ele — , há muito tempo.

Lavon era um jovem arqueólogo promissor em Setembro de 1972 quando Shamron o recrutou para membro da equipe da Ira de

Deus. Tinha sido um ayin, um localizador. Seguirá os elementos do Setembro Negro e aprenderá os seus hábitos. Em vários aspectos, o seu trabalho tinha sido o mais perigoso de todos, porque fora exposto aos terroristas durante dias infundáveis e sem qualquer apoio. O trabalho tinha-o deixado com uma desordem do foro nervoso e problemas intestinais crónicos. — O que sabes a respeito do caso, Eli?

Ouvi por portas travessas que estavas de regresso ao país, e que tinha algo a ver com o atentado de Roma. Depois Shamron apareceu à minha porta uma tarde e disse-me que estavas atrás do rapaz de Sabri. É verdade? O pequeno Khaled sabia alguma coisa de Roma?

— Ele já não é um rapazito. Foi o culpado de Roma e da Gare de Lyon. E de Buenos Aires e Istambul, antes disso.

— Não me surpreende. O terrorismo corre nas veias do Khaled. Ele bebeu-o no leite materno. — Lavon sacudiu a cabeça. — Sabes, se eu tivesse estado a proteger-te na França, como fiz nos bons velhos tempos, nada disto teria acontecido.

— Provavelmente será verdade, Eli.

As tácticas de rua de Lavon eram lendárias. Shamron dizia sempre que Eli Lavon podia desaparecer enquanto nos apertava a mão. Ia uma vez por ano à Academia para transmitir os segredos do seu ofício à próxima geração. Na verdade, os vigilantes que tinham estado em Marselha haviam provavelmente passado algum tempo sentados aos pés de Lavon.

— Então o que te traz ao Armagedon? Gabriel colocou uma fotografia sobre a mesa.

Tipo atraente — disse Lavon. — Quem é ele?

Gabriel colocou uma segunda versão da mesma fotografia sobre a mesa. Esta incluía uma figura sentada à esquerda do sujeito, Yasser Arafat.

— Khaled? Gabriel assentiu.

— O que isto tem a ver comigo?

— Acho que tu e o Khaled têm algo em comum.

— Que é?

Gabriel olhou para as trincheiras.

Três estudantes americanos juntaram-se a eles à sombra do toldo. Lavon e Gabriel desculparam-se e caminharam lentamente à volta do perímetro da escavação. Gabriel contou-lhe tudo, começando com o arquivo descoberto em Milão e terminando com a informação que Nabil Azouri desenterrara em Ein al-Hilweh. Lavon ouviu sem fazer perguntas, mas Gabriel conseguiu ver, nos inteligentes olhos castanhos de Lavon, que ele já fazia ligações em busca de outros percursos. Era mais do que um artista de segurança especializado. Como Gabriel, Lavon era filho de sobreviventes do Holocausto. Depois da operação Ira de Deus, tinha-se fixado em Viena e abrira um pequeno Escritório de investigações chamado Reclamações e Informações em Tempo de Guerra. Funcionava com um orçamento reduzido, mas conseguira encontrar milhões de dólares de valores roubados aos Judeus e desempenhara um papel significativo na espionagem de um estabelecimento multimilionário pertencente aos bancos suíços. Cinco meses antes tinha explodido uma bomba no escritório de Lavon. Os dois assistentes de Lavon morreram; Lavon, gravemente ferido, tinha ficado em coma durante várias semanas. O homem que colocara a bomba estava a trabalhar para Erich Radek.

— Então acha que Fellah al-Tamari conhecia o Khaled?

— Sem dúvida.

— Parece um pouco estranho. Para ter conseguido permanecer escondido durante todos estes anos, deve ser um tipo bem cuidadoso.

— Isso é verdade — disse Gabriel —, mas ele sabia que Fellah ia morrer no atentado da Gare de Lyon e que o seu segredo ia ficar protegido. Ela estava apaixonada por ele, e ele mentiu-lhe.

— Estou a ver onde queres chegar.

— Mas a prova mais convincente de que eles se conheciam veio do pai dela. A Fellah disse-lhe para ele queimar as cartas e fotografias que lhe enviara ao longo dos anos. O que significa que o Khaled devia aparecer nelas.

— Como Khaled? Gabriel sacudiu a cabeça.

— Era mais ameaçador que isso. Ela deve tê-lo mencionado pelo nome, pelo seu nome francês.

— Então achas que o Khaled conheceu a moça sob circunstâncias normais e passado algum tempo a recrutou?

— Era esse o seu modo de atuação — disse Gabriel. — Também era assim que o pai dele atuava.

— Eles podiam ter-se encontrado em qualquer lado.

— Ou poderiam ter-se encontrado num lugar como este.

— Uma escavação?

— Ela era estudante de Arqueologia. Talvez o Khaled também o fosse. Ou talvez fosse professor como tu.

Ou talvez fosse apenas um árabe bem-parecido que ela conheceu num bar.

— Nós sabemos como ela se chama, Eli. Sabemos que era estudante e que estudava Arqueologia. Se seguirmos o rasto da Fellah, ele há-de conduzir-nos até o Khaled. Tenho a certeza. Então segue o rasto.

— Por motivos óbvios, não posso voltar à Europa para já.

— Por que não entregar o caso ao Escritório e deixar que os investigadores deles façam o serviço?

— Porque depois do fiasco em Paris, não há qualquer espécie de vontade em ir outra vez atrás do Khaled em território europeu, pelo menos oficialmente. Além disso, eu sou o Escritório, e estou a entregar-te o caso. Quero que o encontres, Eli. Em silêncio. E o teu dom especial. Tu sabes como fazer este tipo de coisas sem causares agitação.

— É verdade, mas perdi-me nalgumas coisas.

— Estás suficientemente bem para viajar?

— Desde que não haja percalços. Essa é a tua área. Eu sou o rato de biblioteca, tu és o judeu dos músculos.

Lavon tirou um cigarro do bolso da camisa e acendeu-o, cobrindo-o com a mão contra a brisa. Olhou para o vale de Jezreel durante um momento antes de tornar a falar.

— Mas sempre o foste, não é verdade, Gabriel?

— O quê?

— O judeu dos músculos. Gostas de representar o papel de artista sensível, mas lá no fundo és mais parecido com Shamron do que julgas.

— Ele vai tornar a matar. Talvez espere até Abril próximo, ou talvez apareça primeiro outro alvo... qualquer coisa que lhe permita mitigar temporariamente a sua sede de sangue judeu.

— Talvez sofras da mesma sede?

— Um pouco — admitiu Gabriel —, mas isto não se trata de vingança. Trata-se de justiça. E trata-se de proteger a vida de inocentes. Vais encontrá-lo por mim, Eli?

Lavon anuiu.

— Não te preocupes, Gabriel. Vou encontrá-lo, antes que ele torne a matar. Permaneceram em silêncio por um instante, contemplando a terra que se avistava à sua frente.

— Fomos nós que os fizemos irem-se embora, Eli?

Aos Cananeus?

— Não, Eli. Aos árabes.

— Por certo que não lhes pedimos para ficarem — disse Lavon.

— Talvez fosse mais fácil assim.

Havia um carro azul parado na Rua Narkiss. Gabriel reconheceu o rosto do homem sentado atrás do volante. Entrou no prédio e subiu rapidamente as escadas. Encontravam-se duas malas

no patamar, no exterior de uma porta entreaberta. Chiara estava sentada na sala de estar, vestida com um elegante costume europeu de duas peças e sapatos de salto alto. Estava maquiada. Gabriel nunca vira Chiara maquiada.

— Onde vai?

— Nem devia perguntar.

— Um trabalho?

— Sim, claro, um trabalho.

— Quanto tempo vai ficar fora?

O silêncio dela disse que não regressaria.

— Quando estiver terminado, vou voltar a Veneza. — Depois acrescentou: — Para tomar conta da minha família.

Ele permaneceu imóvel olhando para ela. Ao caírem pelo rosto dela, as lágrimas de Chiara estavam negras de rímel. Para Gabriel pareciam faixas de chuva suja numa estátua. Ela limpou-as e examinou as pontas dos dedos escurecidas, furiosa com sua incapacidade de controlar as emoções. Depois endireitou-se e pestanejou várias vezes.

— Parece decepcionado comigo, Gabriel. Por quê?

— Por chorar. Nunca chora, não?

— Não mais.

Foi sentar-se junto dela na cama e tentou segurar-lhe a mão. Ela afastou-o e limpou a maquilhagem borrada com um lenço de papel, depois abriu uma caixa compacta e olhou para o seu reflexo ao espelho.

— Não posso entrar num avião assim.

— Ótimo.

Não fiques com ideias. Continuo de partida. Além disso, é aquilo que queres. Nunca me dirias para eu partir, és demasiado decente para isso. Mas eu sei que queres que eu vá. — Fechou a caixa. — Não te culpo. De uma maneira estranha, amo-te mais. Só

desejava que não me tivesses dito que querias casar comigo. — Eu queria — disse ele.

— Querias?

— Eu quero casar contigo, Chiara — hesitou — , mas não posso. Sou casado com a Leah.

— Fidelidade, não é verdade, Gabriel? A devoção ao dever ou às nossas próprias obrigações. Lealdade. Fidelidade.

— Não a posso deixar agora, depois daquilo que ela passou por causa do Khaled. — Dentro de uma semana, não se vai lembrar.

— Ao reparar na expressão no rosto de Gabriel, Chiara pegou-lhe na mão. — Céus, desculpa. Por favor, esquece que eu disse isto.

— Está esquecido.

— És louco por me deixares ir embora. Nunca ninguém te amará como eu. — Levantou-se. — Mas tornaremos a encontrar-nos, tenho certeza disso. Quem sabe, talvez esteja em breve a trabalhar para ti. — De que é que estás a falar?

— O Escritório está cheio de mexericos.

— Normalmente está. Não devias prestar atenção aos mexericos, Chiara. — Uma vez ouvi o boato de que nunca deixarias a Leah para casares comigo. Oxalá lhe tivesse prestado atenção.

Ela pendurou a mala ao ombro, depois inclinou-se e beijou-lhe os lábios.

— Um último beijo — sussurrou ela.

— Deixa-me pelo menos levar-te ao aeroporto.

— A última coisa de que precisamos é de um adeus choroso no Ben-Gurion. Ajuda-me com as malas.

Ele levou as malas para baixo e colocou-as no porta-bagagens do carro. Chiara Entrou no banco de trás e fechou a porta sem olhar para ele. Gabriel deixou-se ficar à sombra dos eucaliptos a ver o carro afastar-se. Enquanto voltava a subir até o apartamento vazio, apercebeu-se de que não lhe pedira que ficasse. Eli tinha razão. Era mais fácil dessa maneira.

CAPÍTULO 36

TIBERÍADES, ISRAEL

Uma semana depois da partida de Chiara, Gabriel dirigiu até Tiberíades para jantar com os Shamrons. Yonatan estava lá, bem como a sua mulher e os seus três filhos pequenos. Rimona e o marido também lá estavam. Tinham ambos saído de serviço e ainda estavam de uniforme. Shamron, rodeado pela família, parecia mais feliz do que Gabriel o via há anos. Depois do jantar, levou Yonatan e Gabriel para o terraço. Havia um brilhante quarto crescente refletido na superfície calma do mar da Galileia. Para lá do lago, negro e sem forma, elevavam-se as colinas de Golã. Shamron gostava do seu terraço, porque ficava de frente para oriente, voltado para os seus inimigos. Ficava satisfeito por se sentar calmamente sem proferir palavra durante algum tempo enquanto Gabriel e Yonatan falavam num tom pessimista do matsav — "a situação". Passado um bocado, Shamron lançou a Yonatan um olhar que dizia que precisava de falar em privado com Gabriel.

— Já percebi, Abba — disse Yonatan, levantando-se. — Deixo-os sozinhos.

— Ele é coronel do IDF — disse Gabriel, quando Yonatan saiu.

— Não gosta que o trates assim.

— Yonatan tem a sua profissão, e nós temos a nossa. — Shamron mudou habilmente o foco dos seus problemas pessoais para os de Gabriel. — Como está a Leah?

— Vou levá-la amanhã ao monte das Oliveiras para visitar a campa do Dani.

— Deduzo que o médico tenha aprovado esta saída?

Ele vem conosco, bem como metade do pessoal do hospital psiquiátrico de Mount Herzl.

Shamron acendeu um cigarro. — Sabes alguma coisa de Chiara?

— Não, e não espero saber. Sabes onde ela está? Shamron olhou teatralmente para o relógio.

— Se a operação estiver a correr conforme planejado, estará provavelmente a beber brandy numa estância de esqui em Zermatt com um certo cavalheiro suíço de personalidade duvidosa. Esse cavalheiro está prestes enviar um carregamento de armas bastante grande para um grupo de guerrilheiros libaneses que não está muito preocupado com o nosso bem-estar. Queremos saber quando vai partir esse carregamento e para onde vai.

— Por favor, diz-me que as Operações não estão a utilizar a minha ex-noiva como isco numa armadilha de mel.

— Não conheço bem os pormenores da operação, apenas os objetivos que se pretendem obter. Quanto a Chiara, é uma moça de elevado carácter moral. Tenho certeza de que vai fazer-se difícil com o nosso amigo suíço.

— Continuo sem gostar disso.

— Não te preocupes — disse Shamron. — Em breve serás aquele que decidirá como é que a vamos usar. — De que é que estás a falar?

— O primeiro-ministro gostaria de falar contigo. Tem um emprego que gostaria que tu aceitasses.

— Caçador de javalis?

Shamron atirou a cabeça para trás e começou a rir às gargalhadas, sofrendo depois um ataque de tosse demorado e espasmódico.

— Na verdade, ele quer que seja o próximo diretor das Operações.

— Eu? Quando a comissão de interrogatório do Lev tiver acabado comigo, terei sorte se conseguir um emprego como segurança num café da Rua Ben-Yehuda.

— Vai se sair bem disso. Esta não é a melhor hora para autoflagelação pública. Deixe isso para os americanos. Se tivermos de dizer algumas meias-verdades, se tivermos de mentir a um país como a França, que não está interessada na nossa sobrevivência, então que assim seja.

— Como forma de engano, fareis a guerra — disse Gabriel, citando o lema do Escritório.

Shamron assentiu uma vez e disse: — Amém.

— Mesmo que eu saia disto vivo, o Lev não permitirá que eu fique com as Operações.

— Ele não terá opinião a dar nesse assunto. O mandato do Lev está a terminar, e ele tem poucos amigos no Boulevard King Saul e na Rua Kaplan. Não será convidado para uma segunda dança.

— Então, quem vai ser o próximo chefe?

— O primeiro-ministro e eu temos uma pequena lista de nomes. Nenhum deles é do Escritório. Quem quer que nós escolhamos, precisamos de um homem experiente para dirigir as Operações.

— Eu sabia que haveria de ir dar a isto — disse Gabriel. — Soube-o no momento em que te vi em Veneza.

— Admito que os meus motivos são egoístas. O meu mandato também está a chegar ao fim. Se o primeiro-ministro sair, eu também saio. E desta vez não haverá um regresso do exílio. Preciso de ti, Gabriel. Preciso que tomes conta da minha criação. — O Escritório?

Shamron sacudiu a cabeça, depois levantou a mão em direção à terra que se avistava do terraço.

— Sei que o farás — disse Shamron. — Não tens escolha. A tua mãe chamou-te Gabriel por algum motivo. Miguel é o mais

elevado, mas tu, Gabriel, és o mais poderoso. És aquele que defende Israel contra os seus acusadores. És o anjo do juízo... o príncipe de fogo.

Gabriel olhou em silêncio para o lago.

— Primeiro há uma coisa que tenho de tratar.

— Eli vai encontrá-lo, em especial com as pistas que tu lhe deste. Tratou-se de um brilhante trabalho de detective da tua parte. Mas também sempre tiveste esse tipo de pensamento.

Foi a Fellah — disse Gabriel. — Ela condenou-o ao contar-me a sua história. — Mas é essa a maneira palestina de fazer as coisas. Eles estão presos na descrição da perda e do exílio. Não há maneira de lhe escapar. — Shamron inclinou-se para a frente, repousando os cotovelos nos joelhos. — Tens mesmo a certeza que queres dar-te ao trabalho de transformar o Khaled num mártir? Há outros rapazes que podem fazer isso por ti.

— Eu sei — disse ele — , mas tenho de o fazer. Shamron suspirou pesadamente. — Se tens de o fazer, fá-lo, mas desta vez vai ser um assunto privado. Não há equipas, nem vigilância, nada que o Khaled possa manipular para sua vantagem. Apenas tu e ele.

— Como deve ser.

Caiu um silêncio entre eles. Observaram as luzes fugidias de um barco de pesca que navegava lentamente em direção a Tiberíades.

— Há uma coisa que tenho de te perguntar — disse Gabriel.

— Queres falar-me acerca do Tochnit Dalet — disse Shamron.

— Acerca de Beit Sayeed e Sumayriyya.

— Como é que soubeste?

— Andas a deambular pelas terras ermas da dor palestina há demasiado tempo. É natural.

Fez a Shamron a mesma pergunta que fizera a Eli Lavon uma semana antes em Meggido. Expulsamos?

— É claro que sim — disse Shamron, acrescentou apressadamente em seguida: -Nalguns lugares, sob circunstâncias específicas. E se me pedires a minha opinião, deveríamos ter expulso mais. Foi esse o nosso erro. — Não podes estar a falar a sério, Ari.

— Deixa-me explicar-te — disse ele. — A História deu-nos uma batalha perdida. Em 1947, as Nações Unidas decidiram dar-me um bocado de terra para fundar o nosso novo Estado. Lembra-te, quatro quintos da Palestina Mandatária já tinham sido cortados para criar o Estado da Transjordânia. Oitenta por cento Dos restantes vinte por cento, as Nações Unidas deram-nos metade, dez por cento da Palestina Mandatária, a Planície Costeira e o Negev. E mesmo assim os Árabes disseram que não. Imagina se tivessem dito que sim. Imagina se tivessem dito que sim em 1937, quando a Comissão Peei recomendou a divisão. Quantos milhões poderíamos ter salvo? Os teus avós ainda estariam vivos. Talvez os meus pais e as minhas irmãs ainda estivessem vivos. Mas o que é que os Árabes fizeram? Disseram que não, juntaram-se ao Hitler e aclamaram o nosso extermínio.

— Isso justifica que os tenhamos expulso?

— Não, e não foi por esse motivo que o fizemos. Foram expulsos como consequência da guerra, uma guerra que eles começaram. A terra que as Nações Unidas nos deu continha 500. 000 judeus e 400.000 árabes. Esses árabes eram uma força hostil, empenhada na nossa destruição. Nós sabíamos que no momento em que declarássemos a independência seríamos alvos de uma invasão militar pan-árabe. Tivemos de preparar o campo de batalha. Não podíamos travar duas guerras ao mesmo tempo. Não podíamos lutar contra os Egípcios e os Jordanos por um lado enquanto combatíamos os Árabes de Beit Sayeed e

Sumayriyya pelo outro. Eles tinham de ir.

Shamron percebeu que Gabriel continuava pouco convencido.

— Diz-me uma coisa, Gabriel. Achas que se os Árabes tivessem ganho a guerra haveria refugiados judeus? Vê o que aconteceu em Hebron. Levaram os judeus para o centro da cidade e abateram-nos. Atacaram um trem de médicos e enfermeiros que se dirigiam para o monte Scopus e chacinaram-nos. Para se certificarem de que ninguém sobreviveria, regaram os veículos com gasolina e pegaram-lhes fogo. Era esta a natureza do nosso inimigo. O seu objetivo era matar-nos a todos, para que nunca mais pudéssemos regressar. E hoje continua a ser esse o seu objetivo. Querem matar-nos a todos.

Gabriel citou a Shamron as palavras que Fellah lhe dissera a caminho de Paris. O meu Holocausto é tão real como o seu, e, no entanto, negas o meu sofrimento e ilibas-te de culpa. Afirmas que as minhas feridas são auto-infligidas.

— E são autoinfligidas — disse Shamron.

— Mas houve uma estratégia oculta da expulsão? Também te meteste numa política de limpeza étnica?

— Não — disse Shamron —, e a prova está à nossa volta. Jantaste no outro dia em Abu Ghosh. Se houve uma política oculta da expulsão, como é que Abu Ghosh ainda existe?

E na Galileia Ocidental, como é que Sumayriyya desapareceu mas al-Makr ainda lá está? Porque os residentes de Abu Ghosh e de al-Makr não nos tentaram chacinar. Mas talvez tenha sido esse o nosso erro. Talvez devêssemos tê-los expulso a todos em vez de tentarmos reter uma minoria árabe no nosso meio.

— Então teria havido mais refugiados.

— É verdade, mas se eles não tivessem qualquer esperança de alguma vez regressarem, talvez se tivessem integrado na Jordânia e no Líbano, em vez de se permitirem serem usados como ferramenta de propaganda para nos demonizarem e desautorizarem. Por que o pai da Fellah al-Tamari ainda se encontra em Ein al-Hilweh depois de todos estes anos? Por que nenhum dos Estados árabes irmãos,

nações com quem ele partilha uma língua, uma cultura e uma religião comuns, o aceitou? Porque o querem usar como instrumento para questionar o meu direito à existência. Eu estou aqui. Eu vivo, eu respiro. Eu existo. Não preciso da autorização de ninguém. E é certo que não tenho mais nenhum lugar para onde ir. — Olhou para Gabriel.

— Só preciso que tu o vigies por mim. Os meus olhos já não são o que eram. As luzes do barco de pesca desapareceram no porto de Tiberíades. Shamron parecia subitamente cansado.

— Nunca haverá paz neste lugar, mas também nunca houve. Desde que tropeçamos nesta terra, vindos do Egipto e da Mesopotâmia, que estamos a combater.

Cananeus, Assírios, Filistinos, Romanos, Amalecitas. Enganamo-nos ao acreditar que os nossos inimigos tinham desistido do seu sonho de nos destruir. Rezamos por coisas impossíveis. Paz sem justiça, perdão sem restituição. — Olhou provocadoramente para Gabriel. — Amor sem sacrifício.

Gabriel levantou-se e preparou-se para partir.

— Que digo ao primeiro-ministro?

— Diz-lhe que tenho de pensar nisso.

— As Operações são apenas uma estação pelo caminho, Gabriel. Um dia serás o chefe. O Memuneh.

— Tu és o Memuneh, Ari. E sempre serás. Shamron lançou uma gargalhada satisfeita.

— Que lhe digo, Gabriel?

— Diz-lhe que também não tenho outro lugar para onde ir.

A chamada telefônica de Julian Isherwood deu a Gabriel a desculpa que ele procurava para remover do apartamento os últimos vestígios de Chiara. Contatou uma obra de caridade de imigrantes russos e disse-lhes que desejava fazer uma doação. Na manhã seguinte, dois rapazes magricelas de Moscovo chegaram e levaram todo o mobiliário da sala de estar: os sofás e as cadeiras, as mesas de

apoio e os candeeiros, a mesa da sala de jantar, até os vasos de latão decorativos e os pratos de cerâmica que Chiara escolhera e dispusera com tanto cuidado. Não mexeu no quarto, com exceção dos lençóis e do edredão, que ainda conservavam a fragrância a baunilha do cabelo de Chiara.

Durante os dias que se seguiram, a Rua Narkiss foi visitada por uma sucessão de camiões de entregas. A mesa de exame, ampla e branca, foi a primeira a chegar, seguida por candeeiros de halogêneo e de luz fluorescente com braços ajustáveis. A venerável loja de artigos de arte de L. Cornelissen & Son, Great Russell Street, Londres, enviou um carregamento de pincéis, pigmentos, diluentes e vernizes. Uma empresa química de Leeds enviou diversas caixas de dissolventes potencialmente perigosos que despertaram mais do que uma curiosidade passageira nas autoridades postais israelenses. Da Alemanha chegou um microscópio caro com um braço retráctil; de uma oficina de arte em Veneza, dois grandes cavaletes de madeira. Daniel na Cova do Leão, óleo sobre tela, duvidosamente atribuído a Erasmus Quellinus, chegou no dia seguinte. Gabriel passou grande parte da tarde a desmontar a sofisticada grade de transporte, e só com a ajuda de Shamron é que foi capaz de içar a enorme tela para os dois cavaletes gémeos. A imagem de Daniel rodeada por animais selvagens intrigou Shamron, que se deixou ficar até tarde enquanto Gabriel, munido com gaze de algodão e uma bacia com água destilada e amoníaco, encetou a tarefa entediante de esfregar mais do que um século de sujidade e fuligem da superfície do quadro.

Duplicou, até o máximo possível, os seus hábitos de trabalho de Veneza. Levantava-se antes do nascer do dia e resistia ao impulso de ligar o rádio, não fossem as notícias dos derramamentos de sangue diários e os constantes alertas de segurança quebrar o feitiço que o quadro lançara sobre ele. Permanecia durante toda a manhã no seu estúdio e trabalhava normalmente um segundo turno até noite dentro. Passava o mínimo de tempo possível no Boulevard

King Saul; na verdade, ouviu falar da demissão de Lev no rádio do carro enquanto conduzia da Rua Narkiss até o Mount Herzl para visitar Leah. Durante as visitas, as viagens dela até Viena foram-se tornando cada vez mais breves e ligeiras. Ela fazia-lhe perguntas acerca do passado de ambos.

"Onde nos conhecemos, Gabriel?"

"No Bezalel. Tu és pintora, Leah." "Onde é que nos casamos?"

"Em Tiberíades. No terraço de Shamron, no mar da Galileia."

"E agora és restaurador?"

"Estudei em Veneza, com Umberto Conti. Costumavas ir visitar de poucos em poucos meses. Fazias-te passar por uma alemã de Bremen. Lembras-te, Leah?" Numa escaldante tarde de Junho, Gabriel bebeu café com o Dr. Bar-Zvi na cantina do pessoal.

— Alguma vez poderá deixar este lugar?

— Não.

— E por breves períodos?

— Não vejo porque não — disse o médico. — Na verdade, acho que é uma excelente ideia.

Das primeiras vezes ia acompanhada por uma enfermeira. Depois, quando se começou a sentir mais à-vontade com o fato de estar afastada do hospital, Gabriel levava-a sozinha para casa. Ela sentava-se na cadeira do estúdio e ficava a vê-lo trabalhar horas sem fim. Por vezes, a sua presença trazia-lhe paz, outras vezes uma dor insuportável. Desejava sempre poder colocá-la no cavalete e recriar a mulher que deixara dentro do carro naquela noite cheia de neve em Viena.

— Tens alguns dos meus quadros?

Ele mostrou-lhe o quadro que se encontrava no quarto. Quando ela lhe perguntou quem era o modelo, Gabriel disse-lhe que era ele.

— Pareces triste.

— Estava cansado — disse ele. — Tinha estado afastado durante três anos.

— Pinteí mesmo isso?

— Eras boa — disse ele. — Eras melhor que eu.

Certa tarde, retocava Gabriel uma parte danificada do rosto de Daniel, ela perguntou-lhe porque tinha ido para Viena.

— Havia outra mulher, não havia? Uma francesa. Alguém que trabalhava para o Escritório.

Gabriel assentiu uma vez e começou a trabalhar no rosto de Daniel. Leah tornou a pressioná-lo.

— Quem foi? — perguntou ela. — Quem colocou a bomba no meu carro?

— Foi Arafat. Eu também deveria ter morrido com você e com Dani, mas o homem que executou a missão mudou os planos.

— Esse homem ainda está vivo? Gabriel sacudiu a cabeça.

— E Arafat?

A noção que Leah tinha da presente situação era no mínimo tênue. Gabriel explicou-lhe que Yasser Arafat, o inimigo mortal de Israel, vivia agora a alguns quilômetros de distância, em Ramallah.

— Arafat está aqui? Como é isso possível?

Da boca dos inocentes, pensou. Nesse momento ouviu passos na escada. Eli Lavon entrou no apartamento sem se dar ao trabalho de bater.

CAPÍTULO 37

AIX-EN-PROVENCE: CINCO MESES DEPOIS

As primeiras rajadas do mistral açoitavam as ravinas e desfiladeiros do Bouches-du-Rhône. Ao sair do seu Mercedes, Paul

Martineau abotoou o casaco de tela e levantou o colarinho até as orelhas. Chegara mais um Inverno à Provença. Mais algumas semanas, pensou ele, depois teria de fechar a escavação até a Primavera. Tirou o saco desportivo de tela do porta-bagagens, avançou ao longo do antigo muro de pedra da fortaleza do monte. Passado um instante, no local onde o muro terminava, deteve-se. A cerca de 50 metros de distância, perto da extremidade do alto do monte, encontrava-se um pintor em frente a uma tela. Não era invulgar ver artistas a trabalharem no alto do monte; o próprio Cézanne adorara a vista imponente sobranceira a Chaîne de l'Étoile. Apesar disso, Martineau achou que seria sensato observar melhor o homem antes de começar a trabalhar. Transferiu a Makarov do saco para o bolso do casaco, depois avançou em direção ao pintor. O homem estava de costas para Martineau. A julgar pela postura da sua cabeça, estava a olhar para o distante monte Sainte-Victoire, o que foi confirmado por Martineau alguns segundos depois quando olhou para a tela pela primeira vez. A obra era muito ao estilo das paisagens clássicas de Cézanne.

Na verdade, pensou Martineau, era uma reprodução estranha.

O artista estava tão absorvido no seu trabalho que parecia não ter ouvido Martineau a aproximar-se. Só quando ele se encontrava atrás de si é que parou de pintar e olhou por cima do ombro. Usava uma camiseta de lã grossa e um chapéu mole de aba larga que se movia com o vento. A sua barba grisalha era comprida e mal tratada e tinha as mãos manchadas de tinta. A julgar pela sua expressão, era um homem que não gostava de ser interrompido quando trabalhava. Martineau compreendia-o.

— É evidente que aprecia Cézanne — disse Martineau.

O pintor assentiu uma vez, continuando depois com o seu trabalho.

— É bastante bom. Estaria disposto a vender-mo?

— Receio que este já esteja apalavrado, mas poderei fazer outro, se quiser. Martineau estendeu-lhe o cartão.

— Pode encontrar-me no meu Escritório na universidade. Poderemos falar do preço quando eu vir a tela acabada.

O pintor aceitou o cartão e deixou-o cair numa caixa de madeira que continha pincéis e tintas. Martineau despediu-se e dirigiu-se à escavação, até a trincheira onde estivera a trabalhar no dia anterior. Desceu para o fosso e retirou o oleado azul que se estendia no fundo, expondo uma cabeça decepada de perfil esculpida em pedra. Abriu o saco desportivo e retirou uma pequena trolha e um pincel. Quando estava prestes a começar a trabalhar, uma sombra obscureceu a base do fosso. Ajoelhou-se e olhou para cima. Esperara ver Yvette ou um dos outros arqueólogos que trabalhavam na escavação. Em vez disso, viu a silhueta de chapéu do pintor, iluminada por trás pelo sol brilhante.

Martineau levou a mão à testa e escudou os olhos.

— Importa-se de se afastar daí? Está a bloquear-me a luz.

O pintor levantou em silêncio o cartão que Martineau lhe dera.

— Creio que esse nome está incorreto.

— Desculpe?

— O nome é Paul Martineau?

— Sim, sou eu.

— Mas esse não é o seu verdadeiro nome, pois não?

Martineau sentiu um calor penetrante na nuca. Olhou com atenção para a figura de pé à beira da trincheira. Seria mesmo ele? Martineau não podia ter a certeza, não com a barba densa e o chapéu mole. Depois pensou na paisagem. Era uma imitação perfeita de Cézanne em tom e textura. Claro que era ele. Martineau moveu ligeiramente a mão em direção ao bolso e tentou ganhar mais algum tempo.

— Oiça, meu amigo, eu chamo-me...

— Khaled al-Khalifa — disse o pintor, terminando a frase por ele. As palavras seguintes foram ditas em árabe: — Queres mesmo morrer 315 como um francês? És o Khaled, filho do Sabri, neto do Asad, o leão de Beit Sayeed. A arma do teu pai está no bolso do teu casaco. Tira-a. Diz-me o teu nome.

Khaled agarrou o punho da Makarov e estava a tirá-la do bolso quando o primeiro tiro lhe rasgou o peito. O segundo tiro fez com que a arma que tinha na mão se soltasse.

Caiu para trás e bateu com a cabeça na base rochosa do fosso. Enquanto ia mergulhando na inconsciência, olhou para cima e viu o judeu, a agarrar uma mão cheia de terra do monte na borda da trincheira. Atirou a terra ao rosto de Khaled e levantou a arma uma última vez. Khaled viu o relâmpago de fogo, depois a escuridão. A trincheira começou a rodar, e ele sentiu-se a cair, em direção ao passado. O pintor tornou a enfiar a Beretta no cós da calça e regressou ao local onde tinha estado a trabalhar. Enfiou o pincel na tinta preta e assinou o seu nome na tela, depois virou-se e começou a subir a encosta do monte. À sombra do antigo muro encontrou uma moça de cabelo curto que tinha uma vaga semelhança com Fellah al-Tamari.

Cumprimentou-a e sentou-se no selim da mota. Passado um momento, tinha desaparecido.

FIM

NOTA DO AUTOR

Príncipe de Fogo é uma obra de ficção. Dito isto, baseia-se fortemente em acontecimentos reais, e foi inspirado em grande medida por uma fotografia — uma fotografia de um rapaz no funeral do pai, um líder terrorista morto por agente do serviço secreto israelenses em Beirute, em 1979. O terrorista era Ali Hassan Salameh, do Setembro Negro, o cérebro por trás do massacre das Olimpíadas de Munique e de muitos outros atos de assassinato, e o homem ao colo de quem a criança estava sentada na fotografia era Yasser Arafat. Os estudiosos do conflito israelo-palestino verão que tomei de empréstimo muito de Ali Hassan Salameh e do seu famoso pai para construir o Asad e o Sabri al-Khalifa de ficção. Existem diferenças básicas entre os Salamehs e os al-Khalifas, demasiadas para serem aqui enumeradas. Uma investigação na Planície Costeira não apresentará provas de uma aldeia chamada Beit Sayeed, já que tal lugar não existe. Tochnit Dalet era o verdadeiro nome do plano para remover os centros hostis de população árabe da terra destinada ao novo Estado de Israel. Existiu outrora uma aldeia chamada Sumayriyya, na Galileia Ocidental. A sua destruição ocorreu como descrito nas páginas deste romance. O Setembro Negro foi na verdade um braço oculto da Organização da Libertação da Palestina, de Yasser Arafat, e as consequências deste curto e sangrento reinado de terror ainda hoje vive. Foi o Setembro Vermelho que primeiro demonstrou a utilidade de se executarem atos espetaculares de terrorismo na cena internacional, e a prova da sua influência encontra-se a toda a nossa volta. Pode ser vista numa escola em Beslan, nos destroços de quatro trens em Madrid e no espaço vazio da Baixa de Manhattan, onde outrora se erguiam as torres gémeas do World Trade Center. Yasser Arafat adoeceu e

morreu quando eu estava a concluir este romance. Se ele tivesse escolhido o caminho da paz em vez de ter libertado uma vaga de terror, este livro nunca teria sido escrito, e milhares de pessoas, tanto israelenses como palestinianas, ainda hoje estariam vivas.

AGRADECIMENTOS

Este romance, como os quatro livros anteriores da série Gabriel Allon, não poderia ter sido escrito sem o auxílio de David Bull. David está entre os melhores restauradores de arte do mundo, e sua amizade e sensatez enriqueceram tanto a minha vida como o meu trabalho. Jeffrey Goldberg, brilhante correspondente de *The New Yorker*, partilhou generosamente comigo sua riqueza de conhecimentos e experiência, e foi amável o bastante para ler meu manuscrito e indicar diversas sugestões úteis. Aviva Raz Schechter, da embaixada israelense em Washington, forneceu-me uma visão única de Israel numa época conturbada. Louis Toscano leu duas vezes meu manuscrito e melhorou-o com sua experiente mão editorial. Minha amiga e agente literária, Esther Newberg, da International Creative Management, leu todos os rascunhos e apontou-me calmamente a direção certa.

Consultei centenas de livros, artigos, e sites da Web enquanto preparava este manuscrito. São muitos para citar a todos, mas estaria sendo injusto se não mencionasse alguns. É profunda a minha dívida com o grande acadêmico israelense Benny Morris, cuja obra de exploração *The Birth of the Palestinian Refugee Problem* ajudou a formar meus pontos de vista sobre a natureza e o âmbito das expulsões árabes que decorreram em 1947 e 1948. A excelente história do conflito israelo-árabe, *Righteous Victims*, também se revelou uma fonte inestimável, como *Israel*, de Martin Gilbert. Minhas impressões da sociedade israelense contemporânea foram aguçadas por três obras em particular *The Israelis*, de Donna Rosenthal, *Still Life with Bombers*, de David Horowitz, e *War Without End*, de Anton La Guardiã. *The Quest for the Red Prince*, de Michael Bar-Zohar e Eithan Haber é um relato empolgante da violenta

história da família de Salameh. Foi Yaron Ezrahi, do Instituto Democrático Israelense, em Jerusalém, e não o fictício coronel Yonatan Shamron, quem primeiro comparou o Muro da Separação com o Muro das Lamentações, e com muito mais eloquência e paixão do que que consegui transmitir aqui. Todas as pessoas familiarizadas com o serviço noturno do Yom Kippur descobrirão que tomei de empréstimo quatro linhas da oração, originalmente compostas para a edição inglesa do *Gates of Repentance*, e que as coloquei na boca de Ari Shamron no penúltimo capítulo.

Nada disto teria sido possível sem o apoio e a dedicação de uma notável equipe de profissionais da Putnam: Carole Baron, Daniel Harvey, Marilyn Ducksworth, e em especial meu editor, Neil Nyren. Eles são, pura e simplesmente, os melhores no que fazem.

Por fim, a minha mulher, Jamie Gangel, que leu atentamente todos os meus rascunhos iniciais, serviu de júri para as minhas ideias e, como sempre, ajudou a arrastar-me até a linha de chegada. Será impossível exagerar sua contribuição, como agradecer o suficiente.

Digitalização: Fernando Jorge Alves Correia

